



Aldo Fernandes da Rocha

**A práxis do Reino de Deus como antecipação escatológica
Um estudo a partir da Escatologia de Edward Schillebeeckx**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor em Teologia pelo
Programa de Pós-graduação do Departamento de
Teologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Cesar Augusto Kuzma

Rio de Janeiro
Junho de 2019



Aldo Fernandes da Rocha

**A práxis do Reino de Deus como antecipação escatológica.
Um estudo a partir da Escatologia de Edward Schillebeeckx.**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Prof. César Augusto Kuzma
Orientador
PUC-Rio

Profa. Dra. Maria Clara Lucchetti Bingemer
PUC-Rio

Profa. Lúcia Pedrosa de Pádua
PUC-Rio

Prof. Faustino Luiz Couto Teixeira
UFJF

Prof. Sinivaldo Silva Tavares
FAJE

Rio de Janeiro, 24 de Junho de 2019.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Aldo Fernandes da Rocha

Sacerdote da Diocese de Bragança-PA, graduado em Filosofia e Teologia no Centro Teológico do Maranhão (São Luís-MA), e no Instituto de Pastoral Regional (Belém-PA). Bacharel em Teologia (Faculdade Dehoniana - Taubaté-SP), com curso de Formação para Formadores no *Athenaeum Regina Apostolorum* (Roma – 1995). Perito em Causas de Canonização (Congregação das Causas dos Santos, Cidade do Vaticano); Licenciatura em Ciências da Religião (Universidade Vale do Acaraú – Sobral-CE); professor de Escatologia e Eclesiologia no Instituto Regional de Formação Presbiteral – IRFP-CNBB-N2, em Ananindeua-PA. Mestre em Teologia Sistemático-Pastoral na PUC-Rio, em 2015.

Ficha catalográfica

Rocha, Aldo Fernandes da

A práxis do reino de Deus como antecipação escatológica : um estudo a partir da escatologia de Edward Schillebeeckx / Aldo Fernandes da Rocha ; orientador: Cesar Augusto Kuzma. – 2019.

190 f. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2019.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Práxis. 3. Reino de Deus. 4. Jesus Cristo. 5. Escatologia. 6. Edward Schillebeeckx. I. Kuzma, Cesar Augusto. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Aos meus pais, João (*in memoriam*) e Joana Rocha, Irmãos e Irmãs.
Aos Amigos e Amigas, discípulos do Reino de Deus.
À Diocese de Bragança do Pará.

Agradecimentos

À Santíssima Trindade, fonte e meta de nossa vida e peregrinação na Fé; à Virgem Maria, mãe e mulher cristificada e escatológica.

Aos meus pais, irmãos, irmãs e familiares, com quem experimentei a proximidade do Reino de Deus.

Ao Servo de Deus Dom Eliseu Maria Coroli, e às queridas Irmãs Missionárias de Santa Teresinha, pelo indelével testemunho do alegre seguimento de Jesus Cristo, que imprimiram em minha vida, desde a infância, no Instituto Santa Teresinha, em Bragança do Pará.

A Dom Luís Ferrando e Dom Jesus Berdonces, aos meus confrades Sacerdotes, Diáconos e Seminaristas, pelo apoio religioso e familiar na Diocese de Bragança, aos Sacerdotes e Paroquianos das Paróquias de São Paulo Apóstolo e de Nossa Senhora de Copacabana, no Rio de Janeiro, pela acolhida no período dos meus estudos na PUC-Rio.

Aos amigos e amigas, do Brasil e de outros países; à Érica e bibliotecários do Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis, da Biblioteca dominicana de São Paulo e do Rio de Janeiro, das bibliotecas da PUC-Rio, PUC-SP, PUC-RS, EST e Unisinos de São Leopoldo-RS, que me ajudaram a crer no Reino de Deus, amar a Igreja e estudar Escatologia.

Ao Departamento de Teologia da PUC-Rio, aos professores e colegas de Mestrado e Doutorado, com quem tive agradável convívio nos anos de estudo.

Ao prof. César Kuzma, que, com equilíbrio humano e compromisso científico, orientou e percorreu comigo os caminhos desta pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de Financiamento 001.

Às amigas: Eva Paz, Mirthes Fonseca, Kátia Pecoraro, Socorro Moreira, Esther Ventilari (*in memoriam*), Maria Lúcia e Maria Regina; Ir. Lina Boff e suas co-Irmãs Servas de Maria; e aos casais: Janine/Robson, Hugo/Mercedes, Edwvaldo/Eloisa, Donemir/Mariana, Carlos/Regina, Carlinhos/Sueli, Marcelo/Sara, Cléber/Rosália, Jaime/Alice, Renê/Neusa, Guilherme/Maria Inês, Ronan/Patrícia, Paulo/Céli, Paulo/Cláudia, Alexandre/Elzi, Gustavo/Ciça, Francisco/Carla, Fernando/Sônia, Bernardo/Fernanda, Sabioni (*in memoriam*)/Ana Maria, Walquírio/Maria Amélia, Fernando/Isabel, Evilázio/Ângela, João/Isabela, Isaías/Neuma, Quincas/Jane, Carlos/Adriana, Marcos/Andreia, Roberto/Ana, Alexandre/Simone, Marcos/Rosinha, Itamar/Viviane, Oswaldo (*in memoriam*)/Cida, Flávio/Roberta, Beto/Isabel, Mário/Anna Maria, Ricardo/Flávia, Luís/Rita Carrilho, Marcos/Alice, dentre outros, que tanto me ajudaram com sua oração, amizade e auxílios.

Jesus Cristo lhes antecipe as alegrias do Reino! Deus lhes dê o Céu!

Resumo

Rocha, Aldo Fernandes da; Kuzma, Cesar Augusto. **A práxis do Reino de Deus como antecipação escatológica. Um estudo a partir da Escatologia de Edward Schillebeeckx.** Rio de Janeiro, 2019, 190p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A práxis do Reino de Deus na vida de Jesus Cristo e de seus discípulos se constitui como categoria teológica para a constatação da antecipação escatológica do Reino de Deus na História. Partindo da Escatologia presente nas obras de Edward Schillebeeckx, este estudo demonstra como o Reino de Deus, esperado para o futuro pós-histórico, antecipa-se na história mediante as práticas de justiça e de misericórdia a favor da vida plena para todos. Inicia-se com a demonstração da práxis do Reino de Deus presente nas obras do Autor, a fim de pôr em relevo a Escatologia presente em suas obras. A seguir, faz-se uma demonstração da cristologia escatológica de Schillebeeckx destacando a tipologia adotada pelo Autor, para se chegar ao contexto teológico e eclesial latinoamericano, a fim de demonstrar nele como o Reino é antecipado historicamente pela práxis dos discípulos do Reino na América Latina. O método usado nesta pesquisa foi o da revisão bibliográfica das obras de Schillebeeckx, em diálogo com outros teólogos e teólogas que tematizam ou se interessam pela temática da práxis do Reino de Deus. Da práxis de Cristo à práxis de seus discípulos, em todos os tempos, o Reino de Deus se antecipa e se manifesta na prática do amor, da verdade e da justiça, que socorre os pobres e lhes anuncia a esperança da salvação, já experimentada na caminhada na Terra, mas que terá seu acabamento no futuro glorioso e eterno em Deus. Desta Tese, a Escatologia recebe a contribuição temática aqui aprofundada, ao mesmo tempo em que a mesma Tese abre o caminho para ulteriores desenvolvimentos, a fim de enriquecer mais ainda a produção literária na área da Teologia Sistemática.

Palavras-chave

Práxis; Reino de Deus; Jesus Cristo; Escatologia; Edward Schillebeeckx.

Abstract

Rocha, Aldo Fernandes da; Kuzma, Cesar Augusto (Advisor). **The praxis of the Kingdom of God as eschatological anticipation. A study from the Eschatology of Edward Schillebeeckx.** Rio de Janeiro, 2019, 190p. Tese de Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The praxis of the Kingdom of God in the life of Jesus Christ and his disciples constitutes a theological category for the confirmation of the eschatological anticipation of the Kingdom of God in History. Starting from the Eschatology present in the works of Edward Schillebeeckx, this study demonstrates how the Kingdom of God, awaited for the post-historical future, anticipates in history through the practices of justice and mercy in favor of a full life for all. It begins with the demonstration of the praxis of the Kingdom of God present in the works of the Author in order to highlight the eschatology present in his works. The following is a demonstration of the eschatological Christology of Schillebeeckx highlighting the typology adopted by the Author to reach the Latin American theological and ecclesial context in order to demonstrate in him how the Kingdom is historically anticipated by the praxis of the disciples of the Kingdom in Latin America. The method used in this research was the bibliographical review of the works of Schillebeeckx, in dialogue with other theologians and theologians who thematize or are interested in the praxis of the Kingdom of God. From the praxis of Christ to the praxis of his disciples, at all times, the Kingdom of God anticipates and manifests itself in the practice of love, truth and justice, which helps the poor and announces the hope of salvation, already experienced in walk on earth, but will have its finish in the glorious and eternal future in God. From this thesis, eschatology receives the thematic contribution here in depth, at the same time that the same thesis opens the way for further developments, in order to further enrich literary production in the area of Systematic Theology.

Keywords

Praxis; God's kingdom; Jesus Christ; Eschatology; Edward Schillebeeckx.

Sumário

1. Introdução	10
1.1. Objeto material e objeto formal	13
1.2. Delimitação do tema e sua relevância para a Escatologia	16
1.3. Hipótese	18
1.4. “Status quaestionis” da práxis do Reino de Deus	21
1.5. Proposta de desenvolvimento da Tese	32
2. Práxis do Reino na Escatologia de Schillebeeckx	33
2.1. Introdução	33
2.2. Vida e obra teológica de Edward Schillebeeckx	34
2.3. Aspectos fundamentais da Escatologia de Schillebeeckx	43
2.4. Reino como orientação da Escatologia de Schillebeeckx	60
2.5. Reino escatológico em antecipação no mundo	66
2.6. “Extra mundum nulla salus” – práxis do Reino na História	72
2.7. Reflexões conclusivas	78
3. Cristologia escatológica de Schillebeeckx	81
3.1. Introdução	81
3.2. Jesus Cristo e as cristologias escatológicas	83
3.3. Antecipação do Reino no anúncio e na práxis de Jesus Cristo	93
3.4. Exigências do Reino de Deus: conversão, fé e discipulado	104
3.5. Comensalidade com pecadores e antecipação do Reino	115
3.6. Práxis da Lei e práxis do Reino de Deus	120
3.7. Reflexões conclusivas	127
4. Reino de Deus na práxis da Igreja na América Latina	131
4.1. Introdução	131
4.2. Primado da práxis do Reino na América Latina	134
4.3. Práxis libertadora como antecipação escatológica do Reino	141
4.4. Reinocentrismo na práxis teológica latino-americana	153

4.5. Práxis do Reino em tempos de práxis do anti-Reino	159
4.6. Por uma Escatologia integral	165
4.7. Reflexões conclusivas	170
5. Conclusão	174
6. Referências bibliográficas	179

O caminho de vida de Jesus é, com efeito, em si mesmo práxis do reino de Deus, antecipação histórica da ressurreição, e sua morte é parte integrante deste caminho de sua vida.

Edward Schillebeeckx

História humana: revelação de Deus, p. 170.

1 Introdução

Com esta pesquisa queremos aprofundar a temática da práxis do Reino de Deus e sua antecipação escatológica na história, tendo como referencial teórico as obras de Edward Schillebeeckx, em diálogo com outros autores que comentam sua teologia¹.

A pesquisa se ocupa do estudo feito na Escatologia de Edward Schillebeeckx sobre a práxis do Reino como categoria teológica de sua antecipação escatológica; isto equivale dizer que o Reino esperado para após o fim da história já se antecipou para dentro da história do seu tempo com a práxis de vida de Jesus Cristo, como obra realizada pelo “Profeta escatológico do Pai”, que - para Schillebeeckx - é o próprio Jesus Cristo. Partindo de Cristo, as consequências e ulteriores desenvolvimentos da mesma práxis de vida de Jesus Cristo, continuam se revelando na antecipação do Reino que se percebe na práxis de vida dos discípulos de Cristo na história e na vida da Igreja de cada tempo.

Embora vivamos nos tempos atuais uma acentuada crise dos conceitos de utopia e futuro histórico, nosso interesse focaliza uma temática da Escatologia que aponta para o sentido da esperança escatológica acerca da pessoa, do mundo e da História. Enquanto já se chamou a atenção para a escatologia da pessoa e do mundo, em reflexões bem definidas², atualmente a Escatologia tende a considerar, na perspectiva histórica, a pessoa e o mundo em sua relação com o passado, o presente e o futuro. Assim, a História se torna o lugar onde as pessoas assumem suas responsabilidades e tomam as decisões capazes de definir o futuro de tudo e de todos, dos seres humanos em sua relação integral com o cosmos. Trata-se de uma Escatologia de caráter holístico e coletivo, que muito tem a ver com a tendência de integralidade atual.

¹ Deste modo, daremos continuidade à pesquisa já iniciada ao longo de nosso Mestrado em Teologia na PUC-Rio. Nossa pesquisa de Mestrado se deteve na percepção escatológica que Schillebeeckx tem do Reino de Deus na obra *Jesus, a história de um vivente*. Cf. ROCHA, A. F. da., Anúncio e práxis do Reino de Deus. Uma percepção escatológica no pensamento de Edward Schillebeeckx. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2015.

² Ratzinger, em sua obra *Escatologia: morte e vida eterna*, indica farta bibliografia sobre o caráter individual da Escatologia. Cf. RATZINGER, J./BENEDETTO XVI, Escatologia: morte e vida eterna, p. 281-296. Também Renold Blank publicou dois volumes didáticos de Escatologia, distinguindo as temáticas escatológicas entre escatologia da pessoa e escatologia do mundo. Cf. BLANK, R. J., Escatologia da Pessoa: vida, morte e ressurreição. Escatologia I. São Paulo: Paulus, 2000; Id., Escatologia do mundo: o projeto cósmico de Deus. Escatologia II. São Paulo: Paulus, 2001.

Em se tratando do encontro das pessoas humanas com Jesus Cristo, o Filho de Deus, esta temática assume o realismo da antecipação escatológica do Reino de Deus, esperado para o futuro pós-histórico, mas que já se verifica na História, mediante a práxis de vida de Jesus Cristo, que, segundo Schillebeeckx é, ao mesmo tempo, o anunciador (do Reino) e o (Reino) anunciado³.

As razões de tal antecipação, como veremos nos capítulos desta pesquisa, concentram nossos ouvidos na prédica e nosso olhar na práxis de Jesus. Em suas palavras e atitudes, Jesus mostra que o Reino por ele pregado já se mostra presente como um mistério militante, atuante, já presente em suas ações restauradoras e promotoras da vida, pois Jesus assume escolhas bem definidas: ele escolhe os pobres e aqueles que vivem em condições desfavoráveis à vida plena. Ao mesmo tempo em que restaura para eles a vida do corpo, antecipa para eles também a esperança e o sentido da vida eterna e plena em Deus, cujo significado mais contundente e total vai resplandecer na própria morte e ressurreição de Jesus, que antecipa o Reino de Deus na história e aponta para sua realização plena após a história, na glorificação final.

O Reino de Deus é assunto central no interesse de vida de Jesus, assim como também assume a função de articular em si todos os temas da Teologia e da Escatologia, de modo que, à luz do Reino de Deus, podemos encontrar na Escatologia o compêndio de todo o pensamento teológico⁴. Assim, desde a obra de Johannes Weiss (em particular *Die Predigt Jesu Von Reiche Gottes* - A pregação de Jesus acerca do Reino de Deus⁵, 1892) e as primeiras pesquisas exegéticas de Albert Schweitzer (*Skizze des Lebens Jesu* – Esboço da vida de Jesus, 1901; *Von Reimarus zu Wrede* – De Reimarus a Wrede, 1906), passando pela crítica de Hans Urs von Balthasar (segundo o qual a Escatologia havia se

³ Cf. SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 546.

⁴ A respeito da importância que a Escatologia tem no conjunto da Teologia, Moltmann diz que ela não é mais um apêndice, mas o caminho pelo qual se move tudo o que tem a ver com a fé cristã, pois esta encontra sua fonte na fé em Cristo Ressuscitado. Assim, a Teologia correta não deve ser pensada de trás para frente, mas a partir de sua meta futura, o que faz da Escatologia não mais o fim, mas o princípio da Teologia. No prefácio de sua obra, Moltmann diz que desenvolveu um método teológico no qual o todo da teologia é observado e captado pelo viés da Escatologia. Cf. MOLTMAN, J., Teologia da Esperança, p. 24 e 30-31.

⁵ Tradução nossa.

tornado o “surto de distúrbios” no seio da teologia do nosso tempo⁶), a Escatologia atualmente tomou posse de toda a área da Teologia⁷.

Nesta pesquisa, não tivemos a intenção de investigar o Reino de Deus na amplitude da temática em si, mas considerá-lo em seu caráter de antecipação escatológica na história. Para isso, partimos da percepção dos sinais escatológicos presentes na história da vida de Jesus, que se encontram igualmente presentes na vida dos seus discípulos e discípulas ao longo da história, em virtude da fidelidade deles ao Evangelho. Com isso, é possível afirmar que há um modo de viver que torna presente o Reino de Deus em cada atitude assumida. E o Reino, que parecia ser algo possível e visibilizado somente para depois do fim da história, torna-se realidade perceptível e apelativa já dentro das situações onde os discípulos de Cristo atuam com as mesmas atitudes dele. Colhemos esta percepção a partir de uma das obras cristológicas de Schillebeeckx⁸.

Já que tínhamos seguido a reflexão de Schillebeeckx em nossa pesquisa no Mestrado, ao investigar o anúncio e a práxis do Reino de Deus, pareceu-nos necessário dar continuidade à referida pesquisa colocando em evidência aspectos ainda mais relevantes para a Escatologia na mesma temática. Para isso, mantivemos como referência teórica de nosso interesse de pesquisa a Escatologia contida nas obras de Schillebeeckx, por ele publicadas em sua maturidade teológica e acadêmica, ou seja, no período posterior ao Concílio Vaticano II, evento que serviu como didático divisor de etapas na vida e obra deste teólogo dominicano, belga de nascimento, e holandês de missão. A partir de 1974, Schillebeeckx publicou uma trilogia composta de robusto e ousado projeto cristológico: *Jesus, a história de um vivente* (1974), *Il Cristo. La storia di una nuova prassi* (1977)⁹, e *História humana, revelação de Deus* (1989)¹⁰. A primeira obra é de caráter cristológico; a segunda, de Antropologia Teológica, com acento

⁶ Cf. RATZINGER, J./BENEDETTO XVI, Escatologia: morte e vita eterna, p. 17.

⁷ Ibid.

⁸ A obra referencial de nossa dissertação de Mestrado foi *Jesus, a história de um vivente*, de Edward Schillebeeckx.

⁹ Citaremos esta obra da trilogia de Schillebeeckx referindo-nos sempre à sua publicação em italiano pela editora Queriniana, de Brescia (traduzimos livremente este título em português: *O Cristo. A história de uma nova práxis*), enquanto que as outras duas obras serão citadas em referência à sua tradução publicada em português pela Paulus. Este título em italiano é a tradução que mais se aproxima do original em holandês *Genade en bevrijding* (traduzimos livremente em português como *Graça e libertação*). Usaremos as obras em português em análise concomitante com as demais traduções em italiano ou em outras línguas.

¹⁰ Usaremos nesta Tese as obras e artigos de Schillebeeckx traduzidas para o português, mas faremos concomitante consulta às traduções publicadas para o italiano e para o espanhol.

na Teologia da Graça, e a terceira, o autor quis que fosse um acabamento eclesiológico da referida trilogia. Entretanto, na primeira e na terceira obra, há um viés escatológico que perpassa toda a abordagem sobre Cristo e a Igreja, sacramento de sua presença atuante no mundo, que antecipa a presença do Reino de Deus na história.

Nestas obras encontramos o fundamento para nossa Tese, e nossa pesquisa foi aprofundando as razões para confirmar nossa hipótese, de forma que constatamos que, segundo a Escatologia de Schillebeeckx, constata-se uma antecipação histórico-escatológica do Reino de Deus verificada a partir do caminho de vida de Jesus e continuada na práxis de vida de seus discípulos ao longo da História, particularmente percebida na atuação dos discípulos de Jesus na Igreja na América Latina. Trata-se de uma temática em aberto, que nossa pesquisa não exaure, mas convida a prosseguir com ulteriores possíveis descobertas.

1.1

Objeto material e objeto formal

O objeto material desta pesquisa é a práxis do Reino de Deus, como se manifestou na pessoa e no caminho de vida de Jesus¹¹, em seus gestos, palavras, atitudes e reações, ilustradas pelas bem-aventuranças e parábolas, com as quais os evangelistas põem em evidência o modo de pensar e de agir de Jesus, e em sequência no seguimento de Cristo, através da vida do discípulo do Reino, como o veremos mais adiante¹².

O Reino foi anunciado por Jesus, o Profeta escatológico¹³ do Pai, através de bem-aventuranças e de parábolas, que se constituíam como que o programa de

¹¹ Schillebeeckx usa a expressão “caminho de vida de Jesus” para se referir ao conteúdo de suas palavras, de suas parábolas, e o significado de seus atos, “pois sua vida inteira passou sob o signo de sua pregação e prática do reino de Deus: ‘Interessai-vos primeiro pelo reino de Deus e sua justiça, e dar-se-vos-á então de acréscimo tudo o mais’ (Mt 6,33)”. Cf. SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 151.

¹² Conforme veremos no capítulo III desta pesquisa, quando aprofundaremos a cristologia escatológica de Schillebeeckx.

¹³ Expressão usada por Schillebeeckx muitas vezes em suas obras, especialmente na obra *Jesus, a história de um vivente*. Para o autor, “Profeta escatológico” torna-se como que um título cristológico-escatológico, que destaca o ministério de Jesus trazendo para junto da humanidade a proximidade do Reino de Deus. Cf. SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 109-248; 267-268; 403-438; 441-516. Na obra *Il Cristo. La storia di una nuova prassi*, Schillebeeckx se refere ao mesmo título escatológico dado a Jesus, porém com o acréscimo “maior que Moisés”, já referido na obra anterior. Cf. SCHILLEBEECKX, E., *Il Cristo. La storia di una nuova prassi*, p. 356-368; 292-295 (Sumo sacerdote escatológico).

vida para aqueles que o acolhessem e a ele aderissem. A práxis do Reino, caracterizada pela misericórdia que movia Jesus, mostrou-se como uma novidade no ambiente judaico, visível na relação simbiótica existente entre o anunciante, Jesus, e o anunciado - o Reino de Deus¹⁴. Como veremos ao longo da pesquisa, Schillebeeckx é o teólogo que sublinha com insistência a “práxis do reino de Deus”, pregada e autenticada na práxis de vida de Jesus e de seus discípulos.

Toda a práxis de Jesus pelas causas humanas foi adotada pelos discípulos do Reino na nova “Comunidade escatológica”. Para Schillebeeckx, a comunidade dos discípulos do Reino é igualmente uma “Comunidade escatológica”, que coincide com a comunidade eclesial de todos os tempos, cujos membros atuam pela força da fé recebida no Batismo, assumindo a mesma práxis de Jesus Cristo¹⁵. Ao longo da história, o compromisso com a causa de Jesus, que é a causa do Reino de Deus, será o compromisso dos discípulos, que darão continuidade à mesma práxis, antecipando a escatológica proximidade do Reino, num “já” que fortalece a esperança no futuro escatológico de Deus, que “ainda não” se possui plenamente¹⁶. Como mistério que se revela por meio das contingências históricas, o Reino vai sendo percebido ao longo da história, através da ortopraxia dos discípulos que se mantêm fiéis a Jesus de Nazaré.

Nesta dinâmica da antecipação do Reino, por meio da práxis de vida dos discípulos, eles experimentam sempre uma tensão positiva para o Reino, dom gratuito recebido do próprio Espírito de Jesus, enquanto que, ao mesmo tempo, sofrem o impacto da tentação de uma práxis que se opõe ao Reino de Deus, ou seja, o anti-Reino. Por isso, os discípulos haverão de percorrer o mesmo caminho de vida de Jesus, e sofrer o que Jesus sofreu. A fidelidade radical às exigências de

¹⁴ Schillebeeckx descreve a relação simbiótica que existe entre Jesus e o Reino de Deus, sob o axioma: “o Anunciante é o Anunciado”. Cf. SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 546.

¹⁵ Cf. Ibid. p. 222-248; 353.

¹⁶ Rosino Gibellini comenta a tensão escatológica entre o “já” e o “ainda não”, contida na teologia dialética da obra “Cristo e o Tempo” (1946), de Oscar Cullmann. Cf. GIBELLINI, R., A teologia do século XX, p. 255-261. Schillebeeckx se refere às categorias escatológicas, cunhadas por Cullmann, associando-as às virtudes da Esperança (o “já”) e da Fé (o “ainda não”). Cf. SCHILLEBEECKX, E., Il Cristo. La storia di una nuova prassi, p. 317-318; Cf. Id., Algumas reflexões acerca da interpretação da Escatologia. Concilium. Revista Internacional de Teologia. Janeiro, Petrópolis-RJ: Vozes, 1969, p. 37-50; cf. MELO, E. F. de., A Igreja como agente de transformação: uma perspectiva bíblica e teológica na pós-modernidade e no contexto de Brasília. (Tese de Doutorado). South African Theological Seminary in Partnership with. Prodola, 2015, p. 39. Disponível em: https://www.sats.edu.za/wp-content/uploads/2016/07/DeMeloE_PhDThesis_final_Apr2016.pdf. Acesso em: 5 abr. 2017.

fé e conversão ao Reino¹⁷, assumido em sua práxis, levará os discípulos a vivenciar a experiência do mesmo mistério pascal, de morte e de ressurreição do seu Senhor. Se Jesus foi a parábola vivente do Pai¹⁸, a práxis de vida dos discípulos será a parábola vivente do Reino de Deus ao longo da história.

Do objeto material, passamos ao objeto formal. Enquanto o objeto material da pesquisa é a práxis do Reino, o objeto formal é a escatologia de Edward Schillebeeckx. Dada a vasta literatura teológica do Autor, e tendo encontrado nela uma percepção clara da práxis do Reino, como categoria escatológica, adotamos em nossa tese um necessário entalhe epistemológico, priorizando em nosso interesse de pesquisa as obras de sua trilogia cristológica, a saber: *Jesus, a história de um vivente* (1974), *Il Cristo. La storia di una nuova prassi* (1977), e *História humana: revelação de Deus* (1989)¹⁹. Entretanto, considerando que o itinerário teológico do autor abrange os anos pré e pós-Concílio Vaticano II, a pesquisa se concentra nas obras que ele escreveu no período que os comentaristas a seu respeito denominam de “segundo Schillebeeckx”, isto é, as obras escritas pelo teólogo dominicano nos anos após 1958, pois antes disso, sua literatura teológica se concentrava em temáticas da Teologia Sacramental.

Na referida trilogia, encontramos farto material de reflexão escatológica do Autor acerca do Reino de Deus. Além disso, como poderemos ver nas referências bibliográficas, encontramos vários artigos do Autor, nos quais sua reflexão

¹⁷ Fé e conversão se constituem como as duas fundamentais exigências de Jesus aos seus discípulos para que eles possam acolher a mensagem do Reino de Deus e pô-la em prática em seu agir. Cf. SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 379-397; Cf. Id., *História humana: revelação de Deus*, p. 150-153.

¹⁸ Ao responder à pergunta “Quem é Jesus?”, com base nas parábolas escatológicas que comenta em sua obra, Schillebeeckx diz que Jesus é a “parábola de Deus”. Cf. SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 160.

¹⁹ Faustino Teixeira elabora um oportuno comentário sobre a trilogia cristológica de Schillebeeckx: “O decisivo passo reflexivo do autor vai acontecer no vasto projeto cristológico, publicado em três grandes volumes: *Jesus, a história de um vivente* (1974); *O Cristo, a história de uma nova práxis* (1977); *Humanidade, a história de Deus* (1989). Nessa última obra, que sofreu uma alteração com respeito ao seu plano original, Schillebeeckx busca concentrar-se no “cerne do evangelho e da religião cristã”, e mostrar, de forma singular, que os seres humanos “são a história de Deus em nosso meio”. Não pode, portanto, acontecer a salvação fora da história humana. Manifesta também um olhar positivo sobre o pluralismo religioso, entendido agora como um pluralismo de princípio, que jamais desaparecerá. Segundo Rosino Gibellini, os três volumes do projeto cristológico de Schillebeeckx – que somam 2.142 páginas -, traduzem a “obra cristológica mais vasta e mais criativa de nosso século”. Cf. TEIXEIRA, F., Edward Schillebeeckx: o tempo no coração da teologia. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-arquivadas/31788-edward-schillebeeckx-o-tempo-no-coracao-da-teologia>. Acesso em: 30 jun. 2016.

teológica se dedica às temáticas escatológicas e da práxis do Reino de Deus²⁰. As obras em referência constituem a delimitação do nosso objeto formal, sem reduzi-lo. Aliás, nossa intenção será recolher dos muitos artigos de Schillebeeckx quanto neles se encontre de algum modo referente à temática de nossa pesquisa, bem como em que aspectos Schillebeeckx se situa e dialoga com outros teólogos e teólogas sobre a temática da práxis do Reino de Deus como antecipação escatológica.

1.2

Delimitação do tema e sua relevância para a Escatologia

A temática do Reino de Deus oferece ao pesquisador amplo horizonte de enfoques, dado que se trata de um assunto central na Teologia, tanto quanto sugestiva é a literatura que se produziu sobre a referida temática ao longo dos últimos anos.

Em qualquer obra de Teologia Sistemática, encontramos imediata e abundante referência ao Reino de Deus. Todavia, dentre as muitas perspectivas possíveis para tratar deste assunto, adotamos um recorte epistemológico: queremos ler as obras de Schillebeeckx a partir do viés da Escatologia, que é nossa área de concentração, e, sob este foco, recolher do Autor o modo como ele apresenta a temática da práxis do Reino e elaborar sobre a mesma nossa releitura.

Com isso, situamos o quadro teológico-literário de nossa pesquisa, dando a devida prioridade à leitura e elaboração de nossa reflexão, baseada nas obras do Teólogo dominicano belga, conquanto estas recubram a temática do ponto de vista escatológico, com a finalidade de evidenciar os elementos peculiares da visão que o Autor tem da práxis de Jesus como antecipação escatológica do Reino de Deus.

Qual poderá ser a relevância de tal pesquisa? Quanto à temática que queremos aprofundar, observamos um consenso entre os Autores consultados: que o *Reino de Deus* é temática central na Escatologia. Dentre eles, Edward Schillebeeckx, com seu pensamento escatológico, tem despertado grande interesse em estudiosos da Teologia Sistemática, particularmente da Escatologia. Embora pertença ao grupo dos teólogos sistemáticos europeus de vulto mundial, como

²⁰ Importante comentário sobre a Escatologia encontra-se em: SCHILLEBEECKX, E., Algumas reflexões acerca da interpretação da Escatologia. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 5, fascículo 41, 1969, p. 37-50.

Rahner, Pannenberg, Metz e Congar, dentre outros, Schillebeeckx se alinha aos teólogos que elaboraram as teologias da práxis, quais sejam a Teologia da Esperança e da Libertação, com possível e enriquecedor diálogo entre seus autores, tais como Jurgen Moltmann²¹, Jon Sobrino²², e vários outros teólogos latino-americanos. Pela proximidade teológica verificada entre Schillebeeckx e Teólogos da Teologia da Libertação, o quarto capítulo desta pesquisa irá considerar a práxis do Reino de Deus como antecipação escatológica no contexto eclesial latino-americano.

Os comentaristas das obras de Schillebeeckx dividem sua produção teológica em dois momentos: o primeiro, que vai de 1946 a 1967. Naquela ocasião, Schillebeeckx publicou sua tese doutoral, sob o título *A economia sacramental da salvação* (1952) e, na esteira desta, uma outra obra intitulada *Cristo, sacramento do encontro com Deus* (1957), nas quais comparece seu interesse pelo eixo sacramental da Soteriologia e da Cristologia, que estará presente em sua literatura em todo este primeiro momento de sua trajetória como teólogo²³.

O segundo período vai de 1967 até seu falecimento, em 2009²⁴, e foi marcado por criativa originalidade na reflexão teológica, de forte acento pós-Conciliar, quando o próprio autor se depara com o fenômeno da secularização, que questionava a Teologia e a práxis da fé da Igreja. O desafio que a secularização trazia para a fé cristológica e eclesial deu à pesquisa teológica de Schillebeeckx um novo rumo: era necessário motivar a realização da ortodoxia

²¹ Moltmann conceitua o Reino de Deus em suas obras em amplo panorama escatológico. Cf. MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Teológica; Loyola, 2005.

²² Sobrino oferece relevantes comentários sobre a práxis do Reino de Deus. Cf. SOBRINO, J., A fé em Jesus Cristo. Ensaio a partir das vítimas. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

²³ Erik Borgman, que, em 31 de dezembro de 2009, teve a honra de fazer a homilia na missa fúnebre de Schillebeeckx, diz que ele tomou “os sacramentos como tema de sua licenciatura, e não um dos outros temas dogmáticos sobre os quais lecionou extensamente durante seus anos de professor no *Studium* dominicano em Lovaina, na Bélgica”, e este tema continuou fascinando Schillebeeckx pelo resto de sua vida. Cf. BORGMAN, E., Reflexões de Edward Schillebeeckx sobre os sacramentos e o futuro da teologia católica. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, fasc. 344-348, 2012, p. 13. Grifo nosso.

²⁴ Schillebeeckx faleceu a 23 de dezembro de 2009, com 95 anos. Em nossa pesquisa, a obra mais recente de sua autoria publicada é: SCHILLEBEECKX, E. H., La Ecclesia Jesu Christi come racconto di futuro. Su perdono e riconciliazione. Cammino e visione: Universalità e regionalità della teologia nel XX secolo. Brescia: Queriniana, 1996. Perceba-se que ainda nesta obra, Schillebeeckx usa seu nome adotado ao interno da Ordem Dominicana, ou seja, Frei Henrique, como era comum entre os religiosos mudarem o nome de batismo por um nome religioso antes da reforma conciliar.

dogmática através de uma ortopraxia no seguimento de Jesus na vida dos cristãos²⁵. É dentro desta segunda e nova etapa da produção teológica de Schillebeeckx que nossa pesquisa se situa, pois dela resultou uma interessante trilogia cristológica, com evidente caráter escatológico²⁶.

Entendemos, portanto, que a relevância de nossa pesquisa consista no aporte que ela oferece para a Escatologia, exatamente na característica escatológica da reflexão que Schillebeeckx faz acerca da práxis do Reino na pessoa de Jesus, como profeta escatológico, que traz o Reino de Deus para perto da humanidade no que diz e faz. Atualmente, urge que o teólogo se torne sensível para ouvir os clamores oriundos dos grandes gritos da humanidade, que experimenta conflitos traumáticos e espera por ajuda, a nível material e de fé, para as profundas questões existenciais que lhes afligem e deixam sombrio o horizonte de sua fé. A Escatologia pode ser pensada a partir das necessidades coletivas, construindo uma esperança coletiva para a humanidade, a fim de proporcionar o encontro das pessoas com Deus em Jesus Cristo.

Considerando a inevitável limitação de qualquer esforço na reflexão teológica de uma temática, cremos que o resultado de nossa pesquisa poderá motivar aprofundamentos ainda maiores e abrir novos caminhos para a continuidade da pesquisa sobre o tema da práxis do Reino de Deus como antecipação escatológica.

1.3 Hipótese

Ao refletir sobre a temática do Reino de Deus, imediatamente ela desperta no horizonte prático da vida e da esperança cristã a pergunta sobre o modo como

²⁵ Neste período, Schillebeeckx afirmava: “Se perguntarmos o que se entende pela ‘salvação escatológica’ que nos é dada pelo Crucificado-Ressuscitado, precisamos, para dar substância e conteúdo a isto, apontar para o próprio Jesus de Nazaré, para sua pessoa e toda a sua carreira e curso de ação até à sua morte inclusive”. SCHILLEBEECKX, E., *Jesus: An Experiment in Christology*. Nova York: Crossroad, 1979, p. 52. Apud: BORGMAN, E., Reflexões de Edward Schillebeeckx sobre os sacramentos e o futuro da teologia católica. *Concilium: Revista Internacional de Teologia*. Petrópolis-RJ: Vozes, fasc. 344-348, 2012, p. 16.

²⁶ A trilogia cristológica de Schillebeeckx teve sua primeira publicação no ano de 1974 – considerado o ano da Cristologia – (mesmo ano em que Walter Kasper publicou *Jesus, el Cristo*), com a obra *Jesus, a história de um vivente* (cuja tradução para o português foi publicada somente em 2008). As outras duas obras da mesma trilogia são: *Il Cristo*. La storia di una nuova prassi (publicada em italiano pela Editora Queriniana [Brescia] em 1980), e *História humana: revelação de Deus* (publicada pela Paulus em português 1994).

o Reino pode se manifestar presente e atuante na concretude de cada dia da história. Como para os fariseus, no tempo de Jesus (cf. Lc 17,20-21), experimenta-se sempre o desconforto de perguntas semelhantes às deles, formuladas com o característico imediatismo e messianismo dos tempos atuais.

Hoje as perguntas são formuladas assim: “o que é, e onde está o Reino de Deus?”, ou ainda: “em que consiste o Reino de Deus que Jesus afirmou ter-se aproximado da humanidade, e de que maneira este Reino escatológico se mostra presente aqui e agora?”. Na resposta que Jesus deu aos fariseus, já havia indicações que apontavam para o caráter histórico de presença do Reino em seu tempo, em virtude da própria presença de Jesus que atuava a favor da vida, verdade e justiça diante dos seus contemporâneos, mas também pelo fato de que Jesus daria continuidade à manifestação do Reino através do modo de viver e atuar de seus discípulos. Partindo destas indicações feitas por Jesus, Schillebeeckx também nos aponta como motivos razoáveis para formular nossas hipóteses: Jesus disse que o Reino de Deus não viria de modo ostensivo, e que não se poderia dizer “onde” ele estava, de modo delimitado e determinado, pois o Reino é um mistério que transcende toda a capacidade de compreensão humana. Jesus conclui dizendo que o Reino de Deus *já está no meio* dos seus interlocutores, deixando entender que o Reino está mais próximo do que eles mesmos são capazes de perceber sua presença e atuação.

Na verdade, o tempo do reinado de Deus já estava inaugurado na pessoa do próprio Jesus, mas os fariseus mantinham a expectativa de um rei-messias, de um reinado messiânico, glorioso e poderoso, que não condizia com a práxis de vida de Jesus. Ao invés, Jesus declara que o Reino já está agindo no meio deles e que o Filho do Homem é quem inaugurou a chegada desse Reino, mas a plenitude dessa chegada não ocorrerá antes que o Filho do Homem sofra a recusa e a perseguição por parte daqueles que vivem como inimigos de Deus e de seu Reino.

Perante a tentação de localização e determinação do Reino antecipado na história, Jesus adverte seus discípulos a respeito dos falsos messianismos, pois muitos poderão incitar as pessoas a acreditar em boatos acerca do Reino, mas os discípulos não deverão ir atrás de boatos. O discípulo precisará de discernimento para compreender que o Reino de Deus vai se manifestar na mesma práxis de Jesus, na ajuda mútua e fraterna para que cada um descubra e experimente, em

comunhão com os outros, a ação do Reino já presente, tal como faz o fermento na massa (cf. Mt 13,33; Lc 13,20).

Na tentativa de responder a estas perguntas, formulamos como hipótese outras perguntas: em que sentido se pode afirmar que o Reino de Deus é antecipado na práxis de vida de Jesus e da Comunidade de seus discípulos? Esta antecipação, se é possível, precisa de visibilidade para ser confirmada na fé das comunidades eclesiais e como anúncio do Reino já presente no mundo. Haveriam eventos e razões que possibilitariam esta confirmação em tempos de acentuada suspeição acerca das matérias da fé cristã, como os que vivemos atualmente? A partir de quais destes eventos seria possível demonstrar a presença antecipada do Reino, e que relação teológica haveria entre eles para afirmar que o Reino de Deus se antecipa escatologicamente na história?

Antes de tudo, do ponto de vista terminológico, a frequência com que nos deparamos com a temática da práxis do Reino na literatura teológica de Schillebeeckx, já é evidente indício de que este tema para ele se reveste de fundamental importância na tratativa do Reino de Deus, a partir da História, na qual está inserida a Igreja, como comunidade escatológica e sacramento do Reino.

Além disso, expressões como “Profeta escatológico”, “comensalidade com pecadores” e a reflexão que o Autor faz sobre a ressurreição de Jesus, como resposta da fidelidade do Pai à fidelidade do Filho, e a própria comunidade dos discípulos, que passaram a seguir Jesus, são sinais que apontam para a antecipação escatológica do Reino na História.

Por outro lado, à luz da Escatologia de Schillebeeckx, seria possível interpretar a profética atuação da Igreja na América Latina, em toda a sua rica teologia e espiritualidade da libertação, como práxis antecipatória do Reino de Deus? Num Continente onde as pessoas experimentam tantas opressões, carências de justiça e de vida digna, quais os sinais da atuação do Reino de Deus nos homens e mulheres que atuam na Igreja e na Sociedade motivados pela fé em Jesus Cristo, professada na Liturgia e testemunhada na vida cheia de contradições e desafios que enfrentam a cada dia? Também a este ponto, vemo-nos desafiados a estender nossa pesquisa por perceber que a práxis eclesial da libertação concretiza na história das últimas décadas no continente latino-americano a práxis

do Reino de Deus, à luz da práxis de Jesus Cristo, apontada por Schillebeeckx como práxis antecipatória e escatológica do Reino de Deus²⁷.

1.4

“Status quaestionis” da práxis do Reino de Deus na Escatologia

Na pauta temática da Escatologia, “Reino de Deus” é um dos temas sobre os quais muito se tem escrito, particularmente sob o influxo teológico e pastoral do Concílio Vaticano II. Na perspectiva da nova visão teológica, o Reino de Deus tem sido objeto de estudos de tantas teologias, especialmente aquelas chamadas “teologias da práxis”, qual seja – dentre outras - a Teologia da Libertação e da Esperança.

Sendo que nosso interesse de pesquisa é a “práxis do Reino de Deus”, este tema reclama sua localização na História, e esta considerada na Teologia da Revelação bíblica como História da Salvação. A salvação trazida por Jesus Cristo continua na História, como demonstração da soberania de Deus, e o impulso dado pelo Concílio Vaticano II reacendeu na pesquisa teológica a necessidade de valorizar a História como lugar de constatação da ação divina; à semelhança do

²⁷ Quanto à práxis da Igreja na América Latina, é vasta a bibliografia encontrada. Cf. BOFF, Clodovis. Teologia e prática. Teologia do Político e suas mediações. Petrópolis-RJ: Vozes, 1978. Nessa obra encontramos a fundamentação da relação teoria-práxis, como fundamento da teologia do político e do engajamento do cristão, especialmente nas páginas 39-47 e 335-340; BOFF, Leonardo. Salvação em Jesus Cristo e o processo de libertação. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 10, fasc. 96, 1974, p. 753-764. Neste artigo o Autor reflete sobre o Reino e a práxis do Reino de Deus na pessoa de Jesus Cristo; COLOMBO, E., Albert Schweitzer. Coleção Teólogos do século XX, 10. Tradução de Silva Debetto Cabral Reis. São Paulo: Loyola, 2010. Nesta obra, o Autor reproduz um texto de autoria do próprio Albert Schweitzer, do ano de 1953, que ajuda a compreender o anseio de práxis do Reino como antecipação escatológica, ainda nos tempos do “primeiro Schillebeeckx” (p. 85-112); ELLACURÍA, I., Lectura latinoamericana de los Ejercicios Espirituales de san Ignacio. Revista Latinoamericana de Teologia. San Salvador, v. 08, fasc. 23, May-Ago/1991, p. 111-147. Nestas reflexões, o Autor aponta o modo de encarnar o Reino de Deus na realidade da Igreja na América Latina; LIMA, M. de, Jesus e o reino: teocêntrico e escatológico. São Paulo: Loyola, 2011. No texto, encontramos sugestiva reflexão sobre o Reino, com um capítulo sobre a prática da justiça do Reino (p. 70-72; 102-115); MARTÍNEZ ESPINOSA, I., Su arma era la palabra: Las homilias de Oscar Arnulfo Romero, modelo de un anuncio liberador del Evangelio. Cuadernos patristicos. Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC - À imagem e semelhança de Deus: O itinerário antropológico do cristianismo antigo. Florianópolis/SC/Brasil: v. III, n. 06, Novembro/2008, p. 229-245. No texto, o Autor faz comentário sobre o modo de pregar de Dom Oscar Romero, evidenciando o caráter escatológico com destaque à antecipação escatológica do Reino em suas homilias, especialmente nas páginas 235; 237-240 e 243; MASI, N. O projeto “Reino” nas mediações históricas. Temas latino-americanos de ética. Aparecida: Santuário, 1988. No texto, encontra-se excelente reflexão sobre o Reino e a práxis do Reino como antecipação escatológica, especialmente nas páginas 343-367; ao longo da bibliografia desta pesquisa, encontramos várias fontes que expressam a riqueza teológica da práxis antecipatória do Reino em caráter histórico-escatológico na atuação dos homens e mulheres da Igreja na América Latina.

testemunho bíblico, a História é atualmente valorizada como lugar salvífico, e considerada como “palco” onde as ações humanas sinalizam e revelam também a ação divina, cujo sentido perpassa tais ações, e esta aproximação do que é divino com o que é humano, de Deus com a humanidade, sugere à Teologia a busca por um *telos*, uma direção e um significado, válidos para o presente e para o futuro da autocompreensão da pessoa, da Igreja e da História.

A Escatologia se relaciona com a História porque pode dar a ela um significado radical, de *proto* e de *eschaton*. Neste sentido, a Escatologia vem sendo ultimamente redescoberta em sua conexão última com a valorização da História. História e escatologia são duas noções fundamentais para se compreender o pensamento nos últimos dois séculos. De modo especial, percebe-se a importância destes conceitos na reflexão teológica. Tais noções se ocupam com a busca do sentido para a vida em todo o seu arco de passado, presente e futuro. Portanto, ambas têm a ver com a virtude teológica da Esperança. De fato, os acontecimentos históricos não são frutos do acaso. Eles têm sentido e possuem uma direção, isto é, apontam para um destino. Para o cristianismo, o sentido da História é a salvação em Cristo, “o mesmo, ontem, hoje e sempre” (Hb 13,8), o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim de tudo e de todos. Por sua vez, a Escatologia se relaciona com a História como auxílio para a humanidade em sua autocompreensão e sua própria crítica.

O Vaticano II, indo nesta direção, valorizou as realidades terrestres e procurou articular corretamente as categorias “salvação” e “história”. Esta perspectiva histórica também está presente na Escatologia que, deixando de refletir apenas sobre os “últimos acontecimentos”, chama a atenção para a História como palco da atuação humana e realidade a ser plenificada por Deus.

Para Schillebeeckx, a História é o espaço do quadro interpretativo dos dogmas, e isso não se torna possível fora da perspectiva das condições da existência das pessoas, pois o que é verdade para um teólogo é verdade também para cada crente, que está no mundo, e a proximidade de Deus aos seres humanos, ou seja, o Reino que em Jesus se aproxima dos humanos, só se realiza na Igreja quando esta também se realiza no mundo. A realidade histórica se torna condição para a percepção da presença do Reino de Deus, pois fora do mundo não é possível pensar a salvação da pessoa que, dentro do mundo, conhece, crê e

testemunha a pessoa do Salvador, Jesus Cristo. Portanto, o diálogo entre a Igreja e as realidades do mundo é imprescindível para a percepção do Reino antecipado escatologicamente.

Assim, o mundo e a história dos homens são o ambiente propício para que Deus realize aí a salvação, e é também a base da realidade salvífica; é neste contexto que se realiza a salvação, quando aceita; ou, quando rejeitada, realiza-se a não-salvação, pois, para Schillebeeckx, “*extra mundum nulla salus*”: fora do mundo dos homens não há salvação. Esta afirmação é trazida por Schillebeeckx na obra *História humana: revelação de Deus*²⁸ e, portanto, salvação coincide com a libertação que Deus revelou à humanidade em seu Filho Jesus: libertação total para todas as pessoas, portanto, eliminação de qualquer tipo de ameaça, sofrimento e negação da vida. Schillebeeckx demonstra que as religiões e igrejas são “sacramento da salvação-no-mundo”, e que as experiências históricas de Revelação fundamentam o encontro da pessoa humana com Deus em Jesus Cristo. O autor se refere a uma busca recíproca entre Deus e as pessoas humanas, que aparece nas tradições de fé da história da humanidade. A realização desta busca atinge seu ápice e encontra seu vértice na pessoa de Jesus Cristo, que revela o Reino de Deus por meio de sua pregação e atuação. Ele mesmo é o Reino, antecipado escatologicamente na história. O caminho de vida e morte de Jesus, confessado na comunidade cristã como o Cristo, revela seu “interesse” fundamental: o Reino de Deus.

A partir do Concílio Vaticano II, o interesse teológico de Edward Schillebeeckx se concentrou na problemática hermenêutica, passando a se dedicar à investigação do singular problema da interpretação dos textos da revelação bíblica, procurando entender a inteligibilidade e atualização dos seus conteúdos. Para ele, é importante perceber que tipo de experiência os discípulos fizeram com Jesus de Nazaré, e como transmitiram a pregação pós-pascal do Evangelho às comunidades dos novos discípulos, constituindo um quadro interpretativo no qual Jesus fosse situado e entendido.

Comentando o pensamento do teólogo dominicano, Faustino Teixeira afirma que, “segundo Schillebeeckx, o cristianismo não é ‘em primeiro lugar uma mensagem na qual se deve crer, mas uma experiência de fé que se torna uma

²⁸ Cf. SCHILLEBEECKX, E., *História humana: revelação de Deus*, p. 17-48; 150-163.

mensagem”²⁹. Mais do que a aceitação da mensagem evangélica pregada, o que parece importante para a compreensão da ação salvífica de Cristo é a experiência de vida feita a partir do caminho de vida percorrido por Jesus, na prática dos princípios que levavam Jesus a viver na fidelidade ao Pai, ou seja, os princípios do Reino de Deus. Do ponto de vista escatológico, de uma escatologia de práxis histórica, como percebemos na teologia schillebeeckxiana³⁰, o discípulo, em qualquer tempo, há de empreender um seguimento de Cristo tal que lhe coloque na fidelidade ao Reino, como o fez o seu Senhor. Para Schillebeeckx, “onde o bem triunfa e a injustiça e o sofrimento cedem, Deus é testemunhado na práxis”³¹.

Portanto, no tocante à temática e às hipóteses desta pesquisa, encontramos na literatura schillebeeckxiana uma contribuição útil, exclusiva e peculiar para a compreensão da antecipação escatológica do Reino de Deus, na história e na práxis de homens e mulheres na Igreja e no mundo. A confirmação de nossas hipóteses podemos encontrá-las nas assertivas deixadas por Schillebeeckx nos seus artigos e obras³².

Considerando todo o “caminho de vida de Jesus”, Schillebeeckx situa na morte e ressurreição de Jesus o núcleo central da antecipação escatológica do Reino de Deus, atestada pela fé pascal da comunidade dos discípulos, pois,

²⁹ TEIXEIRA, F., Edward Schillebeeckx: o tempo no coração da teologia. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-arquivadas/31788-edward-schillebeeckx-o-tempo-no-coracao-da-teologia> (25 de Abril de 2010). Acesso em: 30 jun. 2016.

³⁰ Ao longo desta pesquisa, usaremos esta expressão para adjetivar a obra teológica de Edward Schillebeeckx.

³¹ A práxis do Reino é identificada por Schillebeeckx como um “risco de vida”, pois é materializada em todo esforço em prol da justiça e do amor. Cf. SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 167-168.

³² Cf. SCHILLEBEECKX, E. H., Algumas reflexões acerca da interpretação da Escatologia. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ, v. 05, fasc. 41, 1969, p. 37-50, onde encontramos a definição “schillebeeckxiana” de Escatologia; cf. Id., Teorias críticas e engajamento político na comunidade cristã. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ, fasc. 4, 1973, p. 434-445. Neste texto, o autor reflete sobre a ortopraxia política do cristão nas realidades do mundo a ser evangelizado. Cf. Id., Dios, Futuro del Hombre. Verdad Y Imagen 9. Salamanca: Sígueme, 1971. Nas páginas 48-57; 77-98; 111-124; 127-138; 151-221 encontramos importantes reflexões sobre a práxis do Reino em perspectiva escatológica; cf. Id., La misión de la Iglesia. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1971. Nas páginas 71-114, sob o título “Fé Cristiana y Esperanzas terrenas”, encontramos a reflexão do autor sobre a práxis social da Igreja como antecipação escatológica do Reino de Deus; cf. Id., Deus e o homem. São Paulo: Paulinas, 1969. Na introdução, como também os textos das páginas 233-258, encontramos indicações da práxis do Reino no mundo; como também nesta mesma obra, nas páginas 97-106, e 182-189, encontramos os conceitos próprios do autor, tais como: “Jesus, um homem-para-os-outros”; “santidade mundana”; “Deus, o Terceiro transcendente presente em todos os nossos encontros com o próximo neste mundo”, que sugerem a práxis do Reino, como antecipação escatológica na vida de Jesus e de seus seguidores; cf. Id., Uma espiritualidade para o homem de hoje. Revista Grande Sinal: Revista de Espiritualidade. Vol. 39, fasc. 01, Jan-Fev/1985, p. 12-18. Neste artigo do autor, encontramos sua reflexão sobre a práxis do Reino e sua antecipação escatológica.

segundo Schillebeeckx, “sem antecipação eficaz da ressurreição na vida terrena de Jesus, a Páscoa não passa de ideologia [...]. A fé de Jesus na promessa como fonte de práxis original antecipa historicamente o sentido da ressurreição”³³. E, mais adiante, Schillebeeckx confirma: “o caminho de vida de Jesus é, com efeito, em si mesmo, práxis do reino de Deus, antecipação histórica da ressurreição, e sua morte é parte integrante deste caminho de sua vida”³⁴.

Componente do *querigma* dos evangelhos e da literatura paulina, a ressurreição de Jesus é, para Schillebeeckx, de tal importância para a antecipação escatológica do Reino de Deus, que - à luz deste evento escatológico - Schillebeeckx põe em evidência três aspectos de relevo teológico para a fé cristã:

1. A ressurreição é “o reconhecimento do significado interno irrevogável da prédica e prática do reino de Deus da parte de Jesus”³⁵.
2. A ressurreição de Jesus é “a irrupção ou a manifestação de algo que já se achava presente na vida e morte de Jesus, a saber, sua comunhão de vida ou de graça com o Deus vivo, comunhão que nenhuma morte podia romper”³⁶, ou seja, vida eterna iniciada já na terra.
3. A ressurreição de Jesus “é também em germe o estabelecimento do reino de Deus, a exaltação e glorificação de Jesus junto de Deus”³⁷.

A presença de Jesus de Nazaré no mundo de seu tempo se estende na sua “presença pneumática” nos crentes³⁸. Toda a práxis do Reino percebida na vida de Jesus foi adotada pelos discípulos do Reino, que compõem a nova comunidade escatológica, que dão continuidade, pela história afora, à mesma práxis de Jesus, antecipando a proximidade escatológica do Reino, num “já” que fortalece a esperança no futuro escatológico de Deus, mas que “ainda não” se possui plenamente³⁹.

³³ SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 169.

³⁴ A ressurreição dá à práxis do Reino na vida de Jesus o caráter escatológico de sua antecipação na história, e confere identidade continuada e permanente a Jesus: “Em sua práxis do reino de Deus, Jesus já antecipa sua ressurreição [...]. O Crucificado é também o Ressuscitado”. Cf. SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 169-171.

³⁵ Ibid., p. 172.

³⁶ Ibid. loc. cit.

³⁷ Ibid. loc. cit.

³⁸ Ibid., p. 173.

³⁹ Schillebeeckx se refere ao “já” da esperança e ao “ainda não” da fé, numa das obras de sua trilogia. Cf. SCHILLEBEECKX, E., Il Cristo. La storia di una nuova prassi, p. 317-318; cf. Id., História humana: revelação de Deus, p. 169.

Assim, a práxis do Reino revela e realiza a antecipação escatológica do mesmo Reino na História. Com Jesus, o Reino de Deus se aproximou da humanidade (cf. Mc 1,14-15), em anúncio e em práticas de esperança e vida, sendo acolhido por seus discípulos, mediante a fé e a conversão. Como mistério, que se revela por meio das contingências históricas, o Reino vai sendo percebido ao longo da História, através da ortopraxia dos discípulos que se mantêm fiéis a Jesus de Nazaré⁴⁰.

O Reino foi anunciado por Jesus, o Profeta escatológico do Pai, através de bem-aventuranças e de parábolas, que consistiam no programa de vida para aqueles que o acolhessem e a ele aderissem. Segundo Schillebeeckx, “Jesus ilustrou em numerosas parábolas o que ele pensa do ‘reino de Deus’ e, conseqüentemente, de ‘Deus’”⁴¹. As parábolas sinalizavam o modo de Deus agir em Jesus, como palavra iluminadora e, ao mesmo tempo, julgadora da vida dos que resistiam à proposta de conversão e vida segundo o Reino de Deus.

As parábolas em si já falavam da pessoa de Jesus, do seu jeito de pensar e agir, que revelavam por si só o modo de pensar e agir salvífico de Deus Pai. Jesus mesmo era a parábola vivente do Pai, o anunciador e o realizador do Reino, no que dizia e fazia. No seu agir, em sua práxis, o Reino acontecia, devolvendo a vida, a esperança, a saúde, a dignidade, a comunhão e a alegria aos pobres e pecadores, excluídos do convívio dos amados por Deus por aqueles cuja compreensão da Lei mosaica impedia o acesso ao Reino de Deus.

O que movia Jesus a amar os pobres não era a nobreza espiritual ou ética deles, mas sua incapacidade experimentada na condição em que se encontram: aleijados, pobres ou gravemente enfermos. Exatamente por estas pessoas, a mensagem do Reino pregado por Jesus é acolhida, ao passo que a pregação do Reino é rejeitada pela elite soberba dos seus contemporâneos. Para Schillebeeckx, “Jesus mostra nas parábolas ‘a outra face da religião (= igreja)’: o seu modo de ser o ‘Deus dos homens’ e, com efeito, de todos os homens; faz dele em primeira linha o Deus dos rejeitados e marginalizados”⁴². Quem não percebe este jeito de se revelar de Deus na pregação e na práxis de Jesus, nada entendeu da mensagem de Jesus sobre o Reino de Deus.

⁴⁰ Cf. SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 172-173.

⁴¹ Ibid., p. 154.

⁴² Ibid., p. 155.

Do seguimento de Jesus, através da conversão, os discípulos experimentaram uma identificação existencial de si com Jesus e com a mensagem do Reino. Nesta mensagem cheia de escatológica esperança, Jesus anunciava libertação e vida, e as mostrava presentes e possíveis já neste mundo, através de suas ações libertadoras e vivificadoras para as pessoas, que sofriam com variadas formas de negação da vida.

A práxis do Mestre Jesus foi assumida pelos discípulos, membros da Comunidade escatológica, a quem Jesus confiou a missão de ir pelo mundo inteiro, fazendo discípulos seus a todos os povos, e realizando a mesma práxis de vida e esperança do Reino de Deus (cf. Mt 28,18-20). Do mesmo modo, a fidelidade ao mandato missionário de Jesus, fez com que os discípulos - de ontem e de hoje - adotassem o caminho de vida de Jesus, e no testemunho comprometido e libertador que dão, com o sacrifício da própria vida, revelam que o Reino de Deus continua se antecipando escatologicamente em tal práxis, pois aí se promove a vida no lugar da morte, a alegria onde a dor era imposta, a dignidade para quem, cruel e inumanamente, se lhe negava: o Reino de Deus aporta para a humanidade a esperança de um mundo novo e “sem males”, e aponta para uma antecipada realidade de sororidade, de fraternidade inaudita, mas sempre desejada desde a protologia bíblica, uma feliz realização do projeto divino ao criar a humanidade (cf. Gn 1-2)⁴³. Para Schillebeeckx, “o advento deste mundo novo não pode realizar-se sem a ação humana, na qual Jesus nos precedeu”⁴⁴.

Nesta dinâmica da antecipação escatológica, por meio da práxis de vida, os discípulos experimentaram sempre uma tensão positiva para o Reino, motivada pelo próprio Espírito de Jesus, enquanto que, ao mesmo tempo, sofreram o impacto da tentação de uma práxis que se opõe ao Reino de Deus⁴⁵. Assim, em

⁴³ A este propósito, Paulo Suess elaborou um estudo indicativo para a demonstração da possibilidade da sororidade universal numa terra pensada sem males, a partir da realidade dos índios Guarany. Cf. SUESS, P., Por uma ‘Terra sem Mal: mito guarani e projeto de sororidade. Curso de Verão: ano XV. Produzir a esperança: projetos de sociedade e utopia do reino. São Paulo: Paulus, CESEEP, 2001, p. 151-173.

⁴⁴ SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 156.

⁴⁵ Acerca da tensão para a práxis do Reino na vida dos discípulos na Igreja atual, ver: CASALDÁLIGA, P.; VIGIL, J. M., Espiritualidade da Libertação. Série III – A libertação na história. Coleção Teologia e Libertação. Petrópolis-RJ: Vozes, 1993. Encontramos nesta obra excelentes artigos que delinham a Espiritualidade da Libertação latiano-americana, como possível espiritualidade da práxis do Reino de Deus. Destacam-se nele os artigos: “Práxis” (p. 73-75); “Reinocentrismo” (p. 107-115); “o seguimento de Jesus” (p. 122-129); “contemplativos na libertação” (p. 129-146); “a prática do amor” (p. 159-165); “Cruz/conflitividade/martírio” (p. 172-183); “penitência libertadora” (p. 183-192); “macroecumenismo” (p. 192-200); “Santidade

meio a buscas e frustrações, alimentando a esperança num mundo segundo o Reino, ao mesmo tempo em que enfrentam uma cotidiana e dura luta contra todos os agentes do anti-Reino, os discípulos missionários de Cristo dos tempos atuais na Igreja na América Latina se veem desafiados a assumir a esperança pró-ativa, e a perseverar numa permanente conversão e fidelidade às exigências do Reino de Deus.

A este ponto, é necessário sublinhar a importância do ambiente geográfico e teológico em que esta pesquisa se desenvolve, pois esta localização define seu perfil e sua identidade também em relação ao contexto eclesial do interesse de todos. Schillebeekx trata da concretização hodierna da universalidade cristã, recordando que no contexto atual, a teologia leva em conta o tempo e o espaço a que se encontra vinculada a Igreja. É nesta realidade sócio-eclesial que se concretiza a mensagem do Evangelho, como num novo *Sitz im Leben*. A propósito desta localização da pesquisa, Schillebeekx diz que “por isso me estimulam sobretudo formas latino-americanas, asiáticas e africanas de teologia da libertação, e desde muito tempo este é o tema de minha pesquisa teológica”⁴⁶. Na linha desta postura de pesquisa de caráter “católico” de Schillebeekx, dedicamos o quarto capítulo desta Tese a um endereço eclesiológico de “rosto” bem definido. Por isso, perguntamos: qual é o “rosto” dos sujeitos eclesiais a quem se refere e a quem se destina esta pesquisa? Trata-se de um “rosto amazônico”, pois esta

política” (p. 201-207); “nova eclesialidade” (p. 207-218); “esperança pascal” (p. 218-220); “fiéis no dia-a-dia” (p. 220-224); “Constantes da espiritualidade da libertação” (p. 228-232).

⁴⁶ SCHILLEBEECKX, E., *História humana: revelação de Deus*, p. 218. A propósito da evolução da Teologia na realidade latinoamericana, a chamada Teologia da Libertação fez significativos avanços e despertou o interesse de teólogos do mundo inteiro. Prova disso é o Fórum Mundial de Teologia e Libertação - FMTL, que surgiu no contexto do Fórum Social Mundial, em 2003 no Rio Grande do Sul, como um espaço de encontro para reflexão teológica de alternativas e possibilidades de mundo, tendo em vista contribuir para a construção de uma rede mundial de teologias contextuais marcadas por perspectivas de libertação, que, em caráter ecumênico, acolhe e promove a expressão de espiritualidades ecológicas, motivando o aprofundamento de problemas globais de ordem socioeconômica, à luz dos recursos da Teologia e vice-versa. Concomitantes com esta iniciativa, e igualmente membros do Fórum Mundial de Teologia e Libertação, encontram-se na América Latina também em plena atuação, com Congressos e encontros periódicos: a Associação Ecumênica de Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo – ASSET, a Ameríndia – Associação de Teólogos Intelectuais Católicos da América Latina, a Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – SOTER, a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião – ANPTECRE, dentre tantas outras Universidades, católicas, evangélicas e ecumênicas, cujos Teólogos e Teólogas muito têm contribuído para o desenvolvimento da pesquisa e da produção teológica. Cf. WORLD FORUM ON THEOLOGY AND LIBERATION. Quem somos. Disponível em: <http://wftlofficial.org/quem-somos/>. Acesso em: 20 abr. 2019.

pesquisa em Escatologia se desenvolveu em chão amazônico⁴⁷, e, portanto, em contexto eclesial latino-americano. Apesar deste entalhe geográfico e teológico, nossa pesquisa tem, ao mesmo tempo, os pés na Amazônia e o pensar teológico em diálogo com Autores exponenciais da clássica Teologia, de importância universal.

Assim, além de querermos contribuir com a Escatologia, em geral, fizemos um recorte de ênfase eclesiológica, para demonstrar como a práxis do Reino o tem antecipado escatologicamente na atividade da Igreja na América Latina, tendo como pano de fundo o contexto da Teologia da Libertação e as opções que a Igreja fez no período de recepção do Concílio Vaticano II, no qual se desenvolveu ampla e profunda reflexão sistemática com notável contribuição para a Teologia e, especificamente, para a Escatologia⁴⁸.

⁴⁷ Exercemos nosso ministério presbiteral na Diocese de Bragança do Pará, na Amazônia Ocidental, e este é o chão geográfico e teológico a partir do qual oferecemos à Escatologia a contribuição desta pesquisa.

⁴⁸ Cf. AQUINO JÚNIOR, F. de., Práxis cristã em tempos de globalização. REB – Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 67, fasc. 266, Abr-Jun/2007, p. 280-304. Neste texto, o Autor oferece iluminadoras reflexões sobre a práxis do Reino na história e no mundo globalizado; cf. BARREIRO, A., Superação do dualismo entre fé cristã e compromisso terrestre: Atualidade de um tema central da *Gaudium Et Spes*. Perspectiva Teológica. Belo Horizonte, v. 27, fasc.73, Set./Dez-1995, p. 355-368, onde encontramos excelente reflexão da práxis do Reino como antecipação escatológica; cf. BLANK, R. J., Nosso mundo tem futuro: Escatologia cristã - 2. São Paulo: Paulinas, 1993. Neste texto, nas páginas 77-126, o autor trata da concretização da práxis do Reino como antecipação escatológica. Cf. LIBÂNIO, J. B.; BINGEMER, M. C. L. Escatologia cristã. O Novo Céu e a Nova terra. Col. Teologia e Libertação, Série III, A Libertação na História, 3ª ed., Petrópolis-RJ: Vozes, 1996. Os autores oferecem excelente reflexão sobre a escatologia cristã, em suas dimensões pessoal, histórica e social. Cf. MIRANDA, M. de F., Libertados para a práxis da justiça: a teologia da graça no atual contexto Latino-americano. Coleção Fé e Realidade, vol. 8. São Paulo: Loyola, 1980. Nas páginas 25-45, o Autor faz uma síntese sobre o Reino, sua pregação e sua práxis na pessoa de Jesus. Cf. MONDIN, G. B., La Chiesa primazia del Regno: Trattato di ecclesiologia. Bologna: EDB, 1986. (Corso di Teologia Sistemática, 7). Neste texto, Mondin elabora um tratado de Ecclesiologia que traz a definição que Schillebeeckx dá sobre a Igreja, na página 236, e a realização do Reino de Deus na práxis da Igreja, especialmente nas páginas 389-403; cf. NEUTZLING, I., O Reino de Deus e os pobres. Coleção Fé e Realidade, vol. 20. São Paulo: Loyola, 1986, em cujo texto, nas páginas 185-212, encontramos sistemática reflexão sobre a práxis de Jesus e a práxis de seus discípulos na Igreja em vista da vinda do Reino de Deus. Cf. SOBRINO, J., La teología y el “principio liberación”. Revista Latinoamericana de Teología. San Salvador, vol. 12, fasc. 35, May-Ago/1995, p. 115-140. No texto, Sobrino fala da prática da libertação e do Reino na América Latina como antecipação escatológica do Reino de Deus; cf. Id., La centralidad del reino de Dios anunciado por Jesús. Revista Latinoamericana de Teología. San Salvador, vol. 23, fasc. 68, May-Ago/2006, p. 135-160. Neste texto, o Autor elabora seu conceito sobre o Reino de Deus, anti-Reino, utopia, práxis do Reino na América Latina; cf. SUESS, P., Por uma “Terra sem Mal”: mito guarani e projeto de sororidade. Curso de Verão: ano XV. Produzir a esperança: projetos de sociedade e utopia do reino. São Paulo: Paulus, CESEEP, 2001, p. 151-173; nestas páginas, o autor comenta a respeito da práxis do Reino como antecipação escatológica em ambiente dos Índios Guarany. Cf. SUNG, J. M., Teologia da libertação entre o desejo de abundância e a realidade da escassez. Perspectiva Teológica. Patrística, Belo Horizonte, ano 35, fasc. 97, Set-Dez/2003, p. 341-468. Encontra-se neste texto uma aproximação crítica da esperança na antecipação escatológica do Reino de Deus. Cf. TAMAYO-ACOSTA, J. J., Para

Entretanto, no contexto da pesquisa teológica acadêmica mais recente, a respeito da temática que pesquisamos, vários autores podem ser colocados em diálogo com Schillebeeckx. Dentre eles, destacamos: Wolfhart Pannenberg, com sua teologia proléptica da salvação⁴⁹; Antônio Pagola, com sua cristologia de aproximação histórica⁵⁰; José Maria Castillo, com sua cristologia da imanência e da humanidade de Deus em Jesus Cristo⁵¹, bem como alguns outros nos quais encontramos relevantes reflexões sobre a práxis do Reino de Deus, tais como Jon Sobrino⁵², Gustavo Gutierrez⁵³ e Jurgen Moltmann⁵⁴, dentre tantos outros. Como a tese se articula em torno de termos, tais como “práxis do Reino” e “escatologia de Edward Schillebeeckx”, a respeito de obras cristológicas que destacam a práxis do Reino na vida de Jesus e de seus discípulos, encontramos vasta lista de autores que se concentraram na referida temática, muitos dos quais citam obras de Edward Schillebeeckx⁵⁵.

comprender la escatologia cristiana. Estella: EVD, 1993. Nas páginas 134-151 deste texto, o Autor elabora sua reflexão sistemática sobre a práxis do Reino, citando Schillebeeckx, e a prática do Reino na América Latina; cf. TEIXEIRA, F. L. C., Comunidades Eclesiais de Base: Bases teológicas. Petrópolis-RJ: Vozes, 1988. Nas páginas 29-59; 89-101, Faustino comenta a práxis do Reino na Igreja e no mundo, e a prática da justiça do Reino de Deus; cf. VIGIL, J. M., Crer como Jesus: a espiritualidade do Reino: elementos fundantes de nossa espiritualidade latino-americana. REB - Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 58, fasc. 232, 1998, p. 943-950. No texto encontramos elementos da espiritualidade que motivam a práxis do Reino de Deus na América Latina.

⁴⁹ “Prolepse” é termo usado por Wolfhart Pannenberg em sua obra *Teologia Sistemática*. Nesta pesquisa, ao invés, preferimos usar o termo “antecipação” por condizer com a reflexão de Edward Schillebeeckx. Em ambos os Autores, o sentido dos termos é o mesmo, sendo que em Schillebeeckx, tal antecipação se torna visível na práxis de Jesus e na ortopráxis da comunidade cristã. Cf. SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 156; Cf. PANNEBERG, W., Teologia Sistemática. Vol. 3, Santo André; São Paulo: Editora Academia Cristã Ltda; Paulus, 2009.

⁵⁰ Cf. PAGOLA, J. A., Jesus: aproximação histórica. 6ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

⁵¹ Cf. CASTILLO, J. M., Jesus, a humanização de Deus. Ensaio de cristologia. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.

⁵² Em Jon Sobrino encontramos evidente viés escatológico da práxis do Reino. Cf. SOBRINO, J., A fé em Jesus Cristo. Ensaio a partir das vítimas. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000; cf. Id., La centralidad del reino de Dios anunciado por Jesús. Revista Latinoamericana de Teología, San Salvador, v. 23, fasc. 68, May/Ago-2006, p. 136-160; cf. Id., O Reino de Deus anunciado por Jesus: reflexões para o nosso tempo. Caminhos da Igreja na América Latina e no Caribe: novos desafios. Belo Horizonte: SOTER; São Paulo: Paulinas, 2006, p. 241-261.

⁵³ Considerado o “pai da Teologia da Libertação” latinoamericana. Nesta pesquisa, citaremos uma de suas obras que possui temáticas mais pertinentes à práxis do Reino na América Latina. Cf. GUTIÉRREZ, G., Onde dormirão os pobres?. 3ª edição. São Paulo: Paulus, 2003.

⁵⁴ Em Moltmann encontramos um amplo estado da questão da escatologia e do Reino de Deus. Cf. MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Teológica/Loyola, 2005; Id., O Deus crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André/SP: Academia Cristã, 2011; Id., O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas. Santo André/SP: Academia Cristã, 2009.

⁵⁵ RATZINGER, J./BENTO XVI, Jesus de Nazaré: primeira parte. Do batismo no Jordão à transfiguração. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007; Id., Jesus de Nazaré. Da entrada em

Quanto ao pensamento escatológico de Edward Schillebeeckx, que é o objeto formal desta pesquisa, concentraremos nosso interesse na trilogia cristológica do autor, já acima referida. Entretanto, há uma extensa lista de artigos e obras de Schillebeeckx, e sobre ele, que iluminam a temática desta pesquisa⁵⁶.

Jerusalém até à Ressurreição. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011; BOFF, Leonardo. Jesus Cristo libertador, 21ª ed.. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012; CASTILLO, J. M., El reino de Dios: por la vida y la dignidade de los seres humanos; 6ª ed. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 1999; KASPER, W., Jesus, el Cristo. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1986; MALONEY, E. C., Mensagem urgente de Jesus para hoje. O Reino de Deus no Evangelho de Marcos. São Paulo: Paulinas, 2008; MOLTMANN, J., Quem é Jesus Cristo para nós hoje?. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997; RUBIO, A. G., O encontro com Jesus Cristo vivo: um ensaio de cristologia para os nossos dias. 15ª ed. São Paulo: Paulinas, 2012; RUIZ DEGALARRETA, J., Para leer el Reino em Parabolas. Espanha: Editorial Verbo Divino, 2012; SCHLOSSER, J., Le Regne de Dieu dans les dits de Jesus. Paris: Gabalda, 1980; THEISSEN, G.; MERZ, A., O Jesus histórico: um manual. São Paulo: Loyola, 2002.

⁵⁶ Cf. SCHILLEBEECKX, E., Cristo sacramento do encontro com Deus: Estudo teológico sobre a salvação mediante os sacramentos. Tradução de Rose Marie Muraro. Petrópolis-RJ: Vozes, 1967; Id., Crítica profana à obediência cristã e reação dos cristãos à mesma. Tradução de João Batista Michelotto. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 16, fasc. 159, 1980, p. 1090-1106. Obediência e liberdade na Igreja (p. 18-34); Id., Magistério de todos: reflexão sobre a estrutura do Novo Testamento. Tradução de Gaspard Gabriel Neerinck. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 21, fasc. 200, 1985, p. 386-396. Os fiéis também ensinam na Igreja: análises teológicas fundamentais do problema; Id., Identidade cristã e integridade humana. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 18, fasc. 175, 1982, p. 510-521. Identidade cristã e integridade humana; Id., Preparados para o Evangelho da paz. Tradução de João Batista Michelotto. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 19, fasc. 184, 1983, p. 492-504. Igreja e paz; Id., Ministérios na Igreja dos Pobres. Tradução de Alexandre Noordeloos. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 20, fasc. 196, 1984, p. 819-831. Em favor da Igreja popular: povo de Deus no meio dos pobres. Uma reflexão sistemática sobre o Povo de Deus no meio dos pobres; Id., O Evangelho não pode estar sujeito à arbitrariedade. Tradução de Alexandre Noordeloos. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 19, fasc. 190, 1983, p. 1191-1196. 20 anos de Concilium - retrospectiva e prospectiva. Este texto contém uma importante avaliação feita por Schillebeeckx das publicações feitas na Revista Concilium nos seus primeiros 20 anos; Id., Algumas reflexões acerca da interpretação da Escatologia. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 05, fasc. 41, 1969, p. 37-50; neste texto se encontra uma oportuna definição de “Escatologia” feita por Edward Schillebeeckx; Id., The Language of Faith. Essays on Jesus, Theology, and the Church. Introduction by Robert J. Schreiter. Concilium Series, Maryknoll, New York; Orbis Books / SCM Press, London, England, 1969; Id., Jesus e o fracasso na vida humana. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 3, fasc. 113, 1976, p. 332-343; Id., O magistério e o mundo da política. Concilium. Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, fasc. 6, 1968, p. 21-59; Id., Teorias críticas e engajamento político na comunidade cristã. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, fasc. 4, 1973, p. 434-445; Id., O “Deus de Jesus” e o “Jesus de Deus”. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-Rj: Vozes, fasc. 3, 1974, p. 381-396; Id., I Sacramenti punti d’incontro con Dio. Giornale di Teologia, 3. Editoriale e traduzione di Eliseo Ruffini. 3ª ed. Brescia: Queriniana, 1967; Id., Umanità - la storia di Dio. Brescia: Queriniana, 1992; LAGUENS, A. R., Exigências humanas de La proclamación Cristiana em E. Schillebeeckx. La Proclamación del Mensaje Cristiano. Actas del IV Simposio de Teología Histórica (28-30.Abril.1986). Facultad de Teología San Vicente Ferrer. Series Valentina XVII. Valencia, 1986, p. 343-350; BOSCH NAVARRO, J., Schillebeeckx, Edward. In: Diccionario de Teólogos/as Contemporáneos. Editorial Monte Carmelo. Burgos, 2004, p. 850-861; BIFFI, G., Per una escatologia rinnovata. La Scuola Cattolica, Milano, 96, 1968, p. 417-422; BORGMAN, E. P. N. M., Reflexões de Edward Schillebeeckx sobre os sacramentos e o futuro da teologia católica. Tradução de Gentil Titton. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes: v. 48, fasc. 344, Jan-Abr/2012, p. 13-25; ERP, S.

A temática da práxis do Reino de Deus do ponto de vista escatológico se encontra em franco desenvolvimento na pesquisa acadêmica atual. Como nossa contribuição para a Escatologia, nesta pesquisa, é delimitada por um preciso corte epistemológico, isto é, a percepção específica de Schillebeeckx sobre a práxis antecipatória do Reino de Deus, daremos prioridade à reflexão do Autor constante em seus vários artigos, nos quais sua reflexão teológica se dedica às temáticas escatológicas, e da práxis do Reino de Deus⁵⁷.

Com este esforço, queremos contribuir com a Escatologia e com o avanço da pesquisa em Teologia, e esperamos que outras pessoas encontrem aqui algumas oportunas e modestas sugestões que lhes conduzam a melhores e mais iluminadas pesquisas.

1.5 Proposta de desenvolvimento da Tese

Nossa proposta de desenvolvimento da temática nesta Tese é aprofundar três aspectos fundamentais: a Escatologia de Schillebeeckx, sua cristologia de caráter escatológico e a práxis do Reino de Deus como antecipação escatológica na América Latina. Estes eixos terão como moldura a introdução e a conclusão geral da Tese, seguida das Referências bibliográficas.

van. Encarnação ininterrupta como futuro da humanidade: A promessa da teologia sacramental de Schillebeeckx. Tradução de Gentil Titton. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 48, fasc. 344, Jan-Abr/2012, p. 97-111; a temática do Reino de Deus (*Reich Gottes*) atravessa toda a recente obra de Gerhard Lohfink, na qual o Autor usa a expressão “domínio de Deus” (*Gottesherrschaft*), e oferece oportuna filologia acerca do conceito do Reino. Cf. LOHFINK, G., *Jesus de Nazaré. O que Ele queria? Quem Ele era?* Petrópolis-RJ: Vozes, 2015; MURRAY, P., *Vicissitudes, altos e baixos e aspectos práticos da análise eclesiológica: Uma perspectiva sobre a natureza do trabalho eclesiológico em diálogo com Edward Schillebeeckx.* Tradução de Gentil Titton. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 48, fasc. 344, Jan-Abr/2012, p. 73-96.

⁵⁷ SCHILLEBEECKX, E., *La misión de la Iglesia.* Salamanca: Ediciones Sígueme, 1971, p. 71-114 – “Fé Cristiana Y Esperanzas terrenas” – sobre a práxis social da Igreja como antecipação escatológica do Reino de Deus; Id., *O mundo e a Igreja.* São Paulo: Paulinas, 1971, p. 251-265 – Texto de bom alcance histórico-escatológico do agir da Igreja; Id., *Deus e o homem.* São Paulo: Paulinas, 1969. Nas páginas 97-106; 182-189 – páginas onde se encontram os conceitos de “Jesus, um homem-para-os-outros”; “santidade mundana”; “Deus, o Terceiro transcendente presente em todos os nossos encontros com o próximo neste mundo”. Além disso, a introdução, como também os textos das páginas 233-258 fornecem indícios da práxis do Reino no mundo; Id., *Soy un teólogo feliz. Entrevista com Francesco Strazzari.* Introducción de Roberto Ribellini. Madrid: Sociedad de Educacion Atenas, 1994. Encontramos nas páginas 5-69; 99-110; 121-125, excelente resumo da atividade acadêmica de Schillebeeckx, já ao final de sua vida; Id., *Uma espiritualidade para o homem de hoje.* Revista Grande Sinal: Revista de Espiritualidade. Vol. 39, fasc. 01, Jan-Fev/1985, p. 12-18, com excelente artigo do Autor sobre a práxis do Reino e antecipação escatológica do Reino.

Assim, esta pesquisa se compõe de 6 capítulos, sendo: uma Introdução de caráter metodológico (1), na qual se comenta o objeto material e o objeto formal, a hipótese, a delimitação do tema e sua relevância para a Escatologia, e o estado da questão da práxis do Reino de Deus na Escatologia; depois disso, encontram-se três capítulos com os quais a temática é desenvolvida, que tratam da práxis do Reino na escatologia de Schillebeeckx (2), da Cristologia escatológica de Schillebeeckx (3) e da práxis do Reino no contexto da América Latina (4). Cada um destes três capítulos centrais da Tese possui seu conteúdo emoldurado por uma introdução e por reflexões conclusivas. Ao final, encontram-se a Conclusão (5) e as Referências bibliográficas (6).

Desejamos a todos bom proveito da leitura de nossa pesquisa.

2

Práxis do Reino na Escatologia de Schillebeeckx

2.1

Introdução

Neste capítulo, concentraremos nosso interesse nas reflexões escatológicas elaboradas por Edward Schillebeeckx⁵⁸. Nelas, encontraremos o pensamento do autor acerca da práxis do Reino de Deus, conforme queremos demonstrar ao longo desta pesquisa, a fim de contribuir com a comunidade acadêmica em Teologia, oferecendo os contornos da Escatologia do Autor, e a semântica original de sua reflexão e proposição do Reino antecipado na história, através da práxis amorosa e libertadora de Deus na atuação de Jesus, demonstrando o salvífico interesse de Deus pela causa da humanidade.

Começaremos por delinear o perfil biográfico e acadêmico de Schillebeeckx, colocando em evidência os aspectos fundamentais do legado de sua obra teológica, herdado por nós a partir de tantas obras e artigos por ele publicados, nos quais encontramos a articulação entre os diversos temas da Teologia tradicional. Embora o eixo inicial de articulação da teologia schillebeeckxiana⁵⁹ tenha sido o da sacramentalidade, ao longo de suas obras percebemos uma continuidade e aplicação prática do que a sacramentalidade sugere na ação pastoral da Igreja, de forma que o Autor, partindo da “economia

⁵⁸ Erik Borgman, teólogo holandês, professor na Faculdade de Ciências Humanas de Tilburg (Holanda), que fez a homilia da missa de exéquias de Schillebeeckx, contribuiu com importante artigo publicado pela Revista *Concilium* sobre Edward Schillebeeckx. É no editorial do fascículo 344 - 2012/1, que Erik Borgman se refere ao nome completo do dominicano belga: Edward Cornelis Florent Alfons Schillebeeckx. Daqui em diante, no texto desta Tese, preferiremos usar seu último nome, como é mundialmente conhecido: “Schillebeeckx”. Cf. BORGMAN, E.; MURRAY, P. D.; QUEIRUGA, A. T., Sacramentalizando a história humana. Em honra de Edward Schillebeeckx (1914-2009). *Concilium: Revista Internacional de Teologia*. Petrópolis-RJ: Vozes, n. 344-348, Jan./2012, p. 8.

⁵⁹ Ao longo de nossa pesquisa, usaremos o termo “schillebeeckxiano” (em gênero masculino ou feminino) para adjetivar aquilo que se refira ao pensamento e à produção teológica de Edward Schillebeeckx, como já encontramos usado por diversos autores, dentre os quais Franco Giuliano Brambilla, como se vê no texto seguinte, dentre tantos outros: “[...] Questa è la *struttura simbolica dell’annuncio*: la dimensione e la tematica della salvezza offerta ora e nel futuro si visibilizza nella storia, mediante le azioni e il messaggio verbale di Gesù, in una parola si media nella prassi corrispondente del Regno di Dio. È questo l’orientamento dominante della ricostruzione schillebeeckxiana e il suo profilo tipico, a cui l’A. [entenda-se “o Autor”] dedica una vasta rassegna critica”. Cf. BRAMBILLA, F. G., La cristologia di Schillebeeckx. La singolarità di Gesù come problema di ermeneutica teologica, p. 370-371. Grifos do autor, e nossa explicação entre os colchetes.

sacramental da salvação”⁶⁰, alcança e desenvolve a temática da práxis do Reino nas obras de sua conhecida trilogia cristológica, marcada por forte caráter escatológico⁶¹.

A seguir, vamos descrever os aspectos fundamentais da Escatologia de Schillebeeckx, que nos oferece as razões para a práxis do Reino de Deus, cujo fundamento se encontra no caminho de vida de Jesus Cristo.

Dentre tantas temáticas escatológicas, desenvolvidas por Schillebeeckx, escolhemos duas que nos parecem mais relevantes em sua Escatologia: a temática da ressurreição de Jesus e a práxis do Reino na história. Estas temáticas se relacionam e se articulam na práxis dos discípulos no mundo e na história, fundamentando o axioma schillebeeckxiano: “extra mundum nulla salus” (fora do mundo não há salvação), e nos levando a afirmar também que não há salvação fora da história – “extra historiae nulla salus”. Ao final do capítulo, faremos nossas reflexões conclusivas.

2.2

Vida e obra teológica de Edward Schillebeeckx

Para adequada compreensão da obra teológica e do pensamento de Schillebeeckx, precisamos refazer o ambiente histórico, eclesial e acadêmico em que ele viveu. Sendo que isso exigiria uma exposição muito detalhada, dada a amplitude de sua vida e obra, vamos aqui nos limitar à apresentação de alguns dados biográficos que nos ajudem a contemplar e entender a vida e carreira teológica do Autor, e de algumas linhas fundamentais do seu pensamento, que julgamos relevantes para fundamentar nosso estudo⁶².

⁶⁰ O título original da tese doutoral em teologia, defendida por Schillebeeckx em Le Saulchoir (Paris), em 1951, era: *L'économie sacramentelle du salut. Structure objective et participation subjective*. Cf. MONDIN, B., Os grandes teólogos do século vinte, p. 238.

⁶¹ “Jesus. A história de um vivente (1975); “Cristo e os cristãos. A história de uma nova práxis de vida” (1977) e “História humana. Revelação de Deus” (1989). Colhemos estes títulos e datas do Prefácio que o autor faz à terceira obra desta trilogia. Cf. SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 7.

⁶² Para um estudo mais detalhado da vida e obra teológica de Schillebeeckx, relacionada à nossa temática de pesquisa, desde seu contexto histórico-biográfico e acadêmico, veja-se: ANDREATTA, C. M., Experiência salvífica cristã e pluralismo religioso em Schillebeeckx. Rio de Janeiro, PUC, Departamento de Teologia, Tese (Doutorado), 2003, p. 45-273; BOBADILLA CRUZ, D., El carácter único y definitivo de la misión de Jesucristo en la cristología de Edward Schillebeeckx. Revista Iberoamericana de Teología. Ciudad de México: Universidad Iberoamericana, 12, enero-junio/2011, p. 9-46; BRAMBILLA, F. G., La Cristología di Schillebeeckx. La singularità di Gesù come problema di ermeneutica teologica. Pubblicazioni del

Edward Cornelis Florentius Alfonsus Schillebeeckx, dominicano e teólogo, nasceu em Antuérpia (Bélgica)⁶³, a 12 de novembro de 1914, três meses depois do início da Primeira Guerra Mundial, e faleceu em Nimega (Holanda), a 23 de dezembro de 2009, aos 95 anos. Era o sexto entre os quatorze filhos de Constant J. M. Schillebeeckx e Johana Petronella. Dos onze aos dezenove anos, Schillebeeckx estudou na escola interna dos Padres Jesuítas na cidade de Turnhout, na Província de Antuérpia. Em 1935, quando tinha vinte e um anos, Schillebeeckx concluiu seu ano de Noviciado na Ordem dos Frades Dominicanos, no qual fez estudos da história dominicana e literatura mística⁶⁴.

Após o Noviciado, Padre Henricus Schillebeeckx⁶⁵ estudou Filosofia em Ghent, entre 1935 e 1938, período em que prestou o serviço militar, e Teologia, de 1939 a 1943. Foi ordenado sacerdote a 10 de agosto de 1941, e continuou a viver e estudar em Lovaina durante os últimos anos da Segunda Guerra Mundial. Por determinação da Ordem Dominicana, Schillebeeckx foi destinado a se especializar

Pontificio Seminario Lombardo in Roma. Brescia: Morcelliana, 1989, p. 18-50; 57-86; 366-395; 513-546; KENNEDY, P., Schillebeeckx. London: Geoffrey Chapman, 1993, p. 1-119; LAGUENS, A. R., Exigencias humanas de la proclamación Cristiana en E. Schillebeeckx. La proclamación del Mensaje Cristiano. Actas del IV Simposio de Teología Histórica (28-30 abril 1986). Valencia: Facultad de Teología San Vicente Ferrer, 1986, p. 343-350; MONDIN, B., Os grandes teólogos do século vinte. Vol. 1. Os teólogos católicos. São Paulo: Paulinas, 1979, p. 237-268; PIVA, E. D., Os Oitenta Anos de Edward Schillebeeckx. REB – Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 54, fasc. 216, Dezembro/1994, p. 957-960; QUEIRUGA, A. T., O projeto cristológico de Edward Schillebeeckx – Parte I. Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura. São Paulo: Paulinas, 6, Ano II, p. 1-14; Ibid., Parte II. Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura. São Paulo: Paulinas, 6, Ano II, p. 1-12; Ibid., Parte III. Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura. São Paulo: Paulinas, 6, Ano II, p. 1-3; GIBELLINI, R., Edward Schillebeeckx: um teólogo na ágora da cidade secular e plural. REB – Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis-RJ: Vozes, 277, Janeiro/2010, p. 200-204; SIMON, D., Salvation and liberation in the practical-critical soteriology of Schillebeeckx. Theological Studies, 63, 2002, p. 494-520; TEIXEIRA, F. L. C., Colloqui con Francesco Strazzari, por Edward Schillebeeckx. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1993 apud REB – Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis-RJ: Vozes, 218, 1995, p. 465-468; TILLAR, E. K., Eschatological images of prophet and priest in Edward Schillebeeckx's theology of suffering for others. Heythrop Journal. Oxford: The Editor/Blackwell Publishing, vol. 43, January-2002, p. 34-59.

⁶³ Antuérpia está situada na fronteira com a Holanda e, por isso, em constante contato com os holandeses. Cf. MONDIN, B., Op. Cit., p. 238.

⁶⁴ Cf. ANDREATTA, C. M., Experiência salvífica cristã e pluralismo religioso em Schillebeeckx (Doutorado – Tese), p. 47.

⁶⁵ Antes do Concílio Vaticano II, era comum entre os membros das Ordens e Congregações Religiosas a mudança do nome recebido no Batismo e adoção de um novo nome, a partir dos Votos proferidos ao final do Noviciado, dado que se entendia a Consagração da pessoa na Vida Religiosa como um novo batismo. Daí que Padre Henricus Schillebeeckx, O. P., é o nome com o qual o Autor assina seu artigo “*Virgo Immaculata - Acta Congressus Mariologici-Mariani, Romae MCMLIV celebrati*”, Vol. IX – De immaculata conceptione aliisque privilegiis B. V. Mariae pro statu Christum natum antecedente et concomitante”, publicada pela Academia Mariana Internationalis, Roma, 1957, p. 305-321.

nos estudos de Teologia em Paris, e passou a frequentar a Faculdade Dominicana chamada *Le Saulchoir*⁶⁶.

Além de estudar nesta faculdade dominicana, Schillebeeckx também frequentou outros renomados e eruditos centros acadêmicos, como a Universidade de Sorbonne, a Escola de Estudos Superiores e o Colégio da França. Estudar em Paris (1946-1956) representou para Schillebeeckx grande estímulo para tornar amplo e polivalente seu trabalho teológico⁶⁷.

Em 1947, Schillebeeckx foi morar em Lovaina, onde substituiu seu antigo mestre Dominic De Petter⁶⁸, assumindo a formação espiritual de cerca de sessenta estudantes dominicanos, e foi professor de teologia até o ano de 1957 no *Studium Theologicum* dos Dominicanos. “Como docente de teologia, ele ensinava desde a teologia da criação até a escatologia, incluindo teologia propedêutica, sacramentos e cristologia”⁶⁹. Além da atividade formativa aos seus confrades dominicanos, Schillebeeckx também se dedicou a publicar artigos e à assistência pastoral de uma prisão local. Enquanto isso, o Autor se tornou conhecido no ambiente acadêmico pela publicação parcial de sua tese de doutorado em teologia, intitulada *De sacramentele hilseconomie – A economia sacramental da salvação*⁷⁰. Na segunda parte de sua tese, o autor se havia proposto estudar de modo especial o fundamento cristológico dos sacramentos, o seu aspecto antropológico, o seu valor salvífico e, por fim, as várias relações da economia sacramental com a

⁶⁶ A Faculdade Dominicana *Le Saulchoir* era, na época, uma das mais eminentes escolas de Teologia dos Frades Pregadores. Atualmente, ela já não existe. No entanto, em 1950, a Faculdade era responsável pela educação de mais de cem estudantes. Alguns de seus professores aconselharam Bispos durante o Concílio Vaticano II. Cf. KENNEDY, P., Schillebeeckx, p. 21.

⁶⁷ Cf. BRAMBILLA, F. G., *La Cristologia di Schillebeeckx. La singolarità di Gesù come problema di ermeneutica teologica*, p. 62.

⁶⁸ De Petter foi um corajoso filósofo dominicano, mestre de Schillebeeckx, que muito o influenciou. Dele, Schillebeeckx adotou a gnosiologia e por ele foi introduzido nos estudos sobre São Tomás de Aquino, e este se tornou seu teólogo preferido, cujo pensamento estudou com rara intensidade e o assimilou profundamente. Cf. MONDIN, B., *Os grandes teólogos do século vinte*, p. 238.

⁶⁹ Note-se que Schillebeeckx já iniciou seu magistério teológico ensinando Escatologia, dentre as demais disciplinas do curso teológico que ministrava em Lovaina, recobrando um período de quatro anos. Cf. ANDREATTA, C. M., *Experiência salvífica cristã e pluralismo religioso em Schillebeeckx (Doutorado – Tese)*, p. 47; cf. KENNEDY, P., *Op. Cit.*, p. 23.

⁷⁰ A tese foi publicada em Antuérpia-Bélgica, em 1952, como um primeiro de 700 páginas, dos dois volumes projetados. Tratava-se de uma obra monumental e magistral. Como o subtítulo o dizia, era uma “Reflexão teológica sobre a doutrina sacramental de São Tomás, à luz da tradição e da problemática sacramental contemporânea”. Segundo Battista Mondin, em sua tese, Schillebeeckx “estuda o desenvolvimento histórico do sacramental, à doutrina escolástica, especialmente São Tomás, o aspecto litúrgico dos sacramentos e também o seu aspecto psicológico, abordando os problemas na seguinte ordem: essência dos sacramentos, intenção do ministro e do sujeito, caráter sacramental, adesão religiosa do sujeito”. Cf. MONDIN, B., *Op. Cit.*, p. 240.

Igreja e o mundo, com a escatologia e com o sacrifício eucarístico. Por muito tempo, esta parte não foi publicada, até que por insistência dos seus amigos, Schillebeeckx publicou uma vigorosa síntese da obra em *De Christusontmoeting als sacrament van de Godsontmoeting* – Cristo, sacramento do encontro com Deus⁷¹. A decisiva contribuição dada por Schillebeeckx para a renovação da Teologia se situa na superação da manualística e a adoção da articulação da autocompreensão humana de fé atual com a tradição integral⁷².

Em janeiro de 1958, Schillebeeckx foi transferido para a Universidade Católica de Nimega, na Holanda, para lecionar Teologia prioritariamente para alunos da pós-graduação e se dedicar à pesquisa⁷³. A partir daí, se inicia a fase mais rica e criativa de sua atividade acadêmica e intelectual. O ambiente universitário lhe deu ocasião para contato com amplo público universitário e eclesial, possibilitando efetivo envolvimento no debate em torno das questões teológicas mais relevantes. Assim, Schillebeeckx participou ativamente da vida pastoral da Igreja na Holanda. Neste período, recebeu muitos convites para ministrar conferências e aulas como professor visitante em diversos lugares da Europa e dos Estados Unidos.

Em 1960, Schillebeeckx ajudou a fundar uma nova revista de teologia (*Tijdschrift voor Theologie*), da qual ele se tornou seu diretor-chefe. Mais tarde, em 1965, no contexto do Concílio Vaticano II, Schillebeeckx foi membro do Conselho Editorial da Revista Internacional de Teologia, intitulada *Concilium*⁷⁴,

⁷¹ Franco Giuliano Brambilla, nas notas preliminares de sua obra sobre a Cristologia de Schillebeeckx, oferece um elenco bibliográfico completo das obras do Autor. Neste elenco, Brambilla registra que Schillebeeckx publicou a obra derivada de sua tese doutoral sob o título: *Christus, sacrament van de Godsontmoeting*, Bilthoven (1959). Desta, derivaram ainda outras versões: *Christus, Sakrament der Gottbegegnung*, Mainz (1959); *Le Christ, sacrement de la rencontre de Dieu* (*Lex orandi*, 31), Paris (1961); *Cristo, sacramento dell'incontro con Dio*, Roma (1962); *Christ the Sacrament*, London (1963); *Christ, the Sacrament of the Encounter with God*, New York (1963). Cf. BRAMBILLA, F. G., *La cristologia di Schillebeeckx. La singolarità di Gesù come problema di ermeneutica teologica*, p. 22.

⁷² Cf. *Ibid.*, p. 65-66.

⁷³ Em contato com Congar e, sobretudo, com Chenu, Schillebeeckx se viu arremessado a novas perspectivas. Segundo Faustino Teixeira, quando começou a lecionar em Nimega, em 1958, iniciando com a cadeira de Escatologia, Schillebeeckx trazia consigo uma teologia progressiva, bem mais avançada que a teologia neo-escolástica vigente em Nimega. Cf. TEIXEIRA, F. L. C. *Colloqui con Francesco Strazzari, por Edward Schillebeeckx*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1993 apud REB - Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis-RJ: Vozes, 218, Junho/1995, p. 465-468.

⁷⁴ Atualmente editada com o nome de *Concilium* - Revista Internacional de Teologia, a revista teológica é publicada no Brasil pela Editora Vozes, em Petrópolis-RJ. Na Biblioteca do Instituto Teológico Franciscano, de Petrópolis, encontramos a maior parte dos artigos publicados por Schillebeeckx na Revista *Concilium*, desde 1965. No fascículo inaugural da Revista *Concilium* (*Dogma* - Janeiro de 1965), Schillebeeckx e Rahner escreveram o Editorial, sob o título: "Para quê

juntamente com teólogos ditos progressistas, como Yves Congar, Karl Rahner, Johann Baptist Metz e Hans Kung. Durante a preparação do Concílio, o Cardeal holandês Alfrink convidou Schillebeeckx a ir consigo às sessões do referido sínodo em Roma, do qual o frade dominicano participou ativamente no papel de conselheiro teológico⁷⁵.

O Concílio Vaticano II, em seu advento e período de duração, representou uma ocasião de mudança na temática teológica. Com isso, os grandes temas discutidos nas aulas conciliares, o encontro e diálogo frequente com os teólogos peritos do Concílio e tudo o que o próprio Concílio aprovou deram ambiência a um novo modo de refletir a Teologia para Schillebeeckx.

Entre os anos de 1966 e 1967, Schillebeeckx visitou por duas vezes os Estados Unidos, onde se confrontou com uma secularização mais radical e teve ocasião de conhecer teólogos como Avery Robert Dulles, Harvey Cox, Mckenzie, Richard Charles Smith, além de visitar várias universidades e encontrar com inúmeros estudantes. Os centros de interesse temático para Schillebeeckx, no período que vai de 1958 a 1984, são: secularização e a relação Igreja-Mundo

e para quem uma nova Revista Internacional de Teologia?” (p. 3-6), e no mesmo fascículo, Schillebeeckx publicou o artigo intitulado “Igreja e Humanidade” (p. 50 et. seq.). Cf. *Concilium - Revista Internacional de Teologia*. Dogma. Petrópolis-RJ: Vozes, fasc. 1, Janeiro/1965, p. 3-6; 50 et. seq. Por ocasião dos 50 Anos do encerramento do Concílio Vaticano II, a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro realizou o Vº Simpósio Internacional de Teologia, refletindo sobre “50 Anos do Final do Concílio Vaticano II”, e “50 Anos da Revista *Concilium*”, sob o tema: “Caminhos de Libertação: Alegrias e Esperanças para o futuro” – *Journeys of Liberation: The Joys and Hopes for the Future* - 26, 27 e 28 de Maio de 2015, no Campus Gávea da PUC-Rio. Na apresentação do Simpósio, lê-se: “A finalidade principal deste Simpósio é aprofundar a teologia conciliar, mas não apenas olhando para o passado – pujante e glorioso – dos pais fundadores como Rahner, Metz, Schillebeeckx, Congar, Kung e outros. Desejamos, antes, olhar para o futuro a partir do presente no qual o povo cristão partilha as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem (*Gaudium et Spes* 1)”. V SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA. Caderno de Resumos. Departamento de Teologia, PUC-Rio, Letra Capital, 2015, p. 13. Enquanto realizávamos nossa pesquisa, o último número da Revista *Concilium*, publicado em março de 2017, tratou da temática “Minorias”, com artigos de teólogos de vários países, que continuam a oferecer suas reflexões para que a Teologia dialogue com as mais variadas problemáticas da vida das pessoas de cada tempo. Cf. *Concilium - Revista Internacional de Teologia*. Petrópolis-RJ: Vozes, fasc. 371, 2017/3.

⁷⁵ Schillebeeckx se situava entre os teólogos mais abertos às renovações teológicas e pastorais. Ele chegou a criticar, em relatório solicitado pelo Bispo de Bois-le-Duc, Monsenhor Bekkers, os esquemas da revelação, sugeridos pelo Cardeal Ottaviani, e iniciar as discussões pelos esquemas sobre liturgia, os meios de comunicação social e a unidade. Todavia, a atuação e posições de Schillebeeckx nem sempre foram aceitas pacificamente e ele nunca foi nomeado “perito” no Concílio, apesar das insistências dos bispos holandeses. Cf. ANDREATTA, C. M., *Experiência salvífica cristã e pluralismo religioso em Schillebeeckx* (Doutorado – Tese), p. 48, nota 10.

(1958-1966), hermenêutica crítica (1967-1971), cristologia e escatologia (1972-1984)⁷⁶.

Após o Concílio Vaticano II, Schillebeeckx foi um dos inspiradores do famoso Catecismo dos Bispos Holandeses, cuja fase de seu pensamento na época foi marcada pelo interesse acerca da relação Igreja-Mundo. Em sua maturidade teológica e no contexto de seu interesse pela práxis⁷⁷ do Reino, o Autor se tornou conhecido pela afirmação: "Fora do mundo não há salvação" (*extra mundum nulla salus*), em contraste com o aforismo tridentino "Fora da Igreja não há salvação" (*extra ecclesiam nulla salus*)⁷⁸.

Em 1968, sua obra foi alvo de um processo da Congregação para a Doutrina da Fé, por sua visão positiva da secularização. Em 1979, seu livro *Jesus, a história de um vivente* foi investigado. Em 1981, sofreu novo processo pela obra *O ministério eclesial*⁷⁹ - onde justificava a presidência da eucaristia por parte de

⁷⁶ Deste período, temos algumas publicações: SCHILLEBEECKX, E., Deus e o Homem. São Paulo: Paulinas, 1969; Id., El Mundo y la Iglesia. São Paulo: Paulinas, 1969; Id., La théologie du renouveau parle de Dieu (1967). Apud SHOOK, L.; BERTRAND, G., La théologie du renouveau (Cogitatio Fidei). Paris: Cerf, 1968; Hacia una utilización católica de la hermenéutica. In: SCHILLEBEECKX, E., Dios futuro del hombre, p. 11-57; Id., Interpretación de la fé: aportaciones a una teología hermenéutica y crítica (Verdad y imagen). Salamanca: Sígueme, 1973. São também deste período as obras cristológicas mais importantes de Schillebeeckx: *Jesus, a história de um vivente* (1974), e *Cristo e los Cristianos* (1977); Cf. BRAMBILLA, F. G., La cristologia di Schillebeeckx. La singularità di Gesù come problema di ermeneutica teologica, p. 72.

⁷⁷ "Práxis" é um termo amplamente usado por Edward Schillebeeckx, sobretudo em sua obra *História humana, revelação de Deus*, especialmente relacionado à pessoa de Jesus e ao Reino de Deus. O uso do vocábulo se situa no quadro interpretativo do que Schillebeeckx chama de "experiência" religiosa e de fé, mas particularmente o autor entende a "práxis" a partir do "caminho de vida de Jesus", que revela o Reino através de suas parábolas e mediante suas surpreendentes atitudes, trazendo para perto da humanidade a salvação que vem de Deus, que se estende, em sua contínua concretização, na ação da Igreja no mundo e na história, pois a salvação em Jesus Cristo, segundo Schillebeeckx, só pode ser percebida e compreendida dentro da história do mundo: daí, o axioma de Schillebeeckx: "extra mundum nulla salus". Cf. SCHILLEBEECKX, E., *História Humana: revelação de Deus*, p. 27-41; 50-52; 56-63; 156-207.

⁷⁸ Em sua obra, Schillebeeckx dedica uma rica reflexão sobre o axioma, de sua autoria: "Fora do mundo não há salvação" (*extra mundum nulla salus*). Cf. SCHILLEBEECKX, E., *História humana: revelação de Deus*, p. 21; 29-31.

⁷⁹ Brambilla registra que esta obra tinha como título original: "Kerkelijk ambt", e foi publicada em 1980; a versão inglesa foi intitulada: "Ministry: A Case for Change" (London, 1981); a francesa, "Le ministère dans l'Église" (Paris, 1981), e a alemã: "Das Kirchliche Amt" (Dusseldorf, 1981). A propósito desta fase do processo sobre Schillebeeckx na Congregação da Doutrina da Fé, Brambilla escreve: "La pubblicazione di Kerkelijk ambt, 1980 (Iª e IIª edizione) suscitava reazioni e perplessità circa la possibilità, affermata da S. (entenda-se Schillebeeckx), in situazioni eccezionali, di una presidenza dell'eucaristia da parte di "ministri straordinari" non ordinati". Cf. BRAMBILLA, F. G., Op. Cit., p. 29; 75. Grifo nosso.

um ministro extraordinário não ordenado. Não sem muito sofrimento⁸⁰, Schillebeeckx saiu ileso dos três processos.

Em 1982, Schillebeeckx afastou-se da cátedra, permanecendo ativo em suas pesquisas e atuante na igreja holandesa, continuando a ser membro do Conselho Editorial da Revista *Concilium*. “Durante a década de oitenta, Schillebeeckx recebeu amplo reconhecimento pelo seu empreendimento teológico e cultural”⁸¹. Em 1982, ele foi o primeiro teólogo a receber o prêmio europeu *Erasmus*⁸², pela sua contribuição à cultura européia. No ano seguinte, o Capítulo Geral da Ordem dos Dominicanos e seu Conselho Superior designaram o trabalho teológico de Schillebeeckx como modelo para os estudantes de Teologia da Ordem⁸³.

Na obra teológica de Schillebeeckx, pode-se distinguir dois períodos: no primeiro, situado entre os inícios de sua atividade acadêmica (pós-guerra, a partir de 1946) e o imediato pós-Concílio (1966-1967), ele desenvolve sua teologia sobre os sacramentos, contida sobretudo em sua tese doutoral, intitulada: “A economia sacramental da salvação” (1952), e persevera na mesma temática em sua obra posterior ao doutorado, intitulada “Cristo, sacramento do encontro do homem com Deus” (1958). Os escritos de Schillebeeckx deste período se caracterizam pelo método histórico, que reconstrói a história da doutrina, antes de passar para a elaboração teológica sistemática⁸⁴, e “pelo prospectivismo gnoseológico, aprendido em Louvain, na escola de De Petter, que propunha uma síntese entre tomismo e fenomenologia”⁸⁵.

O segundo período teve início no pós-Concílio (a partir de 1967), e suas primeiras expressões foram as conferências proferidas nos Estados Unidos, intituladas “Deus, o futuro do homem”, nas quais Schillebeeckx manifestou notável mudança, passando do tomismo para as novas hermenêuticas, com as quais ele passou a dialogar diretamente com a experiência do homem secular, da

⁸⁰ “Ao final do primeiro processo, o teólogo chegou a confidenciar a Rahner: ‘Que tratamento reservado a nós que trabalhamos dia e noite pela Igreja!’”. TEIXEIRA, F. L. C., *Colloqui con Francesco Strazzari*, por Edward Schillebeeckx, p. 466.

⁸¹ ANDREATTA, C. M., *Experiência salvífica cristã e pluralismo religioso em Schillebeeckx* (Doutorado – Tese), p. 49.

⁸² Cf. HILKERT, M. C.; SCHREITER, R. J., *The Praxis of the Reign of God. An Introduction to the Theology of Edward Schillebeeckx*, p. 32.

⁸³ KENNEDY, P., *Schillebeeckx*, p. 27s.

⁸⁴ Este era o método ensinado na escola de Le Saulchoir e na École des Hautes Études da Sorbonne, na qual Chenu, ex-reitor, dava cursos de especialização. Cf. GIBELLINI, R., *Edward Schillebeeckx: um teólogo na ágora da cidade secular e plural*. REB – Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis-RJ: Vozes, 227, Jan/2010, p. 200.

⁸⁵ *Ibid.*

modernidade e da contemporaneidade. Foi Schillebeeckx quem introduziu a problemática hermenêutica na teologia sistemática e a aplicou com rigor e radicalidade no coração da tratativa teológica, ou seja, a cristologia⁸⁶.

Durante o Concílio Vaticano II, Schillebeeckx tinha como tema de interesse as relações da Igreja com o mundo, sobre o qual escreveu em seus artigos com sensível perspicácia, e o aprofundou mais ainda em seus volumes intitulados “Sondagens teológicas”⁸⁷.

Sendo pesquisador rigoroso, sério e sempre atualizado, ele assumiu como principal interlocutor o ser humano secularizado do século XX, em questões que interpelam a teologia e a fé cristã, dentro de uma perspectiva interdisciplinar. Schillebeeckx conjuga bem seu “fazer teologia” com sua “práxis teológica”, interessando-se e deixando-se envolver pelas questões eclesiais e pastorais, relativas ao ser humano concreto de seu tempo: eis o critério hermenêutico para compreender o ritmo do desenvolvimento e o alcance de sua teologia.

Schillebeeckx é considerado um dos maiores teólogos católicos do século XX pela amplitude e alcance de sua obra, pela sua influência, e, sobretudo, por inovar no modo de fazer teologia sistemática, ao incorporar nela os resultados dos avanços da pesquisa bíblica dos últimos séculos; o pensamento-guia da pesquisa e da reflexão teológica de Edward Schillebeeckx é uma problemática de fronteira, e, precisamente, a relação entre experiência cristã e experiência humana⁸⁸. Segundo Gibellini, Schillebeeckx consegue propor a mensagem da tradição mediante uma “catequese de experiência”, que brota da interpretação das experiências humanas, e se torna um “projeto de pesquisa” para a busca de sentido do ser humano. A resposta a este projeto se apresenta como uma “resposta de libertação” às questões vitais e existenciais que toda pessoa humana faz a si mesma. Então, à luz deste

⁸⁶ Robert Schreier, teólogo norte-americano, foi discípulo de Schillebeeckx, nos Estados Unidos, neste segundo período de sua obra acadêmica, e se tornou um dos melhores conhecedores da teologia schillebeeckxiana. Cf. GIBELLINI, R., Edward Schillebeeckx: um teólogo na ágora da cidade secular e plural. REB – Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis-RJ: Vozes, 227, Jan/2010, p. 200-201.

⁸⁷ Cinco volumes publicados entre 1964-1972; neles, Schillebeeckx reuniu seus ensaios com os quais ele acompanhava os debates conciliares e sua repercussão teológica a nível internacional. Cf. GIBELLINI, R., Edward Schillebeeckx: um teólogo na ágora da cidade secular e plural. REB – Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis-RJ: Vozes, 227, Jan/2010, p. 200.

⁸⁸ Comentando sobre a importância da temática da “experiência” na teologia de Schillebeeckx, Gibellini diz que, no início, não houve uma doutrina, mas uma experiência bem precisa, que colocou em ação uma história de experiências, interpretadas, que gera uma história de experiências de vida e de salvação, que gera mensagem, e esta “remete a uma experiência como origem e ativa uma experiência como resultado”. Cf. Ibid., p. 201.

novo modo de fazer teologia, que percebemos em Schillebeeckx, a mesma teologia é solicitada a facilitar a “comunicação entre os conteúdos tradicionais da fé e a experiência humana, em uma constante correlação crítica entre as duas fontes, a tradição bíblica (primeira fonte) e o nosso mundo atual de experiência e de vida (segunda fonte)”⁸⁹.

A rica produção teológica de Schillebeeckx prossegue nos anos seguintes⁹⁰, até que publique sua mais importante trilogia cristológica⁹¹, na qual encontramos sua percepção escatológica sobre o anúncio e a práxis do Reino de Deus, e o que percebemos ser útil à nossa pesquisa, relativo à antecipação escatológica do Reino de Deus⁹². Acerca da trilogia, ou “projeto cristológico” schillebeeckxiano, Gibellini diz que “esses três livros do teólogo de Nijmegen representam a obra cristológica mais vasta e mais criativa do nosso século. Ela é inovadora sob o perfil metodológico”⁹³, ou seja, Schillebeeckx não segue o fio condutor da

⁸⁹ GIBELLINI, R., Edward Schillebeeckx: um teólogo na ágora da cidade secular e plural. REB – Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis-RJ: Vozes, 227, Jan/2010, p. 202.

⁹⁰ Em 1954, Schillebeeckx publicou *Maria, moeder van de verlossing* (Maria, mãe da redenção), colocando em evidência os aspectos sacramentais da Mãe de Deus; em 1963, publicou o primeiro volume sobre o sacramento do Matrimônio, *Het Huwelijk, aardse werkelykheid en heilsmysterie* (O matrimônio, realidade terrena e mistério de salvação), no qual examina com espantosa competência a doutrina do matrimônio na Revelação vétero e neotestamentária, e, depois, na história da Igreja. Outros livros se inspiram em dois temas principais: o Concílio Vaticano II e a secularização. Estas obras foram intituladas: *Vaticano II: The struggle of minds and other essays* (O Vaticano II: batalha de mentes e outros ensaios), em 1963; *Het tweede Vaticans Concilie* (O homem moderno e o Concílio Vaticano II), em 1964; *Het ambts-celibat in de branding* (O celibato eclesiástico em fermento), em 1966; relativos à secularização, dois livros: *Personale Begegnung mit Gott: Eine Antwort an John A. T. Robinson* (Encontro pessoal com Deus: Resposta a John A. T. Robinson, em 1964). A partir de 1964, Schillebeeckx começa a publicar vários volumes, intitulados *Theologische Peilingen* (Abordagens teológicas), inúmeros artigos publicados anteriormente em revistas ou como pequenas monografias. Destes, foram publicados três: *Openbaring en Theologie* (Revelação e Teologia), de 1964; *God en mens* (Deus e o homem), de 1967; *Wereld en Kerk* (O mundo e a Igreja), em 1969. O primeiro volume trata da natureza da teologia, das suas relações com a Revelação e com a filosofia, da Revelação, da linguagem teológica, das relações entre Revelação, Sagrada Escritura e tradição, da renovação da teologia. O segundo e o terceiro volumes abordam o problema da secularização, revelando tanto seus aspectos positivos como os negativos. Cf. MONDIN, B., *Os grandes teólogos do século vinte*, p. 240-241. Entretanto, Franco Giuliano Brambilla elabora um ordenamento das obras de Schillebeeckx, que vai dos anos de 1945 a 1988, indicando as obras publicadas em cada ano. Cf. BRAMBILLA, F. G. *La Cristologia di Schillebeeckx. La singolarità di Gesù come problema di ermeneutica teologica*, p. 19-33.

⁹¹ Em 1974, Schillebeeckx publicou sua obra teológica mais madura e volumosa, *Jezus, het Verhaal van een Levende* (Jesus, a história de um vivente); em 1977, *Christus und die Christen* (Cristo e os cristãos); e, em 1989, *Mensen als verhaal van God* (História humana: revelação de Deus).

⁹² Na terceira obra da trilogia, intitulada *História humana: revelação de Deus*, encontramos a melhor e explícita fundamentação desta nossa pesquisa. Cf. SCHILLEBEECKX, E., *História humana: revelação de Deus*, p. 21-41; 150-175.

⁹³ GIBELLINI, R., Edward Schillebeeckx: um teólogo na ágora da cidade secular e plural. REB – Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis-RJ: Vozes, 227, Jan/2010, p. 202.

tradição da Igreja, como costuma-se seguir nos tratamentos cristológicos, mas se desafia radicalmente no uso do método histórico-crítico, pretendendo colocar em ação um intransigente saber histórico, com uma pesquisa de caráter histórico sustentada, porém, pela tentativa teológica de reconstruir a gênese da confissão cristológica da Igreja e demonstra a sua pertinência também para os contemporâneos da cidade secular.

Gibellini observa que o método teológico de pesquisa adotado por Schillebeeckx possui legitimidade em si mesmo e não leva a uma racionalização do fato cristológico; tal método produziu uma discussão consequente a ele, inclusive em nível oficial, que apenas acabou por contribuir em modalidades diversas de execução daquilo que pode ser chamado de um verdadeiro “experimento em cristologia”⁹⁴.

Assim, entendemos que a secularização não invalida a teologia, porque ela tem o dever de se voltar continuamente ao mistério de Cristo e da pessoa humana, incentivando-a ao compromisso de realizar o bem e lutar contra o mal. Mais ainda, a secularização redimensiona a teologia, permitindo que a hermenêutica cumpra seu papel: ajudar na autocompreensão da pessoa humana, e sua missão na história, presente e futura, vivendo aberta ao apelo transcendente de Deus, que se manifesta na vida real, decisiva e definitiva da pessoa de Jesus Cristo. E aqui, como tal, encontramos já o prelúdio da novidade da ciência teológica aportada por Schillebeeckx para a pesquisa sobre a Escatologia, que encontraremos em seus tantos artigos e obras, e queremos apresentar ao longo deste capítulo.

2.3

Aspectos fundamentais da Escatologia de Schillebeeckx

Como já referido anteriormente, Schillebeeckx iniciou sua atividade docente, em Lovaina, ensinando Escatologia aos alunos da Ordem dominicana⁹⁵ e ao longo do seu itinerário de pesquisador e teólogo, apesar do vivo interesse pela sacramentalidade da salvação, não foi menor seu interesse pela Escatologia, esta sempre referida ao seu fundamento cristológico. De fato, a característica da

⁹⁴ GIBELLINI, R., Edward Schillebeeckx: um teólogo na ágora da cidade secular e plural. REB – Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis-RJ: Vozes, 227, Jan/2010, p. 202.

⁹⁵ Cf. ANDREATTA, C. M. Experiência salvífica cristã e pluralismo religioso em Schillebeeckx (Doutorado – Tese), p. 47; cf. KENNEDY, P., Schillebeeckx, p. 23.

teologia de Schillebeeckx foi “procurar uma melhor compreensão da Palavra de Deus para os seres humanos como um meio de entender melhor o mundo de nosso tempo, e vice-versa”⁹⁶. Em chave escatológica, a partir da metade de 1960, Schillebeeckx dedicou-se, sobretudo, a relacionar Deus com o futuro que é dado à humanidade. Ele afirmou:

Se perguntarmos o que se entende pela ‘salvação escatológica’ que nos é dada pelo Crucificado-e-Ressuscitado, precisamos, para dar substância e conteúdo a isto, apontar para o próprio Jesus de Nazaré, para sua pessoa e toda a sua carreira e curso de ação até à sua morte inclusive⁹⁷.

Com isso, Schillebeeckx vincula sua escatologia ao caminho de vida de Jesus, fundamentando sua esperança na mudança da situação histórica, à qual a cristologia estava ligada e se orientava para a reforma do mundo à imagem do reino de Deus, através da solidariedade ativa com os pobres e excluídos. Erik Borgman comenta a relação fundamental entre cristologia e escatologia, percebida por ele nos escritos de Schillebeeckx:

De acordo com Schillebeeckx, a “história de Deus com o ser humano em Jesus, transmitida e posta em prática pela ‘comunidade de Deus’” composta de crentes, é uma “história sem um final histórico”, que continua pelo menos até hoje. Na opinião dele, é a força revelatória escondida na pregação verbal e prática que Jesus fez do reino de Deus por meio de suas palavras e atos históricos que pode ainda ser sentida em nosso tempo quando as pessoas a confessam de uma forma ou de outra⁹⁸.

A “comunidade de Deus”, na compreensão de Schillebeeckx, corresponde àqueles que, em todos os tempos, aderem ao Reino por sua conversão e fé, por isso mesmo, uma comunidade que não possui um fim na história, pois é feita de pessoas que assumem em suas vidas a mesma prédica e práxis do Reino de Deus assumidas por Jesus. Trata-se, portanto, de uma comunidade escatológica, que, como o seu Senhor, antecipa para o hoje o Reino esperado para o futuro pós-histórico.

⁹⁶ BORGMAN, E.; MURRAY, P. D.; QUEIRUGA, A. T., Sacramentalizando a história humana. Em honra de Edward Schillebeeckx (1914-2009). Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, n.344-348, Jan/2012, p. 9.

⁹⁷ SCHILLEBEECKX, E., Jesus: An Experiment in Christology. Nova York: Crossroad, 1979, p. 52 Apud BORGMAN, E.; MURRAY, P. D.; QUEIRUGA, A. T., Op. Cit., p. 16.

⁹⁸ Ibid., p. 19.

Quanto a esta similitude de ação entre Jesus e seus discípulos, ao se despedir da docência na Universidade de Nimega, em 1983, Schillebeeckx introduziu o conceito que ele chamou de “identidade proporcional” entre Jesus e a mensagem presente nas palavras e ações dos crentes contemporâneos. Para o teólogo dominicano, “a mensagem que os contemporâneos encarnam ao seguir a Jesus deveria relacionar-se com a situação deles da mesma maneira como a mensagem e os atos de Jesus estavam relacionados com a situação dele”⁹⁹. O Autor sustenta que há nos discípulos de qualquer tempo uma lealdade à mensagem de Jesus, não tanto quando eles pregam a mesma mensagem substancial pregada por Jesus, mas quando eles participam e intervêm em seu contexto no mesmo modo como Jesus participou e interveio no contexto de seu tempo. “Esta é uma ideia um tanto revolucionária, porque introduz o contexto sociocultural atual bem no cerne da própria revelação, sem que seja necessário reinterpretar sempre de novo uma revelação que se deu no passado, a fim de que ela tenha o mesmo significado para o presente. Ao contrário, trata-se de que “o aspecto revelatório da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo precisa ser continuamente descoberto dentro dos contextos históricos sempre cambiantes”¹⁰⁰.

Após o Concílio Vaticano II, o interesse de Schillebeeckx pela escatologia mostrou-se ainda mais vivo. Num artigo que escreveu em 1969, Schillebeeckx disse que “o cristão acredita que o Deus vivo mostrou a unicidade e o poder do seu amor incondicional pelo homem em Jesus Cristo e assim se revelou como a salvação do homem”¹⁰¹. Esta mensagem, contida nos livros do Novo Testamento, foi contínua e novamente interpretada pela Igreja, ao longo do tempo na formação da tradição e do dogma, superando, quando e do modo que lhe fora possível, as dificuldades da tradução desta mensagem, fazendo-a chegar aos tempos atuais. Em virtude deste desenvolvimento histórico da reflexão escatológica, Schillebeeckx diz que:

⁹⁹ BORGMAN, E.; MURRAY, P. D.; QUEIRUGA, A. T., Sacramentalizando a história humana. Em honra de Edward Schillebeeckx (1914-2009). Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, n. 344-348, Jan./2012, p. 23.

¹⁰⁰ Ibid., p. 24.

¹⁰¹ SCHILLEBEECKX, E. H., Algumas reflexões acerca da interpretação da Escatologia. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 5, fasc. 41, 1969, p. 37. Recordamos que, neste artigo, o Autor acrescenta em seu nome o “H”, que indica que seu nome de religioso dominicano era Frei Henrique.

A importância da mensagem a respeito das ‘últimas coisas’, *eschata*, ou a salvação final e definitiva do homem, implica a necessidade de analisar a nossa própria maneira de entender, não apenas do ponto de vista da sociologia e da filosofia da nossa própria cultura, mas também teologicamente¹⁰².

Assim, Schillebeeckx faz um paralelo entre o Antigo e Novo Testamentos como textos que oferecem fonte básica para interpretar, respectivamente, a vida e morte de um povo, e a vida e morte de Jesus, pois ambos os textos possuem uma função interpretativa; em seu conjunto, eles desempenham o papel de uma “hermenêutica em ação”¹⁰³. Dado que estes escritos carecem de interpretação, para nós, “a hermenêutica transforma-se em interpretação de uma interpretação”¹⁰⁴, pois em época marcada pela exigência da crítica textual e histórica, toda pessoa rejeita *a priori* uma fé cega, ou o que não se sustenta em sua racionalidade e inteligibilidade autêntica. Para Schillebeeckx, “mesmo que com a nossa obediência incondicional da fé, já não podemos fugir à necessidade de tornar inteligíveis e de alguma forma compreensíveis os dogmas escatológicos”¹⁰⁵, a fidelidade ao Evangelho, hoje - como em todas as épocas -, exige do crente uma nova interpretação de sua fé.

Noutras palavras, as pessoas vêm se tornando sempre mais atentas à razoabilidade do dogma, de modo que não é mais suficiente que o pregador enuncie palavras de denso conteúdo teológico ou escatológico, tais como céu, inferno, purgatório, juízo - apenas para falar dos chamados “novíssimos” -, como também da morte, com toda a sua complexidade. Todos reclamam que os conceitos propostos pela catequese e pela pregação sejam explicados e aplicados na vida, assim como ela se apresenta, ou como se crê e se espera ela venha a ser, a fim de que o consenso da fé se torne sempre mais radicado na vida e motive uma práxis correspondente.

Mas esse era o raciocínio de Schillebeeckx no período pós-Conciliar. Entretanto, de lá em diante, tudo mudou aceleradamente, e as perguntas mudaram

¹⁰² SCHILLEBEECKX, E. H., Algumas reflexões acerca da interpretação da Escatologia. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 5, fasc. 41, 1969, p. 37-38. Grifos do Autor.

¹⁰³ Assim o Autor comenta o movimento do intertestamento bíblico. Cf. SCHILLEBEECKX, E. H., Algumas reflexões acerca da interpretação da Escatologia. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 5, fasc. 41, 1969, p. 38.

¹⁰⁴ Ibid.

¹⁰⁵ Ibid., p. 39.

à medida em que as respostas ficavam mais claras para quem as fizera¹⁰⁶. Será que todos se davam por satisfeitos, aceitavam e seguiam como dogmáticos e suficientes os conceitos da escatologia tradicional, que por séculos baseou a Escatologia na doutrina dos “novíssimos” como resposta às grandes perguntas existenciais da humanidade: de onde viemos, para onde vamos, qual o sentido da história, e qual poderá ser o fim de tudo isso?

Atualmente, e, assim, progressivamente, ao longo da história, mudam as realidades e épocas, novas perguntas são postas por cada pessoa, grupo, etnia, situação política, ética, econômica, cultural e ecoteológica. Segundo Zygmunt Bauman¹⁰⁷, nos últimos anos, céleres mudanças tornaram “líquidas” realidades cuja permanência e durabilidade pareciam não ter fim, tais como a modernidade, o amor, a vida, os tempos e até mesmo o medo: tudo parece ter perdido sua solidez, deixando tudo fluído, inseguro e sem rumo certo; noutras palavras, gerando desesperança, ou promovendo a morte da esperança para quem já vivia sem muitas certezas.

Além disso, consolida-se sempre mais nos últimos tempos a mentalidade da cultura secular, cuja leitura mais aproximada da realidade sob este critério foi feita pelo filósofo canadense Charles Taylor em sua obra de grande espectro *Uma era secular*¹⁰⁸. Respondendo à pergunta sobre seu estudo a respeito do declínio das crenças religiosas, como fator fundamental de mudanças no mundo atual, Taylor diz que “tentou dar uma perspectiva sobre uma das mudanças de era vividas durante os últimos 200 anos. Passamos de uma sociedade marcada pelo cristianismo a outra, aberta e diversificada. Agora existem diferentes maneiras de ser cristão ou ateu”¹⁰⁹. Ao nosso ver, isso cria uma situação totalmente nova na história da humanidade, e na vivência da fé e da esperança também, portanto, muda por completo a perspectiva escatológica das pessoas.

¹⁰⁶ A respeito dos novos desafios que a crise da pós-modernidade impõe à Igreja, ver: BRIGHENTI, A. A Igreja perplexa. A novas perguntas, novas respostas. São Paulo: Paulinas, 2004.

¹⁰⁷ Zygmunt Bauman, sociólogo e filósofo polonês (1925-2017), publicou muitos livros sob a égide da liquidez atual: “Modernidade líquida” (1999); “Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos” (2003); “Vida líquida” (2005); “Tempos líquidos” (2007) e “Medo líquido” (2008) foram alguns dos tantos títulos traduzidos por Jorge Zahar Editor.

¹⁰⁸ TAYLOR, C., *Uma era secular*. São Leopoldo-RS: Editora Unisinos, 2007.

¹⁰⁹ ARROYO, F., Charles Taylor: “As pessoas hoje não têm claro o sentido da vida”. *El País Internacional*, 10 de Agosto de 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/06/internacional/1438877393_088926.html. Acesso em: 05 jul. 2018.

Na esteira do secularismo, em linguagem teológica, o jesuíta Joseph Moingt se referiu à “morte de Deus” em um dos livros de sua trilogia¹¹⁰. Ao se referir a este tema em sua obra *O homem que vinha de Deus*, Moingt sente a necessidade de encontrar novas linguagens para falar de Deus às pessoas imersas no fenômeno da secularização no mundo moderno. Para ele, “o risco de um ‘desaparecimento’ de Deus, está justamente no esvaziamento da compreensão da fé cristã que não foi narrada devidamente e [...] está sufocada, causando o silêncio e a morte de Deus”¹¹¹.

O Conselho do Episcopado Latino Americano, em 2007, percebeu que o mundo se encontrava, não somente diante de uma época de mudanças, mas em uma “mudança de época”, cujo fenômeno exigia do sujeito e instituição eclesiais uma “conversão pastoral” e mudança de paradigmas para fazer a leitura das novas realidades, e vislumbrar à luz da práxis de Jesus Cristo a sua nova práxis eclesial rumo aos novos e sucedâneos tempos, sem descuidar da fidelidade às fontes da vida eclesial, presente já nas primeiras comunidades cristãs, mas também sem se furtrar às renovações a que o próprio Espírito arremessa a Igreja em cada tempo¹¹².

Todas estas inquietações colocam a Igreja diante da urgência de empreender um novo diálogo com o mundo e as contingências históricas. Diante de tudo isso, nós nos perguntamos: qual a contribuição que Schillebeeckx nos oferece, em matéria de Escatologia, para facilitar este diálogo?

Schillebeeckx reflete sobre a Escatologia a partir da interpretação da história bíblica, interessando-se do futuro terreno da pessoa humana para oferecer à Escatologia um dos pontos-chaves da atual autocompreensão do ser humano. O horizonte da Escatologia de Schillebeeckx é a história, como lugar teológico dos acontecimentos nos quais a pessoa desempenha um papel ativo, rumo ao futuro. Aliás, poderíamos até dizer também que o horizonte escatológico schillebeeckxiano é o mundo, entendido em todo o arco existencial da vida da pessoa em seus relacionamentos considerados em todos os períodos e desafios de

¹¹⁰ Moingt publicou uma trilogia cristológica: *O homem que vinha de Deus* (1993); *Deus que vem ao homem: do luto à revelação de Deus*, vol. I (2007); *Deus que vem ao homem: da aparição ao nascimento de Deus*, vol. 2 (2012).

¹¹¹ GUIMARÃES, V., *O Homem Jesus e o marco da história: Reflexões em torno da Cristologia de Joseph Moingt*. Pensar - Revista Eletrônica da FAJE, v. 6, n.1, 2015, p. 125.

¹¹² Cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, nn. 44-100; 365-372.

sua vida histórica, em ordem à salvação em Cristo Jesus, ou na danação por ter recusado voluntariamente seu Evangelho e o Reino de Deus que veio anunciar e, escatologicamente, antecipar. Para Schillebeeckx, Escatologia coincide com Soteriologia, num pano de fundo cristológico. Daqui entenderemos sua máxima “extra mundum nulla salus” - fora da história dos homens não há salvação¹¹³. Daqui deriva e depende o futuro eterno da pessoa, que se encontra com Jesus Cristo já no tempo histórico e, de acordo com suas opções e consciência, constrói o seu destino futuro. Este “futuro” é de fundamental polaridade no pensamento e conhecimento do ser humano para que possa superar uma concepção do futuro histórico como um mero “finis ultimus”, o fim último da pessoa humana, depois e para além desta vida terrena. Por isso, a escatologia de Schillebeeckx é histórica e existencial, pois, segundo ele:

Desde a redescoberta da verdadeira historicidade do homem como criatura do “tempo” que, com base no seu passado, fixa o seu curso de vida no presente com vista a um futuro, desde então a escatologia é considerada como uma *questão* que se encontra incarnada (*sic*) na existência do homem¹¹⁴.

A investigação sobre o futuro é um elemento existencial da condição humana, porque o ser humano é prisioneiro do tempo no seu crescimento histórico. Ele transcende o tempo a partir de dentro e, por isso, nunca estará satisfeito. Poderá ter uma liberdade de abertura em relação ao tempo, entregando-se às alegrias transitórias do presente, mas sabe que este está sempre prestes a deslizar para o passado e terá que projetar-se para o futuro. Em suma: o sentido da história humana e a existência livre da pessoa estão sempre implicados pelo presente, passado e futuro. Por isso, “a liberdade humana, construtora do futuro, pressupõe assim essencialmente uma escatologia ‘aberta’, uma expectativa do futuro, uma vontade orientada para o futuro, que, em si mesma, mergulha na ambigüidade de toda a liberdade autora da história”¹¹⁵. Entendemos nesta “abertura”, referida por Schillebeeckx, que sua compreensão de escatologia e de história não se limita ao raio cronológico do tempo, mas ao caráter teológico de aliança, no sentido bíblico de compromisso com a vida e a salvação, que lhe é

¹¹³ Cf. SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 29-30.

¹¹⁴ SCHILLEBEECKX, E. H., Algumas reflexões acerca da interpretação da Escatologia. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 5, fasc. 41, 1969, p. 40. Grifos do Autor.

¹¹⁵ Ibid. Grifos do Autor.

dado pela Revelação divina. Com efeito, a pessoa humana é vocacionada a experimentar a liberdade de crer e decidir, de escolher e se comprometer com a vida e o bem salvífico no mais alto grau da liberdade que lhe foi dada. Por isso, sujeito do tempo e da liberdade, a pessoa se torna responsável pela felicidade ou infelicidade de si própria, dos outros, e do cosmos, de modo que responde pelo que conhece e faz no exercício de sua liberdade. Suas escolhas e ações se implicam reciprocamente na relação com tudo e com todos, de modo retrospectivo, simultâneo e prospectivo, nada ficando sem significado nem se tornando irrelevante dentro do curso escatológico da história.

Sem menosprezo pela reflexão teológica mais antiga, em sua reflexão sobre a escatologia, Schillebeeckx supera os termos da teologia tradicional, que pensava e projetava Deus num passado imobilizado e imortalizado, em conceitos de “primeiro e último”, sendo um “Presente” que transcendia o “presente humano”. Ao invés de um fascínio entre o passado, de um lado, e a transcendência e eternidade, de outro, “hoje, no entanto, a nossa cultura encontra-se firmemente voltada para o futuro como algo que ela própria deve construir”¹¹⁶, ou seja, superou-se decisivamente a compreensão dos acontecimentos como resultantes de fatalidades, determinismos naturais ou amedrontadoras intervenções divinas, que tornavam a vida interpretada pela mítica sorte ou maldição. Doravante, a pessoa é implicada no que vive e constrói, deixando sua marca no que diz e faz, produzindo cultura, conhecimento e crença, reafirmando sua fé, ou negando-a, e assumindo as consequências de suas escolhas.

Daí o conceito cristão de “transcendência”¹¹⁷, na escatologia de Schillebeeckx, tem a ver com o que designamos por “futuro”. Isso faz com que ambos os conceitos sejam doravante repaginados em nova perspectiva histórica, antropológica e escatológica:

¹¹⁶ SCHILLEBEECKX, E., Algumas reflexões acerca da interpretação da Escatologia. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 5, fasc. 41, 1969, p. 41.

¹¹⁷ Rahner, através do seu característico método teológico transcendental, refere-se à “experiência transcendental” como consciência subjetiva, atemática, necessária e insuprimível do sujeito que conhece, que implica ao mesmo tempo não somente o conhecimento, mas também a vontade e a liberdade. Nesta experiência, o sujeito conhece a Deus, que se lhe autocomunica, revelando-se na pessoa de Jesus Cristo, e lhe mostrando o seu destino escatológico. Na nona seção de sua obra Curso Fundamental da Fé, Rahner se refere à Escatologia, e nela diz que a antropologia cristã, em virtude da natureza do homem, é futurologia e escatologia cristã. Cf. RAHNER, K., Curso Fundamental da Fé: introdução ao conceito de cristianismo, p. 33; 498. Grifo nosso.

Se a transcendência divina transcende e abarca o passado, o presente e o futuro do homem a partir *de dentro*, o crente ligará, de preferência, e com razão, a transcendência de Deus ao futuro, logo que o homem tenha reconhecido o primado do futuro na nossa condição, sujeita ao tempo. E assim ligará Deus ao futuro do homem e, visto que o homem é uma pessoa comunitária, ao futuro da humanidade como um todo¹¹⁸.

Tal contexto cultural muda o conceito de Deus. Ele passa a se manifestar como “Aquele que vem”, como o próprio futuro esperado pela pessoa humana. Para Schillebeeckx, isto se constitui como uma mudança de vastas proporções em Escatologia, pois “aquele que primeiro víamos como o ‘totalmente Outro’, na nossa velha perspectiva do homem e do mundo, é agora o ‘totalmente Novo’, aquele que é o *nosso futuro* e que cria de novo o futuro do homem”¹¹⁹. Em Jesus, Deus oferece à humanidade a oportunidade de construir o futuro, fazendo novas todas as coisas (cf. Ap 21,5), e de se reerguer acima das contingências de sua própria história, marcada pelo pecado.

Neste novo contexto cultural, há outra surpreendente descoberta de fundamento vétero e neo-testamentário, feita por Schillebeeckx: o Deus da promessa colocou a humanidade a caminho da terra prometida, a ser reclamada e cultivada, na confiança em sua promessa. E esta é uma excelente novidade escatológica em Schillebeeckx: “segundo a Bíblia, a base da expectativa escatológica do futuro é a certeza, na fé, de uma relação real e atual com Deus”¹²⁰. Schillebeeckx faz uma releitura da promessa e da Aliança à luz desta “relação real” da virtude escatológica da Esperança. E afirma: “A base da nossa *esperança* é, por conseguinte, a nossa *fé* em Iavé, que tanto no passado como no futuro se revela como o Deus vivo da comunidade”¹²¹.

Schillebeeckx indica o modo como os acontecimentos bíblicos são interpretados. “a interpretação de um acontecimento passado sempre coincide com o anúncio de uma nova expectativa para o futuro”¹²², e sua releitura é feita sempre em chave escatológica, tornando-se garantia para a esperança de um novo futuro.

¹¹⁸ RAHNER, K., Curso Fundamental da Fé: introdução ao conceito de cristianismo, p. 33; 498. Grifos do Autor.

¹¹⁹ SCHILLEBEECKX, E. H., Algumas reflexões acerca da interpretação da Escatologia. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 5, fasc. 41, 1969, p. 41. Grifos do Autor.

¹²⁰ Ibid., p. 42.

¹²¹ Note-se que conservamos o texto original citado, que traz a forma “Iavé”, como foi traduzido o texto original do Autor. SCHILLEBEECKX, E. H., Op. Cit., p. 42.

¹²² Ibid.

Em retrospectiva, a fidelidade de Javé pode ser vista como promessa, enquanto que em prospectiva, pode ser vista como expectativa e cumprimento contínuo. E, na base desta fidelidade de Javé, é fortalecida a esperança: “nossa expectativa rasga constantemente um futuro novo através de uma história que se estende para além de nós. [...] E, em última análise, toda a história terrena se transforma no desdobramento de uma expectativa escatológica”¹²³. O Autor insiste na fundamentação de sua escatologia histórico-existencial aberta para o futuro; neste aspecto, Schillebeeckx e Jurgen Moltmann se aproximam na compreensão escatológica, sendo que o primeiro destaca a chave histórica, enquanto o outro põe em evidência a virtude da esperança.

Na linha da tradição bíblica, da transmissão da fé, o futuro é uma dimensão própria do tempo, pois tem a ver com o que ainda acontecerá dentro do tempo e não fora dele, que, todavia, não nos é permitido ver atualmente em sua forma futura. Partindo desta percepção, Schillebeeckx afirma que a estrutura bíblica da profecia do futuro, rejeita, por um lado, qualquer “desescatologização”, pois não há lugar para uma radical “escatologia do presente”, e, por outro, exige a rejeição de todos os elementos apocalípticos na expectativa do futuro, já que a apocalíptica pensa os acontecimentos partindo do futuro em direção ao presente¹²⁴. O futuro faz parte do presente e do passado. Por isso, não pode haver uma escatologia do futuro sem uma escatologia do presente. Se é verdade que se pode perceber um “ainda não” no futuro, é também verdade que não se pode ignorar o “já” do presente. Afinal, “a expectativa não consiste apenas em procurar uma simples reedição do passado. Israel esperava o cumprimento do que Javé já tinha feito, no

¹²³ Ibid., p. 43. A este propósito ver a nota que o próprio Schillebeeckx coloca neste seu artigo (nota n. 5, p. 44), na qual cita Moltmann. A seguir, reportamos a nota em sua íntegra: “Isto mostra que o esquema da ‘promessa e do cumprimento’, tal como é desenvolvido, por exemplo, em J. Moltmann (Theologie der Hoffnung, Munique, 1965) apenas se pode entender se pressupusermos uma concepção da história como ‘história da transmissão das tradições’, conforme é elaborada por Wolphart Pannenberg nos seus últimos trabalhos, particularmente depois que abandonou este esquema da ‘promessa e do cumprimento’, a fim de dar mais ênfase à continuidade da história das tradições. Ver Theology as History (vol. 3 de New Frontiers in Theology, Nova Iorque (sic), Evanston & Londres, 1967), p. 252 et. seq., com os números 60,61 e 69”. Cf. MOLTSMANN, J., O Reino de Deus como sentido da vida e do mundo: balanço e síntese. Tradução de Irene Ortlieb Guerreiro Cacaís. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 13, fasc. 128, 1977, p. 1019-1025; Id., Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã. São Paulo: Teológica/Loyola, 2005.

¹²⁴ Na Escatologia de Schillebeeckx fica sempre bem clara sua opção: pensar o futuro em perspectiva histórica, a partir do presente, e não o contrário e fora da história. Cf. SCHILLEBEECKX, E. H., Algumas reflexões acerca da interpretação da Escatologia. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 5, fasc. 41, 1969, p. 44.

seu desejo de uma realização completa de tudo isso”¹²⁵. Israel espera, com tensão crescente, o futuro que Javé pode trazer, e que se tornará definitivo, para sempre. E tal expectativa nada tem a ver com adivinhação ou revelação do futuro. “Em termos da historicidade do homem, a fidelidade de Javé é expectativa de um futuro, certeza acerca da bondade do plano da criação, que é tanto o princípio como *eschaton*, o fim último”¹²⁶.

A Bíblia coloca na visão de Javé o futuro que ele quer para a humanidade com o qualificativo escatológico de “muito bom” (cf. Gn 1,31), ou seja, como um futuro de salvação, enquanto que a falta de salvação, temporária ou possivelmente final, é da responsabilidade das pessoas humanas. Schillebeeckx recorda que “é interessante notar aqui que o pensamento bíblico acerca do princípio (“protologia”) se acha entretido com o pensamento escatológico”¹²⁷. Portanto, a “protologia” esboçada no relato da criação, feito pelo autor do livro do Gênesis, só poderá ser entendida à luz da experiência da atual fidelidade de Deus, com suas consequentes expectativas escatológicas. Isto faz com que a narração da criação (protologia) aponte para o futuro da ação divina salvadora (escatologia), porém, já antecipada no tempo histórico. E reafirmamos que tal antecipação tem a ver com o Reino de Deus já antecipado toda vez que o bem, a verdade e a justiça, ou numa palavra – a Vida – prevalece na ação dos discípulos de Jesus em todo tempo e lugar. Esta práxis é antecipação escatológica do Reino de Deus, com um nexos intrínseco entre ambas - práxis e antecipação escatológica do Reino - na realidade histórica.

Que nexos existe entre futuro e *eschaton* com o Reino de Deus, na reflexão de Schillebeeckx sobre a Escatologia? A este propósito, Schillebeeckx afirma que:

No Antigo Testamento, a crença no domínio de Deus não se identifica com o Reino de Deus no sentido escatológico. Além disso, Israel praticou a sua religião, ao longo de séculos, sem esperar um além. Exceptuando (*sic*) a escatologia apocalíptica, muito tardia, do Antigo Testamento (principalmente nos dois séculos a. C.), expressões como ‘os últimos dias’ (*acharit, eschaton, be acharit hajjamin* – nos últimos dias, cf. Is. 2:2) não se referem a uma existência para além desta terra, para além da história, mas a um futuro dentro deste mundo¹²⁸.

¹²⁵ Cf. SCHILLEBEECKX, E. H., Algumas reflexões acerca da interpretação da Escatologia. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 5, fasc. 41, 1969, p. 45.

¹²⁶ Ibid.

¹²⁷ SCHILLEBEECKX, E. H., Algumas reflexões acerca da interpretação da Escatologia. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 5, fasc. 41, 1969, p. 45.

¹²⁸ Ibid., p. 46. Grifos do Autor.

Schillebeeckx demonstra que a escatologia vétero-testamentária se situa toda dentro do tempo histórico, e não para além dele, inclusive a expectativa do juízo de Deus se verifica no tempo da história terrena, conforme Ezequiel, o Segundo e o Terceiro Isaías se referem a uma “proximidade” que se avizinha¹²⁹. O futuro não estará mais fora da história. Ele faz parte dela e, de certo modo, até o dia do juízo de Deus é atirado para dentro dela¹³⁰. Em Isaías 24-27, por exemplo, os últimos dias (*eschaton*) são vistos dentro da realidade da história deste mundo. Ao velho povo de Deus é dado um estado escatológico final, sem se mencionar se a história ainda continuará depois disso. Até o tempo do livro do Profeta Daniel, não há informação de uma escatologia que transcenda a história (escatologia transcendente) nem se fala de uma existência pós-histórica que uma poderosa ressurreição simbolizasse. No Antigo Testamento, um futuro previsto para os que morreram só apareceria bem mais tarde. Então, Schillebeeckx observa que “este desenvolvimento da revelação mostra que não se vive religiosamente *por causa do além*”¹³¹. Em definitivo, Israel tem sua expectativa escatológica transcendente baseada em sua relação real e histórica com Javé, e isto lhe faz crescer na

¹²⁹ Cf. Is 52,7-12, cujo texto sintetiza o chamado Livro da Consolação (Is 40-55) e destaca o anúncio das boas notícias da libertação dos cativos. Num mundo em que se respirava violência e morte, vislumbra-se um novo tempo, um novo reino de paz, justiça e vida (o reino de Deus! – cf. Is 52,7); cf. Is 60,19 - 62,12, com cujo texto, o Terceiro Isaías põe em evidência a salvação entendida como presença ativa de Deus no meio do povo. No texto, a luz perpétua se confunde com o próprio Deus que, estando no meio do povo, transformará a realidade de luto e morte em luz e relações sadias entre todos, marcadas concretamente por atitudes que traduzem a conversão social: a posse perpétua da terra, em lugar de invasões e deportações; a melhoria das relações éticas, baseadas na honradez e na justiça (cf. Is 60,21), isto é, surgem novas realidades que garantem uma longa vida que se transmite de geração em geração (cf. Is 60,22). Quando se pensa no Reino de Deus, não se pode aspirar a uma realidade marcada pela salvação sem um espaço concreto e uma intenção firme de melhorar as relações éticas e de justiça em relação aos outros. A mesma reflexão de corte escatológico se aplica aos textos de Ezequiel 36-37, no qual o profeta se refere à visão dos ossos ressequidos, revitalizados pela palavra de Javé: de um povo morto pela injustiça e violência, vai surgir uma nova criação. Do estado cadavérico em que se encontra na Babilônia, Israel vai experimentar em si a ação do Espírito de Javé (o mesmo que pairava sobre a criação), que vai lhe infundir nova vida, numa obra exclusiva da ação de Deus. Cf. BÍBLIA SAGRADA. Ave Maria., Edição de Estudos. 3ª edição. São Paulo: Editora Ave Maria, 2012. Ver notas de rodapé relativas aos textos de Is 52,7-12; 60,19-62,12 e Ez 36-37.

¹³⁰ Schillebeeckx observa que “apenas Daniel e nas últimas inserções apocalípticas nas tradições proféticas anteriores se encontra o ‘dia de Javé’, a pôr ponto final à história”. Cf. SCHILLEBEECKX, E. H., Algumas reflexões acerca da interpretação da Escatologia. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 5, fasc. 41, 1969, p. 46.

¹³¹ Ibid. Grifo do Autor.

convicção de que nem a morte tem poder sobre os que Deus ama¹³². O presente liga o futuro desta terra com o *eschaton* transcendente.

Acerca da antecipação das realidades assim ditas “escatológicas”, Schillebeeckx declara que:

A Bíblia não nos dá um relato histórico da antecipação deste *eschaton*. Nada sabemos acerca das últimas coisas transcendentais – juízo, o regresso de Cristo, o céu, o inferno, o purgatório – excepto (*sic*) na medida em que já estão indicados no decurso dos acontecimentos históricos que exprimem a relação real e actual (*sic*) entre o Deus da aliança e a humanidade, particularmente em Cristo, “último Adão”, isto é, “o homem do *eschaton*” (I Cor 15:45; cf. Apoc. 1:18 e 22:23). Portanto, a escatologia não nos permite retirar-nos da história terrena, porque é apenas na profundidade desta história que a eternidade pode começar a tomar forma. O *eschaton* pós-terrestre não é senão o problema de saber como receberá o seu cumprimento final, o que já está a crescer na história deste mundo¹³³.

Com tal declaração, Schillebeeckx reafirma a necessidade de pensar as realidades escatológicas a partir das realidades históricas, baseadas na relação real e vital da humanidade com Deus, pois o futuro tem tudo a ver com o passado e o presente: ele vai se construindo e se definindo por meio de acontecimentos produzidos pelas pessoas ao longo de sua história. A *escatologia* já se inicia na *protologia*, e ambas as realidades se coligam em sua construção concreta através dos acontecimentos produzidos pelas pessoas no uso de sua liberdade e na práxis de sua fé, como proposta divina e resposta humana, como vocação e missão, como fé e esperança ativa e comprometida.

Assim, as formas das realidades escatológicas só podem ser pensadas a partir das realidades históricas, pois é na história que a pessoa pode entender a revelação de Deus e seu destino futuro, que se prepara com o presente e nele se antecipa, ainda que em sinais. E, neste postulado, há uma convergência teológica entre Schillebeeckx e Karl Rahner. Para este, “falar do presente para o futuro é escatologia; falar do futuro para o presente é apocalíptico”¹³⁴.

¹³² Schillebeeckx situa nos Salmos 16, 49 e 73 o desenho da experiência espiritual motivadora da relação do israelita com Deus, que vai destruir o *sheol* (o estado depois da morte como uma excomunhão da vida, quer dizer, da vida neste mundo com o nosso próximo na comunhão com Deus), preparando assim o caminho para uma escatologia transcendente e da ressurreição, já que faltava ao salmista uma terminologia própria para descrever a existência espiritual após a vida. Cf. *Ibid.*, p. 47. Grifo do Autor.

¹³³ *Ibid.*, p. 47-48. Grifos do Autor.

¹³⁴ No seu *Curso Fundamental da Fé*, Rahner fala da utopia intramundana como evento da autocomunicação de Deus, que determina a salvação da pessoa humana como evento totalmente significativo, “pois nesta história, e não paralelamente a ela, acontece o evento do Deus que se doa a si mesmo à criatura e a história do livre acolhimento deste Deus infinito enquanto o mistério

Schillebeeckx define a Escatologia como “expressão da crença de que a história está nas mãos de Deus, de que a história do mundo pode atingir o seu pleno cumprimento na comunhão com Deus e de que será levada a essa plenitude em Cristo, que incarna (*sic*) a promessa de Deus”¹³⁵; ao mesmo tempo, esta crença - longe de pretensões sobre o “além”, e diante do mal que se manifesta no curso da história - implica na responsabilidade dos fiéis poderem e deverem dirigir esta história rumo à salvação de todos. Em perspectiva antecipatória, tal salvação deve ser realizada já agora na presente história do mundo, transformando a própria história numa profecia do *eschaton* final e transcendente.

Reluz aqui o viés inédito schillebeeckxiano da linearidade consequente entre história e escatologia, ambas assumidas pela responsabilidade moral que brota da fé do crente. Na práxis do seguimento de Cristo, o discípulo vai tecendo com Deus uma história pontilhada de acontecimentos nos quais Deus manifesta seu poder salvador enquanto a humanidade é instada a perceber a ação divina e a aderir pela fé ao Filho de Deus, que já antecipa para dentro da história, até nas suas minúcias domésticas e naturais, as realidades do Reino escatológico, esperado definitivamente, a partir de compromissos de suas lideranças a nível político, ético, ecológico e social dentro da Comunidade. Schillebeeckx vai desenvolver a relação entre história e escatologia na terceira obra de sua trilogia¹³⁶.

Os eventos histórico-salvíficos ajudam os fiéis seguidores de Jesus Cristo a pensar, agir e a renovar, desde já, a história humana. Com sua atuação renovadora, os fiéis se tornam responsáveis por criar no mundo uma novidade, um “mundo novo”, a realidade do Reino de Deus, que tende a se perpetuar por toda a eternidade, entendida esta como algo que não vem depois do tempo ou da história, mas como último cumprimento transcendente e intrínseco da própria história.

Quanto ao Reino de Deus, em sua dimensão cristológica e escatológica, Schillebeeckx afirma que “todos os exegetas estão de acordo em que as palavras

absoluto, que se comunica a si mesmo ao homem e lhe possibilita não apenas o futuro criado e finito”. Cf. RAHNER, K., Curso Fundamental da Fé: introdução ao conceito de cristianismo, p. 515; Id., Theologische Prinzipien der Hermeneutik eschatologischer Aussagen. Schriften zur Theologie, IV, Einsiedeln, Zúriq-úe-Colônia, p. 150. Apud: SCHILLEBEECKX, E. H., Algumas reflexões acerca da interpretação da Escatologia. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 5, fasc. 41, 1969, p. 48.

¹³⁵ Ibid.

¹³⁶ Cf. SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 26.

bíblicas acerca do Reino de Deus se relacionam com a própria mensagem de Jesus¹³⁷, e a elevação de Jesus ao senhorio é ato de salvação de Deus realizado na história, que transformou uma história que parecia ter acabado na morte numa história plenificada pela ressurreição de Jesus. E a ressurreição de Jesus é um acontecimento real, encastado na história, e que, todavia, não é histórico, mas escatológico; trata-se de um acontecimento tão dinâmico e misterioso que não fecha, mas deixa aberta a história para o futuro, carregando já e antecipando para dentro dela o julgamento futuro. Em Jesus ressuscitado e nos acontecimentos individuais e sociocoletivos de sua vida, Deus antecipou e revelou o significado do futuro de cada pessoa humana.

Em Jesus, cada pessoa humana poderá visibilizar o “mundo novo”, que espera, não como algo pré-fabricado, mas como uma realidade que vai tomando forma na própria vida, pessoal e coletiva, através do tempo e dos processos históricos, mediante a ação da fé dos fiéis neste mundo. Assim, profeticamente, o esperado “mundo futuro” se antecipa na história terrestre, ao mesmo tempo em que se dirige para o seu acabamento e cumprimento final. A cada vez que se percebe que a situação da vida das pessoas no mundo deve ser modificada e melhorada, podemos imaginar e criar uma simbólico-escatológica das realidades futuras que nos esperam após superação desta mudança, que Schillebeeckx chama de “‘experiências de contraste’ (do tipo ‘esta-situação-deve-mudar’)”¹³⁸. Somente a partir disso, e de modo hesitante, é que se pode falar acerca do reino escatológico final.

Aferrado à perspectiva antecipatória do Reino e da Vida, esperados e acreditados em perspectiva escatológica, Schillebeeckx percebe que, concretamente, “a hermenêutica e a exegese do reino final consistem, portanto, principalmente, em acentuar o empenhamento actual (*sic*) dos fiéis na *renovação*

¹³⁷ SCHILLEBEECKX, E. H., Algumas reflexões acerca da interpretação da Escatologia. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 5, fasc. 41, 1969, p. 48.

¹³⁸ Ibid., p. 49. Quanto à “experiência de contraste”, termo original usado por Schillebeeckx, o Autor explica na terceira parte de sua trilogia como relativo à resistência humana contra a injustiça, e a perspectiva de toda pessoa voltada rumo a algo de melhor (ao Reino?), como dom divino que, para a fé cristã, realiza-se na unidade da história. Cf. Id., História humana: revelação de Deus, p. 21-23; Philip Kennedy destaca a originalidade da expressão na terminologia adotada na literatura de Schillebeeckx. Cf. KENNEDY, P., Schillebeeckx, p. 127-129; Mary Catherine Hilkert destaca a ênfase dada por Schillebeeckx à expressão “experiência de contraste”, como sendo a resposta de resistência e esperança dada pelo crente ao que lhe ocorre de negativo e opressor. Cf. HILKERT, M. C.; SCHREITER, R. J., The Praxis of the Reign of God. An Introduction to the Theology of Edward Schillebeeckx, p. 67-70.

desta nossa história humana”¹³⁹, pois é esta atividade cristã construtiva que favorece uma exegese daquilo que o Povo de Deus professa, ao dizer: “Creio na vida eterna”. No entendimento de Schillebeeckx, tal profissão de fé implica dizer que o que cremos é “numa vida terrena, histórica, que é verdadeiramente *Vida*, e que é mais forte do que a morte, para aquele que crê no Deus vivo, que deu ao homem a promessa final da sua fidelidade em Jesus Cristo ‘para todo o sempre’ até ao fim dos tempos”¹⁴⁰. Esta *Vida*, a que se refere Schillebeeckx, é a *Vida do Reino de Deus*, promulgada por Jesus em sua semântica escatológica, como encontramos nos Evangelhos. Uma vida urgente para os pobres, pecadores, humilhados, oprimidos, sem esperança, cuja defesa e promoção é missão dos discípulos do Reino; e sua realização antecipa já na terra o Reino, que terá seu acabamento final na glória. E desta esperança, a ressurreição dos mortos já é, na fé professada na comunidade cristã, a antecipação escatológica do Reino na sua forma mais contundente e misteriosa¹⁴¹.

De acordo com Schillebeeckx, a “história de Deus com o ser humano em Jesus, transmitida e posta em prática pela ‘comunidade de Deus’, composta de crentes é uma ‘história sem um final histórico’, que continua pelo menos até hoje”¹⁴². Na opinião dele, esta “história sem fim histórico” é a força revelatória escondida na pregação verbal e prática de Jesus que fez o reino de Deus se antecipar, por meio de suas palavras e atos históricos, e que pode ainda ser sentida em nosso tempo quando as pessoas a confessam de uma forma ou de outra.

¹³⁹ SCHILLEBEECKX, E. H., Algumas reflexões acerca da interpretação da Escatologia. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 5, fasc. 41, 1969, p. 49. Grifo do Autor.

¹⁴⁰ Ibid. Grifo do Autor.

¹⁴¹ Claude Geffré, no Dicionário Crítico de Teologia, elabora uma excelente reflexão sobre o conceito de vida eterna, do ponto de vista escatológico, em chave antecipatória do reinado de Deus: “Em numerosas passagens do NT, entretanto, a v.e. (entenda-se “vida eterna”) não é somente o objeto de uma esperança para o além, mas já se acha antecipada para todos os que participam do reinado de Deus. Nos evangelhos, em particular, v.e. e reinado de Deus são termos quase intercambiáveis. Entra-se no reino de Deus como se entra na v.e. (cf. Mc 9,43 et. seq.; Mt 5,20; 19,29; 25,34)” [...]. Particularmente no Evangelho e nas Cartas de São João, a vida eterna resulta do conhecimento do único Deus verdadeiro e do seu Filho Jesus Cristo – cf. Jo 17,3 – mas também da práxis do amor fraterno: “sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos nossos irmãos” (1Jo 3,14). Cf. GEFFRÉ, C., Vida Eterna. In: LACOSTE, J.-Y., Dicionário Crítico de Teologia, p. 1849-1853.

¹⁴² Num artigo de Erik Borgman, Paul Murray e Torres Queiruga encontramos interessantes elementos de fundamentação literária da escatologia histórica de Schillebeeckx. Cf. BORGMAN, E.; MURRAY, P. D.; QUEIRUGA, A. T., Sacramentalizando a história humana. Em honra de Edward Schillebeeckx (1914-2009). Concilium: Revista Internacional de Teologia, Petrópolis-RJ, n. 344-348, Jan./2012, p. 19 et. seq.

Quanto à imortalidade da alma, Schillebeeckx afirma que não há sinal disso tanto no Antigo como no Novo Testamento, mas encontra-se em ambos os Testamentos o primado da relação real da aliança com o Deus vivo, mesmo para o fiel que já morreu, pois “o reino de Javé não se pode conciliar com o ‘estar morto’”¹⁴³. Além disso, Israel só se deu conta das implicações escatológicas de sua velha fé apenas dois séculos antes da vinda de Jesus, e que a história continha muito mais do que se podia relatar de uma forma puramente histórica. A propósito do significado e caráter escatológicos da história, Schillebeeckx diz que “na sua historicidade, a história é uma profecia que aponta, para além dos acontecimentos históricos, para o *eschaton* transcendente”¹⁴⁴, e é necessária uma análise do modo de viver do cristão, portanto de sua práxis do Reino no mundo e na história, enquanto construtiva práxis do amor ou sua deformadora recusa, para se compreender, ainda que sobriamente, grandes temas escatológicos como ressurreição, juízo, parusia, céu e inferno. Noutras palavras, do ponto de vista teológico e moral, portanto, também escatológico, a práxis amorosa e misericordiosa do Reino, ou a adoção de outra práxis – oposta ao Reino de Deus – não são a mesma coisa, tampouco ficam sem consequências atuais e futuras para a existência da pessoa e do universo. O futuro escatológico, da pessoa e do mundo, é antecipado pela definida adesão ao Reino e sua práxis consequente. Além disso, a práxis também não é opcional ou irrelevante: ou se vive a favor do Reino, com uma práxis ativamente benéfica, ou se vive contra o Reino de Deus, com uma práxis ativa ou passivamente perversa, alienadora e cúmplice de suas consequências para a pessoa, a sociedade e para o universo. A este propósito, Gibellini observa que o buscar humano elabora perguntas radicais sobre a realidade, mas somente a fé responde de modo radical. Entretanto, a resposta cristã vem da práxis, enriquecida pela superabundância de sentido que a fé lhe dá,

¹⁴³ SCHILLEBEECKX, Edward H. Algumas reflexões acerca da interpretação da Escatologia. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 5, fasc. 41, 1969, p. 50. Grifo do Autor. Também Ratzinger, em sua obra de 1977 sobre a Escatologia, comenta o estado de imortalidade da alma, no sentido grego e cristão, e o tempo intermédio entre a morte e a ressurreição. Ver: AUER, J.; RATZINGER, J., Escatología: la muerte y la vida eterna, p. 73-153; 170-181. Mais tarde, após assumir o Pontificado da Igreja, Bento XVI retomou o assunto dentro de um dos volumes de sua trilogia sobre Jesus de Nazaré. Ver: RATZINGER, J./BENTO XVI, Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição, p. 231-232.

¹⁴⁴ SCHILLEBEECKX, E. H., Algumas reflexões acerca da interpretação da Escatologia. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 5, fasc. 41, 1969, p. 50. Grifo do Autor.

abrindo a possibilidade de uma teoria que nasce da observação da experiência. Neste sentido, a escatologia e a própria teologia de Schillebeeckx é hermenêutica da experiência e da práxis¹⁴⁵.

É com base nestes princípios hermenêuticos escatológicos que Schillebeeckx vê a teologia como desdobramento racional e significativo do que se manifesta na história¹⁴⁶. Por meio deles, a fé cristã abre diálogo inteligível e responsável pelo ser humano e pelo mundo com quaisquer outras interpretações correntes para o bem de todos.

Desta forma, Schillebeeckx vai construindo as bases teológicas que nos são necessárias para compreender e delas extrair o argumento que fundamenta nossa hipótese. Percebemos que a relação entre História e Escatologia permeia toda a abordagem que o Autor faz sobre a antecipação do Reino de Deus. Então, após tal demonstração, qual seria a temática norteadora da Escatologia presente na Cristologia de Schillebeeckx?

Partindo dos argumentos acima, veremos, a seguir, que a temática fundamental orientadora da Escatologia de Schillebeeckx é o “Reino de Deus” e este relacionado fundamentalmente com o que o Autor chama de “caminho de vida”¹⁴⁷ de Jesus, com cuja proclamação (prédica) e atitudes (práxis) o próprio Jesus revela e antecipa na história o Reino de Deus.

2.4 Reino como orientação da Escatologia de Schillebeeckx

A mensagem do Novo Testamento é prioritariamente cristocêntrica. Após sua morte, Jesus, antes tido por pregador, converte-se no conteúdo da pregação da Igreja: ele torna-se o Cristo de Deus. E é dentro da comunidade cristã que a memória do crucificado-ressuscitado recupera a centralidade do Reino de Deus na pregação e práxis de vida de Jesus. Schillebeeckx observa que no caminho de vida de Jesus, “a pregação do reino de Deus estava no centro; ele não quis de maneira

¹⁴⁵ Cf. GIBELLINI, R., Edward Schillebeeckx: um teólogo na ágora da cidade secular e plural. REB – Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis-RJ: Vozes, 227, Jan/2010, p. 203.

¹⁴⁶ Gibellini diz que Schillebeeckx “foi um teólogo de fronteira, com antenas entre as mais sensíveis para captar e colocar em questão a relação entre Igreja e mundo (como o seu co-irmão, o grande Congar, teve que reconhecer). [...] Foi um teólogo fiel à sua comunidade, mas que pensava e argumentava na ágora da cidade secular, melhor, ainda mais, e antecipadamente, na ágora da sociedade do secularismo e do pluralismo cultural e religioso”. GIBELLINI, Rosino. Id., p. 204. Grifo do Autor.

¹⁴⁷ Cf. SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 150-164.

alguma fornecer-nos uma cristologia. Construí-la é a tarefa deixada aos discípulos: “E vós, quem dizeis que eu sou?” (Mt 16,15; Mc 8,29; Lc 9,20)”¹⁴⁸. Mais ainda: “Jesus não deixou nenhuma dúvida de que existe uma relação essencial entre o reino de Deus que se aproxima e sua própria pessoa e seu procedimento”¹⁴⁹. Esta relação é conteúdo da pregação da Igreja sobre Jesus, como o Cristo de Deus. Percebemos a concentração de Schillebeeckx na temática do Reino de Deus, e, por isso, afirmamos que o Reino de Deus é a temática que dá a orientação fundamental à Escatologia cristológica de Schillebeeckx.

Schillebeeckx afirma que, para Jesus, a entrada no reino de Deus é determinada pela reação da pessoa à sua mensagem (prédica) e ao seu procedimento (práxis): “Eu vos digo: todo aquele que se declarar por mim diante dos homens, o Filho do Homem também se declarará por ele diante dos anjos de Deus (Lc 12,8-9 = Mt 10.32-33)”¹⁵⁰. Em virtude do valor universal que tinha o reino de Deus, “Jesus tinha convicção de que desempenhava papel peculiar e singular na vinda e realização do reino de Deus”¹⁵¹. E a relação na convivência com Jesus deu aos discípulos a consciência de que havia um vínculo entre a vinda do Reino de Deus e a conversão da própria vida (metanóia). Para Schillebeeckx, Jesus transformou a vida dos discípulos, acolhendo-os no reino de Deus¹⁵². Deste modo, pela conversão, há uma gradual e contínua identificação entre o discípulo e o Reino de Deus, que por meio de sua práxis já se antecipa na história.

Tal como aconteceu com Jesus, acontece também com o discípulo do Reino, inclusive e mormente no que se refere ao seu jeito de viver e morrer, ao seu fim finito enquanto peregrino na terra: longe de pretender ser um dirigente messiânico-político, Jesus renuncia a todas as honrarias, para se revelar como servo, capaz de dar até a própria vida para o bem de todos. A morte de Jesus é consequência da radical dedicação de sua vida no amor e na justiça pelos mais desassistidos. Quem servir e viver como Jesus terá o mesmo fim, pois “no meio de um mundo mau, todo esforço em prol da justiça e do amor significa risco de vida”¹⁵³. Noutras palavras, a práxis do reino traz consigo um certo risco de vida, e

¹⁴⁸ SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 164.

¹⁴⁹ Ibid.

¹⁵⁰ Cf. *ibid.*, p. 165.

¹⁵¹ Ibid.

¹⁵² Ibid.

¹⁵³ *Ibid.*, p. 167.

este é o mesmo risco para a vida terrena de Jesus e para a vida terrena do discípulo do reino.

A maior importância da nova definição de Deus e do homem, dada por Jesus em sua prédica e prática, alcança seu ponto mais lúcido de compreensão na morte de Jesus na cruz: “Deus está presente na vida humana também onde, de conformidade com o pensar humano, está ausente”¹⁵⁴. Neste sentido, aos discípulos de Jesus, pareceria doce demais para ser verdadeira a futurística profecia da visão do reino de Deus ilustrada pela harmônica convivência dos seres e espécies na natureza reconciliada pela vinda do Messias. É mais plausível que “onde o bem triunfa e a injustiça e o sofrimento cedem, Deus é testemunhado na práxis”¹⁵⁵. Mas há algo ainda mais relevante e diverso que esse conceito pragmático do Reino: “Jesus proclama que se pode realizar salvação também no meio do sofrimento e na execução injusta”¹⁵⁶.

Na cruz, Jesus revelou e participou da fragilidade do mundo vivido pela humanidade. Segundo Schillebeeckx, em Cristo crucificado,

Deus determinava *quem e como* quer ser, no seu ser mais profundo, a saber, um Deus dos homens, companheiro de aliança em nosso sofrer e em nossa absurdidade, e companheiro de aliança também no que realizamos de bem. Ele é *em* seu próprio ser um *Deus por nós*¹⁵⁷.

Perante esta constatação, Schillebeeckx declara que não vê “mais nenhum sentido na distinção clássica entre ‘Deus em si’ e ‘Deus por nós’”¹⁵⁸. O Reino de Deus encontra aqui seu princípio gerador de antecipação e projeção para dentro da história: Deus é Deus por nós, para nós, em meio a nós e a favor de que vivamos bem. Há uma conversão de Deus em vista da salvação da humanidade que exige, por sua vez, a conversão da humanidade em vista do Reino de Deus. E é na cruz que se revela, de maneira suprema e definitiva, o que Schillebeeckx chama de “humanidade do nosso Deus, o núcleo da mensagem de Jesus sobre o reino de Deus: Deus que só chega a fazer valer os seus direitos no mundo humano, na integridade e felicidade dos homens, inclusive através do sofrimento”¹⁵⁹. É através

¹⁵⁴ SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus.

¹⁵⁵ Ibid., p. 167-168.

¹⁵⁶ Ibid., p. 168.

¹⁵⁷ SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 168. Grifos do Autor.

¹⁵⁸ Ibid.

¹⁵⁹ Ibid.

do sofrimento redentor que Deus agia de modo a reconciliar os homens consigo no seu Cristo: “Era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo” (2Cor 5,19). Não foi Deus, mas os homens que entregaram Jesus à morte; e, exatamente esta entrega constituiu o material da suprema autorrevelação de Deus na ressurreição de Jesus, que fora crucificado.

Por isso, após a ressurreição de Jesus e as experiências das aparições do ressuscitado, que havia sido crucificado e sepultado, foi amadurecendo na comunidade cristã a convicção de que havia uma identidade onto-teológica entre o Jesus de Nazaré e Jesus, o Cristo; portanto, a identidade era a da mesma pessoa em dois momentos distintos e teologicamente complementares: o crucificado e o ressuscitado. Schillebeeckx aprofunda esta convicção percebida nos credos cristológicos e escatológicos da primeira comunidade cristã¹⁶⁰ e, com isso, oferece as bases para uma resposta razoável para a pergunta sobre o significado escatológico da ressurreição de Jesus: do ponto de vista escatológico, como era visto o fato da ressurreição de Jesus? Schillebeeckx o explica assim:

De fato, nessa antiga cristologia a ressurreição não é vista primariamente como correção divina do escândalo da cruz, mas como *base* para a parusia que se aproxima como inauguração da ressuscitação escatologicamente universal dos mortos, e como acontecimento que confirma a *mensagem* de Jesus sobre o vindouro reinado de Deus: o presente (Jesus ressuscitado) já é a vinda do futuro (a parusia, o reinado de Deus). A vinda do reinado de Deus é assim reinterpretada como tendo regressivamente mais sentido cristológico. O Ressuscitado ou, (para outros), o Exaltado, é aquele que em breve virá: o éscaton já está quase acontecendo! Foi esta a original experiência pascal. Ressurreição e parusia, embora distintas, estavam muito perto uma da outra¹⁶¹.

Por esta afirmação, Schillebeeckx identifica Jesus ressuscitado como uma antecipação escatológica da ressurreição de todos os que morrem e como antecipação confirmatória do Reino de Deus que vem, sendo ele mesmo, o ressuscitado, o futuro reinado de Deus inaugurado na história. O ritmo da história vai aproximando sempre mais as pessoas e o mundo do próprio éscaton, do próprio Cristo de Deus. E isso aproxima também o fato da ressurreição do fato da volta definitiva e gloriosa de Jesus na história da humanidade, razão da esperança dos que nele creem.

¹⁶⁰ Conforme se viu anteriormente, o Autor aprofunda a convicção da identidade de Jesus, o mesmo que foi crucificado, que morreu e ressuscitou, ao comentar a importância histórica e teológica dos modelos originais dos credos do cristianismo primitivo. Cf. *Ibid.*, p. 403-438.

¹⁶¹ Cf. SCHILLEBEECKX, E., *História humana: revelação de Deus*, p. 541-542. Grifos do Autor.

Por isso, os Sinóticos consideram os Doze como os juízes escatológicos do tempo final que já está chegando (cf. Mt 19,28 = Lc 22,28-30; cf. Mc 9,1 e Lc 9,27 com reflexos em Jo 21,18-23 e 1Ts 4,15). A experiência pascal foi confirmando na comunidade cristã a convicção de que Jesus era mesmo aquele que viria em breve, já que sua pregação havia sido o anúncio daquilo que se realizara em sua páscoa. Para Schillebeeckx, “ressurreição e parusia, portanto, originalmente não foram antitéticas: na origem, a chegada do reino de Deus estava ligada à *parusia*”¹⁶². Em outras palavras, ressurreição é o início de uma série de sucessivos acontecimentos escatológicos que culminariam na parusia. Enquanto isso, os fiéis celebram e vivem a memória de Jesus, na expectativa de sua vinda definitiva, pois a ressurreição de Jesus é a base da ressurreição escatológica dos fiéis¹⁶³.

Na base desta convicção, Schillebeeckx oferece resposta à pergunta acerca de um possível engano de Jesus ao anunciar a vinda bem próxima do reino de Deus¹⁶⁴. Na verdade, Jesus não falou de uma proximidade cronológica da salvação, mas da próxima futura parusia de Deus, em termos da vinda do “Filho do homem”¹⁶⁵. Para o desfecho de sua resposta, Schillebeeckx toma em consideração algumas premissas, quais sejam: os primeiros cristãos anunciaram Jesus como “o ressuscitado”; Jesus anunciou a salvação que em breve viria de Deus; a certeza que este anúncio continha não enfraqueceu nem mesmo quando Jesus estava encarando a própria morte; Jesus integrou a própria morte na sua

¹⁶² SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 542. Grifos do Autor.

¹⁶³ Para Paulo, na comunidade cristã de Corinto, a expectativa escatológica é vista a partir da ressurreição de Cristo. Ele tematiza explicitamente a ressurreição de Jesus, e causa uma reviravolta nas expectativas apocalípticas do fim, pois para ele, a escatologia é fundamentada cristologicamente, e não a cristologia fundamentada escatologicamente (cf. 1Cor 15,29-34). A salvação de Israel só acontecerá quando todos os povos reconhecerem o Cristo. No entretanto, justifica-se a missão em todas as direções, de judeus a gentios, num caráter mundial e universal. A missão será o grande acontecimento entre a ressurreição e a parusia. Cf. SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 544-545.

¹⁶⁴ Também Bento XVI citou a triste ironia de Alfred Loisy acerca do fosso entre Jesus e sua pregação apostólica, relativa ao Reino de Deus, assim formulada: “Jesus anunciou o Reino e o que veio foi a Igreja”. Mas o próprio Bento XVI, na sequência, após várias perguntas, elucida a direção do entendimento das palavras de Jesus com uma pergunta fundamental: “Ele é apenas um mensageiro, que tem apenas de representar uma realidade em última instância totalmente independente Dele, ou o próprio mensageiro é a mensagem?”. Cf. BENTO XVI., Jesus de Nazaré: primeira parte. Do Batismo no Jordão à Transfiguração, p. 58 e 59.

¹⁶⁵ A propósito da cronologia ou ontologia relativa à parusia, Schillebeeckx explica que não pode ser riscado da mensagem de Jesus o aspecto cronologicamente linear, pois seria hermeneuticamente falso declarar que o aspecto temporal é uma roupagem historicamente variável, enquanto a proximidade ontológica teria sido a mensagem central propriamente visada por Jesus. Cf. SCHILLEBEECKX, E., Op. Cit., p. 545.

oferta de salvação, no sentido de toda a sua vida. À luz destas premissas, Schillebeeckx percebe que os discípulos tiveram que se posicionar diante do fato da morte e da ressurreição de Jesus da seguinte maneira: “‘Esse homem se enganou, o reino de Deus não veio’. Ou então: ‘Ele tinha razão!’”¹⁶⁶. No caso assertivo desta última resposta (“Ele tinha razão!”), a conclusão só pode ser esta: “a parusia de Deus, anunciada por Jesus, realizou-se de fato, a saber, na ressurreição de Jesus, e assim essa ressurreição torna-se a base da vindoura parusia de Jesus, o ‘Filho do homem’”¹⁶⁷.

Então, para demonstrar que o Reino de Deus coincide com a pessoa de Jesus, o Cristo, Schillebeeckx, afirma:

A convicção cristã de que Jesus não se tinha enganado, na sua experiência com o ‘Abba’, foi portanto um dos elementos que levaram os cristãos a identificarem o reino de Deus, cuja vinda Jesus proclamara, com o próprio Crucificado ressuscitado: nele o reino de Deus chegou. Foi essa a intuição fundamental da fé que os primeiros cristãos verbalizaram ao anunciarem que Jesus se tinha levantado dentre os mortos. O Reino de Deus anunciado por Jesus veio da maneira como ele havia dito: no Crucificado ressuscitado [...] ¹⁶⁸.

Mesmo com esta declaração, não estava resolvida a questão da demora mais longa da parusia de Jesus, que causou certa crise nas primeiras comunidades cristãs. Mas, para Schillebeeckx, havia uma base segura para fundamentar a parusia vindoura, e, deste modo, nada de essencial mudou para os cristãos; no entanto, o que aparecia cada vez mais clara e nitidamente era a tensão entre o “já” e o “ainda não”, entre uma escatologia do presente e a do futuro. E o Autor conclui que “a interpretação da ressurreição de Jesus acabou com a noção apocalíptica de ressurreição”¹⁶⁹. Após a ressurreição de Jesus, a história continuou como antes, mas Deus já havia realizado definitivamente sua ação salvífica em favor de toda a humanidade na pessoa de Jesus de Nazaré, o Crucificado ressuscitado. Deste modo, Jesus, que anunciava o reinado de Deus a realizar-se em breve, não se enganara, apesar da contradição havida em sua rejeição e morte. E qual a base desta conclusão cristológico-escatológica de Schillebeeckx? A base teológica foi exatamente esta:

¹⁶⁶ Cf. SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 545.

¹⁶⁷ Ibid.

¹⁶⁸ Ibid.

¹⁶⁹ Ibid., p. 546.

Durante a vida, Jesus se identificara com a causa de Deus, com a vinda do reino de Deus; assim, com ele se identificou o próprio Deus, fazendo-o levantar-se dentre os mortos; o próprio Jesus é esse reino de Deus. Assim, Jesus não anunciou a sua própria pessoa, e sim o reino de Deus. Jesus se proclamou, por assim dizer, sem querer, a si mesmo: o Anunciante é o Anunciado¹⁷⁰.

Assim, Jesus inaugurou os tempos escatológicos, marcados e caracterizados pela experiência do dom escatológico, o Espírito Santo, chamado na comunidade cristã como “Espírito de Jesus” (At 2,33; 10,44ss; 19,5-6; Rm 8,9; Fl 1,19; Gl 4,6). Em sua missão, é o Espírito de Jesus que dá início à era escatológica, profetizada no passado pelos profetas Joel e Ezequiel (cf. Jl 3,1ss; Ez 36-37). Na Comunidade de Corinto, a presença do Espírito é interpretada por Paulo como exercício vivencial da liberdade (2Cor 3,17), a qual havia sido percebida por todos na vida do próprio Jesus terreno; tratava-se de uma liberdade humana, baseada no estar a serviço da absoluta liberdade de Deus, que, por sua vez, se revelava na práxis da “liberdade dos filhos de Deus” (Rm 8,21), característica do cristianismo primitivo, que se libertou da Lei. A experiência de liberdade a partir da ação do Espírito de Jesus era de tal intensidade que, segundo Schillebeeckx, na comunidade cristã, a profissão de fé mais primitiva foi assim expressa: “Jesus de Nazaré é o Cristo, aquele que está totalmente cheio do escatológico Espírito de Deus. Jesus é a divina revelação definitiva, a revelação dos últimos dias, e assim é ao mesmo tempo o paradigma da humanidade escatológica”¹⁷¹.

O testemunho dos evangelhos atesta que Jesus tinha uma determinante experiência com o “Abba”, seu Pai. Tal “experiência do Abbá”, foi a “fonte de sua mensagem e práxis de vida voltada para o homem sofredor”¹⁷². Na base desta experiência, ofereceu a todos, por meio de palavras e ações, uma salvação vinda de Deus e um futuro real. Aquele que fora crucificado, agora ressuscitado, era a nova identidade de Jesus concebida e testemunhada pelos cristãos que experimentaram uma forte comunhão com ele durante os dias de sua vida na terra.

Em Jesus, os discípulos experimentaram que Deus trouxe redenção, salvação e libertação para a humanidade, e o constituiu Cristo e Senhor deles¹⁷³, e tal experiência antecipava já para eles o reino vindouro de Deus, que se concretizava na práxis libertadora de Jesus e na sua morte, pois o Reino de Deus

¹⁷⁰ SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 546.

¹⁷¹ *Ibid.*

¹⁷² *Id.*, *História humana: revelação de Deus*, p. 159.

¹⁷³ *Id.*, *Op. Cit.*, p. 547.

não consiste em palavras, mas em ação (cf. 1Cor 4,20). “O contato vivo com este arauto do reino de Deus era sentido como salvação vinda de Deus”¹⁷⁴, e se fortaleceu na comunidade cristã a fé de que era Deus mesmo quem agia em Jesus para a salvação do gênero humano (cf. At 10,38).

2.5 Reino escatológico em antecipação no mundo

Ao falar da morte de Jesus, do ponto de vista puramente histórico, Schillebeeckx destaca a nulidade de valor redentor que ela possui, advertindo de que “todo discurso racional sobre a ressurreição de Jesus deve proceder de tal forma que não se bagatelize a morte ignominiosa de Jesus a partir da ressurreição”¹⁷⁵, pois o discurso sobre a morte de Jesus como morte expiatória ou redentora, sem uma reflexão crítica, pode tornar-se pura ideologia. Para fazer esta afirmação, Schillebeeckx se apoia na constatação paulina, segundo o qual a cruz não constituía nenhum sinal de honra, mas de maldição, aspecto negativo da morte na cruz. Schillebeeckx critica Bultmann pela tratativa de normalidade que este aplica à morte de Jesus. Enquanto Bultmann trata da morte de Jesus como problemática humana normal e dialética entre morte e vida, Schillebeeckx recorda o caráter ignominioso da morte de cruz, que se encontra em flagrante contradição com o real caminho de vida de Jesus¹⁷⁶.

A diferença entre a morte de Jesus e a de tantos homens que foram igualmente crucificados é exatamente o duplo caráter de sentido universal e de expiação atribuído à morte de Jesus na cruz. Sendo a morte inimiga da vida, considerada em si mesma, isoladamente, a morte de Jesus, como a dos demais crucificados, não teria sentido algum. O que, então, confere importância à morte de Jesus? Aqui comparece a tese de Schillebeeckx, a respeito da relação antecipatória do Reino de Deus, presente na ressurreição de Jesus. É o próprio Autor quem a expõe:

Minha tese é: se o caminho de vida de Jesus não evidenciar nenhum sinal antecipatório da ressurreição, sua morte não passará de falência e, neste caso, a fé na ressurreição será de fato (como opina J. Pohier) mero fruto do desejo humano.

¹⁷⁴ SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus.

¹⁷⁵ Ibid., p. 169.

¹⁷⁶ Cf. ibid., loc. cit.

Sem antecipação eficaz da ressurreição, na vida terrena de Jesus, a Páscoa não passa de ideologia. Mas o sujeito da afirmação de fé “Ele ressuscitou” é o Jesus de Nazaré histórico, que acreditou na promessa, dando-lhe figura em sua mensagem e sobretudo em sua práxis de vida. A fé de Jesus na promessa como fonte de práxis original antecipa historicamente o sentido da ressurreição e, sendo assim, o poder supremo de Deus sobre o mal¹⁷⁷.

Deste modo, relacionando a ressurreição de Jesus ao caminho de vida por ele percorrido, Schillebeeckx alude à mesma relação antecipatória que há entre o Reino de Deus e o caminho de vida de Jesus, como já o demonstramos anteriormente. A práxis de vida de Jesus, marcada continuamente pela ameaça de morte, constitui-se um “já” do Reino, ainda que no horizonte da morte, esta também já vencida na esperança. E aqui, segundo nosso entendimento, vemos que se situa o viés escatológico da antecipação do Reino de Deus no mundo, através da práxis de vida de Jesus e compreendemos que, embora “ainda não” totalmente concluído, o Reino de Deus “já” chegou na história com o modo de viver de Jesus Cristo, e se perfaz na história, através do modo como seus seguidores também vivem. Morte e ressurreição são dois momentos da mesma história de salvação, ou seja, duas faces do mesmo mistério, e revelam a força de Deus que já estava atuando na própria vida de Jesus.

A morte de Jesus não é somente o anúncio antecipatório de sua ressurreição, esta entendida como superação histórica da morte, como julgava Bultmann, pois se assim o fosse, a ressurreição seria somente a negação da história de vida de Jesus. Na verdade, segundo Schillebeeckx, a morte indefesa de Jesus na cruz possui um caráter positivo, solidário e libertador, que se revelou já em seu caminho real de vida, em sua solidariedade com os oprimidos que confiam em Deus. Jesus arriscou tudo, inclusive a própria vida, pela causa de Deus, que era a causa daqueles que ele amava, mas que jaziam vivos na opressão e na miséria, causada pela maldade dos seus impiedosos irmãos, também estes filhos do mesmo Deus e amados por Ele como seu Pai. Esta tarefa é de tal forma assumida por Jesus que, diante de sua urgência, ele despreza a própria sobrevivência.

Schillebeeckx vê nisso a práxis do Reino e, como tal, antecipação histórica da ressurreição no mundo, ressurreição que aponta para a chegada do Reino como esperança para os desesperançados do mundo, pois “a opressão não tem direito de existir, o direito do mais forte não deve valer na vida dos homens na sociedade. A

¹⁷⁷ SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus.

opressão constitui escândalo e injustiça”¹⁷⁸, e Jesus se recusa a conceder ao mal os mesmos direitos do bem, e seu agir não corresponde à sanha do mal, mas dá a vida pelos que esperam pela salvação que vem de Deus. Esta salvação é sua práxis do Reino, e Ele mesmo - Jesus -, é o seu Salvador.

A morte de Jesus representou uma força suprema e ao mesmo tempo indefesa diante do desarmamento do mal. Já a transfiguração de Jesus, em sua vida terrena, antecipava e sinalizava o significado de sua ressurreição. A fidelidade de Deus para com Jesus fez com que sua presença contínua fosse garantida na vida, como na morte e na ressurreição. Por isso, segundo Schillebeeckx, “Deus não perdeu seu poder quando Jesus pendia da cruz, mas ficou desarmado e vulnerável, da mesma forma como Jesus estava desarmado e indefeso”¹⁷⁹.

A experiência de fé dos discípulos e dos primeiros cristãos interpretou o acontecimento da morte de Jesus na cruz como a impossibilidade de o mal ter direito a dizer a última palavra. Quem na verdade teve direito a dizer a última palavra foi a ressurreição. A cruz representava apenas a atrevida prepotência da humanidade sobre Deus, mas sua presença fiel e contínua na vida de Jesus, estava positivamente garantida também na hora de sua morte. Portanto, sofrimento, dor e morte continuarão sempre absurdos. Mesmo que Jesus as tenha experimentado, essas realidades não podem ser mistificadas, porque elas não têm a última palavra. A presença de Deus junto de Jesus não é imposição nem coação, mas uma presença com justa proximidade: Deus estava perto de Jesus com poder, mas sem abusar de seu poder.

Eis o caráter redentor e reconciliador do caminho de vida e da morte de Jesus. Paradoxalmente, em Jesus crucificado e ressuscitado, Deus “*esconde* sua força suprema, *expressando-a ao mesmo tempo* no seu caráter indefeso, a fim de nos facultar espaço para nos tornar por nossa vez solidariamente com os oprimidos”¹⁸⁰. Como Jesus, seus discípulos poderão antecipar o Reino, passando pelo mundo fazendo o bem, pois “o ‘passar fazendo o bem pela Palestina’ (cf. At

¹⁷⁸ SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 170.

¹⁷⁹ Ibid.

¹⁸⁰ Ibid., p. 171. Grifos do Autor.

10,38) já era o começo do reino de Deus, onde não pode mais haver morte e injustiça. Em sua práxis do reino de Deus, Jesus já antecipa sua ressurreição”¹⁸¹.

Schillebeeckx diz que “o Crucificado é também o Ressuscitado”¹⁸², e neste axioma o Autor faz coro com outros dois importantes teólogos que se referem à mesma temática da antecipação escatológica do Reino, quais sejam: Wolphart Pannenberg e Jurgen Moltmann. Particularmente afinada com Schillebeeckx, encontramos na obra de Moltmann a exata e similar compreensão deste teólogo acerca da ressurreição como antecipação do Reino na história, ainda que em promessa, cuja total realização se projete para o futuro¹⁸³.

Isso para nós é muito importante: é o próprio Schillebeeckx que admite o axioma escatológico segundo o qual a ressurreição é antecipação do Reino no mundo, vencendo o mal e a morte. Há um “agir escatológico de Deus”¹⁸⁴ na ressurreição de Jesus dentre os mortos, com o qual o Pai julga, valoriza e aprova a mensagem, o caminho de vida e a morte de Jesus, imprimindo-lhe o seu selo, desaprovando e contrariando o que os homens fizeram com seu Filho.

Assim, a ressurreição de Jesus assume três significados irrevogáveis de antecipação escatológica do Reino, quais sejam:

1. A primeira avaliação positiva da vida de Jesus e sua morte de cruz, reconhecendo o significado interno da prédica e da práxis do reino de Deus da parte de Jesus. Sem esta primeira dimensão, esvazia-se a fé na ressurreição.
2. Na ressurreição de Jesus irrompe o que já estava presente em sua vida e em sua morte, ou seja, sua comunhão de vida e de graça com o Deus vivo, cuja força a morte não poderia romper: esta comunhão de vida já é o começo do que se costuma chamar de vida eterna, e antecipa o Reino de Deus.

¹⁸¹ SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus.

¹⁸² Ibid. Encontramos o mesmo axioma cristológico em: MOLTSMANN, J., O Deus Crucificado. A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã, p. 200.

¹⁸³ SCHILLEBEECKX, E., Op. Cit., p. 171. Encontramos a riqueza escatológica da dinâmica proléptica do Reino nas obras de Pannenberg, Moltmann e Kuzma. Para isso, ver: PANNENBERG, W., Teologia Sistemática, p. 35-66; 553-581; MOLTSMANN, J., O Deus Crucificado. A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã, p. 199-244; KUZMA, C., O futuro de Deus na missão da esperança. Uma aproximação escatológica. São Paulo: Paulinas, 2014; Id., A esperança cristã. Fundamentos e reflexões na teologia de Jurgen Moltmann. Dissertação (Mestrado em Teologia). Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2007.

¹⁸⁴ SCHILLEBEECKX, E., Op. Cit., p. 171.

3. A ressurreição é não somente a continuação para além da morte da comunhão de vida de Jesus com Deus, mas é também o germen do estabelecimento do Reino de Deus, a partir da exaltação e glorificação de Jesus junto de Deus, confirmando que também a pregação e práxis de Jesus já possuíam sentido escatológico, antes mesmo de sua ressurreição.

Estes argumentos teológicos de antecipação do Reino de Deus no mundo possuem um determinado endereço eclesiológico que aponta para a continuidade, pois, mediante esta fé na ressurreição, o Jesus crucificado e glorificado, pneumaticamente presente em sua Igreja, continua agindo sobre seus discípulos em nossa história. E tal antecipação compromete a ação pastoral e evangelizadora da Igreja, no sentido de confirmar sua fidelidade a Jesus Cristo, pois, segundo Schillebeeckx:

Onde a Igreja de Jesus é comunidade viva, vive rezando e libertando os homens no seguimento de Jesus, a fé na ressurreição não conhece nenhuma crise. Por outro lado não posso deixar de observar: é melhor não ter absolutamente fé na vida eterna do que confessar um Deus que no “aqui e hoje” humilha os homens, que os apequenece e degrada em vista de um além melhor¹⁸⁵.

Entende-se com isso que a práxis da fé na ressurreição exclui qualquer opressão aos pobres, pois o próprio Jesus está pneumaticamente presente em sua Comunidade eclesial e na ação dos seus discípulos como antecipadores do Reino glorioso que já se desenha no horizonte histórico, e avança para dentro do mundo através dos seguidores de Jesus, do mesmo modo como se verificavam na vida de Jesus antecipações de sua ressurreição.

E, como se deu a vida indefesa de Jesus, na qual o Pai manifestou toda a força de seu poder vital na ressurreição, também a suprema força de Deus deve ser sentida no caráter indefeso da própria vida dos discípulos de Jesus na Igreja. Quando isso não acontece assim, paradoxalmente, e de modo sempre escandaloso, aparecem na Igreja os sinais que anuviam a antecipação escatológica do Reino de Deus, pois o ambiente histórico em que se verifica a antecipação escatológica do Reino, como germen e missão, é a própria comunidade eclesial (cf. *Lumen Gentium*, 5). Em sua ação missionária e evangelizadora, o Reino se transforma em

¹⁸⁵ SCHILLEBEECKX, E., *História humana: revelação de Deus*, p. 173.

acontecimento histórico, ainda que, em sua índole de peregrina, a Igreja aspire ao Reino perfeito, em seu acabamento final na glória¹⁸⁶.

Um dinâmico caminhar histórico-escatológico perpassa nossa tese, à luz da Escatologia de Schillebeeckx: o Reino proclamado e praticado por Jesus, que encontra sua expressão em forma histórica na palavra e práxis de seus discípulos de ontem, de hoje e de amanhã, na Igreja e fora dela, não dá conta da totalidade do Reino antecipado. Aliás, se é verdade que a palavra de Cristo anunciou a proximidade absoluta e operativa da graça de Deus, que em seu próprio Filho quis manifestar seu amor libertador à humanidade em todas as dimensões de sua vida, nossa prédica e nossa prática do Reino apenas sinalizam para uma realidade que estará sempre ainda por se revelar totalmente, mas que, ao mesmo tempo, já está presente e atuante, em balbucio e em pequenas ações salvadoras, capazes de alimentar em cada pessoa a esperança que não decepciona.

Enfim, brotam da ressurreição de Jesus, como antecipação do Reino na história - para o crente, como missão, e para todos os que aderirem a Cristo, como possibilidade salvadora - uma série de experiências de liberdade e libertação:

1. Liberdade de poder viver no mundo sem grande desconfiança para com a existência.
2. Liberdade de ter uma visão da morte não marcada pelo terror, mas pela confiança e certeza de que ela não tem a última palavra na existência da humanidade.
3. Liberdade de assumir empenho pelos outros, sem interesses particulares, na confiança de que este empenho, atual e histórico, terá um desfecho de alcance decisivo e seguro no fim da história, como o sugere Jesus no seu discurso escatológico no Evangelho de Mateus (Mt 25).
4. Liberdade de experimentar a paz, a alegria e a comunicação, compreendidas como manifestação, embora fragmentárias, da presença salvadora do Deus vivo.
5. Liberdade de participar em ações de luta para que se estabeleça a justiça na economia, na sociedade e na política.

¹⁸⁶ Cf. LOPES, G., *Lumen Gentium*. Texto e comentário, p. 39-41.

6. Liberdade de se sentir livre de si mesmo, e sair de si indo ao encontro dos outros e lhes fazer o bem.

Todas estas experiências de liberdade são experiências de salvação vindas de Deus que, em última análise, são irradiadas pela ressurreição de Jesus; e, portanto, sinais da presença e ação do Reino no mundo, disponíveis e ao alcance de todos os que vivem atormentados por tantas situações de penúria e de pecado, que mostram seu rosto amargamente multifacetado em todos os contextos culturais sob as mais diversas formas de perturbação: violências, insegurança, ódios, fome, destruição do meio ambiente, extermínios, corrupção, totalitarismos, abandono do amor de Deus, manifestado por Ele à humanidade na pessoa de Jesus Cristo. Fundada no amor de seu Fundador, a comunidade cristã tem por missão e esperança, plantar as sementes do Reino ao longo da história, deixando o mundo melhor que antes e olhando para o alto, onde se encontra a completa realização de sua peregrina esperança.

2.6

“Extra mundum nulla salus” – práxis do Reino na História

A realidade histórica é, para Schillebeeckx, a base da Escatologia¹⁸⁷. Para ele, uma das tarefas da teologia é “assegurar a fé e a esperança numa força salvífica que ama e liberta o homem, que queira superar o mal”. E a religião que queira dialogar com a humanidade, deverá ser “religião ‘referida ao mundo’, a partir da fé no Deus libertador, a homens e sua humanidade em seu contexto social e histórico”¹⁸⁸, proclamando credivelmente a “utopia escatológica”, para não ocultar e subestimar a face da humanidade de Deus e sua solicitude para com todas as criaturas, sobretudo os mais vulneráveis e desprezados, a fim de não mais profanar a *imago Dei*, que é a pessoa humana, e impedir que a criação divina seja igualmente profanada.

Partindo desta proposta contextualizada de Escatologia histórica, Schillebeeckx adota uma tipologia própria de seu vocabulário escatológico para falar das experiências do sofrimento e do mal, da opressão e infelicidade, como realidades que manifestam a finitude humana, às quais ele chama de “experiências

¹⁸⁷ O Autor mesmo faz esta declaração ao iniciar uma de suas obras mais importantes. Cf. SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 21.

¹⁸⁸ SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 20.

humanas de contraste”¹⁸⁹, que são como um veto que a pessoa humana opõe ao mundo, tal como ele é, com seus erros e contradições, cotidianamente acessíveis na mídia mundial. Tais situações levam a pessoa humana a uma indignação, como experiência fundamental de vida.

Para Schillebeeckx, esta realidade é de tal modo evidente no mundo que só não se dá conta dela quem se faz de cego, e anda sedento de consumo, prazer e esquecimento, ou cobiçoso de poder e de terror. A experiência do mal convive e se mistura na vida com as experiências do que é belo e do que é bom. O Autor protesta contra esta infeliz e contraditória convivência, pois ela parece bagatelizar simultaneamente tanto o mal quanto o bem, de modo que até os cínicos veem assim, mas para os sensatos, estas atitudes são sinais de decadência, que desprezam o esforço de cada pessoa para viver. Com acuidade de sua visão, Jesus associou o Reino de Deus ao contraste existente entre duas imagens ao mesmo tempo natural e moralmente antagônicas pela sua utilidade e significado: o trigo e o joio (Cf. Mt 13,24-30). O Reino é comparado por Jesus com o trigo, que vai crescendo em meio ao joio que o inimigo semeou. Analogamente, percebemos que não faltam inimigos semeadores do mal, capazes até de espalhar confusão entre o que promove o bom sentido de viver e sustentam o que tira o sentido da vida.

Da experiência de contraste, emerge um elemento positivo, uma ética resultante da indignação humana, que não se deixa abafar; uma ética libertadora que ilumina a saída da pessoa humana do grilhão do mal, através de um consentimento com o desconhecido, não determinável em seu conteúdo, que Schillebeeckx chama de “mundo melhor, outro mundo, que realmente não houve ainda em nenhum lugar”¹⁹⁰. Trata-se de um “sim em aberto” rumo ao que é melhor, embora desconhecido, que vai provocando “experiências ocasionais, fragmentárias, mas reais, de sentido e felicidade, de porte maior ou menor, que sempre voltam a alimentar o ‘sim em aberto’, que o confirmam e o mantêm”¹⁹¹. Em última instância, a “experiência de contraste”, que provoca nas pessoas que creem em Deus uma resistência à injustiça e ao mal, e com sua perspectiva voltada para “algo de melhor”, que já sinaliza o Reino de Deus esperado para dentro do mundo, converte-se, para os cristãos em dom divino, encontrado na pessoa de Jesus Cristo.

¹⁸⁹ Cf. SCHILLEBEECKX, E., *História humana: revelação de Deus*, p. 21.

¹⁹⁰ *Ibid.*, p. 22.

¹⁹¹ *Ibid.*, p. 23.

Schillebeeckx vê o processo de libertação na história humana como meio e material da revelação divina, que ordena à sua experiência e à sua realização já na história. À forma histórica destas experiências, Schillebeeckx chama de “tradição de experiências”. Por meio delas, pessoas que acreditam professam que Jesus trouxe salvação em e através de Deus. Por outro lado, há também outras pessoas que professam que Deus trouxe salvação para a humanidade através de pessoas humanas, possibilitando assim que eventos profanos se tornem material propício para que se ouça a Palavra de Deus, e a revelação se manifeste na história dentro de uma estrutura sacramental.

A história da salvação é acontecimento libertador de pessoas humanas e realidades mundanas, marcadas pelo mal, opressão e morte; e é nesta dinâmica histórica que Deus pode revelar o seu ser, “pois nesta história profana está inserida muita história de sofrimento e desgraça; nela, Deus não pode se revelar, a não ser... como veto ou como julgamento”¹⁹². A história da salvação é história libertadora humana, quando liberta as pessoas para se tornarem melhores e capazes de solidarizarem-se umas com as outras: eis o conceito schillebeeckxiano de história da salvação de Deus. E isso é fato, mesmo que em caráter meramente ontológico, ainda que não seja percebido em nível consciente¹⁹³.

O Reino de Deus exige de cada crente uma opção preferencial e identitária com Jesus e por tudo o que é preferido por ele, pois nem a fé em Deus faz os cristãos mais humanos que as outras pessoas que não acreditam em Jesus Cristo. A precipitação em falar de Deus não significa assumir de imediato as mesmas opções do Filho de Deus. O Reino exige uma definição: de que lado o discípulo do Reino está? Solidário com os oprimidos e solitários, com os sem nada; ou do lado dos opressores e poderosos? No amor incondicional e sem reservas pelos pobres está a confirmação do amor incondicional por Deus.

Na história da salvação não faltaram acontecimentos contraditórios e providenciais. Desde a experiência de Moisés que matou o egípcio que maltratava o hebreu (cf. Ex 2,11), e com isso provocou uma perseguição e ao mesmo tempo um processo de libertação, a salvação continua passando por dentro da mesma história humana em todos os tempos: ela é o “locus theologicus” para falar de

¹⁹² SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 24.

¹⁹³ Cf. *ibid.*, p. 28.

Deus e sobre Deus, e, portanto, também o lugar escatológico para falar da práxis que manifesta o Reino que se manifesta em meios aos acontecimentos históricos.

Em sua continuidade, no Novo Testamento, a história da salvação recebe de Jesus sua luz e seu sentido. Se abandonarmos o caminho de vida humana percorrido historicamente por Jesus, a cristologia se tornará apenas uma ideologia, pois é o sentido humano da vida de Jesus que confere sentido religioso, sobrenatural e de revelação de Deus à experiência de libertação da humanidade, lá onde, como e em que medida ela aconteça. Por outro lado, “se não levamos em conta a relação de Jesus para com Deus, sobretudo sua vivência do Abbá, este processo de libertação, que é Jesus, jamais levará a uma cristologia libertadora”¹⁹⁴. Ao contrário, haverá uma cisão entre cristologia e ética, entre mística cristã e comprometimento ético, tanto em nível pessoal como também coletivo e, portanto, social, político e ecológico.

A salvação e com ela a práxis do Reino de Deus, dá-se no mundo. Segundo Schillebeeckx:

O mundo e a história dos homens, em que Deus quer realizar a salvação são a base de toda a realidade salvífica: é aí que primordialmente se realiza a salvação... ou se recusa e se realiza não-salvação. Neste sentido, vale: “*extra mundum nulla salus*”, fora do mundo dos homens não há salvação¹⁹⁵.

¹⁹⁴ SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 26.

¹⁹⁵ Ibid., p. 30. Esta expressão de Schillebeeckx vem citada por Jon Sobrinho numa carta póstuma a Ignacio Ellacuría (assassinato em San Salvador, a 16.11.1989), em 21 de novembro de 2005. Nela, lê-se: “Durante siglos se decía *extra ecclesiam nulla salus, fuera de la Iglesia no hay salvación*, con lo que se expresaba la alegría de haber encontrado salvación en Jesús, a quien nos hace presente la Iglesia. Pero reflejaba también un exceso de triunfalismo eclesial. Hoy ya no se dicen estas cosas, y después del Vaticano II se ha avanzado positivamente. Siguiendo sus huellas, Edward Schillebeeckx escribió bellamente: *extra mundum nulla salus, fuera del mundo no hay salvación*, con lo cual venía a decir que el mundo y la historia, la creación de Dios, es el lugar en que Dios lleva a cabo su obra salvífica en y a través de las mediaciones humanas. La idea es a la vez religiosa e histórica, habla de la acción salvadora de Dios y dice dónde y cómo aparece esa salvación que nos hace seres humanos, hijos e hijas de Dios. Pero hemos dado un paso más. Como en muchas otras cosas, Medellín y la teología de la liberación, tan viva en sus intuiciones como enterrada, muchas veces con malas artes, por quienes nunca han querido entenderla o porque, entendiéndola, se han visto sacudidos por ella, concretó lo fundamental de nuestra fe desde los pobres. Habló del *privilegio hermenéutico de los pobres* para la teología: los pobres ayudan a interpretar textos y tradiciones de la fe. Y un obispo, con toda paz, desde los pobres reformuló al gran Ireneo: “*Gloria Dei vivens pauper*”, “la gloria de Dios es el pobre que vive”, sin retórica, sino profundizando el misterio de Dios. El obispo fue Mons. Romero. Pues bien, también en el tema de la salvación hemos dado un paso más, y decimos: *extra pauperes nulla salus, fuera de los pobres no hay salvación*. Creo que lo leí por primera vez en González Faus - y después en nuestro común amigo Javier Vitoria -, hablando precisamente sobre el legado de la teología de la liberación”. SOBRINHO, J., Carta a Ignacio Ellacuría. “*Extra pauperes nulla salus*”, fuera de los pobres no hay salvación. Disponível em: <http://www.sicsal.net/reflexiones/CartaAEllacuria2005.html>. Acesso em 01 nov. 2017. Vale lembrar também que Sobrinho publicou a temática da salvação através dos

Em outras palavras, o mundo e a história são o lugar comum de uma ação salvífica conjunta, ou seja, Deus e os homens de boa vontade, pela adesão de fé em Jesus Cristo, agem em vista da salvação, e as religiões são, igualmente, o lugar onde as pessoas humanas tomam consciência deste agir salvífico de Deus na história. Então, parafraseando Schillebeeckx, podemos afirmar: “extra historiae nulla salus” - fora da história não há salvação.

As religiões surgem da acoplagem da salvação ao mundo e à história dos homens. Quando, pelo contrário, dá-se uma acoplagem da salvação à religião e à Igreja, acaba-se por produzir um conceito de salvação que se reduz ao plano intelectualístico, idealístico, sacramentalístico e hierárquico-neoplatônico, e, ao mesmo tempo, concentra-se a noção de salvação numa dimensão apenas unilateral: a interioridade, negando-se e fugindo-se do mundo e da história, sendo estas realidades tantas vezes condenadas e demonizadas por alguns grupos mais radicais e teologicamente tendenciosos e superficiais.

Este conceito reducionista de salvação e, em última instância, da práxis e da antecipação escatológica do Reino de Deus, dificulta cada vez mais a ecumene das religiões e de toda a humanidade: ao invés de uma “casa comum”, o mundo e as Igrejas se tornam um lugar inóspito para todos e propício ao espectro de uma “salvação” possível apenas para alguns, com comportamentos heréticos, gnósticos e neopelagianos, que o Papa Francisco ultimamente chamou de “dois inimigos sutis da santidade”¹⁹⁶. Portanto, em suma, a história da revelação não é o mesmo que história da salvação. Somente quando a salvação se torna experiência consciente e articulada na fé é que temos história da revelação. Sem história geral da salvação, não se chega a uma história especial da revelação, como se verifica em Israel e no Cristianismo.

A salvação se realiza primeiramente na história e não na consciência dos crentes, que têm consciência dela. Embora não devamos subestimar a consciência conhecedora do fato da salvação, esta se dá na práxis histórica, pelo amor operoso, com a presença mesma do ser de Deus, que estimula a prática do bem e a luta contra o mal em prol do melhor para todas as pessoas. Assim, a história humana, a vida das pessoas e a relação mútua entre elas é o lugar em que se

pobres. Ver: SOBRINO, J., *Fora dos pobres não há salvação: pequenos ensaios utópico-proféticos*. São Paulo: Paulinas, 2008.

¹⁹⁶ Cf. FRANCISCO, Papa., *Exortação Apostólica Gaudete et Exultate*, n. 35-62.

realiza a salvação ou a não-salvação, inicia-se o juízo particular e universal, e se antecipam as realidades escatológicas, a partir da práxis do amor e da justiça, portanto, a práxis histórica e beneficentemente mundana do Reino de Deus.

Igrejas e religiões não são a salvação, mas sacramentos de salvação. Elas pertencem à ordem do “sinal”, e por isso, lugares onde a salvação é tematizada, verbalizada, expressamente confessada, profeticamente anunciada e liturgicamente celebrada.

Para Schillebeeckx, “religiões e Igrejas são a *anamnese*, ou seja, a lembrança viva em nosso meio desta vontade salvífica universal, ‘silente’ mas eficaz, e da absoluta presença salvífica de Deus em nossa história mundana”¹⁹⁷. Exatamente porque são anamnéticas, impedem que a presença salvífica universal venha a ser esquecida, e podem tornar – por meio da práxis – ainda mais desvelado e revelado o Reino da salvação vinda de Deus para a humanidade.

As Igrejas e religiões são meios e não fins em si mesmas da salvação vinda de Deus. O próprio Deus mantém uma “reserva divina” tanto em relação ao fenômeno “mundo”, como em relação ao fenômeno “Igreja”, pois Ele permanece velado também para as pessoas religiosas, inclusive no homem Jesus de Nazaré. Igrejas e religiões são a acolhida e boas-vindas à chegada anônima, oculta e modesta de Deus ao mundo. Para Schillebeeckx:

Confissão e palavra, sacramento e práxis de fé, agir sanante e comunicante no seguimento de Jesus não tornam supérflua a experiência do acontecer mundano, enquanto o assim chamado acontecer mundano exterior torna necessário o falar na linguagem da fé e práxis cristãs. Precisamente por isso, a práxis histórica, e também sociopolítica, não se pode separar da ação eclesial de pregar, da ação eclesial pastoral e sacramental. Quem destruir essa conexão, ferirá a estrutura da religião e do ser de igreja¹⁹⁸.

Deste modo, a palavra dos líderes religiosos não é um falar arbitrário, mas uma resposta graciosa ao que lhe precede: o agir salvífico de Deus na história que, na práxis histórica do seu Reino, através de pessoas humanas que se empenham na luta pela salvação das pessoas humanas e do seu ambiente vital, fazem com que a Palavra salvadora de Deus seja ouvida e compreendida por todos, sobretudo por aqueles que dela mais necessitam e por ela esperam. O próprio Deus é a fonte, única e anterior, de todo o nosso falar de Deus. É Deus, por primeiro, que nos fala

¹⁹⁷ SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 31.

¹⁹⁸ Ibid., p. 32.

de si próprio, e, portanto, as Igrejas são comunidades que falam a Deus, através da oração, e demonstram a salvação que vem de Deus, através de sua práxis histórica de salvação.

Portanto, tendo sido Jesus, com sua palavra e ação, o primeiro a mostrar o rosto humano visível da salvação vinda de Deus para a humanidade, e por causa disso ter sido crucificado por julgamento mundano e profano, a referência central das igrejas cristãs é um procedimento histórico, profano e político, a ser celebrado liturgicamente, pois as igrejas cristãs são como que o *sacramento* que celebra a salvação que Deus realiza no mundo. A práxis da justiça e do amor misericordioso, em esperança ativa, antecipa o Reino de Deus para dentro da história e do mundo, que a humanidade peregrina aspira para já, enquanto espera sua plenitude para o futuro eterno.

2.7 Reflexões conclusivas

Tendo percorrido este itinerário de reflexões teológicas, afirmamos que a contribuição de Schillebeeckx é decisiva para abrir um caminho de pesquisa em Escatologia, num horizonte teológico totalmente novo, centrado na busca das razões que motivam a práxis do Reino de Deus, e sua antecipação escatológica.

O Autor desponta na teologia europeia pré-conciliar, percorrendo um caminho que atravessa o espaço geográfico, histórico e teológico. Com isso, Schillebeeckx oferece luzes que iluminam a leitura teológica da história, mais próxima da teologia da práxis. Dentre as várias teologias da práxis, destaca-se a “teologia da libertação”, nascida precisamente da releitura da realidade sofrida do povo latino-americano, à luz da história da salvação e da revelação bíblica, em cujo processo o Senhor se apressa em socorrer e libertar seu Povo da escravidão e do sofrimento por ela imposto, a partir das mediações humanas e históricas.

Ao mesmo tempo, encontramos nas obras de Schillebeeckx uma Escatologia cristológica e uma Cristologia escatológica, dentro das quais se verificam as razões para a práxis do Reino de Deus, no seguimento de Cristo e na atuação dos seus discípulos dentro da comunidade onde vivem. Após o Concílio Vaticano II e tendo tido contato com a cultura secularizada norte-americana, o Autor passou à produção literária de uma teologia de viés mais acentuadamente sacramental a

uma reflexão teológica que tematiza a práxis do Reino na atuação de Jesus e da Igreja; e é aí que encontramos as razões para confirmar nossa hipótese e responder à nossa problemática.

Para Schillebeeckx, o Reino de Deus é a temática central da Cristologia e da Escatologia e tudo converge para sua antecipação na história. O Reino se torna o ponto de orientação da Escatologia do Autor, temática particularmente conexas com aquilo que Schillebeeckx chama “caminho de vida de Jesus”, que abarca o raio existencial de Jesus, particularmente considerando o mistério pascal de sua morte e ressurreição.

Quanto à ressurreição de Jesus, esta se constitui como a força motriz da práxis do Reino, pois é neste mistério que o discípulo de Cristo encontra sua motivação mais profunda para assumir as opções do seu Senhor, não obstante tenha que experimentar, em fidelidade ao Reino, a dureza de todas as situações de contraste, negatividade, sofrimento e morte. Entretanto, a ressurreição já é antecipação do Reino no mundo, pois com Cristo ressuscitado, a vida futura já se mostra como acontecimento histórico na pessoa mesma de Jesus. E a esperança escatológica dos discípulos do Reino é o garante de que Deus responde com fidelidade, mediante a ressurreição, a quem Lhe fora fiel nas exigências do anúncio e da práxis de implantação do Seu Reino, que já começa no mundo e aponta para o seu acabamento final na eternidade.

O axioma schillebeeckxiano segundo o qual “fora do mundo não há salvação” nos mostra como a história é o palco da salvação, onde Deus se revela e atua a favor dos que não foram amados na humanidade. A salvação vinda de Deus é graça libertadora para todos, mesmo para aqueles que disso ainda não tenham consciência e empenho ético para quem está inserido na dramática realidade em que vive, comprometido com o Reino. A missão eclesial tem aqui sua nota escatológica mais urgente: a de anunciar o Reino o torná-lo mais próximo das vidas ameaçadas de morte; ou ainda, fascinar e comprometer todos, pela práxis do Evangelho, na oração e na ação, mormente na Eucaristia, a fim de que participarem da mesma missão de Cristo Jesus, antecipando para dentro da história o Reino de Deus. Neste sentido, podemos igualmente afirmar que “fora da história não há salvação”. Ela é o palco da ação divina, em todo tempo e lugar, através das mediações humanas, com e apesar de suas limitações e contrastes. É

na história humana que Deus mostra seu rosto misericordioso em Jesus Cristo, mantendo-o visível através da atuação de cada membro de sua Igreja, sobretudo quando esta serve, profetiza, ensina, sofre e testemunha Jesus Cristo, vivente no mundo, pois Ele é o Reino de Deus.

Tudo que afirmamos acima nos leva a perceber como a práxis do Reino de Deus é base fundamental da Escatologia cristológica de Schillebeeckx, e a realidade de sua antecipação na história alcança todos os meandros da vida de toda pessoa humana no mundo. Portanto, fora do mundo não há salvação e há de ser a partir de dentro da história do mundo que conseguiremos perceber a atuação do Reino de Deus rumo à sua plena realização.

Mas a este ponto, nossa reflexão avança para outra etapa necessária à confirmação de nossa hipótese. Se percebemos que a práxis do Reino de Deus é tão importante na Escatologia de Schillebeeckx, então nos perguntamos agora: qual é a fundamentação que o Autor dá à sua Escatologia? No próximo capítulo, queremos ver como Schillebeeckx fundamenta sua reflexão escatológica numa Cristologia que o leva a concluir que Jesus anuncia e torna visível o Reino de Deus mediante sua práxis de vida, suas opções e seu relacionamento com o Pai. Se neste capítulo pudemos refletir sobre a Escatologia cristológica, no próximo poderemos encontrar a Cristologia escatológica de Schillebeeckx.

3 Cristologia escatológica de Schillebeeckx

3.1 Introdução

Neste capítulo, veremos como Schillebeeckx fundamenta sua Escatologia numa cristologia centrada na temática do Reino de Deus, como conteúdo da prédica e da prática de vida de Jesus. Ele mesmo é o anunciante e o anunciado: Ele é o Reino de Deus já presente na história. Em sua semântica cristológica, Schillebeeckx identifica Jesus como o “profeta escatológico” do Pai e o situa nas correntes cristológicas de natureza escatológica que foram surgindo nos primeiros anos do cristianismo.

Como Profeta escatológico, Jesus anuncia o Reino por suas pregações, parábolas e reações verbais aos seus interlocutores e opositores, mas também através de sua práxis do Reino, ou seja, suas ações de chamada de seus discípulos, a inclusão dos que eram excluídos do convívio e da comunidade judaica, da sinagoga e do Templo, as curas por ele realizadas, a restituição da vida aos mortos, os gestos de respeito pelas pessoas mais pobres e por sua libertação de forças demoníacas que lhes oprimiam, a multiplicação de alimento para famintos, as atitudes de ternura, respeito e acolhida às crianças, viúvas, mulheres, doentes e estrangeiros. Mas, para além de tudo isso, Jesus manifesta o Reino de maneira marcante através da celebração de sua última ceia pascal, na qual ele institui a Eucaristia, o ministério fraterno, simbolizado pelo ato de lavar os pés de seus amigos, e prenuncia sua morte e ressurreição, que consumará e consolidará sua vida entregue pelo perdão dos pecadores, e para lhes abrir a possibilidade de entrar no Reino dos céus, antes fechado para eles.

Diante do anúncio do Reino de Deus, Jesus faz três exigências aos seus discípulos: a conversão, a fé e o seguimento. Pela conversão, os discípulos do Reino mudam de mentalidade e poderão assumir o modo de pensar e de agir de Jesus, que lhes mostra os jeitos de pensar e agir do Pai. Pela fé, poderão acolher gradualmente a totalidade do mistério da pessoa de Jesus e igualmente poderão se entregar sem reservas à vida nova e comprometida do Reino até às suas dramáticas consequências. Por fim, pelo seguimento, poderão percorrer os

dinâmicos caminhos e contingências da história, ao longo da vida, na fidelidade ao Reino de Deus, na obra do seu anúncio e práxis que lhe antecipa no mundo, bem como na profética denúncia de tudo o que se lhe opõe, ainda que tenham que pagar por isso com o derramamento do próprio sangue – como o fez Jesus.

Dentre os tantos sinais antecipadores do Reino no caminho de vida de Jesus, escolhemos aquele em que Jesus se põe à mesa com pecadores, gente de má fama, ladrões, e todos os que eram excluídos da comunidade da salvação em Israel, segundo a lei mosaica. Jesus veio para salvar a todos e, por isso, ao comer com os que mais eram afastados do Reino, ele os convida a entrar gratuitamente.

Através da amizade com Jesus, de suas palavras e exemplos, que cativava os novos discípulos a assumi-los como seus, a compreensão da salvação mudava de eixo motivador: enquanto os Mestres da Lei previam salvação para quem conseguisse ser escrupulosamente observante em seus preceitos, ao invés, Jesus afirmava que a salvação é dom da gratuidade de Deus Pai, com quem ninguém necessita negociar. Se a práxis da Lei tornava Deus devedor do fiel observante, a práxis do Reino, testemunhada por Jesus, abria a possibilidade de uma nova e libertadora relação com Deus: a relação de filho para Pai, que o Reino inaugurava, pois Deus é o *Abbá* de Jesus e *Pai nosso*; portanto, Deus se torna Pai de todos os que seguirem Jesus.

Veremos, ainda, como a inútil tentativa de subornar Deus ou “comprar” sua salvação com atitudes que revelam uma práxis teológica promotora da prosperidade e “garantidora de direitos”, na base da da práxis da Lei mosaica, foi totalmente superada por Jesus. Tal superação foi realizada pela proposta de práxis do Reino de Deus. Tendo como foco principal a prática da justiça misericordiosa, esta práxis torna justo e santificado até o pecador, que se converte e se torna partícipe do Reino. Esta práxis do Reino dissipa também a simulação, pois o presumido “santo”, que parecia não precisar de perdão e mudança de vida, comportando-se com soberba e desprezo por aqueles a quem deveria amar como seus irmãos, poderá ficar de fora do desejado “Céu”, por ter deixado do lado de fora de sua vida os pobres, que são os preferidos de Deus.

Deste modo, ao longo deste capítulo, veremos como Schillebeeckx expõe sua cristologia escatológica, nela consolidando uma rica Escatologia, cuja

semântica inclui elementos que tornam evidente o Reino de Deus antecipado no mundo na pessoa, prédica e práxis de Jesus de Nazaré, o Cristo.

Ao final, faremos nossas reflexões conclusivas.

3.2 Jesus Cristo e as cristologias escatológicas

Nas obras de seu vasto projeto cristológico, Schillebeeckx deixou para a Teologia uma ampla literatura que vai da Cristologia ao tratado da Graça, e deste a uma obra com a qual ele quis dar um acabamento de caráter eclesiológico. Considerando a terceira obra de sua trilogia, intitulada *História humana: revelação de Deus*¹⁹⁹, encontramos em seu prefácio uma curiosa expressão de Schillebeeckx. Ele comenta que havia pensado esta obra como a terceira parte *eclesiológica* de sua trilogia, mas que, tendo experimentado duras provas como teólogo, sobretudo nos anos que se seguiram ao Concílio Vaticano II, o Autor viu-se obrigado a alterar o plano original da obra e a “buscar o cerne do evangelho e da religião cristã” e “o que é autêntico e singular a ambos”²⁰⁰. Nessa mudança de rota, Schillebeeckx acabou por oferecer à Teologia uma obra de singular caráter escatológico, que talvez nem mesmo ele tenha se dado conta.

Na linguagem escatológica de suas obras, Schillebeeckx usa com enfática frequência um inovador título cristológico: Jesus, o “Profeta escatológico”. O Autor afirma ser Jesus o “profeta escatológico” que anuncia uma alegre notícia aos pobres: a bem-aventurança da vinda do auxílio e da salvação de Deus, que se aproxima da humanidade e vai reinar por meio do que o próprio “profeta escatológico” diz e faz, em seus sinais e ações. Da percepção que a comunidade têm de Jesus - como profeta escatológico – resulta para os pobres e pecadores uma exultante e reveladora confissão de fé: “Ele fez bem todas as coisas” (Mc 7,37); e para a Comunidade dos novos discípulos uma constatação: “ele passou pelo mundo fazendo o bem, porque Deus estava com ele” (At 10,38)²⁰¹.

¹⁹⁹ O título original da obra conclusiva da trilogia era: *Mensen als verhaal van God*, publicada em 1989. Traduzida para a língua portuguesa por João Resende Costa, e revisada por Honório Dalbosco, sob o título *História humana: revelação de Deus*, a obra recebeu impressão e acabamento da Editora Paulus. Sua primeira impressão foi feita em 1994, e uma terceira reimpressão em 2012. Nesta pesquisa, usamos um exemplar publicado em 1994.

²⁰⁰ Cf. SCHILLEBEECKX, E., *História humana: revelação de Deus*, p. 7-10.

²⁰¹ Cf. Id. *Jesus, a história de um vivente*, p. 170; 178; 181-192.

A origem do título escatológico adotado por Schillebeeckx é a tradição bíblica do Antigo e do Novo Testamento. Interpretando a experiência do encontro dos discípulos com Jesus de Nazaré, a primitiva comunidade cristã foi formulando uma teologia com títulos cristológicos que colocavam em evidência a divina revelação que se manifestava na pessoa de Jesus. Títulos como: “Filho de Deus”, “Filho de Davi”, “Filho do Homem”, “o Nazareno”, “o Logos”, “o Crucificado”, “o Ressuscitado”, “o Cristo” e “o Messias”, são alguns de maior relevo escatológico.

Todos os títulos cristológicos nasceram da reflexão sistemática sobre o significado da experiência do encontro dos discípulos com Jesus, e de uma identificação interpretativa, já inerente à experiência do próprio encontro com aquele que foi sendo assimilado na fé dos discípulos como o mediador histórico da salvação divina. Da confissão da fé em Jesus nasce um novo título cristológico. Tal confissão de fé é produzida na comunidade pela tradição de experiência, ou seja, da transmissão dos relatos de experiências feitas diretamente no encontro com Jesus, ou com aqueles que com ele conviveram, mantendo vivo e contagiante o testemunho do anúncio da mensagem de vida, do significado de sua morte e do que aconteceu após sua ressurreição.

Partindo de uma primeira interpretação do “fenômeno Jesus”, com base nas tradições anteriores ao Novo Testamento, Schillebeeckx adota o título que confere a Jesus a missão de “profeta escatológico”. Este título nasce de um “conceito intertestamentário que, porém, nos remete à tradição deuteronomista²⁰² mais antiga (Dt 18,15-19; 30,15-20; 32,2)”²⁰³. Estes textos se referem à profecia de um

²⁰² Nas “Informações técnicas. Explicação de alguns termos técnicos pouco conhecidos”, ao final de sua obra *Jesus, a história de um vivente*, Schillebeeckx explica o termo “deuteronomista”, partindo do termo “deuteronomico”, que se refere ao livro do Deuterônomo (o quinto livro do Pentateuco). “Deuteronomista”, porém, é o que se refere à espiritualidade própria daquelas partes da tradição que se encontram no livro Deuterônomo (distintas das tradições javista, eloísta e sacerdotal), bem como nos livros de Josué, Juizes, Samuel e Reis, e ainda influenciaram muitas partes da mesma tradição que se encontram na literatura judaica posterior. A concepção deuteronomista da história se inicia com o fim do Reino do Norte e do Reino do Sul (587 a.C.), atribuindo as desgraças sofridas pelo povo às suas infidelidades, conforme se encontram previstas no livro do Deuterônomo. Os levitas do Reino do Norte trouxeram para Jerusalém as “coleções” desta tradição, e viveram em conflito com os sacerdotes de Jerusalém; inobstante, tornaram-se a “força teológica” cuja inspiração se depositou na “tradição deuteronomista”. O termo “deuteronomista” refere-se à segunda edição do livro Deuterônomo (durante a restauração de Josias). Nela se completa a visão deuteronomista da história na base de uma intuição do que foi o cativo babilônico, e de idéias sapienciais. Cf. SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 684-685.

²⁰³ Quanto ao conceito de “intertestamento” (período situado entre os dois Testamentos – aproximadamente 50 a. C, quando foi escrito o Livro da Sabedoria – ao ano 50 d. C.,

“Anjo enviado diante de ti” (Ex 23,20), e o envio de um “profeta como eu (= Moisés) no meio de ti” (Dt 18,15).

No contexto do Antigo Testamento, na tradição mosaica, havia uma expectativa de espera por um profeta do final dos tempos, que superava a espera pela volta do profeta Elias (cf. Ml 3,1.23-24). No judaísmo, o profeta Elias passa a ser visto como a prefiguração do profeta escatológico, do Ungido. Segundo Brambilla, na tradição deuteronomista, Moisés é um profeta e mensageiro, cuja profecia se caracteriza pelo sofrimento no exercício de sua relação intermediária entre Deus e o povo (cf. Dt 5,5), pois a razão de seu sofrimento é sua fidelidade à missão de defensor e intercessor diante de Deus a favor do povo (cf. Dt 9,15-19; 9,25-29). Diante da magnitude de Moisés, tantos grandes profetas se apresentam como ele. Como exemplo disso, encontramos em Jeremias - cf. Jr 15,1; Elias e Eliseu - cf. 1Rs 19,19-21; 2Rs 2,1-15, em confronto com Dt 34,9 e Nm 27,15-23²⁰⁴. O Senhor Javé falava com Moisés “face a face”, como uma pessoa humana fala com outra (cf. Ex 33,11; Nm 12,6-8). Por fim, segundo a tradição deuteronomista, “Moisés é *Ebed YHWH*, o Servo de Deus (cf. Ex 24,31; Nm 12,7-8; Dt 34,5; Is 1,27; 59,10-16; 63,11). Moisés é o servo sofredor de Deus, carrega os pecados do povo (confrontar Nm 17,14 com Is 53,4)”²⁰⁵.

Nos poemas do Servo sofredor, descrito por Isaías (42,1-4; 49,1-6; 50,4-11a; 52,13-53,12), Moisés é o “profeta e o Servo sofredor de Deus”. Entretanto, o Dêutero-Isaías apresentou a figura do “servo sofredor” com os traços da figura emergente do “profeta escatológico” maior que Moisés, que - na obra de Schillebeeckx - apontam para Jesus: mediador da lei e da justiça (cf. Is 42,6; 49,8 a confrontar com Mt 5,21-48); “luz do mundo” (cf. Is 49,4-9; 42,1-6 - cf. Jo 8,12); intermediário da aliança (cf. Is 42,6; 9,8 - cf. Lc 22,20). Assim como Moisés foi é aquele que conduziu o povo, livre da escravidão sofrida no Egito, através do Mar Vermelho e do deserto, Jesus é aquele que conduz o novo Israel e o purifica pela água do Batismo e pela penitência. Jesus é o profeta escatológico, maior que Moisés, que vai fazer jorrar de novo a água do rochedo e dará ao povo a água da vida (cf. Is 41,18; 43,20; 48,21; 49,10 - cf. Jo 4).

aproximadamente, quando Paulo escreveu a Carta aos Tessalonicenses). BRAMBILLA, F. G., Edward Schillebeeckx, p. 123, nota 12.

²⁰⁴ Cf. BRAMBILLA, F. G., Edward Schillebeeckx, p. 124.

²⁰⁵ *Ibid.*, p. 125.

Claramente, estas prefigurações apontam para Jesus, que atua como profeta escatológico, que há de realizar o que a profecia de sua figura contém. Então, partindo desta prefiguração cristológica, encontramos já aí – em palavra e obra libertadora histórico-escatológica - uma antecipação escatológica do Reino de Deus que indica a vindoura revelação [do Reino] em Jesus Cristo.

Para Schillebeeckx é muito importante a pesquisa relativa à “identificação da pessoa de Jesus com o profeta messiânico do evangelho escatológico, sobre a chegada do Reino de Deus, como elo entre o Jesus histórico e o Cristo querigmático”²⁰⁶, pois esta relação ilumina a profunda unidade existente entre as tradições que geraram o Novo Testamento, e - na percepção de Schillebeeckx - “o Novo Testamento é globalmente, com fé, reflexo da atuação histórica de Jesus de Nazaré”²⁰⁷.

Qual o significado teológico do nominativo “profeta escatológico”? Com este título cristológico, entenda-se alguém que tem um projeto: o de trazer à humanidade um anúncio escatológico válido, ao mesmo tempo, para o presente e para o futuro da história da humanidade no mundo.

E quem seria este “profeta escatológico”? Para Schillebeeckx, este profeta escatológico era Jesus Cristo, pois ele estava convencido da importância escatológica de sua pessoa, vida e missão, ao afirmar: “Bem-aventurado aquele que não ficar escandalizado por causa de mim!” (Lc 7,23; Mc 11,6). Ele sabia que o presente e o destino último da vida da pessoa dependiam das novas relações travadas com ele. Portanto, o encontro com Jesus e a consequente adesão de fé a ele era capaz de ressignificar e redefinir o futuro escatológico da pessoa. Neste contexto, entende-se a proclamação feita por Jesus: “Todo aquele que se declarar por mim diante dos homens, o Filho do Homem também se declarará por ele diante dos anjos de Deus” (Lc 12,8-9; Mc 10,32-33; em confronto com Lc 7,18-22; Mc 11,2-6; ver Lc 11,20; Mc 12,28, que encontra correspondência nos textos sinóticos de Mt 12,32; Lc 12,10; Mc 3,28-29).

Schillebeeckx colhe da Sagrada Escritura a fundamentação para afirmar o caráter escatológico do sacerdócio de Jesus, sobretudo o conceito de sacerdote contido em Hb 5,1 em sua relação com o Salmo 110,4-5. Nestes textos, Jesus aparece como o sumo sacerdote escatológico, diferente do sumo sacerdote

²⁰⁶ SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 516.

²⁰⁷ Ibid.

judaico, que tinha sua origem na tribo sacerdotal de Levi. Entre ambos há uma diferença tribal: enquanto o sumo sacerdote judaico provém da Tribo sacerdotal de Levi, Jesus provinha da tribo laical de Judá. Então, enquanto o sacerdote judaico exercia a função litúrgica da oferta do sacrifício, Jesus, sumo sacerdote escatológico²⁰⁸, cuja excelência supera os sacerdotes e sumo sacerdotes judaicos, apresenta-se diante de Deus, no Céu, com o sacrifício de si mesmo, na oferta do seu sofrimento para tirar os pecados do mundo²⁰⁹. Como se isso não bastasse, o título “Cristo”, que o autor da Carta aos Hebreus confere a Jesus significa “sumo sacerdote messiânico”, um Sumo Sacerdote escatológico, como Melquisedeque é rei e sumo sacerdote. No transfundo do papel desempenhado por Melquisedeque no Antigo Testamento, destaca-se o aspecto real e a superioridade escatológica de Jesus Cristo sobre os anjos.

Para Schillebeeckx, o título “o Cristo” reveste-se de particular sentido na Carta aos Hebreus. Com exceção dos Evangelhos e dos Atos dos Apóstolos, apenas na Carta aos Hebreus encontram-se referências a Jesus, sem usar o aposto “o Cristo” (Hb 2,9; 3,1; 4,14; 6,20; 7,22; 10,19; 12,2.24; 13,12 e 13,20). Quando vem usado o termo “ho Christós” não menciona o nome “Jesus” (Hb 5,5; 9,28; 3,14; 6,1; 9,14).

Entretanto, na mesma Carta ocorre por três vezes o uso da expressão “Iesous Christós”, sem o artigo “o” (Hb 10,10; 13,8; 13,21). Por outras dez vezes o nominativo “Jesus” está relacionado ao histórico Jesus de Nazaré, e isso fascina quem procura o Jesus terreno, de Nazaré, como critério fundamental do pensamento cristológico. Ao invés, Schillebeeckx percebe neste interesse uma ilusão ótica, pois todas as vezes que se fala de Jesus, o contexto possui a perspectiva do messianismo sacerdotal, pois “Jesus” vem mencionado através da referência ao termo “sacerdotal”. Como para a tradição do messianismo os termos “Ungido” e “Cristo” significam “Sacerdote”, então, “Jesus sumo sacerdote” (Hb 3,1) significa “Jesus Cristo”, e isso permite reconhecer Jesus como sumo sacerdote enviado por Deus.

²⁰⁸ Conceito cristológico-escatológico usado por Schillebeeckx em seu comentário exegético da Carta aos Hebreus. Cf. SCHILLEBEECKX, E., *Il Cristo. La storia di una nuova prassi*, p. 292.

²⁰⁹ Esta é, segundo Schillebeeckx, o argumento da inteira Carta aos Hebreus que comparece nos documentos do Novo Testamento e a convicção da fé da Igreja primitiva (cf. Sl 110,4; Hb 5,1-10; Mc 12,36; 14,62; 16,19; Mt 22,44; 26,64; Lc 20,42-43; 22,69; At 2,34; 5,31; 1Cor 15,25; Ef 1,22; Col 3,1. Ver também: Hb 1,3; 1,13; 8,1; 10,12-13; 12,2; 6,20; 7,3.11.15.17.21.24.28; Fl 2,9; 1Pd 3,22). Cf. *Ibid.*, p. 293-294.

Idêntica interpretação pode ser aplicada à expressão: “Temos um grande sumo sacerdote = um Cristo), Jesus” (Hb 4,14; ou ainda; “onde Jesus entrou por nós como precursor, tornando-se sumo sacerdote (= Cristo)” (Hb 6,20). Ao qualificar Jesus como o “Autor e realizador da fé” (Hb 12,2), o autor da Carta alcança o núcleo central da cristologia da Carta, isto é, a qualificação titular dada a Jesus como mediador e sacerdote da nova aliança (Hb 12,4; cf. 13,20; 7,22)²¹⁰.

Segundo Brambilla:

Esse conceito de profeta escatológico, profeta como Moisés e maior que ele, profeta messiânico, o Ungido, é uma matriz (não digo a única) da qual saíram quatro tipos de confissões da fé pré-neotestamentária, que foram em seguida sintetizadas no Novo Testamento, sob a forma globalizada de uma cristologia pascal²¹¹.

Brambilla indica que, do conceito de “profeta escatológico”, surgiram quatro confissões de fé de caráter igualmente escatológico, quais sejam:

1. Cristologia escatológica apocalíptica da *Parusia* ou do *Maranatha*²¹² (relativa à vinda definitiva do Senhor);
2. Cristologia do “theiós anèr” (ou seja, “homem divino”), que professa sua fé em Jesus como taumaturgo divino e salomônico filho de Davi;
3. Cristologias sapienciais, identificando Jesus como o mensageiro e o mestre da sabedoria, e, mais ainda, como Sabedoria preexistente, encarnada, humilhada, mas exaltada;
4. Cristologias pascais, que professam a fé em Jesus, o Crucificado ressuscitado.

É de grande proveito para a Escatologia o destaque dado por Schillebeeckx para o aspecto eminentemente escatológico presente em cada uma destas cristologias.

Na primeira, vem destacado o senhorio de Jesus no tempo futuro, quando de sua volta à história da humanidade como Juiz e Salvador escatológico do

²¹⁰ Cf. SCHILLEBEECKX, E., *Il Cristo. La storia di una nuova prassi*, p. 295-297. Tradução nossa.

²¹¹ BRAMBILLA, F. G., Edward Schillebeeckx, p. 130.

²¹² Este credo escatológico tem origem no termo *Mar* ou *Marán* (o Senhor ou *Kyrios*) e Filho do Homem. Em aramaico: “o Senhor está vindo” se diz “Marán atha”, que expressava a expectativa do Senhor que viria para julgar (salvar ou condenar). Cf. SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 407.

mundo²¹³. Esta corrente evidencia Jesus em sua história como o anunciador da mensagem do Reino de Deus²¹⁴. “Esse credo escatológico, em primeira instância, se baseia numa tradição de *logia* proféticos e apocalípticos existentes na Igreja primitiva [...], usado por essa tendência escatológica”²¹⁵, que professava sua fé em Jesus de Nazaré como Senhor que virá no fim dos tempos para salvação e juízo. Constata-se neste credo escatológico um olhar futurístico, dirigido para as coisas que virão, e para o que já existe como realidade celeste: em sua visão, Jesus é contemplado como o juiz do mundo, já glorificado, mas que ainda devia voltar. Jesus terreno é o ponto de partida para as comunidades onde esse credo se formou, com vivo interesse em sua mensagem sobre a chegada do Reino de Deus, de modo que acreditavam que, “seguindo Jesus”, fariam o que ele havia feito: anunciar a proximidade do Reino de Deus²¹⁶. Ao darem visibilidade à pregação de Jesus sobre a proximidade do Reino, aquelas comunidades colocavam em evidência o fato que Jesus não pregou a si mesmo, mas o Reino de Deus que viria, assumindo a causa deste mesmo Reino, e nela tomando parte como sua causa, e tornando-se objeto de sua própria mensagem²¹⁷.

Schillebeeckx sublinha que existe entre Jesus e sua comunidade uma continuidade e identificação, pois do céu, ele envia o Espírito, que, por sua vez, atuará profeticamente na história por meio dos discípulos, e, em tal atuação, o retorno do Senhor em breve fica assegurado na fé da comunidade. Deste modo, a Comunidade experimenta sua Páscoa. Nesta experiência fica claro que o anúncio cristão-profético, ‘eclesial’, da futura *parusia* de Jesus *já é* a chegada do Reino de Deus. Isto significa dizer que, considerando o Jesus celeste, a própria comunidade escatológica já é, em sua atuação no mundo, a chegada do Reino definitivo²¹⁸, e,

²¹³ Cf. SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 405-424. Nesta sucessão de páginas citadas na obra de Schillebeeckx (que compreende as páginas de 405 a 438), encontram-se as confissões do credo cristológico formado na Comunidade cristã, aludidas por Franco Giuliano Brambilla em seu comentário sobre as consequências cristológicas do conceito de “Profeta escatológico” aplicado a Jesus.

²¹⁴ Em relação à expectativa do profeta escatológico, o autor informa que “entre 400 a.C. e 70/71 d.C., aproximadamente, surgiram expectativas a respeito de toda espécie de ‘profetas dos últimos tempos’ e salvadores escatológicos [...], houve a expectativa de um profeta e um messias dos últimos tempos; também se esperou um ‘profeta como Moisés’ [...]. Em consequência, há no Novo Testamento grande número de ecos das expectativas populares sobre ‘aquele que devia vir’: Jo 6,14-15; 1,15.21; Mt 3,11; 11,3; Lc 3,16; 7,19.20b”. SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 406, nota 3.

²¹⁵ Ibid. Grifo do autor.

²¹⁶ Cf. Ibid, p. 408.

²¹⁷ Cf. Ibid., p. 409.

²¹⁸ Ibid., p. 412.

por meio da práxis dos membros da comunidade, que é a práxis do Reino, atesta-se o Reino, confirmado pelo testemunho do caminho de vida de cada um e de todos dentro dela, e desta no meio da humanidade, vocacionada a acolher o Reino²¹⁹: isto antecipa historicamente o Reino de Deus no mundo.

Na segunda profissão de fé cristológico-escatológica, Jesus é visto como um notável taumaturgo, cujos sinais benfazejos e sábios recordam Salomão em sua ação de rei benfeitor. Ele fazia milagres não para próprio proveito, mas para a salvação dos outros²²⁰. De igual modo, os sinais benfazejos, operados por Jesus, não tinham a precípua finalidade de revelar o poder divino que nele agia, mas a finalidade de revelar que o Reino de Deus estava chegando (cf. Mt 11,5; Lc 11,20).

Schillebeeckx interpreta os milagres a partir da Escatologia. Para ele, “milagres são sinais de um acontecimento escatológico, ilustrações da proclamação escatológica de Jesus”²²¹. As pessoas que atestaram ou foram beneficiadas pelos sinais que Jesus realizou, sentiram-se solicitadas a aderir ao Reino de Deus. Sendo expressão da práxis do Reino na vida de Jesus, em sua fonte em Deus mesmo e na relação de Jesus com seu Abbá, os sinais por ele realizados possuem uma força (*aretè*) ou virtude que é própria de Deus. Por isso, no fim, ao invés de um sábio triunfante, aos moldes do messianismo da expectativa farisaica, Jesus se apresenta como um sábio sofredor, mas ao mesmo tempo vingado por Deus, em virtude de sua fidelidade. A expressão mais condizente com os propagadores do credo do grande taumaturgo diz respeito a Jesus como “aquele que passou no mundo fazendo o bem, porque Deus estava com ele” (At 10,38; cf. Mc 7,37).

Do terceiro credo, surgiram as cristologias sapienciais. Estas sublinham a origem divina de Jesus. A divina Sabedoria, nele hipostasiada, revela os mistérios de Deus e, ao mesmo tempo, revela o significado da pessoa humana a si mesma²²². A proveniência de Jesus é a sabedoria preexistente, que “envia os seus

²¹⁹ Schillebeeckx elabora uma boa síntese do perfil e da conduta da comunidade (cristã) escatológica, registrada na mais antiga tradição Q. Vale a pena conferir também a riqueza das citações que o autor faz dos Evangelhos Sinóticos que servem de fonte para ilustrar a conduta da Comunidade. Para isso, ver: SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 412, nota 28.

²²⁰ Cf. Ibid., p. 425-430.

²²¹ O Reino se antecipa escatologicamente na práxis de Jesus através de sinais, ou milagres. Ibid., p. 428.

²²² Cf. Ibid., p. 430-433.

mensageiros, os profetas, mas também o profeta escatológico; Jesus, porém, nunca é identificado com a sabedoria preexistente²²³ (cf. Mt 11,25-27 = Lc 10,21-22; ver Sb 6-10. Também Mt 23,34-36 = Lc 11,49-51; Mt 9,37-38; 10,7-16 = Lc 10,2-12). Jesus é o Filho, que o Pai conhece, e atua como o mensageiro escatológico da Sabedoria preexistente.

Da quarta profissão de fé cristológica-escatológica, surgiram várias formas de cristologia pascal²²⁴. Elas se concentram no mistério da morte e ressurreição de Jesus, e o destacam como aquele que foi justicado, o condenado à cruz, o *kenótico*, aniquilado, mas elevado por Deus (cf. Fl 2,6-11). Este modelo de credo é típico da teologia paulina, pois Paulo diz que “o credo do Crucificado ressuscitado é ‘o evangelho’ (cf. 1Cor 15,1ss); do mistério da morte e ressurreição de Jesus, nascia para Paulo a pregação sobre a *parusia*”²²⁵, que ele esperava se realizasse em breve. Para o Apóstolo dos gentios, é o batismo que torna uma pessoa partícipe do mistério da morte de Jesus, e não diretamente sua ressurreição: “Pelo batismo fomos sepultados com ele na morte, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos pelo poder de seu Pai, assim também nós andemos em novidade de vida... Se morremos com Cristo, cremos que também viveremos com ele” (Rm 6,4-11). “Paulo fala em ‘morrer com’ (pelo batismo); no entanto, o ‘ressuscitar com’ é um acontecimento estritamente escatológico”²²⁶. Aparece nas cartas deuteropaulinas o aceno à participação dos cristãos batizados na ressurreição do Senhor: “Jesus nos ressuscitou com ele, e nos fez sentar nos céus em Cristo Jesus” (Ef 2,4-7). Com relação a esta afirmação, Schillebeeckx diz que:

Os coríntios não negam a ressurreição de Jesus (cf. 1Cor 15,12); eles receberam a fé, que é a base de sua vida (cf. 1Cor 15,1-7; 15,11). Cristo ressuscitou, sim. Porém, na opinião dos coríntios, pelo batismo, os cristãos não apenas morreram com Cristo, mas também já ressuscitaram com ele; já estão no trono celeste. Os Coríntios confessam uma escatologia já realizada; pelo batismo já ressuscitaram, e por isso não existe mais uma ressurreição *futura* (Cf. 1Cor 15,12); já passaram por ela²²⁷.

²²³ SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 431.

²²⁴ Cf. *ibid.*, p. 433-438.

²²⁵ *Ibid.*, p. 433. Grifo nosso.

²²⁶ *Ibid.*

²²⁷ Percebe-se aqui uma repetição proposital do “já”, para reafirmar o credo da comunidade paulina na escatologia realizada. *Ibid.*, p. 433-434. Grifos do autor.

Na tradição anterior a Paulo, não havia lugar para a *parusia*, porque, - no batismo - celebrando a morte e ressurreição de Jesus, tudo estaria completamente realizado. Por isso, tal tradição continha uma escatologia já realizada e totalmente presente. Segundo Schillebeeckx, “Ef 2,6 - Ele nos ressuscitou e nos fez sentar no céu juntamente com ele” - são palavras de uma antiga canção batismal em que o próprio batismo é interpretado como ressurreição²²⁸. Por isso, a canção diz: “Desperta, tu que dormes, levanta-te dentre os mortos, e Cristo te iluminará” (Ef 5,14), pois, por meio de Jesus, Deus “livrou-nos do poder das trevas e transportou-nos para o reino de seu Filho amado” (Cl 1,13).

Portanto, as escatologias dos primeiros tempos da Igreja eram múltiplas. “Uma ‘escatologia já presente’ não é o ponto final de uma longa evolução; é uma das muitas escatologias do cristianismo primitivo; e até pré-paulina²²⁹. Para Paulo, “A ressurreição já se realizou” (2Tm 2,18) na ocasião em que o cristão foi batizado, e por isso não há uma ressurreição futura: pela participação no batismo, o cristão é incorporado a Cristo a quem o Pai “... ressuscitou-o dos mortos, fazendo-o sentar à sua direita nos céus, acima de todo principado, potestade, forças e dominações, e de todo nome que é mencionado não só neste mundo, mas também no futuro. E sujeitou aos seus pés todas as coisas e o constituiu cabeça suprema de toda a Igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que preenche tudo em todos” (Ef 1,20-23).

O que há em comum nestes quatro credos é a excelência conferida a Jesus, como o futuro juiz do mundo, capaz de revelar à pessoa humana sua salvação ou condenação. Sendo homem divino, e como tal proclamado pela comunidade, Jesus é a “história de Deus” para a humanidade, tornando-a partícipe de sua vida, morte e ressurreição, já na história - como antecipação escatológica - e, mais plenamente, para além da história, como seu acabamento glorioso.

Ao professar a fé em Jesus, intitulado “mensageiro de Deus” e “profeta dos últimos dias”, a comunidade acaba por fortalecer a identidade profética de Jesus com a causa de Deus e com Ele mesmo, pois o poderoso Nome de Deus está sobre Jesus, proclamado como Senhor: “o nome de Deus, ‘o Senhor’, está sobre ele. Mc 3,28 identifica o nome de Deus, imposto ao Cristo-mensageiro, ao profeta ungido

²²⁸ SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 434.

²²⁹ Ibid.

com o Pneuma, o Espírito²³⁰. Desta identidade entre Jesus e Deus mesmo, brota uma convicção de juízo moral que pesa sobre quem rejeita o Jesus terreno: quem o fizer, comete um pecado imperdoável (cf. Mc 3,28-29). Mas por que tal radicalidade?

Porque Jesus é proclamado como profeta do fim do mundo e mensageiro da última chance de receber a graça de Deus. Aderir a ele ou recusá-lo tem relevância escatológica, exatamente por causa de Deus, que o enviou. Tudo o que for feito a Jesus, Deus o considera feito a si. Incide e determina de modo definitivo na vida da pessoa acolher ou rejeitar o projeto escatológico do Pai, de modo que disso dependerá sua salvação ou perdição eterna.

De tudo acima referido, concluímos que a antecipação escatológica do Reino de Deus possui sua razão teológica no contato histórico dos discípulos com a pessoa de Jesus, pois “no cristianismo, não se trata apenas da permanente mensagem de Jesus e da relevância definitiva dessa mensagem, mas no fundo trata-se da relevância permanente, escatológica, de sua própria pessoa”²³¹. É Jesus que, em suma, une e personifica os credos cristológicos-escatológicos e realiza em si as imagens escatológicas neles contidas: o profeta taumaturgo escatológico, o Elias redivivo, o profeta messiânico dos últimos tempos, o escatológico “profeta como Moisés; e, por fim, o “Moisés redivivo escatológico”²³².

3.3 Antecipação do Reino no anúncio e na práxis de Jesus Cristo

Schillebeeckx dedicou boa parte da terceira obra de sua trilogia ao aprofundamento do caráter escatológico do Reino de Deus, antecipado na pessoa de Jesus Cristo²³³. O Autor diz que “Reino de Deus” é, ao mesmo tempo, a

²³⁰ Ibid., p. 488.

²³¹ SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 438.

²³² Na narrativa da transfiguração, Jesus aparece entre as figuras escatológicas de Elias e Moisés, o que sugere que no judaísmo a função e o significado de ambos não coincidiam completamente. Moisés é o legislador; Elias é o intérprete; Jesus, ao mesmo tempo, legisla e interpreta a Lei. Cf. Ibidem, p. 448-450; cf. p. 473-474.

²³³ Esta obra é uma das últimas do percurso teológico de Schillebeeckx. Ele a intitulou: “História humana, revelação de Deus”, e usamos a versão publicada pela Editora Paulus em 1994. Como Schillebeeckx afirma no prefácio, o livro “visava ser um arredondamento dos meus dois volumes: ‘Jesus, a história de um vivente’ (1975), e ‘Cristo e os cristãos: a história de uma nova práxis de vida’ (1977). Tal ele se tornou agora, mas não segundo o procedimento originalmente planejado” (p. 7); “[...] o livro que escrevo agora é inteiramente diverso do livro que originalmente planejei, em que trabalhei por dez anos. [...] gostaria de oferecer como alimento de fé a todos aqueles que atuam na base, todos os que aí sofrem e amam, esperando que entre os meus leitores se encontrem

palavra-chave e foco teocêntrico da mensagem e do “caminho de vida de Jesus”²³⁴, principal interesse de Jesus e expressão bíblica para designar o próprio *ser* de Deus²³⁵, como amor soberano, incondicional e libertador, na medida que ele se faz valer na vida dos homens, que fazem a vontade de Deus, e nela se revela²³⁶. Noutras palavras, o Reino é simplesmente “Deus”, cujo nominativo se evitava usar no tempo de Jesus.

Schillebeeckx tematiza o Reino de Deus, considerando particularmente o jeito prático de Jesus manifestar o modo como o Reino se antecipa na história presente do seu tempo, com sua pessoa e atuação, mas também como promessa (pro-missio) de todos os tempos históricos que estão por vir, na palavra e na práxis de seus discípulos. Por isso, trata-se de uma realidade onto-teológica, mais que somente algo percebido como importante, dentre as tantas temáticas interessantes para Jesus. O Autor desdobra o conceito de Reino de Deus, em sua ligação com o que é essencial a Deus, e o que dá sentido à sua revelação e atuação salvífica na história. Tal conceito possui grande relevo escatológico e é importante para a compreensão da antecipação escatológica do Reino na história, pois possui uma dimensão, ao mesmo tempo, ontológica, prática e performática.

Para ser corretamente compreendida na época pós-moderna em que vivemos, a expressão “Reino de Deus” reclama o conteúdo do que se pensava com ela em termos bíblicos. Em seu esforço teológico, Schillebeeckx nos oferece vários elementos para a compreensão do Reino de Deus:

Reino significará então um espaço geográfico habitado por cidadãos – os cidadãos do reino – que possuem leis e governo próprios. Reino de Deus é assim o espaço inteiro do mundo: a ecumene ou mundo habitado pelos homens, onde o ‘reinar de Deus’, criador deste universo, significa paz, justiça e amor que vigoram entre os

portadores de cargos oficiais que estejam dispostos a ouvir o testemunho de fé de um teólogo que durante toda a vida nada mais fez senão buscar, às apalpadelas e aos balbucios, o sentido que Deus pode ter para os homens. Para levá-lo aos homens, precisa-se acamaradar com os homens e pôr-se a seu lado: em sua vida, pois que eles próprios são a história de Deus em nosso meio”. Portanto, percebe-se que a eclesiologia de Schillebeeckx é pensada como práxis antecipatória do Reino na vida dos cristãos. Cf. SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 7-10. Grifos do Autor.

²³⁴ Expressão comumente usada por Schillebeeckx para se referir a todo o itinerário da vida de Jesus, considerando todo o raio de sua existência terrena, particularmente em sua pregação e práxis do Reino de Deus. Cf. Ibid., p. 150ss.

²³⁵ Na terceira obra de sua trilogia, Schillebeeckx aprofunda magistralmente a temática em pauta: o Reino de Deus como o centro do foco teológico da pregação e da práxis salvadora de Jesus, e a identificação ontológica do Reino com o ser de Deus presente e atuante no mundo na pessoa de Seu Filho Jesus, o Profeta escatológico. Cf. SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 150. Grifo nosso.

²³⁶ Cf. Ibid.

homens, paz também com todo o ambiente ecológico da natureza... quando homens entram livremente no reino de Deus. [...] reino de Deus é a presença de Deus entre os homens, presença salvífica, ativa e encorajadora, afirmada e acolhida alegremente pelos homens. Presença salvífica oferecida por Deus e livremente afirmada pelos homens, que se torna concretamente visível na justiça e em relações de paz entre homens e povos, no desaparecimento de doenças, injustiças e opressões, em novidade de vida que expelle tudo o que estava morto e era mortal. Reino de Deus é nova relação de conversão (*metánoia*) do homem a Deus, cujo lado palpável e visível é novo tipo de relações libertadoras entre homens em vida em comum reconciliada em ambiente natural pacífico. Reino de Deus é a presença de Deus no mundo, reveladora e portadora de salvação [...]. Reino de Deus é ‘reino de homens’, reino humano, em contraposição aos reinos do mundo, que em Dn 7 são indicados por símbolos de animais como reinos do poder do mais forte. Reino de Deus é a eliminação do doloroso contraste entre governantes e governados (também quando Deus é visto como governante tirânico deste tipo)²³⁷.

Nesta rica tentativa de definição dada por Schillebeeckx, percebemos que a concretização do Reino esperado já aponta para uma antecipação histórica, de uma realidade em si escatológica, aguardada para um futuro pós-histórico. Todavia, o movimento entre Reino de Deus e a humanidade é dúplice: o Reino se aproxima, pela vinda de Jesus Cristo, o Filho de Deus, e as pessoas se aproximam do Reino de Deus através da *metanóia*, ou a renovação de suas vidas (cf. Mc 1,15; cf. Lc 11,20; Mt 3,2; 4,17; 10,7). Pela fé e pelo seguimento, mediante uma mudança radical de vida, os discípulos perceberam que o Reino de Deus se aproximou deles e, portanto, da história, e esta nunca mais foi a mesma, tomou outros rumos: os rumos do mistério do Reino. O Reino é um mistério trazido e revelado por Jesus, cujo caminho de vida o revela em suas parábolas e ações, “pois sua vida inteira passou sob o signo de sua prédica e prática do reino de Deus”²³⁸. Para Jesus, o Reino tinha uma primazia inegociável, que ele propôs aos seus discípulos: “Interessai-vos primeiro pelo reino de Deus e sua justiça, e dar-se-vos-á então de acréscimo tudo o mais” (Mt 6,33).

Quanto à dimensão performativa do Reino²³⁹, esta atinge a vida concreta e histórica dos discípulos de Jesus Cristo e toda a nova realidade que nasce com a

²³⁷ SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 150-151. Grifos do Autor.

²³⁸ Ibid., p. 151.

²³⁹ A respeito do caráter performativo do Evangelho, e, portanto, também aplicável ao Reino de Deus, pois o Evangelho é Evangelho do Reino, Bento XVI (Joseph Ratzinger) diz que o Evangelho é uma mensagem cheia de poder, que não é simples discurso, mas realidade; não um discurso simplesmente informativo, mas performativo; não simples comunicação, mas ação; força eficaz que entra no mundo para curar e transformar. Cf. BENTO XVI, Jesus de Nazaré: primeira parte. Do batismo no Jordão à transfiguração, p. 57-58. Também João Batista Libânio e Maria Clara Bingemer definem o discurso performativo como relativo a uma linguagem não descritiva e sim que suscita emoções, prescreve normas de conduta e influi no comportamento humano. Ao

práxis de Jesus que os discípulos assumiram e testemunharam concretamente, mediante a conversão (metanóia) pela fé em seu Senhor (cf. Mc 1,15; Lc 11,20; Mt 3,2; 4,17; 10,7), antecipando, na história, o que se poderia esperar apenas para depois do fim da história. Portanto, em sua conceituação, Schillebeeckx demonstra uma antecipação histórico-escatológica do Reino²⁴⁰.

O Reino há de ser procurado como atitude primordial na vida de quem entendeu o cerne do seu anúncio nas bem-aventuranças e nas parábolas de Jesus (Lc 12,31). Na “procura” do Reino de Deus e de sua justiça (cf. Mt 6,33), acaba-se por superar o egoísmo, sair da prisão e isolamento em si mesmo, interessar-se pelo bem dos outros e encontrá-los na situação em que mais necessitam de dignidade e perdão, ajuda e vida. Na procura do Reino, os “outros” não são mais ignotos. São assumidos como personificação do próprio Jesus, do Reino que vem ao encontro de quem se torna discípulo do Reino (cf. Mt 25,31-46). O Reino já antecipa na história de cada um e da Comunidade o juízo escatológico, tomando como critério a pessoa do irmão ou irmã. Deste modo, a procura do Reino, que faz parte do anúncio de Jesus, realiza-se à luz de sua práxis na vida de quem o procura. E o Reino acontece e se antecipa historicamente a cada vez que o discípulo encarna as atitudes do Mestre.

Schillebeeckx diz que a expressão “Reino de Deus” possui um caráter que aponta “para o estado final escatológico, pondo fim ao mundo mau, dominado por poderes nefastos e iniciando o novo mundo, onde Deus dominará plenamente: “Venha teu Reino” (Mt 6,10)”²⁴¹. A vinda do Reino é percebida por Schillebeeckx em dois aspectos:

Soberania e Reino de Deus são dois aspectos da mesma realidade. A soberania diz respeito ao hoje dinâmico do reinar divino, enquanto que Reino de Deus indica

longo do capítulo dedicado ao Reino de Deus, Libânio e Maria Clara demonstram o caráter dinâmico e performativo do Reino, citando, inclusive a pertinência do conteúdo do Reino destacado por Schillebeeckx, em sua obra *Jesus, a história de um vivente*. Cf. LIBÂNIO, J. B.; BINGEMER, M. C. L., Escatologia cristã. O Novo Céu e a Nova terra, p.103-104; 108-145 e p. 300.

²⁴⁰ Em sua obra cristológica, José Maria Castillo se refere a Schillebeeckx sobre o título “Vivente” dado a Jesus em sua primeira obra da trilogia cristológica, indicando que a ressurreição de Jesus o tornou presente na história de modo ontológico, divino e humano, através da fé dos discípulos. Citando Karl Rahner, o autor diz que Jesus ressuscita no interior da fé dos discípulos, por isso, continua vivente em todo o tempo da história, antecipando para dentro dela o que escatologicamente é a realidade de sua vida eternamente. Cf. CASTILLO, J. M., Jesus: a humanização de Deus. Ensaio de cristologia, p. 488-509.

²⁴¹ SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 135.

mais o estado definitivo de felicidade, esperado pela ação salvífica de Deus. Deste modo, o hoje e o futuro estão essencialmente ligados entre si²⁴².

No Novo Testamento, o Reino tem a ver com a pessoa de Jesus de Nazaré, no qual, o Reino de Deus, o próprio Deus, vem para muito perto de nós. Em Jesus, a práxis do Reino é concreta e voltada para as causas humanas: ele curava quem estava doente; pessoas oprimidas por “espíritos demoníacos” eram libertadas; com Jesus, “publicanos e pecadores”, pessoas na época marginalizadas, discriminadas e até excomungadas, podiam se sentar à mesa, notória sinalização de que o Reino de Deus se antecipou, realizando as antigas esperanças dos pobres de Javé. Jesus proclamava bem-aventurados os pobres, enquanto muitos outros não conseguiam ver senão a maldição de Javé caindo sobre eles; Jesus se misturou com os oprimidos, sem ter medo de nada perder, pois ele era o garante do que os oprimidos haveriam de ganhar gratuitamente, por sua adesão de fé: o Reino e o amor de Deus.

Jesus não somente traz o Reino de Deus para perto da humanidade. Sua oferta do Reino é de condenação a tudo o que desumaniza os filhos de Deus. Sua condenação mais eloqüente ao anti-Reino é a escolha emblemática de uma criança, que incomoda os discípulos, sob o pretexto de ela causar desconforto a Jesus. Mas Jesus reverteu a pretensiosa lógica dos discípulos, reagindo com um afável gesto de acolhida da criança, com cujo gesto declarou: o reino de Deus é dos que são como essa criança (cf. Mc 10,13-16; Mt 19,13-15; Lc 18,15-17), e não dos que se julgam autossuficientes, e detentores de sua autonomia.

Os sinais do Reino na práxis de Jesus testemunham sua messianidade: pela ação de Jesus, “cegos voltam a ver, e coxos andam; leprosos ficam limpos, e surdos ouvem; mortos ressuscitam, e o evangelho é anunciado aos pobres” (Mt 11,4-5; Lc 7,22-23). O Messias anunciado por Isaías (cf. Is 61,1-2 e 58,6), Lucas o identifica com Jesus, cuja vida pública se inicia com a prédica do Reino, destinado aos pobres: “Ele me enviou para trazer boas novas aos pobres” (Lc 4,18); e “bem-aventurados vós, os pobres, pois pertence a vós o reino de Deus” (Lc 6,20). Os destinatários do Reino são, privilegiadamente, os pobres, que, do

²⁴² SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 135. Para uma oportuna filologia acerca do conceito de Reino de Deus (*Reich Gottes*), ver como esta temática atravessa toda a sua recente obra, na qual o autor usa a expressão “domínio de Deus” (*Gottesherrschaft*). Cf. LOHFINK, G., Jesus de Nazaré. O que Ele queria? Quem Ele era?, p. 39-81; 299-317; 451-462.

Antigo ao Novo Testamento, são pessoas concretas, socioeconomicamente destituídas de meios para viver com as outras pessoas, e, como se isso não bastasse, essas pessoas são oprimidas (cf. Is 3,4; 10,1-2; 11,4; 14,32; 26,5-6; 29,19; 32,7; 41,17; 51,21-22; 54,11; 58,7; 61,1; 66,1-2; ver também Mc 14,5-7; 10,21; Lc 14,13-21; 16,19-22; 19,8; 21,1-4; Jo 12,5-8; 13,29).

Entretanto, longe de pragmatismo, inequivocamente, Schillebeeckx afirma que “o fato de que a prédica e a prática do reino de Deus da parte de Jesus era *boa notícia* para os pobres e repudiados, não significa, porém, que ‘o reino de Deus e sua justiça’ (Mt 6,33) seja diretamente para esses pobres libertação da pobreza, da falta de meios e da opressão”²⁴³. Ao contrário, o Reino de Deus trazido por Jesus arranca os pobres do autodesprezo por serem marginalizados, restituindo a eles a dignidade e a alegria de serem tratados como seres humanos e filhos de Deus. Schillebeeckx recorda que a comunhão de mesa - ou seja, a comensalidade, proporcionada por Jesus a quem era leproso - pessoas antes deixadas à margem da sociedade, arranca-as do autodesprezo; do mesmo modo, a acolhida dada por Jesus a uma pessoa humilhada, desprezada e repudiada, leva esta pessoa a sentir-se animada em sua humanidade e definitivamente aceita, e ousa voltar a sorrir. Esta é a redenção e libertação realizadas por Jesus aos pobres em Israel.

A práxis do Reino, efetuada por Jesus é práxis libertadora, que dá início à possível “autolibertação social, uma vez que aderir e aceitar a degradação em virtude de um sistema social de valores, constitui a maior barreira para a autolibertação dos pobres e oprimidos”²⁴⁴. Schillebeeckx afirma ter ouvido de teólogos da libertação latino-americanos que “mais se ri, se dança e se festeja entre pessoas pobres e oprimidas”²⁴⁵, e isso dá ao Autor a convicção de que o reino de Deus pertence *já agora* aos pobres. De fato, sorriso, dança e festa são sinais antecipatórios do Reino de Deus na experiência existencial da humanidade.

Do mesmo modo, ao partilhar pães e peixes com a multidão que o seguia, Jesus quer afirmar “que no reino de Deus vigora a práxis da partilha fraterna, e não a vontade ou a lei de determinado sistema social, pelo qual os pobres tornam-

²⁴³ SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 152. Grifo do Autor.

²⁴⁴ Ibid., p. 153.

²⁴⁵ Ibid.

se cada vez mais pobres e os ricos cada vez mais ricos”²⁴⁶. Assim, Schillebeeckx sublinha a antecipação do Reino de Deus na práxis da partilha fraterna dos bens indispensáveis à vida, porque o Reino é do Deus e Senhor que dá vida e a ela é favorável. Mas, ao mesmo tempo, a práxis de Jesus a favor da vida digna para os pobres intima os ricos à conversão, a fim de que abandonem sua práxis egoística e aprendam a palmilhar o caminho da partilha fraterna.

Para Schillebeeckx, não é possível compreender a prédica do Reino feita por Jesus sem que se tenha “uma consciência aguda da situação de pecado do mundo, do estado de injustiça e discórdia, de pobreza estrutural, de sofrimento e aflição”²⁴⁷. Para isso também é imprescindível a renovação de vida, ou metánoia, baseada na experiência do “Deus que se preocupa com a humanidade”²⁴⁸, cuja ilustração desta preocupação é feita por Jesus nas parábolas do Reino, com as quais ele quis desenhar o mistério do Reino diante de seus discípulos e lhes fazer entender o que pensava do Reino de Deus, e do próprio Deus²⁴⁹.

Na compreensão do Reino como acontecimento que realiza a vontade salvífica de Deus, a expressão “Reino de Deus” é traduzida por Schillebeeckx do seguinte modo: “Deus é o senhor da história, e ele, com plenos poderes, outorgou salvação aos humanos”²⁵⁰. Dizer que *Deus reina* significa que, como “Rei”, Criador soberano, Ele dá salvação e felicidade aos seres humanos, que ele criou para a vida. Dizer que *o Reino vem*, significa que Deus olha os seres humanos e torna operacional o seu “reinar” no mundo.

O Reino acontece na pessoa de Jesus, que o propõe pela prédica e, ao mesmo tempo, o torna atuante em suas escolhas, comensalidade com os pobres,

²⁴⁶ Ibid.; cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINOAMERICANO - CELAM. III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. A evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões da Conferência de Puebla, n. 1264.

²⁴⁷ SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 153.

²⁴⁸ Expressão já utilizada por Schillebeeckx na primeira obra de sua trilogia, em várias páginas, mormente na p. 154, quando assim se expressa: “No entanto, vê-se nessas parábolas a solidariedade de Jesus com o melhor da sabedoria do judaísmo tardio, em assuntos éticos e religiosos, como igualmente com o dinamismo fundamental da única coisa que o fascinava: a causa de Deus como causa do ser humano, o reino de Deus. [...] Nisso reencontramos o Deus de Jesus, do reinado de Deus, que só pensa no que é bom para a humanidade”. Cf. Id., Jesus, a história de um vivente, p. 141; 142; 147-148; 154.

²⁴⁹ A prédica e a prática de Jesus revelam o aspecto dissidente do Deus de Jesus em relação à imagem de Deus do judaísmo oficial. Nas parábolas, Jesus quis ilustrar a imprescindibilidade da práxis para a realização do Reino, pelo que, sem a cooperação da ação humana, o reino não se antecipa nem se realiza. Cf. Id., História humana: revelação de Deus, p. 154-156; cf. Id., Jesus, a história de um vivente, p. 148-165.

²⁵⁰ Id., Jesus, a história de um vivente, p. 135.

pecadores, abandonados e excluídos, mas também – e de modo credível – o Reino se torna acontecimento na vida do crente, do discípulo, cuja vida justa, e em permanente processo de conversão, supera todo impedimento imposto à adesão ao Reino. A respeito disso, Schillebeeckx afirma:

Jesus relaciona a vinda do Reino de Deus com a metanóia, isto é, a praxe atual do Reino de Deus. O Pai-nosso sugere uma ligação essencial entre o “venha o vosso Reino” e o “seja feita a vossa vontade na terra”: realizar a vontade de Deus na nossa história terrena tem a ver com vinda do Reino de Deus, sempre na dialética característica de Jesus entre o “hoje” e o “futuro”; este último é sempre maior do que o hoje, mas o hoje estimula uma praxe ética-religiosa de acordo com o Reino de Deus²⁵¹.

A “ortopraxis”²⁵² de Jesus torna presente o Reino mediante o seu “fazer o bem” por toda parte, e isto se deve ao fato de que Deus estava com ele (cf. At 10,38). O Reino irrompe para dentro da história, em sua plenitude escatológica, e se torna visível nas ações de Jesus, pelas quais ele manifesta abertamente o amor misericordioso de Deus, que perdoa e salva. Pelas ações curativas e libertadoras de Jesus, em favor dos doentes, endemoninhados e atormentados por algum motivo, o Reino de Deus vence de modo soberano o domínio de Satanás, e liberta os que ele aprisionava, porque Jesus expulsa os demônios com o poder do “dedo de Deus” (cf. Lc 11,20; cf. Mt 12,20-29) e traz a esperada salvação à humanidade sofrida, especialmente os pobres, aos quais o Reino messiânico se destina (cf. Lc 4,16-21)²⁵³.

Portanto, toda a humanidade é convidada a reconhecer em Jesus a presença escatológica do próprio Deus, e a confiar no que ele diz e faz, porque nisso reside

²⁵¹ Schillebeeckx é um teólogo da práxis. Mensagem (doxa) e ação (práxis) estão ligadas entre si, relacionadas normalmente à maneira de viver, de se engajar e atuar profeticamente, à luz da conversão (metanóia). Nas obras *Jesus a história de um vivente*, e *História humana: revelação de Deus*, ele faz freqüente uso das expressões “praxe”, “práxis”, e variante desta última, com seu prefixo, “ortopraxis”. Perceba-se que o uso das expressões ocorre, por vezes, até na mesma página da obra; entretanto, percebemos que o significado das expressões é unicamente a síntese das diversas maneiras do “agir”, e da “ação” da pessoa ou da comunidade, a partir do Reino, ou contrária a ele. Cf. SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 109 passim (encontramos as referidas expressões ao longo de toda a obra). Na obra *História humana: revelação de Deus*, Schillebeeckx identifica a “práxis” com uma “experiência” e “acontecimento”, cujo “quadro interpretativo”, “horizonte de interpretação” e “tradição de experiência” (entendidos como ambiência dos acontecimentos) ajudam o teólogo a descobrir o sentido salvífico da história, onde Deus age a favor da salvação e libertação da pessoa humana. Cf. Id., *História humana: revelação de Deus*, p. 30; 32; 34-35 passim.

²⁵² O autor explica o termo, relacionando-o ao Reino de Deus: “Literalmente: ‘reta ação’. [...] *ortopraxis* significa sempre ‘agir de acordo’ com o critério ou as normas do Reino de Deus”. Cf. Id., *Jesus, a história de um vivente*, p. 690. Grifos do autor.

²⁵³ Cf. ANCONA, G., *Escatologia cristã*, p. 81.

o início substancial de um futuro qualitativamente novo. A respeito dos benefícios que Jesus realiza, concretizando o Reino, Schillebeeckx observa que:

No seu modo de viver, Jesus dá ao Reino de Deus um rosto concreto: dedica-se ao bem-estar, à integridade do ser humano, também fisicamente com curas e exorcismos. Onde Jesus aparece o medo some, o medo de viver e o medo de morrer, e ele liberta a pessoa humana e a devolve a si mesma²⁵⁴.

Por outro lado, para encontrar correspondência na vida da pessoa, o Reino de Deus exige uma ortopraxis semelhante à de Jesus, numa liberdade interior que permita a Deus ser o único bem necessário. Isso requer o desapego de riquezas e propriedades, tanto pequenas quanto grandes e supérfluas. O acontecimento do Reino nas ações de Jesus antecipa e indica o caminho a ser percorrido pelos que se colocam a caminho do mundo no seguimento de Jesus. Ele precede os discípulos, na pregação e na prática do Reino e os motiva em todos os tempos a assumir sua práxis antecipatória do Reino no mundo²⁵⁵.

O Reino se torna acontecimento no correto agir humano, onde se demonstra amor sem limites, sem sectarismos, ou seja: um amor que alcança até os inimigos. Tais foram os sinais do Reino na atuação de Jesus, que contrastavam frontalmente com a atuação dos fariseus e mestres da Lei de seu tempo. Com as atitudes práticas de Jesus, o Reino de Deus poderia chegar à humanidade através das mediações humanas dos seus discípulos, nos cuidados de uns pelos outros, na reciprocidade do respeito total pelo outro, e na promoção de sua vida digna e plena.

Deste modo, “no agir de Jesus, aparece uma realização proléptica, não na teoria, mas na prática, do ‘novo mundo’, da procurada nova praxe da vida boa e verdadeira, digna de seres humanos”²⁵⁶. Em Jesus, os cristãos e todas as pessoas de boa vontade poderão encontrar não apenas uma inspiração e incentivo, mas um

²⁵⁴ SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 147.

²⁵⁵ Para aprofundar melhor a temática da visibilidade do Reino nas ações dos seguidores de Jesus em todos os tempos, ver também: SCHILLEBEECKX, E., *Uma espiritualidade para o homem de hoje*. Grande Sinal. Revista de Espiritualidade. Ano XXXIX, 1995, p. 12-18; Id., *Relação entre Sacerdócio e Celibato*. Anotações Teológicas. PADRES amanhã? Deus criou o padre. O Diabo criou a casa. Introdução de Fernando Vittorino Joannes. Coleção IDO-C2. Os grandes temas do cristianismo moderno, p. 45-65; SCHILLEBEECKX, E., *O mundo e a Igreja*, p. 81-95; 126 et seq.; BORGES, A. (Coord.), *Deus no século XXI e o futuro do cristianismo*, p. 405-429; SCHILLEBEECKX, E., *Hacia un “futuro definitivo”*: promesa y mediación humana. In: DUPRE, W. et ali., *El futuro de la religión*, p. 41-68.

²⁵⁶ SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 147.

conteúdo e uma orientação bem determinada para o seu agir benéfico no mundo, sem abandonar, mas - aliás - alimentando a esperança escatológica de que a salvação virá em breve, conferindo-lhe a atualidade que alegra quem por ela esperava²⁵⁷.

O Reino que vem já se aproximou e se fez visível em Jesus. Por isso, ele proclama: “Felizes os olhos que veem o que vedes! Porque eu vos digo que muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes e não o viram; quiseram ouvir o que ouvís e não ouviram” (Lc 10,23s). Em Nazaré, Jesus anuncia o cumprimento no “hoje” daquilo que os profetas predisseram: “Hoje se cumpriu a profecia que acabastes de ouvir” (Lc 4,21). De fato, com Jesus, os cegos vão ver, os coxos vão andar, os leprosos serão curados e aos pobres será anunciada a boa notícia (cf. Is 35; Mt 11,5). Tudo isso acontece agora na palavra e na ação de Jesus; ao que se acrescenta: “Feliz aquele que não se escandaliza de mim” (Mt 11,6).

Como tal anúncio, portador da realização de uma antiga e sempre nova esperança popular, poderia causar escândalos? Diz Kasper que:

Por certo se deu bastante motivo para o escândalo. Um rabino desconhecido de um longínquo rincão da Palestina, com um pequeno grupo de discípulos incultos, rodeado de toda classe de gente de má fama, publicanos, prostitutas, pecadores, poderia tornar realidade a mudança do mundo, e trazer o Reino de Deus? A dura realidade parecia e parece desmentir radicalmente a pregação de Jesus. Deste modo se explica que desde o princípio o povo balance a cabeça e se pergunte com incredulidade acerca de Jesus. Até os seus mais próximos o tinham por louco (cf. Mc 3,21)²⁵⁸.

O acontecimento do Reino, visibilizado nos prodígios feitos por Jesus, provoca um espanto em todos, que se admiraram, perguntando uns aos outros: “Que é isto? Um novo ensinamento com autoridade! Até mesmo aos espíritos impuros dá ordens, e eles lhe obedecem!” (Mc 1,27). A respeito dos prodígios que Jesus realizou, Schillebeeckx diz que o conceito evoluiu em termos como “Jesus o taumaturgo” ou “milagreiro”, à formulação de Lucas: “Jesus andava por toda parte fazendo o bem”, num ativo empenho pelos necessitados. O evangelista Marcos registra que o povo reagiu dizendo: “Jesus faz bem todas as coisas: faz os surdos ouvirem e os mudos falarem” (Mc 7,37b), tendo já referido o início do

²⁵⁷ Cf. SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 148.

²⁵⁸ KASPER, W., *Jesus, el Cristo*, p. 91. Tradução nossa.

próprio Evangelho como “Boa nova de Jesus Cristo” (Mc 1,1), como sendo (os prodígios de Jesus) causa da alegria para muita gente.

Para que serviram os milagres e prodígios de Jesus?²⁵⁹ Em qual direção apontavam? Para Schillebeeckx, os milagres feitos por Jesus apontam na direção de sua identidade. Mais que o milagre em si, o que chama a atenção e escandaliza, é o fato de que Jesus era um personagem comum, e todos sabiam de onde ele era. No entanto, em Jesus apareceu historicamente algo de excepcional, que os seus opositores atribuíram a “origens demoníacas”. Por outro lado, “os seguidores de Jesus, atribuíram as manifestações extraordinárias do Reino na práxis de Jesus a uma infundável proximidade do âmago mais profundo de toda a realidade: Deus”²⁶⁰. Afinal, estes milagres vêm de onde: “de Deus” ou “do demônio”? A resposta para esta pergunta era decisiva para a identidade de Jesus e se tornou fundamental para a percepção escatológica do projeto pelo qual Jesus vivia: o Reino de Deus.

Prescindindo de quaisquer outros interesses de investigação de natureza científica, Schillebeeckx situa os milagres “dentro do contexto (ou do questionamento) do “poder do maligno” diante do “poder de Deus”²⁶¹, e destaca que as “expulsões de demônios” e a cura de doentes, acometidos de vários tipos de enfermidades, ocupam grande parte das narrativas sobre as ações milagrosas de Jesus.

Os poderes do mal reagem à agressão que a atuação de Jesus representa para eles (Mc 1,23-24), e se dá uma mudança radical no confronto entre os “poderes”: em lugar dos frutos maus e efeitos dolorosos, produzidos pelos poderes do mal na pessoa humana, Jesus promove somente atos bons e benéficos, de modo que as pessoas que sofriam debaixo do poder do mal agora podem experimentar em Jesus o alívio e a alegria da nova chance de viver com saúde e liberdade, mas ao mesmo

²⁵⁹ Schillebeeckx diz que nos evangelhos não se encontra a palavra do grego profano para “milagre” (*thauma*). Os evangelistas se limitam apenas a dizer que certas palavras e ações de Jesus provocaram no povo um *thaumadzein* (admiração e assombro). Ao invés de *thauma*, os evangelhos utilizam a palavra “sinais” (*sémeia*) e “atos de poder” (*dynameis*), ou simplesmente “obras do Cristo” (*ta erga tou Christou*). Nos outros livros do Novo Testamento se encontram a expressão “seméion” (At 4,16-22; 8,6; Ap 13,13-14). Em termos muito gerais, “teras” indica o caráter estupendo de um acontecimento incompreensível; “seméion” lembra a atuação de Deus dentro do acontecimento; “dynameis” (Gl 3,5; At 2,22) são “portentos”. Os três conceitos se encontram juntos em Hb 2,4 e At 2,22. Cf. SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 176-177; ver nota 105 na p. 177.

²⁶⁰ Ibid., p. 176.

²⁶¹ Cf. Ibid., p. 177.

tempo convidadas à participação solidária na vida da comunidade, que há de ser sinal do Reino em gérmen no mundo²⁶².

Com Jesus, o Reino de Deus vem desbancar o reino do sofrimento. “Na luta entre o poder benigno de Deus e os poderes demoníacos que maltratam, torturam e seduzem os humanos, Jesus atribui a si mesmo uma função pronunciada”²⁶³. E os cristãos viram e compreenderam na ação benéfica de Jesus a atuação de um profeta escatológico que vinha de Deus, pois ele “fez bem todas as coisas” (Mc 7,37). Enquanto, por um lado, é Satanás o poder do mal que torna surdos, cegos, leprosos e mudos os seres humanos, sinais da escravidão e negação dos meios e condições favoráveis à vida livre, digna e participativa na comunidade, por outro lado, é o poder da bondade, manifestado em Jesus, que liberta o ser humano de todos os maus-tratos satânicos e o reinsere como membro ativo e comprometido no melhoramento da comunidade. Num mundo banhado de dor, os milagres de Jesus seriam “gestos impotentes de um sonhador desesperado, se não fossem ‘sinais’ antecipadores de uma realidade cuja plenitude está nas mãos de Deus”²⁶⁴. Segundo Schillebeeckx, “é esse o contexto antigo do Novo Testamento, sobre o que se [*pode*] chamar de “sinais e prodígios de Jesus”²⁶⁵.

Em suma, para Schillebeeckx, o que concretamente significa o reino de Deus ultrapassa a nossa capacidade humana de imaginação. Por antonomásia, só podemos obter do Reino de Deus uma anuviada ideia ao observarmos, por um lado, experiências humanas de bondade e justiça, de sentido e amor, e, por outro lado, nas ameaças, escravidões e aviltamentos de tudo o que é humano. Todavia, o Reino só pode ser entendido em sua total e profunda mensagem à luz do caminho de vida de Jesus, ou seja, “de sua mensagem tal qual se comunica sobretudo em suas parábolas do reino de Deus, no seu procedimento pessoal de caminhar à frente na práxis do reino de Deus em que se mantém firme até a morte”²⁶⁶.

²⁶² O que Paulo sinaliza na Carta aos Gálatas 5,1ss.

²⁶³ SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 178.

²⁶⁴ PALACIO, C., Jesus Cristo: história e interpretação, p. 102 – grifo do Autor.

²⁶⁵ Ibid. Grifo nosso.

²⁶⁶ SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 151.

3.4 Exigências do Reino de Deus: conversão, fé e discipulado

Em todo o itinerário da experiência dos discípulos de Jesus, nos relatos neotestamentários, a fé é exigida como fundamental condição para acolher o Reino de Deus na pessoa de Jesus, em suas palavras, mas particularmente em suas obras²⁶⁷. A obra de Jesus é o Reino, compreendido em toda a sua força comunicadora de vida e esperança para a pessoa humana, já em sua caminhada na terra. Em tal obra, Jesus tem um único foco: que a pessoa acredite no Pai, que o enviou, pois o Reino ao qual Jesus está a serviço é de Deus, seu Pai. Por isso, os milagres são destinados a despertar a fé nas pessoas que se tornarão discípulas do Reino de Deus.

Em geral, Jesus realiza os milagres a “estranhos” ou a “discípulos” que lhe pedem ajuda. Ilustra-o bem a cura dos dez leprosos, dos quais somente um, por iniciativa pessoal, volta para Jesus (Lc 17,11-19)²⁶⁸, e este era samaritano (cf. Lc 17,16), portanto, um semipagão. Apesar de ter curado os outros nove, Jesus diz só para esse que volta: “Tua fé te salvou” (Lc 17,19). “Somente um dos dez entendeu o sentido do que Jesus fez: voltando para Jesus, ele reconhece que foi Jesus quem lhe ofereceu a ajuda de Deus”²⁶⁹. Com isso, Jesus deixa claro que a intenção de seus prodígios é oferecer aos outros a salvadora comunhão com Deus.

De outra maneira, a força real de Jesus é como que “arrancada” pela fé de uma mulher há tantos anos doente, que estava desesperada, após tentar em vão todas as possibilidades de tratamento (cf. Mc 5,25-34). Ao ouvir falar do Mestre, ela “aproximou-se por detrás dele na multidão e tocou-lhe a veste” (Mc 5,27). Este foi um ato de desespero praticado por uma mulher do povo, mas cheia de confiança, pelo qual ela foi curada. Tendo identificado quem lhe tocou, Jesus reagiu: “Filha, a tua fé te salvou; vai em paz, e fica curada desse sofrimento” (Mc

²⁶⁷ Enquanto os evangelhos sinóticos se referem aos milagres como os sinais que manifestam o Reino nas obras de Jesus, o evangelho de João se refere às “obras” de Jesus, como “sinais” do Reino, compreendidos globalmente à luz de toda a vida, morte e ressurreição de Jesus. Cf. Mt 4,24; 8,16; 12,15; 13,58; 14,14; 15,30; 21,14; Mc 1,34; 6,5; Lc 7,21; 9,42; 14,4; 22,51; Jo 6,28.30.67-69; 10,24-26; 14,1.11-12.21.

²⁶⁸ Milagre narrado exclusivamente pela tradição lucana. Cf. SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 188.

²⁶⁹ *Ibid.*

5,34). Para Schillebeeckx, apesar do “padrão mágico de seu comportamento, a mulher procurou em Jesus a ajuda de Deus”²⁷⁰.

O milagre acima descrito está ligado a outro: o da cura da filha de Jairo, chefe da sinagoga (Mc 5,21-24.35-43). O milagre anterior havia interrompido a narrativa do fato. No entretanto, a filha do chefe da sinagoga morreu. Jesus, porém, diz: “Não tenhas medo. Continua crendo” (Mc 5,36b). Após tentarem levar o chefe da sinagoga a não incomodar mais a Jesus, pois havia morrido, Jesus responde: “Persevera na fé com a qual vieste a mim”. A propósito disso, Schillebeeckx comenta: “o essencial é contra toda esperança continuar agarrado a Jesus, e esperar dele a ajuda de Deus”²⁷¹. Voltar-se para Jesus significa que ele garante o auxílio de Deus: neste auxílio está o sinal de que o Reino de Deus chegou, trazido por Jesus e visibilizado no bem que ele faz.

Jesus é desafiado pela falta de fé dos seus próprios discípulos. Após terem tentado em vão expulsar o mau espírito de um menino doente (cf. Mc 9,14-18), os discípulos ouvem de Jesus: “Oh, gente incrédula!” (Mc 9,18-19). E afirma: “Tudo é possível a quem crê”. Mas o pai do menino doente diz: “Eu creio! Mas ajuda minha falta de fé!” (Mc 9,24). Por outro lado, com maior frequência, Jesus encontra uma imediata manifestação de fé nos que não são do seu grupo, e até de pagãos: quando da cura do filho ou servo do centurião (cf. Mt 8,10b = Lc 7,9b), a fé do centurião é realizada, ou seja, obtém a cura do seu servo (ou filho) doente, porque acredita que Jesus, como alguém autorizado por Deus, tem poder sobre as doenças. Igualmente, o cego Bartimeu (cf. Mc 10,46-52), tendo vencido todos os obstáculos, encontra-se pessoalmente com Jesus, e é salvo exatamente por causa de sua própria fé (cf. Mc 10,52).

Em Nazaré, Jesus esbarra na incredulidade dos conterrâneos, e não pode fazer prodígios de bondade (cf. Mc 6,5-6). Jesus depende da fé da pessoa para poder curá-la. Comentando este texto, Gerhard Lohfink em sua recente obra cristológica, diz que “[...] a irrupção do domínio de Deus não é um espetáculo. O agir de Deus está ligado, portanto, à fé de pessoas concretas. O domínio de Deus precisa de crentes que se abram em sua liberdade”²⁷². As dúvidas levantadas pelos compatriotas de Jesus, em Nazaré, estavam ligadas à origem de seus milagres e de

²⁷⁰ Cf. SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente.

²⁷¹ Cf. Ibid., p.189.

²⁷² LOHFINK, G., Jesus de Nazaré: O que Ele queria? Quem Ele era?, p. 189.

sua sabedoria, pois em ambos, Jesus manifestava uma habilidade incompatível com sua humilde origem humana, familiar e campesina. Não podendo aceitar que alguém do nível de Jesus possuísse a sabedoria e poderes que são próprios de Deus, seus conterrâneos optaram pelo desprezo e pelo fechamento à presença e ação de Deus na pessoa de Jesus.

O embaraço sentido pelas pessoas, e sua incredulidade em Jesus, possui uma razão: não se tratava de os nazarenos estarem convencidos ou não de que Jesus tinha o poder de fazer milagres, mas a causa do afastamento do povo se verifica pelo fato de que o poder de Jesus é atribuído ao demônio (cf. Mc 6,2b-6). Schillebeeckx diz que “em Nazaré se acredita, sim, que Jesus tem o poder de fazer milagres. Mas pedem-se milagres que não seriam apelo à metanóia, nem convocação para a comunhão com Deus (cf. Mt 4,5-6; Jo 6,14-15)”²⁷³.

Ora, a intenção de Jesus, com os milagres, não era a de chamar a atenção sobre si, ou sobre os poderes de que fora dotado por Deus. Para Jesus a relação entre fé e milagres está na razão de sua missão como profeta escatológico no meio de Israel: levar seres humanos a terem fé em Deus. Desta constatação, Schillebeeckx conclui que:

O sentido de toda a atuação de Jesus é ser aquele que traz a ajuda de Deus e transmite salvação; onde isso não é reconhecido, toda a sua missão é ignorada, e o Reino de Deus não é entendido, nem as obras deste Reino; é somente na fé que o reinado de Deus se comunica aos seres humanos. A missão de Jesus a Israel é um *apelo à fé*²⁷⁴.

A consciência da ajuda que Deus enviou ao mundo em sua pessoa é, para Jesus, o foco principal de seus milagres, do qual ele mesmo não se desvia. E a finalidade dos milagres é conseguir do beneficiado a fé em Deus, não importando se o beneficiado pertence ou não à Comunidade do Israel eleito. Com essa atitude, Jesus abre as portas do Povo da Nova Aliança, pois encontra em não-judeus, ao contrário de tantos judeus, uma acolhida de fé generosa, pois aqueles aceitam o Reino de Deus. Exemplo disso foi a fé firme de uma não-judia (cf. Mt 15,21-28; Mc 7,24-30). Essa pagã sírio-fenícia espera, através de Jesus, a ajuda do Deus de Israel. Para Mateus, a missão terrena de Jesus se limita aos judeus (cf. Mt 15,23.24.26) e não se destina aos “cachorros”, isto é, aos pagãos. “A mulher pagã,

²⁷³ SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 189.

²⁷⁴ Ibid., loc.cit. Grifo do autor.

porém, desarma a oposição, testemunhando sua fé no Deus de Israel: ‘Mas os cachorros também comem as migalhas que caem da mesa dos seus donos’ (Mt 15,27)²⁷⁵. Desta forma, numa linguagem irônica e pagã, exprime-se a fé em Deus, que é salvação, primeiramente destinada a Israel, mas em seguida também aos pagãos. Jesus confirma e elogia a fé da mulher, dizendo-lhe: “ó mulher, grande é a tua fé” (Mt 15,28). “Essa mulher siro-fenícia já possui o que devia ser encontrado em Israel: fé em Jesus como o enviado de Deus a Israel. Isso é ‘fé’ em Jesus antes da Páscoa. Também não precisa ser mais do que isso”²⁷⁶.

Nas narrativas de milagres, Jesus vem proclamado como “Filho de Davi”, como um reconhecimento de sua missão terrena, de um salomônico “Filho de Davi”, enviado somente a Israel; de fato, em muitas narrativas em que se fala sobre “fé” e “milagres”, Jesus é chamado expressamente de “Filho de Davi” (cf. Mt 15,21-28; Mt 12,23-24; 9,27.33-34; 20,30; Mc 10,47-48). A respeito da missão de Jesus junto ao povo de Israel, Schillebeeckx observa:

Como filho de Davi, Jesus está aí para Israel, cumprindo as expectativas de Israel (cf. Mt 15,22; 21,9.15), pois a fé que Jesus, nos dias de sua vida terrena, espera de Israel é que creia nele como o enviado de Deus (para o fim dos tempos); seria a confiança na pessoa que quer levar Israel a voltar-se para Deus. É nessa expectativa, e somente assim, que os atos de Jesus, de poderosa bondade, ganham seu verdadeiro sentido. [...] A finalidade é oferecer a salvação que vem de Deus; é provocar a fé²⁷⁷.

A morte e ressurreição de Jesus modificam a fé dos discípulos. Antes da páscoa, manifestam medo e fraqueza na fé, como no caso da tempestade acalmada por Jesus (cf. Mc 4,35-41); ali, Jesus protesta contra o medo que eles têm: “Por que tendes tanto medo? Como é possível que ainda não tendes fé?”. Schillebeeckx informa que “a fé dos discípulos já existia, mas ainda corria perigo; antes da Páscoa, várias vezes até fraquejou. Há muito tempo estão com Jesus, e ainda não tomaram consciência de que não há nada a temer”²⁷⁸, ainda que o mestre durma enquanto a tempestade ameaça de morte a todos os que estão no barco. São

²⁷⁵ SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 189-190.

²⁷⁶ *Ibid.*, p. 190.

²⁷⁷ Com essa expressão, Schillebeeckx manifesta bem sua convicção acerca da função messiânica de Jesus durante sua vida na terra: provocar nas pessoas a fé em Deus, seu Pai. SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 190.

²⁷⁸ *Ibid.*, p. 191.

míopes, “de pouca fé”; convivem com Jesus, mas não creem nele com firmeza. Em virtude disso, para Schillebeeckx:

A verdadeira fé torna desnecessário qualquer milagre [...]; [...] fé significa confiança na pessoa de Jesus, como garantia da presença salvadora de Deus. Crer significa aceitar que se oferece em Jesus uma nova comunhão com Deus, desde os dias da vida de Jesus nesta terra, como fica claro também em Mc 11,23; Mt 17,20; Lc 17,6. Se for realmente autêntica a fé dos discípulos, mesmo “do tamanho de uma sementinha de mostarda” (Mt 17,20), poderá tirar do lugar uma montanha²⁷⁹.

Jesus não requer mais uma fé forte capaz de “fazer milagres”. Trata-se de um milagre muito mais profundo, o milagre da graça de Deus, na qual se pode ter confiança permanente. Schillebeeckx comenta o episódio da figueira que secou com a maldição lançada por Jesus (cf. Mc 11,20-25), e diz que essa figueira é uma profecia-em-ação: imagem do juízo de Deus que virá sobre Israel ou Jerusalém. Mesmo assim, Jesus adverte: “Tende fé em Deus” (Mc 11,22). Diante desse juízo que se aproxima, os discípulos devem continuar confiando na ajuda de Deus²⁸⁰.

Em suma, a tarefa do Jesus terreno foi suscitar uma fé incondicional em Deus e não a fé exclusiva em sua pessoa. Seus milagres eram ofertas de fé. Este é o sentido dos prodígios de Jesus: fazer o bem para despertar a fé em Deus. “A pessoa concreta de Jesus é a manifestação da bondade de Deus para quem está disposto a receber, através da praxe da vida de Jesus, a proximidade auxiliadora de Deus (cf. Mt 13,11)”²⁸¹. Quem deposita confiança em Jesus está convencido de que nele foi revelada a maneira como Deus cuida do ser humano, e isso é causa de escatológica alegria. Não é mais tempo de jejuar, de entristecer-se, pois Jesus traz a mesma alegria que um noivo traz aos seus amigos numa festa de casamento (cf. Mc 2,18-19). Para Schillebeeckx, os discípulos de João Batista podiam até jejuar, sem que nisso houvesse nada para que fossem criticados. “Mas, se os discípulos de Jesus jejuassem agora, seria ignorar a situação concreta, a saber, a presença salutar da própria pessoa de Jesus de Nazaré”²⁸². Ele é a aparição palpável, em carne e osso, da misericórdia divina para com os seres humanos.

Além do quanto se refere à fé, como exigência para acolher o Reino de Deus, há que se considerar outras duas condições, de igual relevância: a conversão

²⁷⁹ SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente.

²⁸⁰ Cf. *ibid.*, p. 191.

²⁸¹ *Ibid.*, p. 195.

²⁸² *Ibid.*, p. 195-196.

e o discipulado. De fato, do reconhecimento da oferta de salvação vinda da parte de Deus, trazida por Jesus, no anúncio e na praxe do Reino de Deus, na cura dos doentes e na expulsão dos demônios, os discípulos passam à conversão para com a pessoa do próprio Jesus, e empreendem um seguimento (discipulado). Schillebeeckx percebe em tal seguimento uma *metanóia*, uma conversão para Jesus Cristo nos discípulos²⁸³. A respeito do seguimento de Jesus, feito pelos seus discípulos, o Autor assim se refere:

Embora muitas vezes se tenha afirmado o contrário, os exegetas estão chegando agora à conclusão de que o Jesus terreno, antes da morte, admitiu discípulos como colaboradores seus, e que os enviou para anunciarem como ele a mensagem da vinda do Reino de Deus, e para que também curassem enfermos e expulsassem demônios²⁸⁴.

Jesus insere os discípulos em sua própria missão e a confia a eles, tornando-os participantes das atividades do anúncio da proximidade do Reino, e o exercício da cura dos enfermos e da expulsão de demônios. Jesus faz isso através do chamado, da vocação dada aos discípulos. “É o que supõe a sua vocação de “seguir-lo”, de imitar Jesus; e já que Jesus era pregador ambulante sem permanência fixa, também a vocação de acompanhá-lo por onde ele fosse[...]”²⁸⁵. Desde a chamada, passando pela orientação e o envio, além da radicalidade na conduta e jeito de viver dos discípulos, Jesus os insere na dinâmica de anúncio da proximidade do Reino de Deus, fazendo perceber às pessoas que este Reino já está atuando no meio delas através das curas e exorcismos que eles realizam (cf. Lc 10,11).

O discipulado do Reino coincide com a vocação ao anúncio e efetivação do Reino (cf. Mc 3,13-15). Um por um, os discípulos abandonam imediatamente a sua própria ocupação e seguem Jesus (cf. Mc 1,18; 1,20; 2,14). Para Jesus, nem a morte de pessoas amadas, como os pais, poderia se constituir em impedimento para que o discípulo obedecesse imediatamente à convocação do Reino de Deus: “Segue-me. Deixa os mortos sepultarem os seus mortos” (Mt 8,19.21-22; cf. Lc

²⁸³ Ao final da obra, explicando termos técnicos pouco conhecidos, Schillebeeckx define “Metanóia” como “arrepentimento e conversão, no sentido de reviravolta. Implica a autocrítica radical, baseada na fé em Deus. *Metanóia* é a consequência e o resultado da vinda do Reino de Deus”. Cf. *Ibid.*, p. 689.

²⁸⁴ SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 212.

²⁸⁵ *Ibid.*

9,57-60). Schillebeeckx explica que “mortos” aqui são os que não obedecem prontamente à convocação do Reino de Deus²⁸⁶.

A vocação dos discípulos faz parte da ação escatológica do Reino em Jesus. Interpretando esta ação escatológica, assim se expressa Schillebeeckx:

Quando Jesus chama discípulos para o “seguir”, talvez esteja aí a prova mais clara de que ele age como profeta escatológico do iminente reinado de Deus. Esse chamamento rompe com qualquer relação mestre-aluno, porque é ação do profeta escatológico para o fim dos tempos; sua conclamação na metanóia se condensa aí na metanóia escatológica para alguém se tornar discípulo de Jesus, vocação essa que exige “queimar todos os navios”, a fim de estar totalmente a serviço do Reino que está chegando. Ser assim seguidor de Jesus é colocar-se incondicionalmente a serviço do Reino de Deus²⁸⁷.

Jesus propõe o seguimento de sua pessoa como fundamental para que o discípulo entenda e entre na dinâmica do Reino de Deus. Ele se ocupa com largueza no aconselhamento dos discípulos para convencê-los de que não há alternativa: a conversão ao Reino é conversão e abandono de tudo para seguir Jesus, que anuncia o Reino de Deus. A temática da vocação para imitar Jesus ocorre repetidas vezes nos evangelhos (cf. Mc 8,34-38; Lc 9,23-26; 14,16-33; Mt 10,38; 16,24-27). Trata-se de uma vocação também ela escatológica, necessária para o seguimento de Cristo, que está acima do valor da própria vida, dos familiares e dos bens do discípulo; seguimento que terá uma tríplice marca: “imitar, carregando a cruz”, “perder a vida e ganhá-la” e o “ser odiado por causa de Jesus” (cf. Mt 10,38-39; Lc 14,25-27; cf. Lc 17,33). Schillebeeckx descreve o itinerário comum dos vocacionados nos evangelhos:

Nos evangelhos, a vocação que vem de Jesus é sempre narrada segundo o mesmo esquema: a) Jesus passa (Mc 1,16.19; 2,14); b) vê alguém (Mc 1,16.19; Jo 1,47); c) conta-se qual é a profissão da pessoa (Mc 1,16.19; 2,14; Lc 5,2); d) a vocação em si (Mc 1,17.20; 2,14; Jo 1,37); e) o chamado abandona tudo (Mc 1,18.20; menos em Mc 2,14, mas sim em Lc 5,1.28); f) o chamado segue Jesus (Mc 1,18.20; 2,14; Lc 5,11)²⁸⁸.

A vocação coincide com a conversão e com todos os seus significados: privar-se de todas as posses, ser odiado, ser obrigado a abandonar familiares, pessoas amadas e bens. A decisão dos discípulos que abandonam tudo e “odeiam”

²⁸⁶ SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 214.

²⁸⁷ *Ibid.*

²⁸⁸ *Ibid.*, p. 215.

a própria família (cf. Lc 14,26), a fim de seguir a Jesus, é adotada segundo um modelo de conversão, uma metanóia, necessária por causa do Reino de Deus que estava chegando. “Em outras palavras, confessar Jesus é a metanóia exigida pela vinda do Reino de Deus (cf. Mc 8,38; Mt 16,27; Lc 9,26), pois segundo esse critério é que Jesus, o Filho do homem que vem, julgará as pessoas”²⁸⁹. Portanto, converter-se para seguir Jesus é a metanóia (reviravolta) escatológica, exigida pela vinda do Reino de Deus.

A atitude reveladora desta metanóia radical, enquanto conversão para Jesus, é “tornar-se humilde como criança”, “metanóia que, para a comunidade cristã depois da Páscoa, era a condição para alguém se tornar membro da comunidade escatológica”²⁹⁰. No Novo Testamento, “seguir Jesus” é condição necessária para a salvação, a qual passa pela relação com Jesus. A validade da conversão passa pela exigência de voltar-se para Jesus. “Antes da Páscoa, isso significa reconhecê-lo como profeta escatológico, que vem de Deus, que traz a alegre mensagem: “Deus vai reinar” (Is 61,1-2; 52,7)”²⁹¹. Os discípulos, chamados por Jesus, serão constituídos para estar com ele e para serem enviados a anunciar o Reino de Deus vindouro, que já se torna visível na cura de enfermos e na expulsão de demônios (cf. Mc 6,7-13; Lc 10,2-12; Mt 9,37-38). O Reino de Deus identifica e coliga os discípulos com Jesus. Schillebeeckx demonstra o nexo que o Reino simboliza para ambos, dizendo que:

Os discípulos seguem a Jesus, fazendo o que ele faz: anunciar a mensagem do Reino de Deus, curar enfermos e expulsar demônios. Tudo isso, naturalmente, os discípulos devem fazer numa atitude que reflète, na própria vida, a praxe do Reino de Deus, como Jesus o mostrava em palavras, parábolas e ações²⁹².

A unidade que o Reino de Deus produz entre Jesus e os discípulos é de tal modo decisivo que, acompanhar Jesus e dispor-se ao Reino de Deus, exigia dos discípulos a prontidão ao sofrimento a serviço desse Reino e por sua causa: “Se alguém quer me seguir, deve renunciar a si mesmo, tomar a sua cruz e seguir-me” (Mc 8,34; Lc 14,27; cf. Mt 16,24). O serviço ao Reino implica necessariamente a renúncia de si e o assumir a cruz. “Carregar a cruz” é a metáfora da aceitação do

²⁸⁹ SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 216.

²⁹⁰ *Ibid.*, p. 218.

²⁹¹ *Ibid.*, p. 219.

²⁹² *Ibid.*, p. 220.

martírio pelo Reino. Portanto, também nas perseguições, é preciso estar incondicionalmente a serviço do Reino. Portanto, o Reino de Deus une os discípulos a Jesus na prédica, na prática e no martírio.

3.5 Comensalidade com pecadores e antecipação do Reino

Jesus vive de vida muito concreta, e mostra o Reino de Deus em bases muito concretas também, sem abstrações ou normas gerais. É assim que ele vê o ser humano em sua situação: no que há de mais concreto em sua vida. Por isso, sabia ser tão profundamente e tão surpreendentemente humano para os seus semelhantes, e os discípulos o experimentavam, mormente nas situações mais duras da vida, especialmente quando Jesus se sentava à mesa para comer e beber com os pecadores: aquela atitude de Jesus podia ser interpretada como uma celebração escatológica de sua presença no mundo, que veio para realizar a esperança daqueles que haviam sido excluídos da esperança da salvação e da bondade de Deus: os pecadores. Com eles, Jesus convive e não sente nenhuma dificuldade para se sentar com eles à mesa para comer²⁹³. Ao comentar sobre a familiaridade e comensalidade de Jesus com os pecadores, Schillebeeckx afirma:

Enquanto o apelo de João à conversão estava essencialmente ligado a uma prática ascética de penitência, o apelo de Jesus à conversão se mostra essencialmente ligado à “comensalidade”, ao comer e beber junto com Jesus, acontecimento em que os discípulos de Jesus de fato puderam experimentar, como já presente, a chegada escatológica, decisiva e definitiva da misericórdia de Deus²⁹⁴.

Quem eram os pecadores? Pagola afirma que, no tempo de Jesus, chamavam-se “pecadores” (em hebraico, *resha'im*) as “pessoas que transgrediram a Aliança de modo deliberado, sem que se observe neles qualquer sinal de arrependimento”²⁹⁵. Fazem parte deste grupo: os que profanam o culto, os que

²⁹³ O autor cita as tradições em que se registra a comensalidade de Jesus com os pecadores. São elas: Tradição de Marcos: Mc 2,15-17 par. Lc 15,2; Tradição Q: Lc 15,4-10 par. Mt; SL (fonte ou tradição própria de Lucas): Lc 7,36-50; 15,11-32; 19,1-10; SM (fonte ou tradição própria de Mateus): Mt 20,1-15. Além disso, a tradição de João: Jo 4,7-42. Além destas fontes, há muitas parábolas que falam sobre “a procura do que está perdido”, e da promessa do Reino de Deus a “publicanos e prostitutas” (Mt 21,31b). Cf. SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 199, nota 127.

²⁹⁴ Entendemos a expressão “misericórdia de Deus” como manifestação do Reino de Deus que se antecipa escatologicamente na vida das pessoas. Ibid., p. 196.

²⁹⁵ PAGOLA, J. A., Jesus, aproximação histórica, p. 241-242.

desprezam o grande dia da Expição, os delinquentes, os que colaboravam com Roma na opressão ao povo judeu, os usurários e trapaceiros, e as prostitutas. Tais “pecadores” rejeitavam a Aliança com Deus, desobedecendo radicalmente à Lei.

Para que os “pecadores” experimentem a misericórdia divina, e nela encontrem seu auxílio salvador, Jesus percebe necessária sua aproximação às pessoas consideradas em seu tempo como impuras e pecadoras. Tal aproximação, e sua amizade com essas pessoas, causou grande escândalo e hostilidade infringidas contra o próprio Jesus. Nenhum profeta havia se aproximado deste tipo de pessoa com essa atitude de respeito, amizade e simpatia demonstrada por Jesus. Exatamente por deixar uma mulher de “má fama” aproximar-se dele e tocá-lo, durante uma refeição na casa de um fariseu, Jesus tem sua qualidade de profeta questionada, ainda que não verbalizada, pelo anfitrião (cf. Lc 7,36-50). Na ocasião, Jesus conta a parábola do credor e seus dois devedores (cf. Lc 7,41-43), para censurar a malícia do fariseu e dar-lhe a resposta que manifestaria a atitude de Deus na atitude do próprio Jesus para com os pecadores: Deus perdoa mais a quem demonstra mais amor pelos outros! Ele está sempre disposto a perdoar, e perdoa àqueles que mais amam, pois o perdão e o amor vêm de Deus. Com o perdão, dado e recebido, a vida é restituída porque a fraternidade é celebrada, e são vencidos o egoísmo e a exclusão, impostos aos pecadores: eis um claro sinal do Reino de Deus antecipado na vida da pessoa, antes relegada à vida sem esperança de comunhão e justa valorização.

O amor pelo irmão cancela o pecado: “Por isso, muitos pecados foram perdoados a ela, já que mostrou muito amor” (Lc 7,47), ao passo que ao fariseu não foi dado o perdão, porque não demonstrou amor por Jesus, nem pela mulher, a qual havia cumprido generosamente as obrigações que cabiam ao anfitrião, este incrivelmente omissivo, sem abertura alguma para a pessoa, que é sua irmã. “Com isso, o próprio anfitrião, que não cumpriu suas obrigações, fica como o devedor, a quem foi perdoada uma quantia menor”²⁹⁶. A atitude do fariseu fiel à Lei, apesar de se distanciar dos pecadores, é julgada por Jesus e aparece como inferior, em comparação ao que fez a pecadora²⁹⁷. E a parábola é concluída com a sentença amorosa de Jesus: “Tua fé te salvou”. A respeito disso, Schillebeeckx comenta:

²⁹⁶ SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 200.

²⁹⁷ A mensagem do episódio do perdão à pecadora na casa do fariseu Simão se assemelha em sua mensagem ao que contém a parábola do publicano e do fariseu, relatada por Lc 18,9-14.

O amor mostrado pela mulher e a garantia de Jesus para o perdão dos pecados ficam compreensíveis pela comunhão salvífica que nesse evento se realiza. A presença de Jesus é oferta de comunhão salutar, que a pecadora aceita através da fé. Jesus deixou esta mulher agir, não por ignorar que ela era pecadora, mas exatamente porque sabia disso: a fim de abrir para ela a comunhão que perdoa. É exatamente isso que leva a mulher a essa generosidade no servir²⁹⁸.

Diversamente do fariseu, a mulher pecadora reconheceu o Reino de Deus na atitude de Jesus e na sua própria pessoa. Por isso, ela amou mais. De fato, o menor no Reino de Deus é maior até do que João Batista (cf. Mt 11,11). “Deixar-se converter por Jesus para Deus é que faz essa mulher ser maior do que o fariseu, o qual é realmente fiel à Lei, e não está devendo muito a Deus”²⁹⁹.

Distinto de João Batista, o comportamento de Jesus surpreende a todos. “Não fala do pecado como algo que está provocando a ira divina. Pelo contrário, no Reino de Deus há também lugar para os pecadores e prostitutas”³⁰⁰. Ao invés de se dirigir a eles em nome de um juiz irritado por tanta ofensa, Jesus lhes manifesta o entranhado amor do Pai. Ao invés de afastar-se deles, Jesus os acolhe sem impor nenhuma condição, aceita-os como amigos, e se atreve a comer com eles. Tal tolerância com os pecadores é o traço mais provocador de Jesus para com os fariseus, mas ao mesmo tempo o jeito mais misericordioso que ele tem para se relacionar com os pecadores.

Além de se fazer amigo de “pecadores”, Jesus escandaliza por aproximar-se e ter como amigas mulheres de “má fama”, provenientes dos estratos mais baixos da sociedade³⁰¹. O que mais escandaliza na conduta de Jesus não é o fato de ele ser visto em companhia de gente pecadora e pouco respeitável, mas observar que se senta com eles à mesa. “Estas refeições com ‘pecadores’ são um dos traços

²⁹⁸ SCHILLEBEECKX, E., Op. Cit., p. 200.

²⁹⁹ Cf. SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 200-201.

³⁰⁰ PAGOLA, J. A., Jesus, aproximação histórica, p. 241.

³⁰¹ A historiografia dos evangelhos registra a presença de várias mulheres no contexto da vida de Jesus, que vão desde sua mãe, Maria (de Nazaré), passando por Maria (de Mágdala), além da sogra de Pedro, Joana, mulher de Cusa, alto funcionário do Palácio de Herodes, Susana, e outras, que seguiam Jesus. Dentre elas, há mulheres de boa reputação no mundo e na linguagem masculina, e as de reputação condenada pela Lei, seus Doutores e fariseus (inclusive esta mulher que compareceu à mesa do fariseu Simão – cf. Lc 7,36-50). Para uma leitura mais aprofundada sobre a presença e atuação das mulheres na linguagem e cultura androcêntrica e patriarcal do contexto de Jesus, e como ele as valorizava em sua dignidade, ver: THEISSEN, G.; MERZ, A., O Jesus histórico: um manual, p. 242-248; cf. MOSCONI, L., A vida é missão: para uma missiologia mística popular, p. 106-108; 162-168.

mais surpreendentes e originais de Jesus”³⁰². O fato de Jesus ser considerado “um homem de Deus” entra em contraste com as atitudes que ele tem para com os pecadores³⁰³. Por causa disso, Jesus é acusado de “glutão e bebedor, amigo de publicanos e pecadores” (Lc 7,34).

Que significado escatológico tem esta arriscada comensalidade de Jesus com os pecadores? A atitude de Jesus sugere que sua mesa e sua comensalidade com pecadores é imagem antecipatória do banquete celeste, no Reino de seu Pai. Parece querer dizer que “no Reino de Deus tudo será diferente: a misericórdia substitui a santidade. [...] O Reino de Deus é uma mesa aberta onde todos podem sentar-se para comer: até os pecadores”³⁰⁴. E, por meio de seu gesto acolhedor, comendo na mesma mesa com os excluídos, Jesus antecipa a vinda [do Reino] e já aproxima os comensais à mesa escatológica do Reino de Deus.

Para com os pecadores, Jesus manifesta um poder cuja prerrogativa era exclusiva de Deus, ou seja, o poder de perdoar pecados: “O Filho do homem tem poder na terra para perdoar pecados” (Mc 2,10; com textos paralelos em Mt 9,6.8 e Lc 5,20-26). Schillebeeckx diz que, “mesmo na tradição judaica de esperanças messiânicas, o Messias escatológico poderá interceder junto a Deus em favor do pecador, mas não perdoar pecados”³⁰⁵, pois atribuir um tal poder a um ser humano seria blasfêmia (cf. Mc 2,7; Lc 5,21; Mt 9,3). A respeito do significado escatológico do poder de perdoar pecados, Schillebeeckx afirma:

Tanto para judeus como para os judeus-cristãos, o perdão dos pecados é obra escatológica de Deus. Na mais antiga interpretação puramente escatológica, de Jesus como Filho do homem que virá, vê-se que ainda para alguns cristãos a redenção e o perdão dos pecados continuam sendo acontecimento puramente escatológico. Também o batismo de João (segundo Mc 1,4) não era um perdão dos pecados, mas estabelecia uma ligação entre esse ato de metanóia e a proteção escatológica ante a ira de Deus, ou seja, a redenção escatológica³⁰⁶.

Além disso, no “Pai-nosso”, o perdão dos pecados é pedido feito como acontecimento esperado para o futuro definitivo. Tanto na primeira fase, ou seja, na vida do Jesus terreno, quanto na segunda fase, isto é, o Jesus ressuscitado como

³⁰² PAGOLA, J. A. Op. Cit., p. 243.

³⁰³ Diversos autores e exegetas, como Perrin, Jeremias, Vermes, Crossan, Aguirre e Borg, consideram a proximidade de Jesus para com os pecadores, inclusa a atitude de comensalidade com eles, como o gesto mais central e significativo de Jesus. Cf. Ibid., p. 243, nota 51.

³⁰⁴ PAGOLA, J. A., Jesus, aproximação histórica, p. 244-245.

³⁰⁵ SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 201.

³⁰⁶ Ibid.

Filho do homem escatológico que há de vir, já se reconhecia explicitamente o poder de Jesus para perdoar os pecados. “Portanto, em Mc 2,10 aparece a consciência explícita de que o escatológico perdão dos pecados da parte de Deus já operava no próprio Jesus terreno como o Filho do homem escatológico”³⁰⁷.

Tanto o caráter escatológico de Jesus, como Filho do homem capaz de perdoar os pecados, quanto à meta de sua vinda ao mundo, destinada aos pecadores - “não veio para os justos mas para os pecadores” (Mc 2,17) - possuem sua base nas lembranças históricas do contato libertador de Jesus com os pecadores, e tal caráter escatológico foi explicitamente reconhecido na comunidade cristã. Para Schillebeeckx, “escondido para os adversários de Jesus, o poder escatológico de perdoar pecados já atua visivelmente diante dos olhos dos fiéis no Jesus terreno”³⁰⁸. E a aceitação de Jesus em estar à mesa com pecadores, garante já o que se esperava para o futuro: o perdão dos pecados. E o perdão dos pecados é reconciliação com Deus, os ofendidos, a obra criada e o compromisso com a esperança de que o pecador se torna protagonista de um mundo novo, manifestando em si o poder do Reino já infundido nele pela graça da palavra e da presença de Cristo, pois:

Reino de Deus é mundo sem sofrimentos, mundo cheio de pessoas sãs ou curadas numa sociedade em que domina a paz e não existe nenhuma relação de senhor-escravo, uma situação inteiramente diversa da sociedade no tempo de Jesus: “*Como lá não deve ser entre vós*” (Lc 22,24-27; Mc 10,42-43; Mt 20,25-26). O advento deste mundo novo não pode realizar-se sem ação humana, na qual Jesus nos precedeu”³⁰⁹.

Dentre os episódios históricos da comensalidade de Jesus com publicanos e pecadores, o de maior relevância se encontra na narrativa de Mc 2,15-17 (comparado com Mt 9,10-13 e Lc 5,29-32), quando Jesus esteve presente na casa do publicano Levi, filho de Alfeu. Os publicanos, que trabalhavam em grupos, ao cobrar os impostos, organizaram um banquete na casa de Levi, e convidaram Jesus. Os escribas e fariseus, fiscais da observância de pureza legal, na Galileia, constataram que Jesus comia com os pecadores (cf. Mc 2,16). Ao ouvir o julgamento feito pelos escribas e fariseus sobre sua conduta “transgressora”, Jesus

³⁰⁷ SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 202.

³⁰⁸ O poder de perdoar pecados se encontra em apenas duas perícopes dos evangelhos: Mc 2,1-12 e Lc 7,36-50. Cf. *Ibid.*

³⁰⁹ SCHILLEBEECKX, E., *História humana: revelação de Deus*, p. 156. Grifo do Autor.

respondeu a eles: “Não vim para chamar os justos, e sim os pecadores” (Mc 2,17a.c).

Schillebeeckx comenta este episódio, ao interpretar a reação de Jesus aos escribas e fariseus, como exercício de seu papel de anunciador da chamada de Deus aos pecadores a participarem de sua festa escatológica. Assim, Schillebeeckx se expressa:

“Vim para chamar...” “Chamar” aqui significa a tarefa do servo-mensageiro que *transmite* o convite do anfitrião aos convidados [...]. Embora convidado na casa de Levi, Jesus vê o seu estar à mesa com um grupo de publicanos à luz de sua atuação como mensageiro escatológico de Deus, anunciando a proximidade do Reino de Deus que vem, e transmitindo aos publicanos (= pecadores) da parte de Deus o convite para a grande festa escatológica com Deus (cf. Mt 22,1-14; Lc 14,16-24)³¹⁰.

Jesus veio chamar os pecadores, e não os justos (*sadikim*), embora estes não sejam absolutamente excluídos do convite que o mensageiro escatológico transmite. Na verdade, Jesus queria incluir os que foram excluídos pelos fariseus, sob o pretexto da observância das prescrições de pureza, impedindo com isso qualquer contato com pecadores. A atividade desenvolvida por ele é inclusiva em relação aos pecadores excluídos do Reino de Deus, inversamente proporcional à atividade da piedade oficial judaica, que “desclassificava” quem comesse com publicanos. Ao invés, para Jesus, os pecadores devem ser convidados para a mesa de Deus e para a convivência com todos, a fim de serem libertados do isolamento em que foram aprisionados. Portanto, “a ovelha que se perdeu, e está longe do rebanho, deve ser procurada (cf. Lc 15,1-7; 19,10; Mt 9,36; 10,6; 15,24). A vocação de Jesus na sua vida terrena tem a ver com Israel, a fim de unir todo o Israel sob o bom pastor”³¹¹.

Com a firme e especial preocupação com os pecadores, e a convicção de ter sido enviado para levar aos excluídos a mensagem da renovada comunicação com Deus e com os outros, Jesus se faz de portador da mensagem do Reino de Deus, que está chegando. Quando ele toma a iniciativa de romper o isolamento em que os pecadores se encontravam, e vai ao seu encontro para lhes oferecer a comunhão-com-Deus, “é que o pecador recebe a chance da ‘conversão’, a possibilidade de perceber o convite do Reino de Deus, sobretudo pela ação

³¹⁰ SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 204. Grifo do Autor.

³¹¹ Ibid.

mesmo de Jesus”³¹². Na comensalidade com os pecadores, Jesus realiza a comunhão escatológica com os excluídos do Reino de Deus³¹³.

Schillebeeckx observa que “o contato de Jesus com o pecador Levi tem como consequência a *metanóia*: Levi se converte e se torna discípulo de Jesus”³¹⁴. A solidariedade de Jesus com pessoas pecadoras, para lhes abrir o acesso à comunicação com Deus e com os outros, é de fato um “entregar-se nas mãos dos pecadores” (cf. Mc 9,31), e a intenção de Jesus é salvá-los, pois sua morte teve este eminente sentido: salvar os pecadores. Do mesmo jeito que a sua vida e missão foi a de chamar os pecadores à comunhão com Deus, a morte de Jesus teve sentido igualmente escatológico: ela selou sua vida ordenada à prédica, à prática e, por meio disso, à escatológica antecipação do Reino de Deus, ou seja, à comunhão eterna com Deus, “que já pode ser vivida antecipadamente ao darmos perdão ao próximo (cf. Mc 11,25; Mt 6,14-15;18,21-35)”³¹⁵. Portanto, a comensalidade com os pecadores se destina à conversão destes ao Reino de Deus. E é Jesus quem o faz, antecipando em gestos proativos a mesma missão que os seus discípulos haveriam de assumir como práxis escatológica ao longo da história para com toda a humanidade chamada a entrar no Reino de Deus.

Em síntese, duas conclusões são possíveis acerca do fato de Jesus se permitir a comensalidade com pecadores. A primeira conclusão se refere ao modo de agir de Jesus em sua vida na terra, no qual se vê claramente concretizada a práxis do Reino de Deus, como foi pregada e promovida por Jesus. Na sua vida terrena, histórica, a práxis escatológica do Reino vindouro de Deus já se tornou visível dentro das dimensões da nossa história humana, terrena. Portanto: a pregação, a práxis e a pessoa concreta de Jesus não podem ser separadas, pois formam uma unidade coerente que permitem uma interpretação mística da ação de Deus no mundo. Jesus se identifica com a causa de Deus, enquanto causa do ser humano. A comensalidade com publicanos e pecadores, oficialmente excluídos do banquete do Reino de Deus, aponta como práxis de Jesus para o futuro banquete

³¹² SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 204-205.

³¹³ Ver também a referência feita por Moingt sobre os critérios adotados por Jesus para o acesso ao Reino de Deus. Cf. MOINGT, J., *Deus que vem ao homem*, p. 286-289.

³¹⁴ SCHILLEBEECKX, E., *Op. Cit.*, p. 205.

³¹⁵ *Ibid.*, p. 205.

de reconciliação no reinado de Deus. E “a própria comensalidade, sendo um *comer juntamente com Jesus*, é no presente oferta de salvação escatológica”³¹⁶.

Uma segunda conclusão se refere à maneira de Jesus celebrar a ceia, na comensalidade com pecadores: comportando-se como anfitrião na ceia de despedida, na qual ele “quebrou o pão e o distribuiu”³¹⁷, Jesus benze e parte o pão, entrega-o e manda distribuir³¹⁸. Usando uma linguagem implicitamente alusiva à temática veterotestamentária do bom pastor (cf. Nm 27,17; Ez 34,5-8), “Jesus tem compaixão do povo sem líderes, e por isso vai ele mesmo agir como pastor do fim dos tempos, enviado por Deus (cf. Ez 34,23; Jr 23,4)”³¹⁹. A convivência serviçal de Jesus com as multidões, inclusos nelas os pecadores, “tem evidente sentido escatológico: é o início da jubilosa era da abundância, graças à presença de Jesus”³²⁰. E a maravilhosa abundância que acontece na narrativa da “multiplicação dos pães” fortalece a ideia da “abundância escatológica” (cf. Am 9,13), que aí desempenha o seu papel. Em suma: na comensalidade com publicanos e pecadores notórios, ou com os seus discípulos, “Jesus se revela como o mensageiro escatológico de Deus, transmitindo o convite de Deus [...], convite para o banquete de reconciliação do reinado de Deus”³²¹, e, com sua práxis, Jesus realiza e antecipa o Reino de Deus que anuncia.

Toda esta abordagem nos introduz na pura novidade evangélica: a surpreendente postura de Jesus, com seus milagres, a corajosa comensalidade com pecadores e sua nova práxis em relação à Lei mosaica, condenada pelos fariseus e Mestres da Lei como subversiva e transgressora, dão um rumo novo à vida dos discípulos e à compreensão da práxis do Reino de Deus, que Schillebeeckx nos propõe com rica fundamentação em sua Escatologia cristológica e que consolida ainda mais nossa hipótese nesta pesquisa.

³¹⁶ SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 211. Grifo do Autor.

³¹⁷ Fato que encontra seu paradigma inicial no episódio da “multiplicação dos pães”, narrada pelos quatro evangelistas (Mc 6,34-44; Mt 14,14-21; Lc 9,11b-17; Mc 8,1-9 par. Mt 15,32-38 com 16,5-12; Jo 6,1-15). Note-se que Marcos e Mateus relatam por duas vezes o mesmo episódio da “multiplicação dos pães”.

³¹⁸ Benzer e partir o pão e entregá-lo aos comensais era, segundo os costumes judaicos, o privilégio do anfitrião, o dono da casa. Cf. *Ibid.*, p. 206; ver nota 141.

³¹⁹ SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 208.

³²⁰ *Ibid.*

³²¹ *Ibid.*, p. 210-211.

3.6 Práxis da Lei e práxis do Reino de Deus

A práxis do Reino de Deus na atividade de Jesus contrastava frontalmente com a práxis da Lei realizada pelos fariseus, escribas e doutores. A hermenêutica e a prática da Lei que eles faziam eram fortemente criticadas por Jesus, que não economizava seus “ais” contra eles. Propositadamente, Schillebeeckx põe em evidência e transcreve as maldições apocalípticas pronunciadas por Jesus contra as atitudes concretas dos fariseus (cf. Mt 23,13-16.23.25.27.29; Lc 11,42-44.46-52)³²².

A interpretação que Jesus faz da práxis dos fariseus revela a inaptidão deles para o Reino de Deus, porque eles fecham para os outros o acesso a este Reino, quando na verdade eles tinham a competência para abrir suas portas, dando boas explicações da Lei, “pois observar a Lei era, para os fariseus, entrar no Reino dos céus [...]. Os fariseus não entram nesse Reino, e pelas suas atitudes impedem os outros de entrar”³²³.

Ao julgar e sentenciar os fariseus com os seus “ai’s...”, Jesus se apresenta como o verdadeiro mestre da Lei, em oposição aos fariseus que não observam o sentido mais profundo da Lei: o amor para com Deus e para com o próximo. “Todavia, o Reino de Deus que se aproxima estabelece o limite da Lei mosaica, que está sob restrição escatológica (cf. Mt 5,18; Lc 16,17)”³²⁴. Ao chegar o Reino de Deus, a Lei deixa de existir (cf. Mt 5,18), pois com Jesus iniciou-se a era escatológica; Jesus substituiu a Lei (cf. Lc 16,16).

A interpretação da Lei dada por Jesus exige renunciar ao princípio do “olho por olho, dente por dente” (Lc 6,29-30; Mt 5,39-42), praticar o amor ao inimigo (cf. Mt 5,44-48; Lc 6,27-28.35b.32-35a.36), culminando com “a regra de ouro” (cf. Mt 7,12; Lc 6,31), isto é: “tudo o que quereis que os outros vos façam, fazei o mesmo a eles”. Para Jesus, Deus e o próximo estão no centro da Lei. Todavia, o “próximo” pode ser inclusive o inimigo. A filiação divina para os discípulos (filhos de Deus) depende do amor ao próximo, pois, conforme a história das tradições, um teologúmeno³²⁵ sapiencial dizia que “o justo, isto é, aquele que tem

³²² Cf. SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 227.

³²³ *Ibid.*, p. 228.

³²⁴ *Ibid.*

³²⁵ Ao final da obra *Jesus, a história de um vivente*, Schillebeeckx assim define esta expressão: “Em termos gerais, *teologúmeno* é uma interpretação que tem (apenas) valor teológico. Mas essa palavra só se usa para dizer que se trata de uma interpretação teológica que não é interpretação de

boas relações com o próximo é ‘filho de Deus’. ‘Inimigo’, aos olhos de quem o considera como tal, é quem não é justo e, portanto, quem está errado”³²⁶.

Com o mandamento do amor, Jesus questiona o conceito e a convicção de ser justo e o conceito de justiça humana. A justiça de Deus leva Jesus a ser bom para com os maus e os bons (cf. Mt 5,45). Sem amor aos inimigos, o discípulo poderia ser comparado a publicanos e pecadores, que só amam os que os amam (cf. Mt 5,46-47). A meta imposta por Jesus é “ser misericordioso como o vosso Pai é misericordioso (Lc 6,36; cf. Eclo 4,9-10). A este ponto, Schillebeeckx é taxativo: “Assim como Deus não conhece limites, quem quer seguir a Jesus também não pode traçar limites: para Jesus não existe inimigo que ele não ame”³²⁷. E esta conclusão é atestada pela própria conduta de Jesus, pelo seu contato e comensalidade com os publicanos e pecadores: essa é a práxis do Reino de Deus. Essa foi realmente a práxis da vida de Jesus e a consequência do anúncio do Reino de Deus que se aproximava, inclusive compreendido assim e explicado por meio das suas parábolas. É característico de Jesus incluir a todos no seu projeto de amor. A respeito da radicalidade de tal atitude inclusiva, Schillebeeckx explica o princípio norteador da práxis de Jesus na manifestação do Reino:

Com isso, encontramos um princípio básico “autenticamente de Jesus”. Princípio que nos põe em contato com a atitude de Jesus perante a Lei: é a radicalidade da sua exigência de amar a Deus e de amar todo ser humano, também o “inimigo”, inclusive publicanos e pecadores; em suma, é a mensagem de Jesus sobre o Reino de Deus, Reino que visa à humanidade toda³²⁸.

Mas acontece que nem todos conseguem viver segundo a Lei. Então, exatamente por perceber que nem todos conseguem viver segundo a práxis da Lei, conforme a interpretavam e o exigiam os rabinos, Jesus assume sua autoridade como profeta escatológico, vindo de Deus, para dispensar da práxis da Lei as

um assunto de fé, reconhecido pela comunidade, nem afirmação que possa verificar-se historicamente. Assim, a localização do nascimento de Jesus “em Belém” não é um dado da fé; nem fato historicamente verificado. Não foram lembranças históricas, e sim uma exegese *teológica* de textos do Antigo Testamento (originariamente com teor totalmente diferente) que levou a falar em “Belém” com relação ao nascimento de Jesus. Se Jesus nasceu em Belém ou em Nazaré, não atinge a fé cristã. É um “teologúmeno”. Muitas vezes, porém, teologúmeno costuma tematizar determinado assunto de fé”. Ibid., p. 693-694. Grifos do autor.

³²⁶ Ibid., p. 229.

³²⁷ SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 229.

³²⁸ Ibid., p. 229-230.

peessoas que não conseguiam colocá-la em prática, sobretudo no tocante aos preceitos em que a Lei havia sido reelaborada, segundo as tradições humanas.

Ocorreu, então, que Jesus dispensou os seus discípulos da observância da Lei em dia de sábado, e os autorizou a colher espigas (cf. Mc 2,23-28). De onde Jesus tirou autoridade para dispensar seus discípulos das obrigações legais? Jesus fez um paralelo entre ele e Davi, o qual havia autorizado os seus a comerem os pães consagrados, reservados apenas aos sacerdotes (cf. 1Sm 21,6), dando a entender que, do mesmo modo como Davi, em vista de sua posição excepcional como “servo de Deus”, podia fazer alguma coisa em favor dos seus que era materialmente contra a Lei, também Jesus, por causa e dentro do seu serviço ao Reino de Deus, tinha plenos poderes para “dispensar” da Lei os que eram emarginados por não conseguirem praticá-la em suas escrupulosas minúcias. “Em última análise, trata-se do poder e do status de Jesus como profeta escatológico, ‘vindo de Deus’”³²⁹. Ele é senhor do sábado. E o sábado foi dado de presente por Deus para a humanidade descansar, bem como a seus animais. Porém, a lei do sábado, que devia ser de promoção do descanso e alento para o ser humano, degenerou-se e tornou-se peso insuportável. Contra isso é que Jesus, o arauto do Reino de Deus, visando à humanidade, tinha de protestar, com base na essência de sua mensagem e na fidelidade a ela. E o evangelho de Marcos 2,28 opõe os plenos poderes do Filho do homem às codificações sabáticas de antepassados e de escribas.

Para Schillebeeckx, a intenção do texto de Marcos (2,28) é demonstrar a consciência que Jesus tem como “profeta escatológico”, considerado como “o verdadeiro doutor da Lei”. Jesus devolve ao sábado a sua intenção divina essencial: ser um presente de Deus ao ser humano, e não um fardo a ser imposto por alguns seres humanos sobre outros seres humanos. Jesus não quis questionar a Lei como revelação da vontade de Deus, mas a prática jurídica que perdeu toda a sua relevância religiosa, e impôs ao povo fardos que o próprio Deus não quis impor. “A autoridade com que Jesus fala é autoridade do profeta vindo de Deus que anuncia o reinado de Deus (daí o respeito pela Lei de Deus), profeta que visa ao bem da humanidade”³³⁰. Em suma, a crítica de Jesus contra as leis humanas e o seu respeito pela Lei de Deus estão essencialmente unidos e totalmente em

³²⁹ SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 231.

³³⁰ *Ibid.*, p. 232.

harmonia com sua pregação sobre Deus que reina e sobre a práxis do Reino de Deus.

As curas operadas por Jesus em dia de sábado demonstravam não somente a transgressão da Lei mosaica de santificação do repouso sabático, mas oportunizavam a Jesus ocasião para revelar o caráter humanizante do reinado de Deus. Em Mc 3,1-5 se situa o relato da cura que Jesus faz de uma pessoa que tinha a mão “seca”, paralisada. Marcos apresenta o desafio entre os fariseus e Jesus. A respeito deste confronto, Schillebeeckx diz que “aqueles ficavam de olho para ver se ele iria curar um doente em dia de sábado” (Mc 3,2). Jesus, por sua vez, desafia: “Será permitido no sábado fazer o bem ou fazer o mal? Salvar ou tirar uma vida? (Mc 3,4)”³³¹. Mas, os fariseus ficaram calados, pois deveriam concordar com Jesus em virtude do bem que ele queria fazer. Jesus, irado e entristecido pela dureza de coração dos fariseus, cura a mão do homem. No centro da questão não estava o milagre, mas o sábado. Curando o doente, Jesus lhe devolveu o direito de viver, em contraste com a decisão tomada pelos fariseus e herodianos de matar o próprio Jesus (cf. Mc 3,6). Revela-se aqui notável contraste entre as duas práxis: enquanto da práxis dos fariseus (práxis da Lei) resulta a decisão e operação de matar, da práxis de Jesus (práxis do Reino) resulta a devolução do direito de viver.

Em teoria, os fariseus deveriam concordar que no sábado se pode “fazer o bem”, mas a aferrada práxis da Lei os impedia de fazer esse bem. Jesus relativiza a lei do descanso sabático e declara o sábado como tempo de “fazer o bem”, e não tempo de “proibições”. “Afim, ajudar um homem infeliz é obra sabática por excelência; assim se realiza a vontade salvífica de Deus, da qual nasceu a ‘lei do sábado’”³³². Também aqui Jesus age como o profeta de Deus e como um verdadeiro doutor da Lei, embora acabe causando para si mesmo uma situação explosiva. Contudo, ele é o mestre que interpreta a Lei com a liberdade para “fazer o bem” (cf. Mc 3,4). Com isso, sendo vontade de Deus, a Lei é instrumento do reinado de Deus para dar vida à humanidade, e não o contrário. “Por ser um reinar, a Lei, como vontade de Deus, é radicalizada, mas ao mesmo tempo é relacionada com o que é bom para o ser humano (e, portanto), relativizada como

³³¹ SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 233.

³³² Ibid., p. 233.

lei concreta”³³³. O contraste entre a práxis de Jesus e a práxis dos fariseus está exatamente na visão que Jesus tem sobre o Deus vivo: Deus tem em vista somente o que favorece a vida do ser humano.

Portanto, continua Schillebeeckx, “a praxe do Reino de Deus não pode ser imobilizada em leis jurídicas (por mais que a vida, concretamente, possa às vezes pedir isso)”³³⁴. Comentando sobre a transgressão da Lei em vista do favorecimento da vida da pessoa humana, Schillebeeckx diz:

Às vezes, a lei pode exigir que se faça mais do que juridicamente foi estabelecido; mas ela pode também pedir que o fixado juridicamente seja transgredido. Com isso, coloca-se ao mesmo tempo a sublime exigência de investigar, nas circunstâncias concretas da vida, qual é o *kairós* de Deus, ou seja, o momento adequado³³⁵.

Jesus, na verdade, parte de uma reta visão do Deus vivo e do Reino vindouro de Deus, o contrário exatamente do que se poderia chamar de liberdade sem lei. “Jesus é o exegeta, não da Lei, mas de Deus, e nisso ele desmascara o ser humano e fornece uma nova perspectiva de salvação”³³⁶. No evangelho de João, das três curas narradas, duas acontecem no sábado (cf. Jo 5,1-47; 9,1-39; cf. 5,9b e 9,14). Em uma delas, provocativamente, Jesus não apenas viola a lei do descanso sabático, mas, como legislador soberanamente livre, manda o que fora paralisado, agora curado, carregar a própria maca. “A atuação escatológica de Jesus não se deixa inibir por nenhuma lei deste mundo, pois ele é o Filho do Pai. Com isso de fato se cumpre a Lei em suas profundas e básicas intenções”³³⁷; ao mesmo tempo, a história chega ao ponto em que a Lei é abolida, pois “Cristo é o fim da Lei” (Rm 10,4). O tempo em que Deus revelava sua vontade “pela lei e pelos profetas” durou até João Batista. Com Jesus, isso agora passa a acontecer pela pregação do evangelho e pelo reinado de Deus (cf. Lc 16,16).

Vale considerar ainda um outro dado central pelo qual se pode definir e distinguir a práxis de Jesus da práxis dos fariseus, sempre relacionada à Lei,

³³³ SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 233-234.

³³⁴ Ibid., p. 234.

³³⁵ É preciso esclarecer que o uso da palavra “lei”, feito por Schillebeeckx no texto citado, sugere-nos compreendê-lo como “instituição jurídica”, ou seja, como instituição que fiscaliza a aplicação do conteúdo da Lei, pois, em termos estritamente jurídicos, qualquer lei não pode, em si mesma, exigir que seja feito algo além do seu conteúdo, nem menos permitir que este conteúdo seja transgredido. Ibid., p. 234.

³³⁶ SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 234.

³³⁷ Ibid., p. 235.

refere-se à purificação do templo (cf. Mc 11,15-18; Mt 21,12-17; Lc 19,45-48 e Jo 2,13-22)³³⁸. Os membros do Sinédrio indagaram a Jesus sobre que tipo de autoridade ele tinha para fazer a purificação do templo. Ora, o contexto sugere um gesto profético de Jesus, e refere este gesto à atuação do Batista: “Jesus supõe que tanto o batismo de João como sua própria atuação (a purificação do templo) implicam autoridade profética”³³⁹. O texto supõe uma semelhança objetiva entre a atuação de João e a de Jesus; ambas estão marcadas pela mensagem da conversão escatológica e da renovação do povo de Deus. Schillebeeckx comenta este episódio, dizendo que “foi um gesto profético, com o qual Jesus quis provocar o arrependimento e a conversão de Israel nesses dias ‘antes do fim deste mundo’”³⁴⁰.

Ademais, Schillebeeckx percebe no gesto de Jesus que não se trata de uma crítica nem contra o Templo nem contra o culto, menos ainda de abolição do culto em prol do universalismo escatológico³⁴¹, pois o Templo era aberto para todos os povos. Nem se tratava de uma purificação do Templo, pois a cena se desenrola na praça do Templo, no “átrio dos gentios”, no qual os comerciantes transitavam com suas mercadorias, para abreviar o caminho (cf. Mc 11,16).

Portanto, o que há de profético no gesto de Jesus no Templo está na sua denúncia da ruptura que ele percebe entre teoria e prática no judaísmo, a mesma censura que ele fez com relação à práxis da lei do descanso sabático. “O conflito se refere sempre à ruptura entre ‘ortodoxia’ e ‘ortopraxia’”³⁴². Jesus percebia que o Templo e o sábado eram os sinais da benevolência divina para com Israel; mas pela práxis dos membros do Sinédrio, ambos ficaram alienados de sua verdadeira finalidade. Por isso, a purificação do Templo feita por Jesus não é uma crítica ao Templo em si, mas à práxis que se adota nele. Agindo assim, Jesus se alinha com os grandes profetas, como Amós e Jeremias (cf. Am 5,21-25; Jr 7,3ss), para os quais a “espiritualidade do Templo” consistia na obediência absoluta a Deus nos atos da vida. Do mesmo modo, também Zacarias havia preconizado a purificação

³³⁸ Schillebeeckx diz que se trata “de uma perícopa [trecho com sentido completo] extremamente difícil dos evangelhos, que por isso recebeu também interpretações muito divergentes, a tal ponto que S. Brandon (depois de R. Eisler) viu na purificação do Templo uma espécie de expedição zelótica de Jesus com os seus em Jerusalém”. Cf. *Ibid.*, p. 235. Grifo nosso.

³³⁹ *Ibid.*, p. 236.

³⁴⁰ *Ibid.*

³⁴¹ Parece que, com esta expressão, Schillebeeckx sugere a possibilidade da salvação a todos os povos, os quais estariam liberados da obrigatoriedade do culto no Templo de Jerusalém.

³⁴² SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 236.

do Templo: “Naquele dia, já não haverá mais mercadores na casa do Senhor” (Zc 14,21).

Em última análise, para Schillebeeckx, a cena da purificação do Templo não vai além de uma conclamação profética, escatológica, para a metanóia, em relação à qual, o Autor expõe uma das idéias fundamentais presentes em sua cristologia escatológica:

A esperança de uma renovação escatológica do Templo era ideia espalhada em todo o judaísmo tardio, mas em lugar nenhum se relaciona com a tradição messiânica. [...] nos dias de sua vida terrena, Jesus não agiu como messias, mas como *profeta escatológico vindo de Deus*; aliás, segundo determinada tradição judaica, essa era também tarefa do messias³⁴³.

O Templo purificado por Jesus aponta para a destruição que farão do próprio corpo de Jesus, que se tornou ícone do Templo. Aludindo à sua morte e ressurreição, Jesus falou da destruição e reconstrução escatológica do templo do seu corpo (cf. Mc 14,58; Jo 2,19-21). O sentido da purificação do Templo se aplicaria doravante ao próprio corpo de Jesus como lugar do encontro com Deus. A propósito disso, Schillebeeckx diz que “Jesus substitui o Templo como intermediário para a relação com Deus. [...] Assim como o Templo era a presença de Deus na terra, Jesus Cristo se torna agora a presença de Deus entre nós”³⁴⁴. Todavia, o sentido mais antigo do gesto de purificação do Templo se aplica somente à conclamação de Jesus para uma práxis escatológica, na qual seja abolida a ruptura entre teoria e práxis. Por causa desta crítica, e do gesto de purificação do Templo, Jesus acelerou mais ainda o processo que culminou em sua prisão e condenação à morte de cruz. Por isso, Schillebeeckx aprova a constatação que os evangelhos fazem segundo a qual há uma relação entre a prisão de Jesus e a purificação do Templo. “Esse gesto combinava perfeitamente com a mensagem de Jesus sobre a praxe do Reino de Deus e sobre a convocação de Israel para a volta ao Deus vivo e verdadeiro”³⁴⁵. Tal purificação estava em consonância com toda a vida de Jesus, e se constituía como ato profético do mensageiro de Deus nos últimos tempos, querendo suscitar em Israel a fé em

³⁴³ SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 237. Grifo do autor.

³⁴⁴ *Ibid.*, p. 237.

³⁴⁵ *Ibid.*, p. 240.

Deus, como aliás toda a atuação de Jesus em relação à Lei, ao sábado e ao Templo.

3.7

Reflexões conclusivas

Da exposição feita neste capítulo, concluímos que a riqueza da contribuição de Schillebeeckx para a Escatologia se situa nas razões que sua cristologia escatológica nos oferece para motivar a práxis do Reino e demonstrar nisso sua antecipação escatológica na história, mediante a práxis da comunidade dos seus discípulos, portanto da Igreja atuante no mundo³⁴⁶.

Para nós é importante destacar o caráter escatológico presente na Cristologia de Schillebeeckx. Em suas obras, ele estava unicamente empenhado em apresentar as razões para um seguimento fiel de Jesus Cristo nos tempos pós-conciliares. Mas acabamos por encontrar em sua reflexão teológica, as razões úteis para um modo de viver que traz para dentro da história de cada um e de cada comunidade os sinais visíveis do Reino de Deus. Tais razões começam a aparecer nas primeiras comunidades cristãs com sua profissão de fé, de caráter ao mesmo tempo cristológico e escatológico, definindo Jesus como o “profeta escatológico do Pai”, título cristológico de grande apreço para o Autor e tematizado apenas por ele.

Schillebeeckx pertence ao grupo dos teólogos dogmáticos presentes no Concílio Vaticano II, evento eclesial muito significativo para a história da Igreja e da Teologia. Quanto à Escatologia pós conciliar, o momento histórico pós-guerra e a ocasião mesma de aspiração por renovações teológicas e pastorais (*aggiornamento*), suscitadas por João XXIII, constatamos que a teologia nascida no Concílio logrou do passado, sequioso de mudanças, e legou para o presente e o futuro da Igreja, em seu desafio pós-conciliar, uma forte percepção da necessidade de uma práxis teológica, de um “fazer teológico” fundamentado em razões que motivassem o testemunho da fidelidade a Jesus Cristo e à mensagem que ecoa de sua vida, morte e ressurreição: o Reino de Deus. A razão teológica fundamental para a práxis do Reino de Deus é a fidelidade a Cristo efetivada por uma prática

³⁴⁶ Cuja índole escatológica foi delineada no capítulo VII da *Lumen Gentium*, e retomada ao longo de toda a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*.

pastoral, cuja coerência fosse igualmente eloqüente, e semântica do Reino na vida dos fiéis seguidores de Jesus traria à luz os grandes, tão antigos e sempre novos valores do Reino: a conversão, a justiça, a verdade e o amor integral, até ao risco da própria vida, à imitação de Jesus Cristo. No anúncio e na prática de Jesus cada pessoa humana pode encontrar criativamente os valores que protagonizam o mundo e uma vida melhores, sem males, uma história renovada por dentro e a cada dia, mesmo em meio, e apesar de tantos sinais de morte e de tantas contradições.

A experiência de fé é temática recorrente na cristologia escatológica schillebeeckxiana. Como os discípulos dos primeiros tempos, os atuais discípulos de Jesus, a partir da experiência de contraste, e do renovado encontro com Jesus Cristo vivo, nos evangelhos, nos acontecimentos históricos da vida, e na comunidade eclesial, poderão interpelar fortemente as pessoas do seu tempo, elas também ávidas de exemplos dados por pessoas que sejam mais testemunhas do que mestras, que façam mais do que sejam capazes de alardear em efusivos e comoventes discursos e pregações.

Tais testemunhas sempre foram a reserva escatológica da antecipação do Reino de Deus na história, pois tiveram e têm a coragem de se aproximar dos pobres e pecadores e com eles se misturar, sem medos nem preconceitos. Foi assim que o Senhor realizou gestos escatológicos que testemunhavam a presença do Reino no mundo: Jesus sentou à mesa com pecadores e com eles comeu, bebeu e permaneceu, a fim de lhes oferecer a chance da conversão e a retomada daquele “lugar” teológico e escatológico, o lugar filial que sempre tiveram no Coração de Deus Pai, o mesmo *Abbá* de Jesus. Tal comensalidade hoje se revela na práxis de quem assume na sociedade e na Igreja uma postura ética e honesta, serviçal e devotada aos mais pobres e desvalidos, tal qual o fez Jesus. No fundo, a razão teológica que antecipa o Reino na práxis dos discípulos de Cristo hoje está mesmo no reflexo imediato e impactante que a *parresia* dos mártires de hoje faz com que o profetismo batismal alcance níveis incomuns de doação de vida e de inocuidade publicitária, que, porém, não escapam aos atentos olhos de Jesus, que sabe ver também a humilde oferta de uma viúva, que oferece a Deus até o que possui para viver (cf. Lc 21,2). Hoje, a comensalidade com os pobres exige partilha corajosa, desprendida, livre e leve de toda suspeição. Exige mais de quem partilha do que

de quem por ela é beneficiado, pois o pobre não tem mais nada a perder, pois já lhe foi tirado tudo. Ele precisa de tudo de novo: de bens e de esperança; ele precisa que venha logo o Reino de Deus.

Enfim, uma última razão teológica para a práxis do Reino de Deus e sua consequente manifestação na história está no confronto de duas práxis: a da Lei e a do Reino. No tempo de Jesus, elas eram representadas, de um lado, pelos fariseus, que pregavam uma práxis de estrita observância dos mínimos preceitos da Lei mosaica, interpretada segundo as tradições rabínicas. Do outro lado, estavam Jesus e seus discípulos. Sendo que Jesus percebia que quase ninguém conseguia viver segundo os preceitos da Lei mosaica, Jesus dispensou seus discípulos dos preceitos, e guardou apenas o que na Lei há de preceitos divinos, tais como a misericórdia de Deus, e a defesa e promoção da vida dos mais pobres.

Como o profeta Oseias já havia predito, a Deus agrada a misericórdia, mais que o sacrifício (cf. Os 6,6). Enquanto os fariseus defendiam o Templo, a Jesus interessava promover a vida da pessoa, que era o novo Templo de Deus na história; enquanto os fariseus defendiam a santidade sabática, Jesus proclamava-se Senhor do sábado, e por isso, já não se tratava de um dia a ser observado, mas da urgência em fazer o bem e salvar vidas a qualquer momento que a ocasião o exigisse (cf. Mt 12,1-14).

Tal confronto ainda se verifica atualmente e em toda parte, também nas comunidades eclesiais. Novas versões de legalismos farisaicos são sustentadas atualmente por uma minoria de pessoas interesseiras em exibição de seus poderes, talentos ou tradições. Aqueles que nos Evangelhos, inadequadamente, recebem o nome de “fariseus” (que significava “santos”), hoje são representados pelos novos presumidos “santos”, que sufocam aqueles que não compartilham da mesma sorte, ou que não tenham as mesmas oportunidades, ou mesmo que provenham de ambientes e experiências em tudo divergentes dos “santos” convencionais de hoje. Em sua Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, o Papa Francisco denominou estes “sutis inimigos da santidade” com os nomes de neognósticos e neopelagianos³⁴⁷.

Como Jesus, seus fiéis discípulos de hoje não de preferir a prática do Reino, que sabe valorizar tudo e todos, como obra criada e amada por Deus, que é Senhor

³⁴⁷ Cf. FRANCISCO, Papa, Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, n. 35-62.

de tudo e sobre tudo e todos mantém seu direito de decidir, inclusive sobre a duração de sua vida, sem nenhuma prévia consulta à pessoa (cf. Lc 12,20). A práxis do Reino hoje por vezes passa despercebida por aqueles a quem interessa apenas o glamour, as tradições sem alma, um purismo ritualístico e sem graça, digno de desprezo, e que insiste em fazer adeptos em todas as classes e comunidades.

Embora estas razões estejam na base da prédica e da prática do Reino feitas por Jesus, aos seus discípulos de cada época restará a necessidade de uma contínua conversão, pois o joio do anti-Reino continua a crescer com o trigo do Reino de Deus, pois o anti-Cristo não dá trégua (cf. 1Pd 5,8). Na conversão pastoral dos discípulos do Reino está a esperança da vitória da graça sobre o pecado, da Jerusalém do alto sobre a Jerusalém que mata os profetas, da vida sobre a morte, do Reino de Cristo sobre os ilusórios reinados que sempre escravizam e matam. A esperta prudência, aliada à elegante simplicidade (cf. Mt 10,16), dará o *ethos* do discípulo do Reino.

Tudo isso Schillebeeckx logra da Cristologia e lega à Escatologia, segundo a qual propomos uma práxis do Reino como sua antecipação escatológica na história de uma comunidade eclesial que entende a urgência de sua missão no mundo.

Mas, qual a importância destas razões teológicas para a Escatologia na Igreja hoje? Veremos no próximo capítulo como estas razões teológicas da práxis do Reino de Deus encontram na Igreja, particularmente na América Latina, uma frutuosa atuação.

4

Reino de Deus na práxis da Igreja na América Latina

4.1

Introdução

Neste capítulo, queremos situar nossa pesquisa e reflexão na realidade teológica da América Latina, onde nasceu e se desenvolveu uma teologia original, com metodologia e contornos próprios, conhecida como Teologia da Libertação.

O contexto eclesial e religioso latino-americano é marcado por uma história de opressão e exclusão, que situa seus países e seus povos nas características próprias do chamado Terceiro Mundo, onde prevalecem a injustiça social e a opressão de alguns poucos sobre a maioria, com conseqüente ameaça, empobrecimento e morte de indivíduos, grupos, instituições e esperanças.

Foi na experiência eclesial latino-americana que surgiu a Teologia da Libertação, cuja paternidade é atribuída ao teólogo Gustavo Gutiérrez, após o Concílio Vaticano II³⁴⁸. “Libertação” tornou-se uma categoria teológica que condensa em si o mesmo significado teológico de “salvação” e, a partir disso, toda a epistemologia teológica latino-americana ficou iluminada pela busca da libertação. Assim, a reflexão bíblica, fonte de luz para a realidade observada, gerava o juízo sobre os acontecimentos históricos e motivava a conseqüente ação libertadora.

Ao estruturar o método teológico da Teologia da Libertação, Clodovis Boff fez a distinção didática entre a Teologia que se ocupa das temáticas clássicas em seus grandes tratados teológicos, tais como Deus, Criação, Graça, Pecado, Escatologia, etc., chamando esta Teologia de T1, enquanto que a Teologia da Libertação e as outras teologias da práxis, que se ocupam de temáticas como a

³⁴⁸ A escolha da palavra “libertação” antecedeu a Conferência de Medellín, quando Gutiérrez foi chamado para uma assessoria ao Conselho Episcopal Latino-Americano e fez um primeiro manuscrito sobre a temática, apontando para uma Teologia da Libertação. A partir daí, a palavra “liberación” (libertação) passou a substituir o termo “desenvolvimento”, muito usado na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II. Segundo a *Gaudium et Spes*, o desenvolvimento traria solução para os grandes problemas da humanidade. Entretanto, o contexto da América Latina era diferente do europeu e o desenvolvimento na América Latina evocava sempre a prática colonialista e exploratória das empresas multinacionais e da opressão praticada pelos governos ditatoriais, visando o lucro e a especulação do capital, em detrimento da vida das pessoas. Por este motivo, a Conferência de Medellín usa a palavra “libertação” ao invés de “desenvolvimento”. Ver também: KUZMA, C., O futuro de Deus na missão da esperança: uma aproximação escatológica, p. 71-72.

história, a cultura, a realidade sociopolítica, chamando estas Teologias de T2. Posteriormente, o próprio Clodovis modificou seu pensamento a respeito desta distinção, ao perceber que a Teologia da Libertação sempre apresentou as temáticas clássicas da Teologia sob sua própria perspectiva, ou seja, a da libertação. Por isso, Clodovis Boff mudou a distinção de T1 e T2 para Momento 1 e Momento 2, respectivamente³⁴⁹. Na verdade, a perspectiva da libertação perpassa a totalidade da Teologia, como também ocorre com a práxis. Isso já nos faz entender que poderemos vislumbrar também uma Escatologia na perspectiva da práxis ou da libertação.

A partir da distinção feita por Clodovis Boff, surgiram muitos comentários e livros sobre o método teológico da Teologia da Libertação³⁵⁰, tanto a nível epistemológico como pastoral. Este método foi se popularizando na experiência de vida e de práxis das Comunidades Eclesiais de Base (CEB'S), consistindo em três etapas: “ver” a realidade, “julgar” à luz da Palavra de Deus e “agir” motivado pela iluminação de ambas as realidades anteriores. Mais tarde também se juntaram a estas outras palavras ou momentos como “celebrar” e “avaliar”.

A Teologia da Libertação e seus teólogos expoentes foram frequentemente vistos com relativa ou total desconfiança. Alguns deles sofreram advertências e reprovações da parte da autoridade romana, com severas medidas disciplinares às suas obras e suas expressões no ensino da Teologia. Todavia, desde os anos pós-conciliares, na América Latina cresceu e se fortaleceu sempre mais uma teologia bem fundamentada, fiel à Palavra de Deus, com acuidade visual penetrante nos sinais dos tempos e do Espírito Santo, com método teológico próprio, radicada no chão da realidade e da experiência vivida pelas vítimas dos sistemas econômicos opressores que menosprezam e espoliam pessoas, instituições e sistemas culturais nativos.

Neste contexto, a comunidade eclesial hauriu da experiência bíblica do êxodo e da Páscoa, no Antigo e no Novo Testamento, em Moisés e em Jesus, as

³⁴⁹ Cf. KUZMA, C., O futuro de Deus na missão da esperança: uma aproximação escatológica, p. 166-168; *ibid.*, p. 168, nota 95.

³⁵⁰ Dentre tantas obras, sugerimos a leitura da obra de Francisco de Aquino Júnior, na qual o autor apresenta os vários teólogos da Teologia da Libertação e comenta sobre a criação e uso de seus métodos teológicos. Nesta obra, o Autor destaca a práxis de Jesus de Nazaré como critério e medida do reinado de Deus, o caráter prático do reinado de Deus, o reinado dos pobres e oprimidos, o conflito com o antireino, a mediação histórica do reinado de Deus, e reinado de Deus e método teológico. Cf. AQUINO JÚNIOR, F. de., A Teologia como intelecto do Reinado de Deus: o método da Teologia da Libertação segundo Ignacio Ellacuria, p. 25-211.

tipologias que foram configurando uma reflexão teológica cada vez mais profunda e abrangente. A realidade da vida era iluminada pela Palavra de Deus, e explicada com os recursos das ciências sociais e da história. Com isso, o presente histórico se tornava mais compreensível e se podia fazer uma leitura mais teologicamente correta dos sinais que o Espírito revelava em cada tempo, rumo à libertação futura e definitiva.

A categoria da “libertação”, no contexto eclesial latino-americano foi qualificando sempre mais a leitura dos temas clássicos da Teologia, de forma que, da Cristologia à Escatologia, todo o fazer teológico, teórico e prático, foi configurando uma Teologia que encontra na práxis o lugar de sua intelecção.

De fato, a Teologia da Libertação é uma das teologias da práxis. Daí resulta que podemos refletir sobre a práxis do Reino no contexto eclesial latino-americano sob a ótica escatológica, iluminados pelas contribuições de teólogos que elaboraram sua reflexão teológica nestas terras, e em meio aos desafios presentes em sua experiência de fé, fazendo da convivência com o povo sofrido sua matriz acadêmica e o lugar gerador da reflexão. Portanto, dada a importância da Teologia da Libertação para o contexto eclesial latino-americano e de sua leitura da temática do Reino de Deus, podemos estabelecer um diálogo entre alguns dos teólogos da Teologia da Libertação com Schillebeeckx na tratativa da práxis do Reino de Deus.

Dada a amplitude da Teologia da Libertação, que trata de todos os temas teológicos segundo sua própria perspectiva metodológica, será necessário fazer um entalhe de natureza didática: aqui nos interessa somente verificar o que há na práxis do Reino na América Latina que se relacione com o que Schillebeeckx aponta de importante na mesma Teologia a fim de elucidar mais ainda sua antecipação escatológica na história deste contexto eclesial.

Considerando a realidade eclesial latino-americana e na base do progresso teológico feito ao longo do tempo da evangelização no Continente, parece-nos relevante refletir sobre a práxis do Reino de Deus neste contexto, a fim de averiguar o que nos propusemos em nossa hipótese de pesquisa, ou seja: em que sentido a práxis do Reino na vida dos discípulos de Jesus na América Latina pode contribuir para enriquecer a Escatologia? Ou ainda: em que sentido se pode propor a práxis do Reino em ambiência sócio-eclesial tão complexa e marcada

pela dor, medo, opressão e injustiça, que são sinais do anti-Cristo e, portanto, do anti-Reino? E qual a relação que se verifica neste conflito entre as duas realidades?

Para começar, veremos como a práxis do Reino de Deus ocupa a primazia no horizonte teológico e pastoral latino-americano, e de que modo esse primado pode suscitar novos temas para a Escatologia. A seguir, refletiremos sobre como a práxis libertadora, com a consequente opção pelos pobres, caracteriza a ação dos discípulos de Cristo na América Latina e seu testemunho da misteriosa e exigente presença do Reino, por vezes fazendo alguns chegarem ao martírio, sacrificando a própria vida pela fidelidade no seguimento de Jesus e na práxis do Reino de Deus.

Veremos ainda que o Reino ocupa lugar central na práxis dos discípulos de Cristo na América Latina, e se pode falar de um “reinocentrismo” latino-americano, que muito tem a ver com as opções de vida de Jesus. Por causa desta centralidade do Reino, refletiremos também sobre os conflitos entre as práticas do Reino e as forças mortais do anti-Reino que se confrontam continuamente na vida da Igreja na América Latina, sobretudo quando se trata de defender os direitos e a dignidade de vida para os mais pobres.

Por fim, refletiremos sobre a necessidade de uma Escatologia integral na América Latina, que conjugue as temáticas antigas e novas, sobretudo relacionando todas elas ao Reino de Deus.

4.2

Primado da práxis do Reino na América Latina

No contexto sócio-cultural e eclesial latino-americano, a melhor maneira de dizer é fazer³⁵¹. Em usual linguagem popular, o “dito” remete ao “feito”, e a autoridade moral é confirmada na conjugação do “falar” e do “fazer”, de modo que há em tudo e em todos a urgência da praxicidade, da “opus”, que justifica e confere valor a toda teoria.

Em relação à práxis do Reino, Schillebeeckx havia se referido ao contexto eclesial latino-americano, advertindo da necessária desconcentração da Igreja para

³⁵¹ “Práxis” é o título dado ao artigo 9 contido no segundo capítulo da obra “Espiritualidade da Libertação” na qual Pedro Casaldáliga comenta aspectos fundamentais da Espiritualidade que fundamenta a práxis característica das Comunidades de base da Igreja na América Latina. Isso inspira também nossa reflexão neste capítulo hermenêutico da temática escolhida para esta pesquisa. Cf. CASALDÁLIGA, P.; VIGIL, J. M., Espiritualidade da Libertação, p. 73-75.

que se pudesse perceber a “salvação que Deus quer realizar em nossa história a favor dos homens: salvação a partir de Deus em e através de agir libertador de homens, em áreas de toda sorte”³⁵².

O autor parte de dois teólogos expoentes da Teologia da Libertação, que são Gustavo Gutiérrez e Jon Sobrino. Referindo-se a ambos, Schillebeeckx diz que a abordagem teológica depende da situação em que se encontra o teólogo com seus interlocutores no diálogo teológico. Assim, “o parceiro de diálogo do teólogo ocidental seria o homem secularizado, o agnóstico ou o ateu; no terceiro mundo, ao invés, seria o parceiro de diálogo do teólogo a ‘não pessoa’: o homem pobre e o oprimido”³⁵³.

A Igreja na América Latina vive no advento da requerida conversão, da esperada transformação e da permanente missão. Se o “falar” é necessário, o “praticar” é vital para a Igreja, desde os tempos de Jesus: ouvir suas palavras e as praticar equivalem à sensatez de construir a casa e a vida sobre base segura (cf. Mt 7,24-29).

No contexto das comunidades eclesiais latino-americanas, sobretudo nas mais básicas e atuantes em realidades exigentes, quer em ambiente urbano ou rural, como também nas instâncias organizacionais, hierárquicas e agentes pastorais, verificam-se algumas equivalências: libertação requer práxis e esta conduz à avaliação de ideais e destinos; ideias devem corresponder à militância; e fidelidade na fé é ortopraxis; fé é amor, porque o amar corresponde a operar.

Diversamente do contexto eclesial de culturas eurocêntricas, nas comunidades eclesiais latino-americanas prevalece o caráter prático e vivencial sobre o discurso e sobre a teoria. Por sua matriz e herança afro-indígenas, a personalidade latino-americana vive a mística e respira a atmosfera da economia do dom. Por isso, para os fiéis discípulos de Jesus nas comunidades eclesiais latino-americanas é suficiente cumprimentar quem chega em casa; a acolhida rapidamente se transforma em amizade, hospitalidade, doação, zelo, cuidados e atitudes próprias de pastor e de servo, ou seja, relações próprias de “famulus”³⁵⁴. Fala-se e se elaboram “planos”, mas a expressão mais recorrente é a “ação

³⁵² SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 79.

³⁵³ Ibid.

³⁵⁴ O termo latino *famulus*, traduzido para o português como *servo*, indica bem o sentido do seu coletivo “família” como espaço da convivência de servos e sistema de serviços.

pastoral”. Trata-se de uma Igreja que vive imersa na realidade e anuncia o tempo todo a lógica do dom e do dar-se.

Nas comunidades latino-americanas a família se torna uma escola de servidores, de aprendizado de serviços e da valorização do dom. Não se pode imaginar que o outro não tenha o que cada um precisa ter. Em família todos se sentem “em casa”, e é nas casas que as pessoas fazem a fundamental e primeira experiência de hospitalidade, de espiritualidade e de fé em Jesus Cristo.

A iniciação à vida cristã e ao discipulado começa em casa e amadurece no compromisso da vida comunitária. A família e a casa são as realidades hermenêuticas e os laboratórios da práxis eclesial. As comunidades eclesiais têm na família sua base mais desejada e promovida, como lugar do aprendizado e do exercício da práxis eclesial e social, do bem viver e do mundo melhor, prelúdios do esperado Reino de Deus. A convivência familiar e comunitária gera uma ética comunitária, com justo respeito pelos direitos e espaços de todos, e pouca apreciação por busca de privilégios e vantagens de uns sobre os outros.

Na América Latina, tudo tende à práxis. Assim, revoluções são feitas, mais que teorizadas. Os projetos se tornam processos, e tal imediatismo prático, que caracteriza os discípulos de Cristo na América Latina, deixa admirados e desconcertados os observadores e estudiosos. O espírito criativo, que caracteriza as pessoas latino-americanas leva à experimentação e até à improvisação, mas sempre na práxis.

Schillebeeckx adverte que “a práxis histórica, e também sociopolítica, não se pode separar da ação eclesial de pregar, da ação pastoral e sacramental. Quem destruir esta conexão, ferirá a estrutura da religião e do ser de igreja”³⁵⁵. De fato, reclama-se na América Latina coerência e equilíbrio entre a ação e oração, pois o Reino de Deus se antecipa na inserção comprometida dos fiéis nas esferas do governo, da economia e de todas as realidades, antes consideradas “laicas”, a fim de garantir dentro delas o efeito da ação do Reino, mediante a missão dos discípulos de Cristo. Nisso há uma práxis de amor verdadeiro, que põe em risco até a própria vida pelo que acredita e testemunha.

A propósito desse compromisso, Francisco de Aquino Júnior confirma que, superando uma compreensão e vivência pautadas na intelectualidade, ritualidade

³⁵⁵ SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 32.

ou prática devocional e sacramentalista, a Igreja e a Teologia na América Latina foram levadas a se autocompreenderem como “‘reflexão crítica da práxis histórica’, como ‘intellectus amoris’, como ‘momento consciente e reflexo da práxis eclesial’”³⁵⁶. Este *modus operandi* precisava de um método que se tornasse sempre mais popular. E a Teologia na América Latina foi se tornando cada vez mais próxima do povo simples, de forma que até mesmo conceitos escatológicos se tornaram mais usados e compreendidos numa versão que trazia a semântica escatológica para dentro do tempo e da realidade vivida. Assim, o Céu se torna a “terra sem males”, o Inferno passa a ser entendido como resultado da infidelidade à Aliança com Deus e atentado contra a verdade e a justiça. Mas também o Reino de Deus, sempre esperado, é vislumbrado na mesma esperança que se realiza aos poucos nas pequenas lutas e conquistas do dia a dia.

Por isso, do ponto de vista da militância política e pastoral, adotou-se o método “ver, julgar, agir”, que constata os desafios que a realidade apresenta, ilumina-os com a Palavra de Deus, e a partir dela e dos recursos das ciências humanas e sociais, aponta as possíveis soluções práticas, sempre passíveis de nova avaliação e ousadia em novos investimentos³⁵⁷.

A expressão “realizar-se” vem sendo cada vez mais ressignificada nas comunidades eclesiais, pois deixa de ser algo que se reduz à satisfação e ao sucesso pessoal de atitudes individuais, para assumir o aspecto coletivo, compartilhando aprendizados, ações, talentos e resultados, festejando-os numa liturgia comunitária, celebrando os louvores merecidos pelas transformações e chorando juntos as dores de eventuais e possíveis fracassos. “A ‘realização pessoal’ exige ‘realização social’, e os personalismos subjetivistas e as fronteiras de classe, de estado, de status”³⁵⁸ fazem mal a quem foi se habituando a pensar uma “Igreja em saída”³⁵⁹, que se recusa a ser autorreferencial, que valoriza a todos, particularmente os leigos e leigas, os mais pobres, as minorias, as mulheres,

³⁵⁶ AQUINO JÚNIOR, F. de., A dimensão socioestrutural do reinado de Deus, p. 86; Id., Teoria teológica: práxis teologal sobre o método da Teologia da Libertação, p. 69-131.

³⁵⁷ Para uma compreensão do método da Teologia da Libertação, ver: BOFF, Clodovis, Teologia e prática: teologia do político e suas mediações. Petrópolis-RJ: Vozes, 1978; cf. AQUINO JÚNIOR, F. de., Teoria teológica: práxis teologal sobre o método da Teologia da Libertação, p. 51-68.

³⁵⁸ CASALDÁLIGA, P.; VIGIL, J. M., Espiritualidade da Libertação, p. 74.

³⁵⁹ “Igreja em saída” é a expressão usada com frequência pelo Papa Francisco, com a qual ele indica a necessidade de uma reforma na Igreja Católica, em vista de renovada procura das pessoas mais excluídas da convivência e assistência da Igreja. Cf. FRANCISCO, Papa., Evangelii Gaudium, n. 17; 20; 23-24.

as crianças, jovens, doentes, migrantes, encarcerados, os “sem nada” para viver, que jazem morrentes nas estradas da vida, isolados e excluídos nas “periferias” existenciais, geográficas, sociais, morais e pastorais.

A Igreja na América Latina, de onde - sintomaticamente - proveio seu atual pastor universal, o Papa Francisco, é comunidade escatológica que, desde o Concílio Vaticano II e, particularmente, nas Assembleias Gerais de suas Conferências Episcopais, de Medellín (1968) a Aparecida (2007), tem-se assumido as mesmas opções preferenciais de Jesus Cristo, ouvindo sua Palavra e fazendo tudo o que Ele disser (cf. Jo 2,5), promovendo, preservando e incentivando em todos uma ativa esperança³⁶⁰. Esta prática antecipa para dentro da História os sinais do Reino de Deus já presente (cf. LG 3), antecipação que é escatológica por se referir às últimas e mais recentes realidades esperadas para o fim e também para depois do fim da História.

A práxis confirma a veracidade da vida: “Dize-me se ‘fazes’ e te direi se és”³⁶¹, como também “a história somente chega ao seu ‘final’ ali onde já não há mais utopia para seguir nem mais amor para praticar”³⁶². Tudo isso pode conduzir a riscos e pecados de um pragmatismo imediatista, ou à queda no ativismo ou no eficacismo, que devem ser evitados com a conjugação da práxis com a contemplação, e a busca da harmonia entre a gratuidade e a eficácia.

A práxis na Igreja na América Latina se caracteriza pela “militância”, como atitude de compromisso e disponibilidade, a qualquer hora e chamado, programado ou emergencial, tudo em prol do povo, com decisiva renúncia dos próprios interesses. Militância implica antecipação, vigilância, vanguarda e esperança. “O militante sempre está em guarda. Sempre está alerta [...]. Tem uma fina sensibilidade para detectar os interesses do povo, os desafios, os perigos, as oportunidades, o Kairós... ali por onde outros passam sem perceber”³⁶³.

Militância exige conversão: não é atitude de quem está à procura de seguranças, ou de quem assume causas cuja remuneração econômica é garantida e vantajosa. No Reino de Deus não tem lugar para inertes ou oportunistas. Sua

³⁶⁰ Cf. FRANCISCO, Papa., Audiência Geral na Praça de São Pedro – 14.09.2016. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160914_udienza-generale.html. Acesso em: 26 abr. 2019.

³⁶¹ CASALDÁLIGA, P.; VIGIL, J. M., *Espiritualidade da Libertação*, p. 75.

³⁶² Ibid.

³⁶³ Ibid., p. 76.

antecipação na história requer permanente estado de conversão e compormisso. Por isso, o militante arrisca tudo pela causa do Reino: seu tempo, sua paz, seu conforto, seu futuro, progresso pessoal, direito ao descanso, sua economia pessoal e até a segurança de sua própria vida; tudo isso para ser intransigente com a injustiça, ajudar o povo a ser mais protegido e esclarecido, enfim, por uma “causa” justa e santa, que é o Reino de Deus. Sem militância e profetismo nas atitudes das pessoas, na Igreja e na sociedade, retarda-se a manifestação do Reino na história.

E qual a base teológica desta militância no processo de antecipação do Reino de Deus na história? É o seguimento de Jesus de Nazaré, o Cristo, que anunciou o Reino de Deus (cf. Mc 1,15-20), que é o autor e o realizador da Fé (cf. Hb 12,1-4). Como nos referimos no capítulo anterior, Schillebeeckx tem em Jesus Cristo o seu ponto de partida para a sua cristologia escatológica, pois para o Autor, Jesus é o anunciante do Reino e o Reino anunciado. E a espiritualidade do seguimento de Cristo, do discipulado do Reino é tão importante que, sem ela, a militância facilmente se transforma em ativismo ou em militância ideológica e partidária, capaz de reduzir aos interesses particulares a atividade eclesial e desviar o foco do Reino de Deus para outros “reinados”.

Além disso, a antecipação do Reino concentra em si todas as forças e interesses coletivos que cada discípulo possui, em vista da comunidade e da comunhão entre todos e em favor do bem comum. A antecipação do Reino de Deus gera no discípulo uma ativa e criativa esperança, abrindo-lhe os horizontes e ampliando sua visão de futuro, que recebe do Reino a luz que lhe ajuda a criticar as ações desviantes que ainda se verificam efetivas no presente de sua realidade. Neste sentido, com o olhar na práxis cristã que antecipa o Reino de Deus, Schillebeeckx afirmava que:

Um procedimento histórico, profano e político é o ponto de referência central das igrejas cristãs, um acontecer que com razão essas igrejas devem celebrar liturgicamente; pois elas são o *sacramento* que celebra a salvação que Deus realiza no mundo³⁶⁴.

A crítica acerca do modo de viver, orar e pronunciar-se do discípulo de Jesus Cristo revela o exercício de seu profetismo batismal e escatológico também.

³⁶⁴ SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 33.

Então, o que caracterizou Jesus Cristo, como profeta escatológico do Pai, referido por Schillebeeckx no capítulo anterior, manifesta-se também nas palavras e obras de seus discípulos atualmente. E como no passado Jesus Cristo antecipou o Reino no que disse e fez, hoje seus discípulos o antecipam igualmente no que dizem e fazem. Por fim, tal qual foi o destino profético de Jesus como consequência do anúncio e práxis do Reino de Deus, assim também o será para quem se arriscar no seguimento profético de Jesus Cristo. Fiéis ao mandato missionário de Jesus Cristo, seus discípulos de hoje anunciam o Reino e o mostram atuante e antecipado na história, com sinais parcialmente vitoriosos e promotores de vida plena, mas não sem a irrigação do suor e do sangue de muitos mártires.

Há uma íntima relação entre antecipação escatológica do Reino, profetismo e martírio. Por isso, a antecipação escatológica do Reino de Deus na história é feita com a coragem parrética dos profetas e profetizas e escrita nas páginas da História com a cor do sangue dos mártires, cujos martírios foram particularmente registrados e sempre celebrados na memória da Igreja na América Latina: são mártires de ontem e de hoje, canonizados ou ainda não pela Igreja Católica, mas muito reconhecidos e honrados pelo povo de Deus, tais como: Santos Mártires de Cunhaú e Uruaçu (no Rio Grande do Norte), Santo Oscar Romero, Ir. Doroty Stang, Santo Dias e tantos outros.

E como o testemunho dos mártires contagia e anima a Comunidade eclesial na América Latina,

Por serem seguidoras do Evangelho e assumirem as causas do Mártir Jesus de Nazaré, podemos afirmar que as CEBs são cotidianamente marcadas pelo martírio, que vai acontecendo na vida do povo, por assumirem com Ele e com eles e elas, nossos Mártires, as causas da Justiça, da Paz, da Terra livre, da vida justa, da ecologia integral³⁶⁵.

Como a militância é um serviço organizado e uma serviçalidade estruturada, o militante contagia os outros, com seu entusiasmo maduro e sua combatividade. “O militante irradia mística, contamina os outros com sua entrega apaixonada, destila esperança”³⁶⁶. A pessoa militante é capaz de sustentar a esperança dos seus

³⁶⁵ SILVA, A. C. P. da., CEB's e os Mártires da Caminhada. Disponível em: <http://portaldascebs.org.br/2016/09/12/cebs-e-os-martires-da-caminhada/>. Acesso em: 27 abr. 2019.

³⁶⁶ CASALDÁLIGA, P.; VIGIL, J. M., Espiritualidade da Libertação, p. 77.

companheiros, particularmente nas horas em que tudo diz que não vale a pena esperar.

O militante é o “proléptico escatológico”³⁶⁷, e a militância é a práxis antecipadora do Reino de Deus. Não é a massa, mas uma pessoa ou grupo, investido de determinação e liderança, que vence a tentação do vanguardismo e da substituição do povo, para atuar conscientemente com sua atitude de fronteira nas áreas, esferas e momentos em que forem convocados, antecipando-se aos fatos e abrindo caminho para os outros. O contágio da militância brota do fato de que ela não é um ativismo ideológico e meramente político, mas um modo de ser e um espírito que impregna e emerge sempre do mais profundo da pessoa. A motivação inspiradora da militância não é o êxito conseguido, mas a positiva utopia e a ativa esperança.

A militância na Igreja na América Latina se caracteriza também pelo sentido comunitário, capaz de valorizar, organizar o povo e estimulá-lo; em perspectiva comunitária, o militante saberá “primeirar-se”³⁶⁸, ou colocar-se em segundo plano no momento oportuno, sem cobrar dos outros seus méritos e aplausos por sua liderança, novidades descobertas, ou iniciativas.

4.3 Práxis libertadora como antecipação escatológica do Reino

Uma das características fundamentais da práxis do Reino na América Latina é exatamente a atuação das pessoas comprometidas com a realidade sócio-política e cultural em que vivem e onde percebem os clamores por justiça e libertação dos mais pobres e oprimidos. Tudo isso já havia sido iluminado pelo Concílio Vaticano II na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (cf. GS n. 23-44).

Com a recepção do Concílio na América Latina, as Conferências de Medellín, Puebla e, particularmente, Aparecida, convocaram os fiéis a interpretar os sinais dos tempos, oriundos dos grandes problemas vividos pelas pessoas nas comunidades metropolitanas e lá onde seus direitos fundamentais são negados.

³⁶⁷ Embora pareça um neologismo, julgamos oportuna esta nossa expressão para contribuir com a compreensão que temos da importância da práxis do Reino de Deus como atitude libertadora e salvadora, totalmente coligada a Jesus Cristo e à “causa” que ele assumiu, antecipação história do Reino de Deus. Cf. GIBELLINI, R., *A Teologia do Século XX*, p. 270-278.

³⁶⁸ Expressão própria do Papa Francisco, ao motivar a Igreja “em saída”, como comunidade de discípulos missionários que “primeirariam”, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam”. FRANCISCO, Papa., *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, n. 24.

Em meio aos grandes desafios e interpelações em que se encontra a Igreja, Gustavo Gutierrez afirma que ela é chamada a anunciar “tanto a presença atuante do Reino de Deus no hoje do vir-a-ser histórico, como sua chegada futura e plena. Essa expectativa é um dos eixos do Concílio Vaticano II”³⁶⁹, que colocou a Igreja decisivamente no caminho rumo aos mais pobres.

Encontra-se na América Latina um continente marcado pela presença de povos cristãos e empobrecidos; trata-se de uma pobreza massiva e desumana, que leva a questionar o significado bíblico da pobreza. Segundo Gutiérrez, nos anos da década de 1960 formulou-se no campo teológico a distinção de três acepções de “pobre”:

- a) a pobreza *real* (chamada com frequência pobreza material), como um estado escandaloso, não desejado por Deus;
- b) a pobreza *espiritual*, como infância espiritual, de que é uma expressão – não única - desprendimento diante dos bens deste mundo;
- c) a pobreza como *compromisso*: solidariedade com o pobre e protesto contra a pobreza”³⁷⁰.

A propósito das categorias de “pobre” e “pobreza”, é sabido que o fenômeno social da pobreza não é algo natural e querido por Deus. Não existe uma pessoa ou comunidade materialmente pobre. Existem empobrecidos, por opção voluntária, ou por imposição de forças alheias e contrárias à vontade da pessoa e da comunidade. Por isso, pobres são produzidos na sociedade a partir de atitudes gananciosas, corruptas e anti-cristãs, de uns sobre os outros, por vezes mediante o uso da força, do medo e da violência. Eis porque os pobres, afetados pela pobreza, que fere a dignidade humana nos níveis mais vitais da pessoa, clamam pela justiça divina, e esta se manifesta na práxis do Reino na atuação dos discípulos de Jesus Cristo.

Diante da situação de empobrecimento, exclusão e opressão das pessoas e comunidades, o anúncio do Reino de Deus já comporta uma práxis, com opções bem definidas. Na América Latina, a opção pelos pobres, assumida pela Igreja, encontra sua razão primária na opção pelo Deus do Reino que Jesus anuncia e o compromisso com os pobres não resulta, a princípio, de uma simples análise de

³⁶⁹ GUTIÉRREZ, G., Onde dormirão os pobres?, p. 10.

³⁷⁰ Ibid., p. 13. Grifo do autor.

conjuntura sócio-política, ou de uma espiritualidade pietista e personalista, que se aproveita dos pobres para mostrar generosidades.

Embora esses motivos sejam consideráveis em seu significado humano e solidário, a razão definitiva da opção pelos pobres na Igreja na América Latina se encontra na práxis da fé no Deus de Jesus Cristo. Portanto, “trata-se de uma opção teocêntrica e profética que assenta suas raízes na gratuidade do amor de Deus e que é por ela requerida”³⁷¹, e esta opção para a Igreja, segundo o Papa Francisco, “é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica [...] Como ensinava Bento XVI, esta opção ‘está implícita na fé cristológica naquele Deus que Se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza’”³⁷².

Na dinâmica da antecipação escatológica do Reino, na Igreja atuante na América Latina e no mundo todo, é necessária ainda uma conversão pastoral para se ouvir e atender ao apelo que o Papa Francisco lançou na *Evangelii Gaudium*: “Desejo uma Igreja pobre para os pobres. Eles têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles”³⁷³.

Além disso, o pobre não é simplesmente uma escolha da pessoa humana, mas de Deus. Deus não escolhe a partir de sua situação moral ou religiosa, mas por causa da práxis do seu amor paterno e eterno. Trata-se de uma opção divina, que os humanos precisam adotar. A Bíblia está marcada pela práxis do amor predileto de Deus pelos que sofrem e nada têm para viver, e isso nos é revelado pelas “bem-aventuranças evangélicas, que nos dizem ter a preferência pelos pobres, famintos e sofredores fundamento na bondade gratuita do Senhor”³⁷⁴. Portanto, uma opção deste gênero não consiste nem se reduz a uma questão de escolha pastoral ou de perspectiva de reflexão teológica, mas consiste numa forte expressão de caminhada espiritual e práxis histórica, na qual a Igreja foi aprendendo do seu Senhor a adotar suas mesmas opções³⁷⁵.

A opção pelos pobres promove a práxis libertadora nos agentes do Reino na América Latina. Trata-se de uma exigente opção ética e teológica, amorosa e

³⁷¹ GUTIÉRREZ, G., Onde dormirão os pobres?, p. 16.

³⁷² FRANCISCO, Papa., Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, n.198.

³⁷³ Ibid. Grifo do Autor.

³⁷⁴ GUTIÉRREZ, G., Op. Cit., p. 16.

³⁷⁵ A respeito da opção pelos pobres, Clodovis Boff e um teólogo protestante Jorge Pixley publicaram uma importante obra. Cf. BOFF, Clodovis; PIXLEY, J., *Opção pelos pobres*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1986.

gratuita, e nunca baseada na troca ou na expectativa e exigência de recompensas. Optar pelo pobre implica amá-lo, não porque dele se recebeu alguma coisa, mas porque o outro, o pobre foi antecipado ao meu eu, numa “dissimetria da relação interpessoal”, ou numa “assimetria ética”, como o indica o filósofo de profundos conhecimentos bíblicos e talmúdicos, Emanuel Levinas³⁷⁶. Se o outro é amado por antecipação, então se ama como Deus ama, porque “Deus nos amou primeiro” (1Jo 4,19).

As Sagradas Escrituras enfatizam a ligação entre o amor a Deus e o amor ao próximo, particularmente quando este é pobre: “maltratar o pobre é ofender a Deus”³⁷⁷. Essa linha de pensamento é desenvolvida nos Evangelhos e encontra sua culminância no texto escatológico de Mateus 25,31-46. O que é feito durante a vida ao pobre antecipa o juízo escatológico esperado para o futuro, e determina o futuro eterno da pessoa a partir do seu presente histórico (cf. Lc 16,19-31). A práxis de vida das pessoas já as coloca em permanente estado de antecipação escatológica do seu julgamento, ainda que temporal e parcialmente, pois somente no juízo final tudo terá caráter definido e definitivo.

O encontro e o interesse por um pobre não são prioritariamente uma ação social ou filantrópica, mas uma práxis teológica e escatológica, pela qual se pode antecipar o encontro com Cristo no tempo de nossa vida já no mundo e na história, onde Ele opera nossa salvação. A Igreja na América Latina afirmou isso quando em Puebla se referiu ao “rosto muito concreto” do pobre, no qual haveria de se “reconhecer os traços sofredores de Cristo, o Senhor que nos questiona e interpela”³⁷⁸, pois “a vida cristã se move entre a graça e a exigência”³⁷⁹.

A propósito dos novos rostos dos pobres na América Latina, o Documento de Aparecida situa nosso olhar na contemplação do rosto de pessoas e grupos cuja situação, indigna de filhos de Deus, transforma-os em “excluídos sociais”, pois sua pertença à sociedade já não existe porque eles foram colocados de fora dela. São eles: indígenas e afroamericanos, mulheres, jovens, pobres, desempregados,

³⁷⁶Cf. LEVINAS, E., *De dieu qui vient à l'idée*, Paris, Vrin, 1982, p. 145 apud GUTIÉRREZ, G. *Onde dormirão os pobres?*, p. 16-17.

³⁷⁷ GUTIÉRREZ, G., *Op. Cit.*, p. 17.

³⁷⁸ Cf. CELAM. *A evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões da Conferência de Puebla*, n. 31. Este texto foi retomado e aprofundado na Conferência do Episcopado Latino-americano em Santo Domingo. Cf. CELAM. *Nova Evangelização, promoção humana, cultura cristã. Jesus Cristo ontem, hoje e sempre. Conclusões da Conferência de Santo Domingo*, n. 178-179.

³⁷⁹ GUTIÉRREZ, G., *Op. Cit.*, p. 17.

migrantes, deslocados, agricultores sem terra, os que tentam sobreviver na economia informal, meninas e meninos submetidos à prostituição infantil, vitimados por vezes pelo turismo sexual, crianças abortadas, famílias que experimentam a miséria e a fome, os drogados, os que possuem limitações físicas, portadores e vítimas de enfermidades graves, dentre elas a malária, a tuberculose e HIV-AIDS, os presidiários, os sequestrados e vítimas da violência, do terrorismo, de conflitos armados e insegurança na cidade e no campo, os anciãos que vivem excluídos do sistema produtivo, considerados pelos próprios familiares como pessoas incômodas e inúteis. O elenco dos rostos dos pobres e excluídos, profeticamente apresentado pela Conferência de Aparecida, causa dor e compaixão nos discípulos de Cristo, porque já não se trata de pessoas somente pobres e exploradas, mas de uma multidão de pessoas considerados como supérfluas e descartáveis³⁸⁰. Isso reclama escatológica atuação dos discípulos de Cristo, e tal constatação confirma ainda mais nossa hipótese: na América Latina não somente é possível falar, mas também promover a antecipação escatológica do Reino de Deus.

O que fazer diante de tudo isso? Qual o comportamento concreto e ético da Igreja que anuncia e testemunha o Reino de Deus? Como afirmou Schillebeeckx, “o evangelho cristão vive da memória crítica da história humana de sofrimento; ele recorda a mensagem e a prática de vida de Jesus, que se preocupou com pobres e oprimidos e, por isso, também conheceu ele próprio sofrimento e martírio”³⁸¹. Portanto, os gritos silenciosos de Cristo que ouvimos das pessoas elencadas acima devem se constituir como o conteúdo do nosso agir ético e escatológico, pois é neste cenário de Igreja e sociedade que o Evangelho do Reino reclama de cada um e de cada comunidade uma ação solidária, transformadora, profética e escatológica de antecipação do Reino de Deus.

Fascínio e crueldade³⁸² se misturam no século em que estamos quando percebemos o escandaloso e gritante contraste entre poucos ricos e muitos que vivem a amarga experiência de pobreza e miséria em países da América Latina, vítimas de todo tipo de violência e ambição, causadas pelo selvagem fenômeno da

³⁸⁰ Cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, n. 65.

³⁸¹ SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 52.

³⁸² Henrique Iglesias, presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), disse que o próximo século será “um século fascinante e cruel”. Cf. GUTIÉRREZ, G., Onde dormirão os pobres?, p. 19.

globalização da economia e do capital financeiro, que depauperam sistemas, desacreditam instituições, humilham e esmagam os fracos e desassistidos, mantendo as nações pobres escravizadas pelos efeitos de uma infundável dívida externa, dentre eles, o esvaziamento do conteúdo de sua esperança.

A práxis do amor e da justiça³⁸³ em favor dos mais pobres e insignificantes não é uma quimera, mas urgência pastoral do Deus do Reino anunciado por Jesus Cristo, que interpela a todos e os chama a assumir suas causas, que são – como o afirma Schillebeeckx - as causas da humanidade. Ao invés da globalização da economia, será útil a globalização da solidariedade, da cooperação e da caridade³⁸⁴. Por ser uma “antievangélica pobreza”³⁸⁵ e, ao mesmo tempo, “o mais devastador e humilhante flagelo vivenciado pela América Latina e pelo Caribe”³⁸⁶, este mal se constitui um desafio também para a escatologia e para a ação, à luz da fé, como compromisso evangelizador dos cristãos e de toda a Igreja com os pobres.

As desigualdades totais entre ricos e pobres, considerando pessoas e países, sobretudo na distribuição e participação nas rendas e das variadas maneiras de exclusões sociais (negros, índios, analfabetos, mulheres, pequenos agricultores e as diversas “minorias”), que produzem uma massa cada vez mais crescente de pessoas “insignificantes”, “sem nada”, e “sem esperança” alguma para lutar e viver, tudo isso interpela fortemente a consciência cristã. Diante do desafio teológico da negação do rosto de Deus, expressa na negação da dignidade de filhos e filhas de Deus, que os mais pobres também possuem, reafirma-se que “para aquele que crê no Deus que não faz acepção de pessoas, nada pode ser insignificante”³⁸⁷.

Mas a pobreza é um desafio lançado também à Escatologia. Diz Gutiérrez que “a experiência latino-americana fez-nos compreender há algum tempo que,

³⁸³ A respeito de práxis do Reinado de Deus no exercício da fé cristã, ler: AQUINO JÚNIOR, F. de., A dimensão socioestrutural do reinado de Deus. Escritos de teologia social. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 86-89.

³⁸⁴ Cf. FRANCISCO, Papa., Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado – 2015. “Igreja sem fronteiras, mãe de todos”. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20140903_world-migrants-day-2015.html. Acesso em: 27 abr. 2019.

³⁸⁵ CELAM. A evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões da Conferência de Puebla, n. 1159.

³⁸⁶ CELAM. Nova Evangelização, promoção humana, cultura cristã. Jesus Cristo ontem, hoje e sempre. Conclusões da Conferência de Santo Domingo, n. 179.

³⁸⁷ GUTIÉRREZ, G., Onde dormirão os pobres?, p. 31.

em última análise, pobreza significa morte. Morte precoce e injusta”³⁸⁸. O que está em jogo na pobreza é a vida e a morte das pessoas. Na reflexão teológica, iluminada pelas ciências sociais e pela sensibilidade pastoral, podemos contemplar nas pessoas empobrecidas um flagrante estado de morte. Embora o tema da morte ocupe lugar de destaque na Escatologia, aqui queremos pôr em relevo o caráter que a morte tem para o contexto latino-americano, na linha da antecipação escatológica do Reino de Deus.

Morrer, na América Latina, não significa somente finalizar o percurso temporal de uma existência, com toda a dramaticidade da separação física, com as lágrimas da saudade dos familiares e amigos e o vazio que fica após o sepultamento da pessoa falecida. Além de morrer ser um ato pessoal e natural, na América Latina, morrer reveste significados que superam o entendimento do fenômeno em si.

Há mortes com aparentes causas naturais, mas em grande parte, as pessoas que sobrevivem a cada dia em ambiente com precárias condições para viver, respiram uma atmosfera mortal pela falta das garantias mais fundamentais e necessárias para a afirmação da vida digna: alimento, água potável, ar puro, higiene, habitação, transporte, educação, segurança, instâncias de direitos e instalações clínicas para a promoção e preservação da saúde, dentre tantas outras exigências que a vida tem. Quem está à beira da morte não quer morrer, aliás, quer viver e pede para Deus e para todos que possam que lhe ajudem a viver, pois a compreensão cristã sobre a vida é de vida plena, que supera a morte e permanece para além dela.

Todavia, pela escassez em que vivem muitas pessoas, famílias e comunidades, estas experimentam mais sinais de mortes que de vida. E isso ocorre em todas as áreas geográficas do planeta: em países latino-americanos, mas também africanos e asiáticos, bem como entre pessoas em estado de negação de vida, como são os migrantes e refugiados das situações de guerras em suas nações, e em outras tantas situações de perigo e de opressão. Em suma, não basta estar vivo: é necessário viver com qualidade e garantias para uma vida sempre mais digna e feliz.

³⁸⁸ GUTIÉRREZ, G., Onde dormirão os pobres?, p. 31-32.

Quando falta justiça, verdade e liberdade, a vida sofre atentado e se percebe que a morte se antecipa. Quando faltam as condições de um decente e promissor desenvolvimento para as gerações mais jovens, estas sentem que a morte se aproxima, ou a vida futura está em perigo. Quando as famílias, municípios, estados e nações se veem em sistemática exploração, descaso, e negação de seus direitos, o estado de morte parece triunfar. Antecipa-se a morte, esta entendida como derrota e desespero. E fenece a esperança.

Mas também, quando as lideranças positivas e boas das comunidades e igrejas são sistematicamente combatidas e, por fim, abatidas, então, parece que o céu se fecha, a vida entra em colapso, e o fim está próximo. Chega-se até mesmo em meios populares a se preconizar o fim do mundo, pela morte das lideranças e dos ideais com os quais sustentavam a esperança coletiva.

João Batista Libânio e Maria Clara Bingemer, ao se referirem sobre a morte na perspectiva cristã³⁸⁹, iniciam sua reflexão com a referência ao assassinato de Dom Oscar Romero. No dia 23 de março de 1980, ele havia intimado vigorosamente: “Em nome de Deus, pois, e em nome deste povo sofrido cujos lamentos sobem ao céu cada dia mais tumultuosos, suplico-vos, rogo-vos, ordeno-vos em nome de Deus: Cessai a repressão!”³⁹⁰. No dia seguinte, assassinaram Dom Oscar Romero, enquanto ele celebrava a Eucaristia. O sangue do Arcebispo se misturou com o Sangue de Jesus no mesmo altar. Ambas as vidas e mortes, a de Jesus e de Oscar Romero, foram unidas pelo martírio na mesma causa: o Reino de Deus. Dali em diante, a morte deste mártir só fez crescer nas comunidades cristãs a convicção de que a vida dele não foi vivida em vão, mas frutificou na força que promoveu dentro de novas lideranças e na luta pela mudança da situação em El Salvador e, por extensão, em toda a América Latina. E o mesmo tem acontecido com outras lideranças assassinadas pelas causas do Reino de Deus.

A vida doada pelo Reino não é mais interpretada como uma derrota total. A vida é tão importante que se torna curta para doá-la por inteira por Deus e pelos irmãos e irmãs. Então, a causa do Reino, que Schillebeeckx chamava a “causa de Deus” e “causa da humanidade”, é a causa do viver pela antecipação do Reino em favor daqueles cuja vida só transpira morte, pois têm a vida negada.

³⁸⁹ LIBÂNIO, J. B.; BINGEMER, M. C. L. Escatologia cristã: o novo céu e a nova terra, p. 146-177.

³⁹⁰ Ibid., p. 146.

Quando a Escatologia se ocupar da temática da morte à luz da prolepse do Reino, então a morte será vista num novo viés hermenêutico: o da antecipação da vida vitoriosa, ressuscitada e do Reino de Deus no mundo. Esta é a tarefa da Escatologia na América Latina, e lá onde a vida é ameaçada. Do mesmo modo como a esperança da ressurreição de Jesus, por ele anunciada, manteve firme a fé e a luta dos discípulos, a fim de se tornarem testemunhas (mártires) de tudo o que Jesus disse e fez, em Jerusalém, na Judeia e até o fim do mundo, também o testemunho da vida doada pelos discípulos do Reino de Deus, cujas vidas são atualmente ceifadas de modo “precoce, injusto e idolátrico”³⁹¹ acende nos corações dos que continuam na caminhada rumo ao Reino definitivo a alegria e a esperança de que o Reino de Deus já se antecipou em tudo o que foi dito e feito, bem como das sementes que as lideranças plantaram com seus bons exemplos de fé e de vida nas comunidades. A causa abraçada é a mesma. Schillebeckx afirma que “a causa de Deus como causa do ser humano está personificada na própria pessoa de Jesus Cristo”³⁹², pois ele esqueceu-se de si mesmo e se identificou totalmente com a causa de Deus como a causa da humanidade. E Jesus é o primogênito dentre os mortos e dos ressuscitados. Portanto, como também afirma Schillebeeckx: “Ele é o primeiro e o ‘guia’ de uma nova humanidade, porque viveu antecipadamente a praxe do reino de Deus, e porque essa praxe foi confirmada por Deus”³⁹³. Portanto, Jesus é a causa da esperança e da antecipação escatológica do Reino de Deus, que continua se perfazendo na história de sua Igreja na vida dos seus discípulos na América Latina e no mundo inteiro. Com isso, estamos certos de que nossa hipótese se consolida e nossa problemática obtém sua resposta.

Ao comentar o texto escatológico de Mt 25,31-46, João Paulo II disse a propósito: “Cristo se apresenta a nós como Juiz. Ele tem direito especial de fazer esse juízo, pois se tornou um de nós, nosso irmão”³⁹⁴. Considerando a dimensão

³⁹¹ LIBÂNIO, J. B.; BINGEMER, M. C. L. Escatologia cristã: o novo céu e a nova terra, p. 171.

³⁹² SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 675.

³⁹³ Ibid.

³⁹⁴ JOÃO PAULO II., Homilia na missa celebrada no aeroporto de Namao (Canadá) 17 de setembro de 1984, n. 3-4. Anos antes, em sua encíclica *Redemptor Hominis*, ele escrevera a propósito do mesmo texto de Mateus: “esta cena escatológica deve sempre ser aplicada à história do homem, deve ser sempre ‘medida’ dos atos humanos” (n. 16) apud GUTIÉRREZ, G., Onde dormirão os pobres?, p. 32.

social da parábola, João Paulo II colocou intrepidamente em relevo o contraste entre o Norte rico e o Sul empobrecido, e atestou:

À luz das palavras de Cristo, este Sul pobre julgará o Norte opulento. E os povos pobres e as nações pobres – pobres de várias maneiras, não só carentes de alimento, como também privados de liberdade e de outros direitos humanos – julgarão aqueles que lhes tiram esses bens, acumulando para si o monopólio imperialista do predomínio econômico e a expensas de outros³⁹⁵.

Do mesmo modo como a pobreza efetua a escravidão e antecipa a morte da pessoa e das nações, a práxis da justiça e do amor efetua a libertação das pessoas e antecipa escatologicamente o Reino de Deus, que Jesus anunciou com sua prédica e sua práxis. Assim, a práxis teológica eclesial hoje implica fazer uma hermenêutica da esperança dos pobres em nosso tempo, pois eles aspiram e clamam por libertação e salvação. Neste contexto, na América Latina, a Igreja é uma reserva escatológica de esperança para os pobres, uma fonte de inspiração e uma poderosa razão para que eles não percam as esperanças no futuro, pois todos possuem fome de pão e de Deus, duas necessidades humanas ao mesmo tempo distintas e inseparáveis. O Reino de Deus é antecipado em sua concretude quando a fome de Deus permanece e a fome de pão desaparece. Como vimos no capítulo anterior (cf. 3.5), Schillebeeckx destaca a comensalidade de Jesus com aqueles que eram considerados “pecadores” em seu tempo. Com isso, entendemos que Jesus quis se aproximar do banquete terreno a fim de aproximar simbolicamente os comensais daquele que seria o futuro banquete escatológico, onde não haverá mais excluídos nem pecadores, mas todos serão amados filhos de Deus, na completa saciedade e eterna alegria.

Do ponto de vista teológico, antecipação escatológica do Reino de Deus implica diretamente na práxis do amor, como superação do pecado, que é a sua raiz mais profunda e última da morte e da escravidão da pessoa e da sociedade. Se “Cristo nos libertou para a liberdade” (Gl 5,1), há se aderir plenamente a Cristo para se reparar os danos causados pela ruptura com Deus e com os irmãos.

Sendo que amor gera amor, então “só o amor gratuito e salvífico de Cristo pode ir à raiz do nosso próprio ser e fazer brotar daí um verdadeiro amor”³⁹⁶. Há que se passar de um discurso informativo da escatologia para uma práxis

³⁹⁵ GUTIÉRREZ, G., Onde dormirão os pobres?

³⁹⁶ Ibid., p. 45.

performativa do amor fraterno, que antecipa o Reino de Deus. Noutras palavras, é necessário assumir e aprofundar o sentido de uma escatologia do amor³⁹⁷.

Quando a pessoa ama outra, concretamente, respeitando-a em seus direitos e em sua totalidade, libertando-a de toda opressão e miséria, e quando faz isso de modo organizado e amplo, então se revela aí o próprio Deus, que se move em direção historicamente reversa: do futuro para o presente, do Céu à Terra, do além para o aquém, do após para o agora, do *eschaton* para o hoje. E nesse movimento reverso se dá a antecipação escatológica, que arranca a humanidade do inferior, ou seja, da infernal situação em que se encontra, a fim de experimentar o amor misericordioso e comprometido de Deus, presente na imprescindível práxis testemunhal da vida em sua Comunidade eclesial, embora isso também possa acontecer fora do âmbito estritamente eclesial³⁹⁸.

Não se trata somente de libertar a pessoa *de* alguma coisa que lhe oprime e tira a sua vida, mas *para* colocá-la num estado de liberdade tal que lhe garanta as condições para viver com plenitude sua dignidade humana, e se tornar sujeito corresponsável pela felicidade sua e de todos os demais, no presente e no futuro. Se a *libertação de* implica libertar a pessoa do pecado e da morte, a *libertação para* aponta para o amor e para a comunhão com o Deus do Reino, anunciado por Jesus Cristo.

Portanto, ser libertado para amar é a base moral da escatologia realizada e da antecipação escatológica do Reino de Deus na história da pessoa e do mundo. Dentro da reflexão escatológica da práxis libertadora do Reino, é necessário destacar três dimensões fundamentais: a libertação social, a libertação pessoal e a libertação soteriológica ou escatológica, que implica a libertação do pecado e a conversão para a plena comunhão com Deus e com os outros. Quanto à libertação social, pessoas e povos precisam ser tratados como humanos, e respeitados em seus direitos, bem como respeitar seus deveres e cumprir suas obrigações pessoais

³⁹⁷ Para aprofundar a Escatologia do amor, ver: CUNHA, R. G. de A. A escatologia do amor: a esperança na compreensão trinitária de Deus em Jürgen Moltmann. Dissertação (Mestrado em Teologia). Orientador: Cesar Augusto Kuzma. Departamento de Teologia. PUC-Rio, 2017.

³⁹⁸ Como ocorreu com os indianos, em seu processo de independência do domínio inglês, com a decisiva participação e mobilização liderada por Mohandas Gandhi (Mahatma Gandhi), em 1948. Os dois segmentos básicos de sua ideologia foram a não-cooperação e a desobediência civil com greves, atos públicos e marchas persistentes de repúdio à lei do colonizador. Cf. GANDHI e a independência da Índia em 47. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/gandhi-a-independencia-da-india-em-47-9900213#ixzz5c7KYIMbv>. Acesso em: 09 jan. 2019.

e coletivas para com Deus e para com todos. No tocante à libertação pessoal, o sujeito crente precisa de uma educação à práxis de sua fé em chave escatológica, a fim de que perceba desde cedo sua conexão com Deus, com tudo e com todos, pois ele não se salva e nem se perde sozinho, e - como afirma Schillebeeckx - deverá ser libertado do autodesprezo, a fim de aprender a se valorizar e perceber como é amado por Deus e pelos outros³⁹⁹. E quanto à libertação soteriológica, é necessário que toda a Comunidade eclesial e social, inclusas as famílias e demais instituições responsáveis pela fé e formadoras das pessoas - aqui merecem destaque as escolas e universidades católicas ou evangélicas - aprimorem-se na formação dos docentes em Teologia, dos catequistas e missionários, dos pastores e pastoras que guiarão com a palavra e o exemplo, com a pregação e a práxis multidões ao conhecimento de Cristo, e à comunhão de fé comprometida com o Reino de Deus. E isso é o que queremos propor com esta pesquisa.

Partindo-se do princípio cristológico de que é a Verdade que liberta (cf. Jo 8,32) da mentira e do pai da mentira, o Diabo, e a Verdade é Cristo Jesus (cf. Jo 14,6), então é Cristo Jesus que liberta pela verdade, e chama a todos para a liberdade. Há, então, um nexos escatológico intrínseco entre verdade e liberdade, que jamais admite que isso tudo se torne patrimônio privado da pessoa singular, mas a práxis pessoal e comunitária da verdade libertadora do Reino instaura um ambiente ético de verdadeira liberdade social, válida para todas as pessoas e para todos os tempos da história. Sem esta reflexão teológica e, ao mesmo tempo moralmente abrangente, a Escatologia ficará mutilada e reduzida à dimensão somente pessoal do sujeito de fé. Por isso, a antecipação escatológica do Reino, a partir da práxis do amor e da justiça, leva a Escatologia à sua completude, de uma só vez, no tocante às dimensões pessoal e social da vida humana.

A práxis do Reino promove uma Escatologia da libertação, dado que “a liberdade é um elemento central da mensagem cristã”⁴⁰⁰. Desse modo, a atividade evangelizadora da comunidade eclesial há de preservar as pessoas de qualquer aprisionamento, arcaísmo, espiritualismo, pietismo, ou alheamentos que as impeçam ou as afastem dos compromissos eclesiais urgentes, que brotam sempre da ação do Espírito recebido no Batismo e amadurecido ao longo do seguimento de Cristo. Por isso, a evangelização há de tornar as pessoas livres e libertadoras,

³⁹⁹ Cf. SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 152-153.

⁴⁰⁰ GUTIÉRREZ, G., Onde dormirão os pobres?, p. 45.

atuando como agentes de libertação, particularmente quando esta ação se dirige aos mais pobres, aos quais Jesus deu prioridade na posse do Reino (cf. Mt 5,3).

4.4 Reinocentrismo na práxis teológica latino-americana

O Reino de Deus é temática central na espiritualidade e práxis eclesial latino-americana⁴⁰¹, tanto que se cunhou o termo “reinocentrismo”⁴⁰² para exprimir tal centralidade. A partir desta afirmação, surgem algumas perguntas em nossa reflexão: qual é a essência do cristianismo? O que realmente deve importar para solicitar o empenho do cristão na história da práxis de sua fé?

Para responder a estas perguntas, é imprescindível retornar ao “Jesus histórico”, que é o mesmo Cristo da fé, a fim de se assumir para si o que para Jesus era o seu objetivo, seu centro e sua causa absoluta. A volta ao Jesus histórico, implica para o cristão-discípulo assumir o seguimento de Cristo e adotar sua práxis.

Antes de tudo, cumpre retomar que Jesus não se considerou, para si mesmo, como absoluto. Como disse Schillebeeckx, Jesus não pregou a si mesmo: ele pregou o Reino, em sua proximidade e vinda⁴⁰³. Para Jesus, absoluto é o Reino, e não ele mesmo. A absolutização de Jesus em si mesmo, incorre no risco de encerrá-lo numa intimidade personalista, isolada da história e da escatologia, e por isso distante do Reino⁴⁰⁴. Reduzir Jesus de forma personalista e intimista é fazer o que Jesus não quis que fizéssemos, e qualquer forma de reducionismo de Jesus Cristo, da Trindade, da vida na Graça, da Virgem Maria, ou da escatologia, ofusca e desvia da verdade sobre o que é central na vida cristã, ou seja, o Reino de Deus.

Jesus não falava de Deus, pois para ele o central não era simplesmente “Deus”. Ele falava do Reino de Deus e do Deus do Reino. A realidade última, escatológica, é a relação concreta de Deus com a história e com a plenitude da história no próprio Deus, e isso, segundo Schillebeeckx, exige uma metanóia, uma conversão de tudo e de todos para Deus e para quem e o quê interessa a Ele: o

⁴⁰¹ A propósito da centralidade da temática do Reino de Deus na Teologia da Libertação em contexto latino-americano, ver: SOBRINO, J., *Centralidad del Reino de Dios en la Teología de la Liberación. Mysterium Liberationis*. Madri/San Salvador, Trotta, 1991, p. 467-510.

⁴⁰² Cf. CASALDÁLIGA, P.; VIGIL, J. M., *Espiritualidade da Libertação*, p. 107-115.

⁴⁰³ SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 134; Cf. Id., *História humana: revelação de Deus*, p. 151.

⁴⁰⁴ Cf. CASALDÁLIGA, P.; VIGIL, J. M., *Op. Cit.*, p. 109.

interesse de Deus, e também de Jesus é o bem total e salvação das pessoas humanas já no mundo e, plena e eternamente, na glória definitiva⁴⁰⁵.

Na realidade eclesial da América Latina, a teologia nunca se centra “só em Deus” ou num “Deus somente”, nem sequer em “Deus só”. “Aqui o *solus Deus*, ou o “só Deus basta” ficam-nos necessariamente reformulados a partir do absoluto do Reino”⁴⁰⁶. No tocante à práxis cültica e orante, já não basta mais o nome de Deus na invocação. É necessário saber qual “deus” está por trás do nome invocado: Moloc, Mamon, Júpiter, ou o “Abbá”, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, pois, para ser cristão, discípulo de Jesus Cristo, não basta a simples ou freqüente referência ao nome de Deus.

O absoluto para Jesus também não foi a Igreja. Na América Latina, o “eclesiocentrismo” é logo detectado como uma sutil heresia, introduzida na história da fé cristã, tanto no passado como no presente. Também para Jesus não é absoluto o “reino dos céus”, “céus” aqui entendidos como algo distante da história e possível somente no outro mundo⁴⁰⁷. Jesus não faz do “céu”, em sua versão transcendentalista, o centro de sua vida e mensagem, nem inculca em seus discípulos a obsessão pela “própria salvação eterna”, sem compromisso com as responsabilidades fraternas e urgentes, já na história neste mundo.

Por todas estas razões, uma escatologia transcendentalista, que arranca o discípulo de Cristo dos compromissos com seus irmãos, com o meio ambiente e com o cosmos, e o arremessa aos céus que estão além da terra e da história dos que aqui vivem e sofrem, como também um discurso escatológico amedrontador e imaturo, que se interesse por fatos apocalípticos ou milenaristas, obcecado pela “volta de Jesus” e não pela “parousia” do Reino, esta escatologia nada tem a ver com a escatologia do Concílio Vaticano II, que é a base da escatologia de Schillebeeckx, e conteúdo de nossa convicção de fé e de pesquisa teológica. A escatologia que propomos e queremos enriquecer ainda mais é a Escatologia da práxis libertadora e vivificante, que manifesta a antecipação do Reino de Deus, ao mesmo tempo em que fortalece a esperança dos discípulos de Cristo e os compromete com sua realidade, à luz da práxis de vida e do seguimento de Jesus. Uma Escatologia que tem tudo a ver com Cristologia e Eclesiologia e encontra na

⁴⁰⁵ Cf. SCHILLEBEECKX, E., História humana: revelação de Deus, p. 151.

⁴⁰⁶ CASALDÁLIGA, P.; VIGIL, J. M., Espiritualidade da Libertação, p. 109.

⁴⁰⁷ A expressão “Reino dos céus” no Evangelho de Mateus é um circunlóquio sinônimo do “Reino de Deus”. Cf. Ibid., p. 110.

prática pastoral sua realização de anúncio e testemunho, já nos dias em que se vive, enquanto espera a vinda gloriosa do Senhor no fim dos tempos⁴⁰⁸.

Somente desenvolvendo sempre mais a Escatologia integral e integradora, que leve os crentes ao compromisso com o Reino de Deus e com o Deus do Reino, em Jesus Cristo e no empenho eclesial, é que poderemos ir purificando a Escatologia dos excessos conceituais e fantasiosos que causam desequilíbrios nas pessoas e as desviam da verdade e dos urgentes compromissos batismais capazes de tudo melhorar em sua comunidade eclesial e na sociedade.

Afinal, o que foi realmente absoluto para Jesus? Não houve nada mais urgente e absoluto para Jesus do que o “Reino de Deus”. Ele o colocou ao centro da oração que ensinou aos discípulos: “Venha o teu Reino” (Mt 6,10). O Reino de Deus foi a única e onicompreensiva causa de obstinação de Jesus⁴⁰⁹. A respeito deste conceito, concordam Schillebeeckx, Carlos Mesters, José Maria Vigil e Leonardo Boff. Schillebeeckx se refere a uma “imediatez mediada com Deus”, e da “causa da humanidade” como “causa de Deus” assumida por Jesus, porque Jesus foi o primeiro “guia” da humanidade renovada, por ter vivido antecipadamente a praxe do Reino de Deus e porque essa praxe foi confirmada por Deus⁴¹⁰.

A práxis do Reino de Deus transforma o velho mundo em mundo renovado, e coloca no mundo uma nova ordem: a ordem da novidade, do “novo céu e da nova terra”. O Reino é o destino de toda pessoa humana, utopia de todos os povos e a proposta de Deus à humanidade na carne servidora, crucificada e gloriosa de Jesus: uma realidade jamais em participio, mas sempre em gerúndio, pois faz parte constitutiva da esperança escatológica que já se antecipa na história do mundo.

Entretanto, Schillebeeckx afirma categoricamente que “nenhum evento histórico é acontecimento escatológico final. Como também nenhum ‘fiasco’ pode

⁴⁰⁸ Ao final da narração da consagração do pão e do vinho, no centro da Oração Eucarística, o Sacerdote proclama: “Eis o mistério da fé!”, e a assembleia litúrgica responde com esperança: “Todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice, anunciamos, Senhor a vossa morte, enquanto esperamos vossa vinda!”. Cf. MISSAL ROMANO. Oração Eucarística III.

⁴⁰⁹ “Reino de Deus” é a expressão que comparece 122 vezes nos evangelhos, das quais 90 vezes na boca do próprio Jesus. Cf. CASALDÁLIGA, P.; VIGIL, J. M., *Espiritualidade da Libertação*, p. 111.

⁴¹⁰ Cf. SCHILLEBEECKX, E., *Il Cristo. La storia di una nuova prassi*, p. 962-965; cf. Id., *Jesus, a história de um vivente*, p. 675. Ver também: BOFF, L., *Jesus Cristo libertador*, p. 48 et. seq.

ser considerado falência definitiva”⁴¹¹, porque o que dá ao discípulo a força de empenhar-se continuamente pela humanidade e pelo mundo é o fato dele estar fundamentado religiosamente sobre Deus, que é sua causa *proto* e *escato*-lógica, como Jesus. Daí resulta que o olhar escatológico do discípulo que vive a antecipação escatológica do Reino é um olhar “sub specie Regni”, orientado pelas exigências do Reino, e o sentir com o coração de Jesus, deverá partir da paixão pelo Reino.

A práxis do Reino não somente antecipa o Reino. Ela é também identitária para o cristão. Sendo que a causa de Jesus consiste na justiça, na paz, fraternidade, reconciliação, proximidade de Deus, perdão, promoção da vida plena para todos... noutras palavras, no Reino, é necessário afirmar que, quando homens e mulheres de uma comunidade eclesial, independente da bandeira que defendem ou lugar que ocupem ou se encontrem, lutam por estas que são as causas do Reino, e, portanto, de Jesus, então estas pessoas estão sendo cristãs. Assim, o Reino une e reúne pessoas dentro de uma comunidade tipicamente eclesial, por força do Batismo nela recebido, e da fé em Jesus nela professada, mas também alcança pessoas que estão fora do ambiente propriamente cristão, exatamente por causa da práxis do Reino de Deus, que lhes confere, de certo modo, similitude com a identidade cristã. Karl Rahner intitulava estas pessoas de “cristãos anônimos”⁴¹², pois, sendo que Deus alcança com sua graça toda pessoa de forma antecipada e gratuita, dispondo-a sobrenaturalmente para a experiência de abertura para a transcendência, quem pratica os valores do Reino, de certo modo, participa da experiência da vida cristã, ainda que sem o saber. Por outro lado, há pessoas que afirmam serem seguidoras de Jesus, mas sua prática se opõe às causas do Reino, como o amor, a liberdade e a igualdade. Em definitiva, a relação que existe entre o que a pessoa diz e faz - e o nexos de tal práxis com as causas de Jesus e do Reino de Deus - é o critério para medir sua identidade cristã.

Apesar de tudo isso, percebe-se um desconhecimento acerca do tema da práxis do Reino de Deus em muitos ambientes eclesiais, também na América Latina. Há muitos cristãos que nunca ouviram falar do Reino de Deus em sua

⁴¹¹ SCHILLEBEECKX, Edwar. Il Cristo. La storia di una nuova prassi, p. 963. Tradução nossa.

⁴¹² A respeito da tese dos “cristãos anônimos”, ver: RAHNER, K., Osservazioni sul problema del “cristiano anonimo”. Nuovi Saggi V. Roma: Paoline, 1975; cf. TEIXEIRA, F., Karl Rahner e as religiões. Perspectiva Teológica. Belo Horizonte, v. 36, Jan./Abr-2004, p. 55-74; cf. HACKMANN, G. L. B.; DAL POZZO, E., Investigando o conceito de “cristianismo anônimo em K. Rahner”. Teocomunicação. Porto Alegre, v. 37, n. 157, set.2007, p. 369-395.

iniciação à vida cristã. Verifica-se também em ambientes acadêmicos eclesiais a atitude de relegar à condição de apêndice a temática do Reino de Deus, e pouco ou nada se ouve falar da práxis do Reino em alguns ambientes teológicos. Entretanto, uma Teologia que não refira ao Reino de Deus todos os seus temas, elementos, valores e virtudes, carece desta “conversão” ao Reino para ser uma teologia cristocêntrica e, efetivamente, cristã. Infere-se disso que a oração, a castidade, a penitência, a missão, a festa, o repouso, como também o nascer, lutar, sofrer e o morrer só encontram seu verdadeiro sentido e dimensão na medida em que são corretamente situados em relação ao Reino de Deus, tornando-se práxis cristãs que antecipam o Reino de Deus na história.

A vida humana e a história têm seu sentido se forem totalmente ordenadas à antecipação escatológica do Reino de Deus, pois esta foi sempre a utopia que Deus acariciou ao longo da história para a humanidade, e fez dela Sua causa, vinculando o destino da humanidade e do cosmos ao Seu Reino definitivo, porém já antecipado pelo próprio Filho, que o plantou como germen na história através da Igreja (cf. LG 5).

O Reino de Deus é uma vocação universal, implícita e percebida dentro de cada pessoa humana e de cada comunidade, e a práxis do Reino determina o destino dos seres humanos, permeando todas as culturas e religiões em seus mais profundos valores, mesmo que seus membros dêem a esta utopia um outro nome. “Na medida em que a pessoa, a comunidade ou um povo corresponde a esse chamado, está tornando presente o Reino de Deus, está cumprindo a vontade de Deus, está enchendo sua vida de sentido”⁴¹³, mesmo que disso não tenha total consciência.

O fato de os cristãos terem a graça do acesso ao Reino de Deus, pela revelação feita por Jesus Cristo, não os faz melhores que os demais povos que intuíram o mesmo chamado à margem da Revelação. O Reino é graça, é dom divino, sem merecimento algum de nenhuma pessoa humana. Ter conhecimento do Reino, e ouvir o chamado a atuá-lo na história, só aumenta a responsabilidade do discípulo que ouve este chamado. O presente e o futuro, a alegria messiânica atual e o juízo futuro e final ficam vinculados à correspondência de quem ouviu a “voz” do Reino, que, como sempre, há de ser ouvida no grito do irmão e filho de

⁴¹³ CASALDÁLIGA, P.; VIGIL, J. M., *Espiritualidade da Libertação*, p. 113.

Deus, e correspondida com a práxis da verdade, do amor e da justiça misericordiosa.

Sendo histórico e trans-histórico, o Reino tem história, percorre caminho e precisa de operários. O Reino não é e nem cria outra história, nem outra realidade paralela à que existe. Aliás, as mediações históricas são mediações nas quais o Reino vai sendo decodificado. Para Schillebeeckx, “o amor de Deus passa através dos homens. É no meio dos homens e pela sua ação em prol dos homens que Jesus funda o Reino de Deus”⁴¹⁴. Como Jesus, seus discípulos também haverão de agir: “irão todos eles seguir o exemplo de Jesus, indo ao encontro dos homens, para manifestar a vinda do reino de Deus [...]; de maneira semelhante a Jesus, deve a Igreja assumir a condição do pobre, do estrangeiro e do migrante”⁴¹⁵. O Reino não é identificado *com* nenhuma realidade, mas identificado *em* realidades deste mundo e desta história, que se torna *locus* teológico-pastoral para a antecipação do Reino de Deus. Antecipado na história, o Reino a transforma em história da salvação, porque a Salvação é a realização, já parcialmente antecipada, do Reino de Deus. Seu acabamento supera e transcende os limites do tempo e da própria história. Como a plenitude do tempo foi o *kayrós* da Encarnação do Verbo no ventre de Maria (cf. Gl 4,4), a plenitude da história será a completa realização da vontade salvífica de Deus (cf. 1Tm 2,4), quando o próprio Deus for tudo em todos (cf. 1Cor 15,23-28).

Portanto, como dizia Paulo VI: “Só o Reino de Deus é absoluto e faz com que se torne relativo tudo o mais que não se identifica com ele”⁴¹⁶. Por isso, toda a nossa atividade e militância há de ser práxis do Reino, que significa viver e lutar pelas mesmas causas que levaram Jesus à missão e suas conseqüências em sua morte de cruz, mas também a experimentar o poder fiel do Pai, ao aprovar sua luta e confirmar a fidelidade do Filho, ressuscitando-o dentre os mortos. Assim, nossa causa, razão e objetivo de vida é o Reino, absoluto em si, e que a si tudo subordina, ordena e relativiza. O Reino é o centro, e concentra em si a vida, a teologia e a escatologia. À luz da práxis do Reino, tudo se torna “reinocêntrico”.

⁴¹⁴ Schillebeeckx proferiu esta palestra na Universidade de Gant, Bélgica, em 25.03.1983. Pe. Gaspard Neerincx, de Osasco-SP a traduziu, resumiu e publicou na Revista Grande Sinal. SCHILLEBEECKX, E., Uma espiritualidade para o homem de hoje. Grande sinal. Revista de Espiritualidade. Petrópolis-RJ: Vozes, vol. 39, 1985, p. 15.

⁴¹⁵ Ibid., p. 16.

⁴¹⁶ PAULO VI, Papa., Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi, n. 8.

4.5 Práxis do Reino em tempos de práxis do anti-Reino

Antes de iniciar esta nossa proposição, consideremos que, tal como temos no vocabulário neotestamentário as expressões “Cristo” e “anti-Cristo”, podemos também aplicar aqui, analogamente, a tipologia “Reino” e “anti-Reino” na reflexão teológica e escatológica que queremos fazer sobre a reproposição da práxis do Reino de Deus. Trata-se não somente de uma definição semântica, mas de uma militância de ambos os lados: do Reino e do anti-Reino. Portanto, os discípulos de Cristo enfrentam um desafio de alcance, ao mesmo tempo, histórico e escatológico, pois há sujeitos, estruturas e mentalidades em conflito na atual realidade eclesial mundial, que requerem perspicácia, sabedoria e fé para compreender a gênese e conseqüências deste conflito, mas também possivelmente evitar seus danos e ulteriores desenvolvimentos.

As céleres mudanças ocorridas nos últimos 50 anos, em todos os setores da vida humana, particularmente na vida eclesial cristã, católica, não-católica e também não-cristã, reconfiguraram a história com novos desafios para os discípulos de Cristo, na Igreja e fora dela. Processos históricos antigos, mas atualmente repaginados, tornam ainda mais urgente a reproposição da práxis de Jesus Cristo, pois a humanidade está vivendo realidades cada vez mais contrárias ao Reino de Deus.

Trata-se de requintados cenários contraditórios, divulgados *on line*, e sustentados por fortes sistemas ideológicos, que cativam seus usuários, e desnorteiam a todos com binômios do tipo: repressão e liberdade, fome e desperdício, desenvolvimento tecnológico e empobrecimento populacional, esforços pela paz e conflitos internacionais; defesa ecológica e desastres ambientais com causas antrópicas; teologias da prosperidade oferecidas em igrejas, em contraste com o eufórico trânsito de fiéis à procura das vantagens que cada igreja oferece; além destes e de tantos outros binômios, por fim, a busca de promoção da verdade, da transparência e da cidadania, frente a esquemas mentirosos, governantes identificados como “fichas-sujas”, e a sistemática indignidade em que jazem, mortos-vivos, tantos seres humanos.

Mas a lista dos insanos binômios se estende bem mais além, alcançando o campo da fé, da moral e da esperança. E aqui a nossa reflexão mergulha mais

profundamente na escatológica temática da práxis do Reino, sobretudo quando se tornam bombasticamente conhecidos os escândalos financeiros e morais, e dos diversos tipos de abusos, praticados por homens e mulheres que foram colocados à frente dos fiéis, na Igreja, para conduzi-los ao Reino de Deus⁴¹⁷. São situações dolorosas e delicadas para toda a humanidade, que solicitam dos discípulos de Cristo uma conversão, moral e pastoral, um retorno à fidelidade ao Jesus dos Evangelhos, e, portanto, uma conversão ao Reino de Deus, em suma, uma profunda e ampla *metanóia*, que a partir de dentro, e do encontro com Jesus Cristo, informe a consciência e a conduta, a alma e o corpo, a crença, a prédica e a prática, gerando uma performance práxica que fascine e ecoe por toda a terra, para atrair a todos para a vida plena que o Reino de Deus traz.

A propósito de tal urgência, Schillebeeckx dizia que:

O que confere autoridade à pregação não é mais estudo ou poder jurídico, mas a fidelidade à prática de Jesus. Verdadeiro cristão é aquele que se preocupa com as situações difíceis e problemas humanos, como fez Jesus (imitação da ‘práxis’ de Jesus). Isto pode eliminar então um certo número de posições antagônicas, como, por exemplo, entre interioridade e mundo, clero e leigo, pregação evangélica e instituição eclesial (embora sempre permaneça válida a distinção entre tais realidades). Afinal, trata-se no cristianismo da humanização do mundo. Deus se fez homem, para que o mundo todo se tornasse mais humano.⁴¹⁸

Neste texto, Schillebeeckx nos remete ao compromisso eclesial com as grandes problemáticas que a realidade impõe a cada dia aos discípulos de Cristo no mundo inteiro. Uma sensibilidade que precisa ser adquirida e assimilada com perseverança por cada um, e de modo organizado, pois se articula em paralelo também uma sistemática analgesia das consciências sobre os problemas humanos, resultante da ação práxica do anti-Reino. Tal anestesiamento de consciência despersonaliza as pessoas, que fogem da realidade e se refugiam em religiões ou experiências religiosas sem alma, caracterizadas pelo desprezo para com o corpo e

⁴¹⁷ A propósito de escândalos causados por abusos sexuais e de outros tipos, cometidos contra menores por bispos, clérigos, religiosos e religiosas na Igreja Católica, o Papa Francisco convocou a um encontro no Vaticano, de 21 a 24 de Fevereiro de 2019 todos os presidentes de Conferências Episcopais e chefes de Igrejas Orientais, superiores gerais de Institutos Religiosos, membros da Cúria Romana e do Conselho de Cardeais para estabelecer diretrizes a fim de erradicar os abusos cometidos contra menores na Igreja, com o objetivo de ouvir, tutelar, proteger e tratar os menores abusados, explorados e esquecidos, onde quer que estejam. Cf. CARMO, O., Vaticano: “Chegou a hora” de erradicar os abusos sexuais, diz o Papa. Disponível em: <https://agencia.ecclesia.pt/portal/vaticano-chegou-a-hora-de-erradicar-os-abusos-sexuais-diz-o-papa/>. Acesso em: 27 abr. 2019.

⁴¹⁸ SCHILLEBEECKX, E., Uma espiritualidade para o homem de hoje. Grande sinal. Revista de Espiritualidade. Petrópolis-RJ: Vozes, vol. 39, 1985, p. 16.

com as condições dignas de vida plena para todos; tais pessoas são facilmente cooptadas por ideologias anti-humanas; além disso, encontra-se bem organizada uma legião de atores da violência, do ódio e da morte das pessoas, e do desfrute irresponsável do meio ambiente. Tudo isso, solicita uma reação de quem aderiu ao Reino pelo Batismo, e por ele foi configurado a Jesus Cristo.

Não queremos aqui escandir problemáticas, nem tecer comentários morais acerca de seu enfrentamento, do ponto de vista técnico-jurídico, ou das responsabilidades de cada sujeito, inclusive os sujeitos da hierarquia eclesial e de cada pessoa humana implicada. Tal abordagem já é feita com fartura pelos poderosos meios de comunicação de amplo acesso que temos. Queremos, outrossim, manter nosso foco no caráter escatológico que a práxis do Reino promove na vida eclesial, dentro do contexto conflitivo em que todos vivem.

Então, diante do exigente panorama, acima descrito, o discípulo de Cristo vem auxiliado continuamente pelo Espírito Santo, que é o Espírito do Reino. Ele é o movente do discípulo. Como em Pentecostes, é Ele quem dá ao discípulo a ousadia e a bravura (“parresia”), a ternura e a firmeza para enfrentar tais problemáticas. Entretanto, o discípulo não atua sozinho. Há que fortalecer sempre mais sua adesão à comunidade eclesial organizada, e nela desempenhar o papel do sal e da luz, saboreando a riqueza nela contida, comunicando o sabor e a sabedoria nela adquiridos, iluminado pela Palavra, e iluminando pessoas com a luz nela recebida. Sendo mistério e germen do Reino (cf. LG 5), a Comunidade eclesial é base de propulsão para o discípulo repropor a práxis do Reino de Deus.

Neste sentido, o Papa Francisco tem feito à humanidade relevantes apelos à práxis do Reino. Ele nos convida à comunhão eclesial, em permanente estado de conversão pastoral, saindo continuamente às periferias, onde serão encontradas pessoas em triste estado de abandono, desespero e morte. Será lá que a Igreja dos discípulos atualizará a práxis do seu Senhor, que antecipará escatologicamente o Reino de Deus em meio ao risco que correm diante da ferocidade dos sistemas de anti-Reino. Pois, segundo Schillebeeckx, é este o ponto de vista do Concílio Vaticano II, “a Igreja não é um fim em si, não se identifica com um clero ou uma seita. [...] Ela não é um refúgio para os tímidos, mas um lugar de animação e

promoção, de esperança e libertação⁴¹⁹. O Deus escondido, mas ao mesmo tempo presente nos acontecimentos, já tendo se manifestado em Jesus, continuará se manifestando no mundo através da práxis dos discípulos dele, e a mediação desta manifestação é a Igreja. Mediante a práxis de Jesus Cristo em suas vidas, os discípulos se tornam, pessoal e eclesialmente, epifania do Reino antecipado no mundo.

A luta por salvação, dignidade e vida plena não obtém seus resultados imediatamente. É processo histórico, que se inicia já no tempo histórico, e se dirige ao infinito, transformando e melhorando a história, humanizando as pessoas e o mundo, permeando todos os ambientes e imprimindo em tudo a marca do Reino de Deus. A propósito deste movimento trans-histórico, Schillebeeckx nos recorda que a práxis do Reino na vida dos discípulos de Cristo, manifesta-se numa linguagem simbólica. Tal linguagem, ao mesmo tempo em que antecipa os sinais da presença do Reino no mundo, aponta também para o seu acabamento definitivo. Em Escatologia, a práxis de Jesus na vida cristã tem um endereço escatológico definido e definitivo, manifestado por uma linguagem simbólico-escatológica, que orienta toda a práxis do Reino na vida dos discípulos de Cristo, e se manifesta em três figuras simbólicas, de gênero escatológico, que indicam o sentido da salvação final e da libertação definitiva, construída e esperada pela humanidade:

1. *Reino de Deus*: é a promessa de uma união fraterna, extinguindo-se para sempre a relação senhor-servo. Não mais haverá opressor e oprimido, nem luto nem choro. Essa fraternidade universal tem o sólido e único fundamento em Deus. Sem Deus, é impossível.
2. *A ressurreição da carne*: aqui temos a promessa de salvação e felicidade eterna, a felicidade plena para o indivíduo (psicossocial), que vai também perdurar além da morte, justamente porque essa promessa se enraíza na vida em comunhão com Deus.
3. *Novo céu e nova terra*: é a realização plena de toda a vida humana. Nossa profunda diferença quanto aos ateus reside nisto: reconhecemos em Deus o supremo autor de nossa salvação⁴²⁰.

Nestas três metáforas Schillebeeckx delinea a realização escatológica da humanidade em três dimensões, historicamente distintas e teologicamente

⁴¹⁹ SCHILLEBEECKX, E., Uma espiritualidade para o homem de hoje. Grande sinal. Revista de Espiritualidade. Petrópolis-RJ: Vozes, vol. 39, 1985, p. 17.

⁴²⁰ Ibid., p. 18. Grifo do autor.

harmônicas: a dimensão escatológica (pela antecipação do Reino), a soteriológica (pela salvação eterna), e a histórico-transcendental (pela vida plena para todos).

No tocante à *dimensão escatológica* da primeira metáfora (antecipação do Reino), percebemos no contexto latino-americano que o Reino de Deus, antecipado na vida presente, é promessa e missão; ou seja, aqui e agora, hoje e futuramente, a esperança do Reino realizado anima e desperta o discípulo de Cristo para o empenho e a luta pelo bem, a justiça, o amor e o perdão, a verdade e a solidariedade com quem está sofrendo, pois a vida grita mais alto, e urge mover-se para salvar as pessoas e lhes garantir dignas condições para viver.

Enquanto escrevemos os textos desta pesquisa, o Brasil e o mundo estão chocados e comovidos pela segunda tragédia, causada pelo mesmo motivo, sofrida pelo povo de Minas Gerais, desta vez ocorrida no povoado de Brumadinho-MG (a primeira ocorreu a 5 de novembro de 2015 quando se rompeu outra barragem em Mariana-MG⁴²¹). No início da tarde de 25 de janeiro de 2019, rompeu-se a barragem da mineradora Vale, construída nas colinas em torno do Córrego do Feijão. A água e os rejeitos de minério de ferro, nela represados, arrastaram tudo e todos, destruindo casas, matando pessoas, soterrando sob a lama tudo o que se encontrava em seu caminho. Até o momento, foram confirmadas 157 pessoas mortas e 165 desaparecidas, provavelmente sepultadas sob lama e entulhos, no maior acidente de trabalho da história brasileira. Com efeito, não se trata somente de um acidente, mas de um crime ambiental e homicídio de proporções imensuráveis, resultantes da ambição pelo dinheiro que empresas multinacionais extraem em seus negócios em todo o Brasil.

Mas, diante dos prejuízos causados pela práxis do anti-Reino, com a idolatria do capital, o Espírito move os discípulos da práxis do Reino. Em meio à grande consternação, equipes de resgate do Estado de Israel desembarcaram no Brasil para se aventurar na busca de corpos e possíveis sobreviventes. Quase todos da equipe são judeus. Ao mesmo tempo, grande número de iniciativas de pessoas de todas as religiões, e entidades sociais e não governamentais, organizam iniciativas de apoio às equipes de resgate e de assistência aos desabrigados e

⁴²¹ Há 3 anos, rompimento de barragem de Mariana causou maior desastre ambiental do país e matou 19 pessoas. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/01/25/ha-3-anos-rompimento-de-barragem-de-mariana-causou-maior-desastre-ambiental-do-pais-e-matou-19-pessoas.ghtml>. Acesso em: 27 abr. 2019.

familiares dos falecidos e desaparecidos. A Arquidiocese de Belo Horizonte e a CNBB moveram campanhas de ajuda solidária aos atingidos pela tragédia.

Moltmann dizia que “em Cristo, a *promissio* do Reino de Deus sustenta a *missio* do amor no mundo”⁴²². A sensibilidade humana do discípulo de Cristo se apressa em socorrer o outro na dor. Na práxis do Reino, a dor também irmana e humaniza as relações entre as pessoas. Daí segue que a humanização e fraternidade entre todos são sinais da antecipação escatológica do Reino de Deus. Na Igreja na América Latina, constata-se uma comum tendência à solidariedade humana, especialmente com os mais sofredores; à medida que a dor aumenta, mais intensa e criativa se manifesta tal tendência solidária⁴²³.

Quanto à *dimensão soteriológica* da segunda metáfora (salvação eterna), é na ressurreição total da pessoa que se espera tomar posse da realização de salvação e felicidade eterna que há de vir, garantida por Cristo aos que viveram como ele viveu, isto é, a serviço da vida dos outros. A práxis do Reino comporta a esperança da ressurreição, para esta vida e para além da morte. Com notável maestria, Schillebeeckx sintetizou o significado soteriológico da ressurreição de Jesus em três aspectos, teologicamente essenciais, quais sejam: a) ressuscitando Jesus, Deus o legitima e o aprova em sua pessoa, mensagem e práxis de vida, a serviço de todos até à morte; b) sua ressurreição é a exaltação da nova criação, como correção da negatividade da morte e da história do sofrimento humano, na qual Jesus tomou parte, e a confirmação de que existe vida após a morte; c) a ressurreição é ao mesmo tempo missão do Espírito e fundação da Igreja, ou seja, renovada comunhão de vida entre Jesus Cristo, pessoalmente vivo, e os seus discípulos na terra. Tais experiências são possíveis para o discípulo do Reino somente em ambiente de fé e de modo coletivo, eclesial, e nunca fora de tais experiências⁴²⁴.

Por fim, no tocante à *dimensão histórico-transcendental*, presente na terceira metáfora (vida plena para todos), a práxis do Reino fundamenta a esperança de uma realidade totalmente renovada, a ser construída, em alcance cósmico e ecológico. Como Jesus, os discípulos do Reino de Deus, passarão neste

⁴²² MOLTMAN, J., Teologia da Esperança, p. 282 apud KUZMA, C. A., O futuro de Deus na missão da Esperança. Uma aproximação escatológica, p. 123.

⁴²³ Cf. CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, A evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla, n. 452.

⁴²⁴ Cf. SCHILLEBEECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 654-655.

mundo fazendo o bem, porque Deus está com eles (cf. At 10,38), e eles permanecerão em plena comunhão com o Deus do Reino. Aquela realidade protológica da vida sem males, do Jardim feito e contemplado por Deus, onde tudo era muito bom (cf. Gn 1,31), há de ser reconquistada, como obra do próprio Deus nos discípulos de Jesus. Ao contrário do velho Adão, que arruinou com o pecado o mundo bom, e foi expulso do céu, o Novo Adão renova em si todas as coisas (cf. Ap 21,5), no céu e na terra, e devolve à humanidade desesperada a esperança que não decepciona (cf. Rm 5,5). A práxis do Reino, reproposta como desafio e missão diante de todas as forças promotoras da morte, é prelúdio da renovação universal que já experimentamos na história, enquanto aguardamos a chegada da plenitude do Reino, na *parousia* de Cristo. Como Cristo é o Profeta escatológico do Pai para a humanidade, na celebração da memória e no exercício da missão, os discípulos do Reino são os profetas escatológicos da práxis renovadora do céu e da terra.

4.6 Por uma Escatologia integral

A Teologia é “uma reflexão crítica ‘na’ e ‘sobre’ a práxis histórica, à luz da fé”⁴²⁵. Sendo que a fé é um dado eclesial, a teologia, enquanto sua inteligência reflexa, só pode ser também eclesial. A comunidade eclesial é, ao mesmo tempo, o laboratório e o lugar da teologia. No fazer teológico na América Latina, o teólogo se situa primeiramente a partir do lugar dos pobres, lá onde é feita a experiência comunitária da fé (momento primeiro), para daí elaborar a teologia como sua inteligência reflexa (momento segundo). A experiência da fé da comunidade eclesial precede a teologia. O “momento segundo” está a serviço do “momento primeiro”⁴²⁶.

Ao aprofundar o sentido escatológico da práxis do Reino, queremos propor esta práxis como um conceito estruturante e de integração das diversas temáticas escatológicas, à luz do que Schillebeeckx nos indica em sua escatologia. Sendo que já nos referimos anteriormente à categoria schillebeeckxiana de “experiência de fé”, desenvolveremos aqui uma reflexão de convergência entre os conceitos da

⁴²⁵ BRIGHENTI, A., Itinerário de uma ousadia que continua fazendo caminho. Prefácio. In: MULLER, G. L.; GUTIÉRREZ, G., Ao lado dos pobres. Teologia da Libertação, p. 14.

⁴²⁶ Cf. Ibid., p. 14-15.

literatura eclesial latino-americana, da teologia da libertação, do pontificado do Papa Francisco e das reflexões de Schillebeeckx sobre a práxis do Reino como conceito de integração para a escatologia.

O conceito de escatologia integral, que aqui adotamos, encontra sua inspiração na semântica do atual pontificado. Em sua Encíclica *Laudato Si*, sobre o cuidado da casa comum⁴²⁷, o Papa Francisco propõe uma “ecologia integral”, convidando a humanidade para a condizância de responsabilidades que cada um pode e deve assumir na preservação e cuidados com o meio ambiente, pois a vida do reino de Deus não será somente de natureza meramente espiritual. Ela reveste um aspecto cósmico. E, para isso, Schillebeeckx defende a necessidade de uma virtude ou serviço de solidariedade com todo o criado, como se encontra no mais profundo da tradição judaico-cristã⁴²⁸.

Ao propor uma escatologia integral, queremos fixar nosso olhar na urgência da práxis, e contribuir para que na escatologia não falte a tratativa de temáticas clássicas, que empenham os teólogos na reflexão bíblico-teológica sobre os novíssimos e temáticas correlatas, tais como a morte, ressurreição, vida eterna, juízo, purgatório, céu e inferno⁴²⁹, perfazendo a escatologia da pessoa; mas, ao mesmo tempo, também não falte uma preocupação igualmente prioritária por uma reflexão que se projete sobre o significado escatológico que o Reino de Deus dá a toda a história, em sua coligação com a salvação da humanidade, em seu passado, presente e futuro, histórico e trans-histórico. Assim, a práxis do Reino de Deus poderá articular todo o itinerário temático, pois considera o Reino como ponto de partida e de convergência de toda a escatologia.

Com uma escatologia integral, poderemos deslocar da incômoda situação de epílogo em que se encontra o tratado no corpo da Teologia Sistemática, a fim de assumi-lo como um verdadeiro compêndio teológico, pois a Escatologia

⁴²⁷ Cf. FRANCISCO, Papa., Carta Encíclica *Laudato Si*. Sobre o cuidado da casa comum. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_encyclica-laudato-si.html. Acesso em: 04 fev. 2019.

⁴²⁸ Schillebeeckx dedica o último capítulo da terceira obra de sua trilogia à reflexão da práxis da Igreja em relação à salvação do meio ambiente conseguida pelo cuidado da humanidade sobre todos os seres vivos e biomas, na corresponsabilidade social, política e científica. No cerne da reflexão está o aspecto cósmico do Reino de Deus. Cf. SCHILLEBEECKX, E., *História humana: revelação de Deus*, p. 293-312.

⁴²⁹ Exemplos de obras dedicadas à escatologia da pessoa, ver: RATZINGER, J./BENEDETTO XVI, *Escatologia: morte e vida eterna*. Edizione rinnovata e ampliata a cura di Sergio Ubbiali. Assisi: Cittadella Editrice. 4ª ristampa, novembro 2017; BLANC, R. J., *Escatologia da Pessoa – Vida, morte e ressurreição (Escatologia I)*. São Paulo: Paulus, 2000.

condensa e amplia as razões da fé no tocante às temáticas que vão desde a criação à redenção, e daí à glorificação de tudo e de todos. Neste percurso, a história não se constitui num tempo ou lugar de aventuras, sorte, azar ou fatalidades, mas é *locus salutis*, ou seja, ambiente no qual todos os acontecimentos são considerados como manifestação, a nível de fé, da práxis salvadora de Deus Pai, que ama a humanidade e, por isso, através de Jesus Cristo, assumiu a humanidade como sua causa. Na história, a Igreja é mãe e serva, e nela exerce sua maternidade, através da via sacramental, porque gera pelo Batismo os novos filhos de Deus, mas também exerce sua *diakonia*, sendo para o povo sentinela da esperança, sobretudo em ocasiões de grandes dificuldades, sustentando em cada ser humano a corajosa e organizada luta pela vida em plenitude, que Deus quer para todos.

Portanto, fazem parte da Escatologia todas as temáticas relativas à vida, desde o desígnio de eleição, que no princípio Deus teve para com cada pessoa, passando pela realização temporal, parcial e histórica deste projeto, até chegar ao seu acabamento glorioso no Reino definitivo. Por isso, a práxis do Reino, como luta pelo triunfo da vida, da glória de Deus já presente na vida digna para a humanidade⁴³⁰, funciona como um eixo integrador de todo o interesse de Jesus e de sua Igreja, pois é o Reino de Deus que ocupa o primeiro lugar da busca do Espírito do Filho e de sua Esposa, a Igreja (cf. Ap 22,17-20). E isso não se reduz ao campo eclesial. A respeito disso, Schillebeeckx diz que:

Onde quer que os homens (por motivos religiosos ou não), promovam o bem e combatam o mal e o sofrimento, através desta práxis de sua vida, confirmam a essência mesma de Deus. De fato, segundo a interpretação de fé, Deus é a fonte e o inspirador de todo bem, ao mesmo tempo em que também é a origem de toda resistência contra as diversas formas de mal. Onde se realiza o bem a favor do homem – seja no plano intersubjetivo, como no plano sociopolítico – o homem que crê vê realizar-se, por meio dos homens e do mundo, a salvação-que-vem-de-Deus⁴³¹.

Portanto, verifica-se na ação de homens e mulheres da Igreja na América Latina um sabor todo especial de salvação, encontrado numa espécie de “cardápio escatológico”, cujos alimentos nutrem a esperança daqueles que confiam no Senhor, e a Ele servem com uma vida vivida em solidária comunhão com seus irmãos e irmãs mais pobres e sofredores. Dentre estes alimentos, merece destaque

⁴³⁰ Cf. SCHILLBEECKX, E., *Il Cristo. La storia di una nuova prassi*, p. 932ss. Tradução nossa.

⁴³¹ *Ibid.*, p. 933. Tradução nossa.

a evangélica *opção preferencial pelos pobres*, assumida pela Igreja na América Latina, desde a Conferência de Medellín (com acento na *libertação*), e retomada pelas demais Conferências de Puebla (pondo em relevo a *comunhão e participação*), Santo Domingo (destacando a *inculturação da fé*) e Aparecida (sob o signo da *missão*).

Mas a práxis do Reino, capaz de integrar a escatologia na América Latina, e em todo o mundo, também é alimentada pela maneira simples e despojada de viver, assumida voluntária e conscienciosamente pelos discípulos do Reino, como, por exemplo, o conhecido “pacto das catacumbas”⁴³², assumido por alguns bispos durante o Concílio Vaticano II. E ainda mais: pela firme procura da verdade e da justiça, a destemida luta contra toda opressão, e a promoção do bem em iniciativas das mais simples, como um “soro caseiro”⁴³³, proposto pela Pastoral da Criança, até o arrojado empenho político pelo combate à corrupção em todas as instâncias do governo, como foi o movimento pela aprovação da lei da “ficha limpa”⁴³⁴. Estas e tantas outras maneiras práticas de pró-ativa esperança, exercidas nas Comunidades eclesiais latino-americanas, fazem da *práxis do Reino* uma tipologia escatológica ao mesmo tempo profética e fascinante.

Como Jesus é o “exegeta” e o “prático” de Deus, cujo agir corresponde ao Reino de Deus⁴³⁵, também os operários da práxis do Reino na América Latina procuram interpretar os sinais dos tempos, à luz da Palavra de Deus, orar os acontecimentos da vida, suportar os sofrimentos, confiantes no Pai de Jesus Cristo, que é “Pai nosso”, cujo Reino vindouro é suplicado e esperado, e

⁴³² Sobre esta iniciativa assumida por um grupo de Bispos durante o Concílio Vaticano II, ver: BEOZZO, J. O., Pacto das catacumbas: por uma igreja servidora e pobre. São Paulo: Paulinas, 2015.

⁴³³ No Brasil, para combater a desnutrição, a fome e a desidratação, principais causas de mortes infantis, a Pastoral da Criança adotou o uso do soro caseiro e dos sais de reidratação oral. O soro caseiro é feito com água, sal e açúcar. As líderes da Pastoral da Criança fazem e ensinam as mães a fazerem o soro e darem à criança desidratada, observando os sinais de sua melhora. Cf. O SORO CASEIRO NA PASTORAL DA CRIANÇA. Soro caseiro. Disponível em: <https://www.pastoraldacrianca.org.br/soro-caseiro>. Acesso em: 09 fev. 2019.

⁴³⁴ A Lei Complementar nº 135, de 2010, conhecida como “Lei da Ficha Limpa”, alterou a Lei Complementar nº 64, de 1990, atendendo ao disposto no art. 14, § 9º, da Constituição Federal, que autoriza o legislador infraconstitucional a estabelecer novas hipóteses de inelegibilidade, visando proteger a probidade administrativa e a moralidade para exercício de mandato, considerada a vida pregressa do candidato, condenando o candidato a afastar-se da disputa eleitoral. Cf. LADEIRA, B. M. do N., Compreendendo a Lei da Ficha Limpa. Tribunal Superior Eleitoral. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/o-tse/escola-judiciaria-eleitoral/publicacoes/revistas-da-eje/artigos/revista-eletronica-eje-n-4-ano-5/digressoes-sobre-as-doacoes-de-campanha-oriundas-de-pessoas-juridicas>. Acesso em: 09 fev. 2019.

⁴³⁵ SCHILLBEECKX, E., Il Cristo. La storia di una nuova prassi, p. 934. Tradução nossa.

organizar-se para vencer diariamente as estruturas de pecado, e as forças do anti-Reino que produzem a morte. O método adotado nas Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), radicado na visão da realidade (ver), no juízo sobre esta realidade, iluminado pela Palavra de Deus (julgar), e as ações concretas que se organizam e são assumidas em vista da mudança da realidade (agir) motiva os discípulos de Cristo a atuar de forma orgânica e organizada, aspirando e esperando por ver os sinais da concretização do Reino de Deus onde ainda prevalecem os sinais do anti-Reino.

Trata-se também de uma escatologia sem ingenuidade ou ficção utópica. A esperança pró-ativa, que alimenta a luta pelos direitos dos pobres, sua emancipação, a consecução de recursos e estruturas favoráveis à moradia, alimento, trabalho, renda, educação, saúde, transporte, lazer, liberdade e respeito por suas tradições étnico-culturais e religiosas, bem como no cuidado com o meio ambiente, com a “mãe-Terra”, e o desejo de uma “terra sem males”, não configura ainda a total salvação que Jesus Cristo anunciou no Evangelho. Entretanto, embora transitórias, as pequenas conquistas e realizações concorrem para a identificação do discípulo do Reino com Jesus Cristo. Diz Schillebeeckx, que Jesus:

Conheceu uma antecipação prática da salvação não ainda definitiva na sua práxis concreta do ‘fazer o bem’. Disso resulta assim confirmada a validade permanente de toda práxis incompleta – porque historicamente situada e limitada – devotada ao ‘fazer o bem’⁴³⁶.

Fazer o bem em ordem à salvação e à felicidade comunitária, e tornar-se benfeitor da sociedade e da humanidade, eis o agir ético, a “soteriopraxis”⁴³⁷ do sujeito integrador da escatologia, que é também o profeta escatológico que a história necessita. Sem nenhuma presunção, nem pretensão megalomaniaca, o discípulo do Reino sabe o seu tamanho e seu lugar no conjunto da obra do Reino de Deus, e tem consciência de ser apenas um cooperador, a serviço do Mestre, o Filho do Deus do Reino. Sabe valorizar o bem que Deus lhe permite fazer, e valoriza o bem que os outros fazem conjuntamente. A práxis do Reino de Deus

⁴³⁶ SCHILLBEECKX, E., *Il Cristo. La storia di una nuova prassi*, p. 934. Tradução nossa.

⁴³⁷ Termo usado por Ludwig Muller em sua obra conjunta com Gutiérrez. Cf. MULLER, G. L.; GUTIÉRREZ, G. *Ao lado dos pobres. Teologia da Libertação*, p. 40.

converte o discípulo de Cristo em um ser de comunhão, levando-o a sair da “cultura de autorreferencialidade” e a passar para a “cultura dos encontros”⁴³⁸.

Se a experiência da fé nas comunidades eclesiais, feridas pela injustiça e exclusão, leva o teólogo ao “pensar teológico”, e a tornar a teologia uma profecia social, também o teólogo, com a práxis do Reino se torna um agente social, pois o ambiente das responsabilidades sociais se torna lugar da epifania do Reino, mediante a surpreendente ação da Graça divina e a decisiva correspondência das pessoas humanas comprometidas com o bem e a vida plena para todos. Com a práxis do Reino, a sociedade deixa de ser demonizada, como pretendem os pietistas e sacralizadores de toda realidade profana, para se tornar ambiente de sadia esperança e corresponsabilidade, de “comensalidade” e amizade salvífica entre Deus e seu Povo.

4.7 Reflexões conclusivas

Que futuro terá a práxis do Reino de Deus? Quais critérios ela precisa ter para se tornar um agir ético constante, cultural e eclesial dos que creem em Cristo e daqueles que dele se aproximam mediante a busca do bem e da vida plena para todos? Quais as conseqüências da práxis do Reino de Deus para a Igreja hoje, num mundo marcado pela cultura do desprezo por Deus e pela humanidade? Quais contribuições a práxis do Reino de Deus, como antecipação escatológica, poderá oferecer à Escatologia?

Para finalizar nossa reflexão, nesta pesquisa, queremos emitir algumas perspectivas referentes à práxis do Reino de Deus, como antecipação escatológica, com seus possíveis alcances na vida da Igreja e da sociedade global. Trata-se tão somente de “futurizar”, ou seja, adequar-se para viver no presente as realidades esperadas para o futuro e capacitar-se para sentir que, o que se espera, na verdade, já se antecipa, embora parcialmente, mas que ao mesmo tempo exige de cada discípulo de Cristo, e da comunidade eclesial onde se vive o testemunho

⁴³⁸ Cf. CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. Alegrai-vos. Carta Circular do Cardeal João Braz de Aviz aos Consagrados e Consagradas do Magistério do Papa Francisco. Ano da Vida Consagrada, n. 5. Disponível em:

http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsrlife/documents/rc_con_ccsrlife_doc_20140202_rallegratevi-lettera-consacrati_po.html. Acesso em: 05 fev. 2019.

do Reino de Deus, uma postura definida por suas opções e fidelidade ao Evangelho.

Com os significados já mencionados acima, compreendemos que o verbo “futurizar” seja muito oportuno, aliás, chave de leitura para compreender o que defendemos com esta tese. Em nossa tese, defendemos que a práxis histórica da pessoa e da comunidade eclesial, em vista do bem e salvação da humanidade, cujo pensar e agir são efetivados segundo o Reino de Deus, conforme a prédica e a práxis de Jesus Cristo, é capaz de antecipar escatologicamente o que o cristão espera do futuro Reino de Deus.

Portanto, a práxis do amor misericordioso, da justiça e da verdade - em todos os setores da vida pessoal e social - em vista da vida plena para a humanidade e para o universo, objetivada como causa de Deus, é a práxis libertadora com a qual os discípulos de Cristo hão de se tornar sempre mais partícipes da salvação do mundo, posta em ação e já realizada em sua totalidade na Páscoa de Cristo, mas com a missão de se estender ao longo da história até alcançar sua plenitude na eternidade gloriosa e definitiva. Neste sentido, a celebração eucarística, já é o Reino em potência sacramental, uma antecipação histórico-escatológica da realização de toda a esperança cristã.

Então, a seguir, partindo de algumas frases dos evangelhos, apresentamos as convicções colhidas ao longo desta pesquisa, que foram se sedimentando em nossa própria pregação e práxis do Reino de Deus, e que, ao invés de se encerrarem em si mesmas, ficam abertas para ulteriores e novas pesquisas, e apontam para um futuro definitivo e eterno, na plenitude do Reino de Deus. Por isso, cremos, pregamos e queremos praticar que é necessário:

- a) *Em primeiro lugar, buscar o Reino de Deus e a sua justiça (cf. Mt 6,33):*
O Reino de Deus, pregado e testemunhado por Jesus Cristo, é Deus mesmo agindo em nós, como motor e motivo de uma incessante busca do bem e das melhores condições de vida feliz e plena para todos: a esta busca damos o nome de Esperança cristã.
- b) *Venha a nós o Reino de Deus (cf. Mt 6,10):* Sendo a causa principal da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, o Reino de Deus é ação da Trindade que inspira em cada discípulo, consciente ou não disso, uma luta contra todas as forças do anti-Reino, atuantes em sua história, a fim

de responder com sua missão à vocação escatológica de antecipação do Reino de Deus no mundo, embora parcialmente, em vista de sua plenitude no futuro eterno.

- c) *Verdadeiramente, este homem era filho de Deus (Mc 15,39)*: A práxis do Reino de Deus terá como conseqüência o martírio. Assim como Jesus foi o mártir do Reino por ele pregado e testemunhado, igualmente os mártires de todos os tempos, mortos por ódio à fé e ao Reino, serão a eloqüência atualizada do Reino na história. Para ser reconhecido em sua antecipação escatológica, o Reino precisa de mártires.
- d) *O Espírito estabelecerá a culpabilidade do mundo (cf. Jo 16,8)*: A práxis do Reino de Deus resulta da luz dada pelo Espírito Santo que permite compreender as conseqüências da ruptura do amor entre a humanidade e seu Deus, e a necessária conversão para a salvação da pessoa e do mundo.
- e) *Eu venci o mundo (Jo 16,33)*: A práxis do Reino requer do discípulo a humilde coragem de acreditar em Jesus Cristo, pois a vitória do Cristo sobre o anti-Cristo, da vida sobre a morte, e do Reino sobre o anti-Reino já está definitivamente alcançada na Páscoa de Jesus Cristo.
- f) *Eu vos verei de novo e o vosso coração se alegrará (Jo 16,22)*: A práxis do Reino gera a alegria própria do Reino de Deus, que se antecipa nas lutas bem sucedidas, nas pequenas e grandes vitórias, no ânimo proveniente da perseverança dos que crêem e praticam o bem. Alegria é sinal escatológico do Reino de Deus.
- g) *A vida eterna consiste em que conheçam a ti, um só Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo que enviaste (Jo 17,3)*: A vida eterna é, ao mesmo tempo, plenitude do Reino, a realidade escatológica dos últimos tempos, mas é também uma realidade penúltima, que se antecipa em cada momento histórico presente em toda práxis amorosa e libertadora, à luz do conhecimento e do compromisso vivencial da pessoa no Pai e no Filho. Deste compromisso vital com o Reino, Maria, a mãe de Jesus, é a discípula cristificada e a mulher escatológica, na qual a Esperança da Igreja e do mundo já está antecipada e realizada.

Com estas convicções, cremos que a pesquisa sobre a práxis do Reino de Deus não se exaure aqui, mas continua aberta e dirigida a ulteriores progressos. E aquilo que até aqui expusemos nos estimula a continuar mais adiante a produzir a reflexibilidade da práxis do Reino de Deus, convencidos também de que a temática poderá iluminar outras pesquisas em Escatologia, enriquecendo mais ainda o tratado e incentivando os teólogos e pesquisadores a prosseguir na estrada aberta por teólogos como Edward Schillebeeckx, que tanto nos ajudou no caminho desta pesquisa, tematizando a práxis do Reino em sua literatura teológica.

5 Conclusão

Ao iniciar esta pesquisa, havíamos nos proposto a investigar uma problemática que solicita o crente a dar respostas às perguntas de aspecto escatológico que surgem da consideração do Reino de Deus. Pregado e testemunhado por Jesus em sua aproximação da humanidade, o Reino de Deus é uma temática que perpassa todos os tratados da Teologia e aponta sempre para uma concretização final na realidade pós-histórica. O problema em foco para nós era responder como o Reino de Deus pode ser antecipado historicamente, conservando a crença na sua realização total e definitiva no futuro eterno de Deus. A tratativa desta problemática sempre esbarrou em conflitos, tais como a dinamicidade e contradição dos processos históricos, a revelação salvífica de Deus em Jesus Cristo, e a tentação de se dar uma última palavra acerca do modo como o Reino se concretiza após a Páscoa de Jesus Cristo.

Para nos ajudar a refletir sobre este tema, escolhemos ler obras de Edward Schillebeeckx, teólogo dominicano que dirigiu sua pesquisa teológica, inicialmente, à Teologia dos Sacramentos, partindo de Jesus como Sacramento do encontro entre Deus e a Humanidade, mas num segundo momento de sua trajetória teológica, Schillebeeckx legou à Igreja e a todos os que se interessem da Teologia uma linha de investigação cristológica e eclesiológica tal que foi capaz de nos fascinar pela Escatologia, exatamente na medida em que sua pesquisa sugere considerar Jesus como o “profeta escatológico do Pai”, e contemplar em sua práxis o motivo para estender ao longo do tempo histórico sua mesma atuação, a fim de que seus seguidores deem continuidade ao seu caminho de vida como testemunhas do Reino de Deus, que já está presente e atuante no mundo e na História da humanidade.

Em sua trilogia, o Autor deixou um notável projeto e um caminho de pesquisa em Cristologia (com a obra *Jesus, a história de um vivente*), em Antropologia Teológica (*Il Cristo, la storia di una nuova prassi*), e na última obra do referido projeto (*História humana: revelação de Deus*), Schillebeeckx quis que esta fosse a parte eclesiológica que coroasse sua reflexão, iniciada a partir de Jesus Cristo. Nestas obras, o Autor deixou para a academia teológica uma síntese

de toda a sua teologia. Nelas, podemos perceber a peculiaridade própria do Autor em vocabulário e hermenêutica cristológica e eclesiológica.

Entretanto, o que nos surpreendeu e nos serviu de ganho nesta pesquisa foi entender que, embora não o declarasse explicitamente, Schillebeeckx deixava aparecer em suas obras uma contribuição muito oportuna para a Escatologia, especialmente na terceira obra, na qual encontramos as melhores sugestões temáticas para prosseguir na concretização do projeto de nossa pesquisa. Tal contribuição nós fisgamos das obras do Autor e exibimos nesta Tese, ou seja: quisemos responder à pergunta sobre o modo como o Reino de Deus se manifesta e se concretiza na realidade histórica, e o Autor nos ofereceu na temática da práxis do Reino de Deus o suporte para que percebêssemos que a práxis do Reino, na vida de Jesus e de sua Igreja, em todos os tempos, antecipa o Reino de Deus na História, enquanto a própria História vai rumo à sua plenitude na eternidade.

Além disso, percebemos que a práxis do Reino, longe de ser algo que se reduza a um grupo de iniciados e seletos teólogos ou pastoralistas, é dom do Espírito, que moveu Jesus à prédica e à prática das ações revelatórias do Reino, e o faz igualmente nos seus discípulos em todos os tempos e lugares, por vezes com vultosas obras de benefício humanitário, mas normalmente o Reino vem mostrando seu “rosto” no rosto eclesial e prático das pequenas ações defensoras dos direitos dos pobres e da promoção da dignidade para suas vidas, e isso na práxis de pessoas singulares e de comunidades eclesiais da base mais desprovidas de grandes requintes e recursos da cultura, da economia e da política. Portanto, também na América Latina, lugar teológico de interesse de Schillebeeckx, o Reino de Deus é anunciado e testemunhado na práxis daqueles que aderem a Jesus Cristo num modo de falar e viver que se radica na verdade e busca em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, ainda que isso custe o sacrifício da própria vida, pois o martírio é a eloquente prova do Reino presente e atuante no mundo.

A metodologia que adotamos para nossa pesquisa foi a da revisão bibliográfica das obras de Schillebeeckx. E, à medida em que avançávamos na leitura e reflexão de suas obras e artigos, no confronto com outros Teólogos e Teólogas, encontramos respostas às nossas perguntas iniciais, e vimos concretizada nossa hipótese: é realmente possível que o escatológico Reino de Deus seja antecipado na História através da práxis de vida de qualquer pessoa que

se torne coerente com a Pessoa e a práxis de vida de Jesus Cristo. Tais práticas se destinam todas à valorização e promoção da vida em plenitude para a humanidade, porque foi esta a *causa* assumida por Deus na pessoa de Jesus Cristo. A práxis do Reino de Deus é exigente e requer auxílios que transcendem os limites das forças e motivações unicamente humanas. Por isso, a força que Jesus deixou para seus discípulos darem continuidade à sua mesma práxis é encontrada pelos discípulos do Reino na mistagógica celebração de sua memória na Eucaristia. É nela que o discípulo poderá haurir toda a *virtus* e a *parrésia* do Espírito para converter-se e seguir Jesus na perseverança e na alegria, consciente de que nunca estará sozinho e de que nada poderá separá-lo do amor de Deus que está em Cristo Jesus (cf. Rm 8,31-39).

Estamos convencidos de que a Escatologia é uma ciência em franca evolução; a temática e o referencial teórico que orientaram esta pesquisa o comprovam, pois a práxis do Reino de Deus e sua antecipação escatológica na História se constituem como uma temática-eixo que nos trouxe até aqui, mas ao mesmo tempo deixa a pesquisa em estado permanente de busca e necessitada de novos aprofundamentos por parte dos teólogos.

Os eixos temáticos que escolhemos para responder à problemática que nos propusemos aprofundar nesta pesquisa nos apontam algumas oportunas conclusões:

1. Edward Schillebeeckx legou à academia teológica uma escatologia de amplo espectro, de modo que os temas que ele menciona em suas obras sugerem ao pesquisador não somente exibir os dados de sua rica pesquisa e reflexão, mas elaborar novos desdobramentos e atualizações. Em nosso caso, a Escatologia de Schillebeeckx nos ajudou a enriquecer a Teologia com uma mais aprofundada reflexão sobre a antecipação escatológica do Reino de Deus a partir da práxis histórica da fé, radicada em Jesus Cristo.
2. O Autor havia elaborado um projeto cristológico, como bem o comentaram seus vários admiradores. Da leitura que fizemos à sua trilogia, entendemos que a primeira parte (*Jesus, a história de um vivente*) era de natureza eminentemente cristológica; a segunda (*Il Cristo, la storia di una nuova prassi*) era dedicada à Graça salvadora

manifestada em Cristo Jesus; e a terceira (*História humana: revelação de Deus*), o Autor a havia pensado como a parte eclesiológica da trilogia. Entretanto, em cada uma delas, e mais particularmente na terceira, está presente a mais densa reflexão de Schillebeeckx sobre a práxis do Reino como antecipação escatológica na História. Enquanto o Autor quis escrever uma Eclesiologia, acabou por nos brindar também com uma rica e sugestiva Escatologia.

3. Esta descoberta dirigiu nosso interesse para a Igreja na América Latina, com sua rica experiência de testemunho de fé em Jesus Cristo, o “Profeta escatológico do Pai”, que atualiza sua práxis libertadora na práxis de vida dos seus discípulos, que lutam contra o anti-Reino, militante no mundo inteiro, mas com requintadas articulações mortais no contexto latino-americano. Resulta da práxis do Reino na vida dos discípulos e missionários de Jesus Cristo na América Latina uma antecipação escatológica dele na História, que vai sendo tecida aos poucos, rumo à sua definitiva glorificação na eternidade.

Enquanto a pesquisa foi nos conduzindo pelas leituras e reflexões dos autores, fomos entendendo também que nosso labor teológico consistia não somente na constatação de que a práxis do Reino o antecipava escatologicamente na História, mas que a fidelidade de Schillebeeckx a Jesus Cristo e à sua Igreja, levaram-no a nos deixar uma fascinante Escatologia, que pode ser lida a partir da temática que aprofundamos nesta pesquisa. Assim, esta pesquisa fica aberta para que seja continuada em outras instâncias na busca da verdade sobre o Reino de Deus. Concordo plenamente com Schillebeeckx ao afirmar que “quando uma teologia pode nutrir a geração seguinte, é uma grande teologia, e continua a grande tradição teológica”⁴³⁹. Eis o que pretendemos com esta Tese: oferecer uma humilde contribuição para que a Escatologia prossiga seu caminho, alimentando a esperança das pessoas em todo o mundo, e estimulando os Teólogos e Teólogas à busca daquela luz que o Espírito jamais deixa faltar a quem honestamente procura a verdade e a justiça, como pilasstras basilares do Reino de Deus antecipado na História da humanidade.

⁴³⁹ SCHILLEBEECKX, E., Soy um teólogo feliz, p. 123.

Estamos convencidos de que, com esta humilde ajuda à Igreja e à Teologia, ofereceremos pistas para nossos parceiros e parceiras do colégio teológico prosseguirem no caminho que Schillebeeckx abriu para nós; e, se este esforço servir aos nossos leitores e colegas para motivar neles um fiel seguimento do Senhor, na práxis do Reino em suas vidas e comunidades, num compromisso de contínua conversão e oração, já poderemos dizer também – como foi dito sobre Schillebeeckx – “sou um teólogo feliz”⁴⁴⁰!

⁴⁴⁰ “Soy um teólogo feliz” é o título dado por Francesco Strazzari a uma entrevista que Schillebeeckx lhe concedeu em Nimega, pelo ano de 1993. Ao final dela, o Teólogo dominicano declarou que era verdadeiramente um homem feliz. Cf. SCHILLEBEECKX, E., Soy um teólogo feliz, p. 124. Tradução nossa. Entretanto, ao final de sua obra *Jesus a história de um vivente*, Schillebeeckx declarou: “Se este livro ‘História de um vivente’ for uma ‘introdução responsável’ para uma retomada do ‘crer narrando’, com efeito prático e crítico, a partir de uma vida em oração, dentro do mundo do reino de Deus, com uma praxe adequada, então me sentirei feliz”; Id., *Jesus, a história de um vivente*, p. 679.

6

Referências bibliográficas

- ANCONA, G. **Escatologia cristã**. São Paulo: Loyola, 2013.
- ANDREATTA, C. M. **Experiência salvífica cristã e pluralismo religioso em Edward Schillebeeckx**. Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Departamento de Teologia, 2003.
- AQUINO JÚNIOR, F. de. **A dimensão socioestrutural do reinado de Deus**. Escritos de teologia social. São Paulo, Paulinas, 2011.
- _____. **A teologia como inteligência do reinado de Deus**. O método da Teologia da Libertação segundo Ignacio Ellacuria. São Paulo: Loyola, 2010.
- _____. Práxis cristã em tempos de globalização. **REB – Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 67, fasc. 266, Abr-Jun/2007, p. 280-304.
- _____. **Teoria teológica: práxis teológica sobre o método da Teologia da Libertação**. São Paulo: Paulinas, 2012.
- ARROYO, F. Charles Taylor: “As pessoas hoje não têm claro o sentido da vida”. **El País Internacional**, 10 de Agosto de 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/06/internacional/1438877393_088926.html. Acesso em: 05 jul. 2018.
- AUER, J.; RATZINGER, J. **Escatología**. La muerte y la vida eterna. Curso de Teología Dogmática. Tomo IX. Barcelona, Editorial Herder, 1984.
- BARREIRO, A. Superação do dualismo entre fé cristã e compromisso terrestre: Atualidade de um tema central da Gaudium Et Spes. **Perspectiva Teológica**. Belo Horizonte, v. 27, fasc. 73, Set./Dez-1995, p. 355-368.
- BEOZZO, J. O. **Pacto das catacumbas: por uma igreja servidora e pobre**. São Paulo: Paulinas, 2015.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: edição de estudos. 3ª edição. São Paulo: Editora Ave -Maria, 2012.
- BIFFI, G. Per una escatologia rinnovata. **La Scuola Cattolica**, Milano, 96, 1968, p. 417-422.
- BLANK, R. J. **Escatologia da Pessoa – Vida, morte e ressurreição (Escatologia I)**. São Paulo: Paulus, 2000.
- _____. **Nosso mundo tem futuro: Escatologia cristã - 2**. São Paulo: Paulinas, 1993.
- BOBADILLA CRUZ, D. El carácter único y definitivo de la misión de Jesucristo en la cristología de Edward Schillebeeckx. **Revista Iberoamericana de Teología**, México/DF/MÉXICO, v. 7, 12, Ene-Jun/2011, p. 9-46.
- BOFF, C. **Teologia e prática**. Teologia do Político e suas mediações. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BOFF, C.; PIXLEY, J., **Opção pelos pobres**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1986.
- BOFF, L. **Jesus Cristo libertador**. 21ª ed., Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

_____. Salvação em Jesus Cristo e o processo de libertação. **Concilium**: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 10, fasc. 96, 1974, p. 753-764.

BORGES, A. (Coord.). **Deus no século XXI e o futuro do cristianismo**. Porto, Campo das Letras, 2007.

BORGMAN, E. Reflexões de Edward Schillebeeckx sobre os sacramentos e o futuro da teologia católica. **Concilium** – Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, fasc. 344-348, 2012, p. 13-25.

BORGMAN, E.; MURRAY, P. D.; QUEIRUGA, A. T. Sacramentalizando a história humana. Em honra de Edward Schillebeeckx (1914-2009). **Concilium**: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, n. 344-348, Jan./2012, p. 1-111.

BOSCH NAVARRO, J. Schillebeeckx, Edward. In: **Diccionario de Teólogos/as Contemporáneos**. Editorial Monte Carmelo. Burgos, 2004, p. 850-861.

BRAMBILLA, F. G. **Edward Schillebeeckx**. Col. Teólogos do Século XX. São Paulo, Loyola, 2006.

_____. **La cristologia di Schillebeeckx**. La singularità di Gesù come problema di ermeneutica teologica. Pubblicazioni del Pontificio Seminario Lombardo in Roma. Ricerche di Scienze Teologiche, 30, Morcelliana, Roma, sem data.

BRIGHENTI, A. **A Igreja perplexa**. A novas perguntas, novas respostas. São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. Itinerário de uma ousadia que continua fazendo caminho. In: MULLER, G. L.; GUTIÉRREZ, G. **Ao lado dos pobres**. Teologia da Libertação. São Paulo: Paulinas, 2014.

CARMO, O., **Vaticano: “Chegou a hora” de erradicar os abusos sexuais, diz o Papa**. Disponível em: <https://agencia.ecclesia.pt/portal/vaticano-chegou-a-hora-de-erradicar-os-abusos-sexuais-diz-o-papa/>. Acesso em: 27 abr. 2019.

CASALDÁLIGA, P.; VIGIL, J. M. **Espiritualidade da Libertação**. Série III – A libertação na história. Coleção Teologia e Libertação. Petrópolis-RJ: Vozes, 1993.

CASTILLO, J. M. **El reino de Dios**: por la vida y la dignidade de los seres humanos; 6ª ed., Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 1999.

_____. **Jesus, a humanização de Deus**. Ensaio de cristologia. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.

COLOMBO, E. **Albert Schweitzer**. Coleção Teólogos do século XX, 10. Tradução de Silva Debetto Cabral Reis. São Paulo: Loyola, 2010.

CONSELHO EPISCOPAL LATINOAMERICANO - CELAM. **III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano**. A evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões da Conferência de Puebla. 10ª ed. São Paulo: Loyola, 1982.

_____. **Conclusões de Medellín**. São Paulo: Paulinas, 1984.

_____. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília; São Paulo: Edições CNBB; Paulus, Paulinas, 2007.

_____. **Nova Evangelização, promoção humana, cultura cristã.** Jesus Cristo ontem, hoje e sempre. Conclusões da Conferência de Santo Domingo. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1993.

CONCILIUM – **Revista Internacional de Teologia.** Petrópolis, Vozes, fasc. 371, 2017/3.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. Alegrai-vos. **Carta Circular do Cardeal João Braz de Aviz aos Consagrados e Consagradas do Magistério do Papa Francisco.** Ano da Vida Consagrada, n. 5. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsrlife/documents/rc_con_ccsrlife_doc_20140202_rallegratevi-lettera-consacratipo.html. Acesso em: 05 fev. 2019.

CUNHA, R. G. de A. **A escatologia do amor: a esperança na compreensão trinitária de Deus em Jürgen Moltmann.** Dissertação (Mestrado em Teologia). Orientador: Cesar Augusto Kuzma. Departamento de Teologia. PUC-Rio, 2017.

ELLACURÍA, I. Lectura latinoamericana de los Ejercicios Espirituales de san Ignacio. **Revista Latinoamericana de Teologia.** San Salvador, v. 08, fasc. 23, May-Ago/1991, p. 111-147.

ERP, S. van. Encarnação ininterrupta como futuro da humanidade: A promessa da teologia sacramental de Schillebeeckx. Tradução de Gentil Tilton. **Concilium: Revista Internacional de Teologia,** Petrópolis-RJ: Vozes, v. 48, fasc. 344, Jan-Abr/2012, p. 97-111.

FRANCISCO, Papa., **Audiência Geral na Praça de São Pedro – 14.09.2016.** Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160914_udienza-generale.html. Acesso em: 26 abr. 2019.

_____. **Carta Encíclica Laudato Si.** Sobre o cuidado da casa comum. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 04 fev. 2019.

_____. **Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate sobre a chamada à santidade no mundo atual.** São Paulo: Paulinas, 2018.

_____. **Exortação Apostólica Pós-sinodal Evangelii Gaudium, sobre o Anúncio do Evangelho no mundo atual.** Paulinas: São Paulo, 2013.

_____. **Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado – 2015.** Igreja sem fronteiras, mãe de todos. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20140903_world-migrants-day-2015.html. Acesso em: 27 abr. 2019.

GANDHI e a independência da Índia em 47. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/gandhi-a-independencia-da-india-em-47-9900213#ixzz5c7KYIMbv>. Acesso em: 09 jan. 2019.

GEFFRÉ, C. Vida Eterna. In: LACOSTE, J.-Y. **Dicionário Crítico de Teologia.** 2ª ed. São Paulo: Loyola, Paulinas, 2014.

GIBELLINI, Rossino. **A teologia do século XX.** São Paulo: Loyola, 1998.

_____. Edward Schillebeeckx: um teólogo na ágora da cidade secular e plural. **REB – Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis-RJ: Vozes, 277, Janeiro/2010, p. 200-204.

GUIMARÃES, V. O Homem Jesus e o marco da história: Reflexões em torno da Cristologia de Joseph Moingt. **Pensar - Revista Eletrônica da FAJE**. Belo Horizonte, v. 6 n. 1, 2015, p. 121-129.

GUTIERRES, G. **Onde dormirão os pobres?** São Paulo: Paulus, 2003.

HACKMANN, G. L. B.; DAL POZZO, E. Investigando o conceito de “cristianismo anônimo em K. Rahner”. **Teocomunicação**. Porto Alegre, v. 37, n. 157, set.2007, p. 369-395.

HÁ 3 anos, rompimento de barragem de Mariana causou maior desastre ambiental do país e matou 19 pessoas. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/01/25/ha-3-anos-rompimento-de-barragem-de-mariana-causou-maior-desastre-ambiental-do-pais-e-matou-19-pessoas.ghtml>. Acesso em: 27 abr. 2019.

HILKERT, M. C.; SCHREITER, R. J. **The Praxis of the Reign of God**. An Introduction to the Theology of Edward Schillebeeckx. New York: Fordham University Press, 2002.

KASPER, W. **Jesus, el Cristo**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1986.

KENNEDY, P. **Schillebeeckx**. London: Geoffrey Chapman, 1993.

KUZMA, C. A. **O futuro de Deus na missão da esperança**. Uma aproximação escatológica. São Paulo: Paulinas, 2014.

LADEIRA, B. M. do N. Compreendendo a Lei da Ficha Limpa. In: **Tribunal Superior Eleitoral**. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/o-tse/escola-judiciaria-eleitoral/publicacoes/revistas-da-eje/artigos/revista-eletronica-eje-n.-4-ano-5/digressoes-sobre-as-doacoes-de-campanha-oriundas-de-pessoas-juridicas>. Acesso em 09 fev. 2019.

LAGUENS, A. R. Exigencias humanas de la proclamación Cristiana en E. Schillebeeckx. In: **La Proclamación del Mensaje Cristiano**. Actas del IV Simposio de Teología Histórica (28-30 abril 1986). Facultad de Teología San Vicente Ferrer. Series Valentina XVII. Valencia, 1986, p. 343-350.

LIBÂNIO, J. B.; BINGEMER, M. C. L. **Escatologia cristã**. O Novo Céu e a Nova terra. Col. Teologia e Libertação, Série III, A Libertação na História, 3ª ed., Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

LIMA, M. de. **Jesus e o reino: teocêntrico e escatológico**. São Paulo: Loyola, 2011.

LOHFINK, G. **Jesus de Nazaré: O que Ele queria? Quem Ele era?**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.

LOPES, G. **Lumen Gentium**. Texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2011.

MALONEY, E. C. **Mensagem urgente de Jesus para hoje**. O Reino de Deus no Evangelho de Marcos. São Paulo: Paulinas, 2008.

MARTÍNEZ ESPINOSA, I. Su arma era la palabra: Las homilias de Oscar Arnulfo Romero, modelo de un anuncio liberador del Evangelio. **Cadernos**

patrísticos. Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC - À imagem e semelhança de Deus: O itinerário antropológico do cristianismo antigo. Florianópolis/SC/Brasil, v. III, n. 06, Novembro/2008, p. 229-245.

MASI, N. O projeto “Reino” nas mediações históricas. **Temas latino-americanos de ética.** Aparecida-SP: Santuário, 1988.

MELO, E. F. de. **A Igreja como agente de transformação:** uma perspectiva bíblica e teológica na pós-modernidade e no contexto de Brasília. (Tese de Doutorado). South African Theological Seminary in Partnership with. Prodola, 2015, p. 39. Disponível em: https://www.sats.edu.za/wp-content/uploads/2016/07/DeMeloE_PhDThesis_final_Apr2016.pdf. Acesso em: 5 abr. 2017.

MIRANDA, M. de F. **Libertados para a práxis da justiça:** a teologia da graça no atual contexto Latino-americano. Coleção Fé e Realidade, vol. 8. São Paulo: Loyola, 1980.

MISSAL ROMANO. São Paulo: Paulus, 1991.

MOINGT, J. **Deus que vem ao homem.** Do luto à revelação de Deus. Volume 1. São Paulo: Loyola, 2010.

MOLTMANN, J. **O caminho de Jesus Cristo:** cristologia em dimensões messiânicas. Santo André-SP: Academia Cristã, 2009.

_____. **O Deus crucificado:** a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André-SP: Academia Cristã, 2011.

_____. O Reino de Deus como sentido da vida e do mundo: balanço e síntese. Tradução de Irene Ortlieb Guerreiro Cacaís. **Concilium:** Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v.13, fasc. 128, 1977, p. 1019-1025.

_____. **Quem é Jesus Cristo para nós hoje?** Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

_____. **Teologia da Esperança:** estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Teológica/Loyola, 2005.

MONDIN, G. B. **La Chiesa primazia del Regno:** Trattato di ecclesiologia. Bologna: EDB, 1986.

_____. **Os grandes teólogos do século vinte.** Vol. 1. São Paulo: Paulinas, 1979.

MOSCONI, L. **A vida é missão.** Para uma missiologia mística popular. 1ª edição. Belém-PA: Marques Editora, 2012.

MULLER, G. L.; GUTIÉRREZ, G. **Ao lado dos pobres.** Teologia da Libertação. São Paulo: Paulinas, 2014.

MURRAY, P. Vicissitudes, altos e baixos e aspectos práticos da análise eclesiológica: Uma perspectiva sobre a natureza do trabalho eclesiológico em diálogo com Edward Schillebeeckx. Tradução de Gentil Titton. **Concilium:** Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 48, fasc. 344, Jan-Abr/2012, p. 73-96.

NEUTZLING, I. **O Reino de Deus e os pobres.** Coleção Fé e Realidade, vol. 20. São Paulo: Loyola, 1986.

O SORO CASEIRO NA PASTORAL DA CRIANÇA. **Soro caseiro.** Disponível em: <https://www.pastoraldacrianca.org.br/soro-caseiro>. Acesso em: 09 fev. 2019.

PADRES amanhã? Deus criou o padre. O Diabo criou a casa. Introdução de Fernando Vittorino Joannes. Coleção IDO-C2. Os grandes temas do cristianismo moderno, sem data de publicação.

PAGOLA, J. A. **Jesus, aproximação histórica.** Petrópolis: Vozes, 2013.

PALACIO, C. **Jesus Cristo: história e interpretação.** São Paulo: Loyola, 1979.

PANNEMBERG, W. **Teologia Sistemática.** Vol. 3, Santo André-SP; São Paulo: Editora Academia Cristã Ltda; Paulus, 2009.

PAULO VI, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi sobre a evangelização no mundo contemporâneo.** 7ª edição. São Paulo: Paulinas, 1981.

PIVA, E. D. Os Oitenta Anos de Edward Schillebeeckx. **REB – Revista Eclesiástica Brasileira.** Petrópolis-RJ: Vozes, vol. 54, fasc. 216, Dezembro/1994, p. 957-960.

QUEIRUGA, A. T. O projeto cristológico de Edward Schillebeeckx – Partes I, II e III. **Ciberteologia.** Revista de Teologia & Cultura. São Paulo: Paulinas, Ano II, n. 6, Julho/Agosto-2006.

RAHNER, K. **Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo.** São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. Osservazioni sul problema del “cristiano anonimo”. **Nuovi Saggi V.** Roma: Paoline, 1975.

RATZINGER, J./BENEDETTO XVI. **Escatologia: morte e vida eterna.** Edizione rinnovata e ampliata a cura di Sergio Ubbiali. Assisi: Cittadella Editrice. 4ª ristampa, novembro 2017.

RATZINGER, J./BENTO XVI. **Jesus de Nazaré.** Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

_____. **Jesus de Nazaré: primeira parte.** Do batismo no Jordão à transfiguração. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

ROCHA, A. F. da. **Anúncio e práxis do Reino de Deus.** Uma percepção escatológica no pensamento de Edward Schillebeeckx. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2015.

RUBIO, A. G. **O encontro com Jesus Cristo vivo: um ensaio de cristologia para os nossos dias.** 15ª ed., São Paulo: Paulinas, 2012.

RUIZ DEGALARRETA, J. **Para leer el Reino em Parabras.** Espanha: Editorial Verbo Divino, 2012.

SCHILLEBEECKX, E. Algumas reflexões acerca da interpretação da Escatologia. **Concilium: Revista Internacional de Teologia.** Petrópolis-RJ: Vozes, fasc. 41, 1969, p. 37-50.

_____. **Cristo sacramento do encontro com Deus: Estudo teológico sobre a salvação mediante os sacramentos.** Tradução de Rose Marie Muraro. Petrópolis-RJ: Vozes, 1967.

_____. Crítica profana à obediência cristã e reação dos cristãos à mesma. Tradução de João Batista Michelotto. **Concilium: Revista Internacional de Teologia.** Obediência e liberdade na Igreja. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 16, fasc. 159, 1980, p. 1090-1106.

- _____. **Deus e o homem.** São Paulo: Paulinas, 1969.
- _____. **Dios, Futuro del Hombre.** 3rd ed. Verdad y Imagen 9. Salamanca: Sigueme, 1971.
- _____. Hacia un “futuro definitivo”: promesa y mediación humana. In: DUPRE, W.; LEEUWEN, Th. V.; SCHILLEBEECKX, E.; et al. **El futuro de la religión.** Salamanca: Ediciones Sigueme, 1975, p. 41-68.
- _____. **História humana: revelação de Deus.** São Paulo: Paulus, 1994.
- _____. Identidade cristã e integridade humana. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. **Concilium: Revista Internacional de Teologia.** Identidade cristã e integridade humana. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 18, fasc. 175, 1982, p. 510-521.
- _____. Igreja e Humanidade. **Concilium: Revista Internacional de Teologia,** Petrópolis-RJ: Vozes, v. I, fasc. 1, 1965, p. 50-70.
- _____. **Il Cristo.** La storia di una nuova prassi. Brescia: Queriniana, 1980.
- _____. **Interpretación de la Fe: Aportaciones a Una Teología Hermenéutica Y Crítica.** Verdad e Imagen 35. Salamanca: Sigueme, 1973.
- _____. **I Sacramenti punti d'incontro con Dio.** Giornale di Teologia, 3. Editoriale e traduzione di Eliseo Ruffini. 3ª ed. Brescia: Queriniana, 1967.
- _____. **Jesus, a história de um vivente.** São Paulo: Paulus, 2008.
- _____. **Jesus: An Experiment in Christology.** Nova York: Crossroad, 1979.
- _____. Jesus e o fracasso na vida humana. Tradução de João Batista Michelotto. **Concilium: Revista Internacional de Teologia.** Petrópolis-RJ: Vozes, v. 3, fasc. 113, 1976, p. 332-343.
- _____. La Ecclesia Jesu Christi come racconto di futuro. Su perdono e riconciliazione. **Cammino e visione: Universalità e regionalità della teologia nel XX secolo.** Brescia: Queriniana, 1996.
- _____. **La misión de la Iglesia.** Salamanca: Ediciones Sigueme, 1971.
- _____. Magistério de todos: reflexão sobre a estrutura do Novo Testamento. Tradução de Gaspard Gabriel Neerinck. **Concilium: Revista Internacional de Teologia.** Os fiéis também ensinam na Igreja: análises teológicas fundamentais do problema. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 21, fasc. 200, 1985, p. 386-396.
- _____. Ministérios na Igreja dos Pobres. Tradução de Alexandre Noordeloos. **Concilium: Revista Internacional de Teologia.** Em favor da Igreja popular: povo de Deus no meio dos pobres. Uma reflexão sistemática sobre o Povo de Deus no meio dos pobres. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 20, fasc. 196, 1984, p. 819-831.
- _____. O “Deus de Jesus” e o “Jesus de Deus”. **Concilium.** Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, fasc. 3, 1974, p. 381-396.____
- _____. O Evangelho não pode estar sujeito à arbitrariedade. Tradução de Alexandre Noordeloos. **Concilium: Revista Internacional de Teologia.** 20 anos de Concilium - retrospectiva e prospectiva. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 19, fasc. 190, 1983, p. 1191-1196.
- _____. O magistério e o mundo da política. **Concilium.** Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, fasc. 6, 1968, p. 21-59.

- _____. **O mundo e a Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1971.
- _____. Preparados para o Evangelho da paz. Tradução de João Batista Michelotto. **Concilium**: Revista Internacional de Teologia. Igreja e paz. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 19, fasc. 184, 1983, p. 492-504.
- _____. Relação entre Sacerdócio e Celibato. Anotações Teológicas. **PADRES amanhã?** Deus criou o padre. O Diabo criou a casa. Introdução de Fernando Vittorino Joannes. Coleção IDO-C2. Os grandes temas do cristianismo moderno, sem data de publicação.
- _____. **Soy um teólogo feliz**. Entrevista com Francesco Strazzari. Introducción de Roberto Ribellini. Sociedad de Educacion Atenas, Madrid, 1994.
- _____. Teorias críticas e engajamento político na comunidade cristã. **Concilium**: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, fasc. 4, 1973, p. 434-445.
- _____. The Language of Faith. Essays on Jesus, Theology, and the Church. Introduction by Robert J. Schreiter. **Concilium Series**, Maryknoll, New York; Orbis Books / SCM Press, London, England, 1969.
- _____. Uma espiritualidade para o homem de hoje. **Revista Grande Sinal**: Revista de Espiritualidade. Petrópolis-RJ: Vozes, vol. 39, fasc. 01, Jan-Fev/1985, p. 12-18.
- _____. **Umanità** - la storia di Dio. Brescia: Queriniana, 1992.
- _____. **Virgo Immaculata** - Acta Congressus Mariologici-Mariani, Romae MCMLIV celebrati, Vol. IX – De immaculata conceptione aliisque privilegiis B. V. Mariae pro statu Christum natum antecedente et concomitante”, publicada pela Academia Mariana Internationalis, Roma, 1957.
- SCHLOSSER, J. **Le Regne de Dieu dans les dits de Jesus**. Paris: Gabalda, 1980.
- SCHREITER, R. J.; HILKERT, M. C. **The Praxis of Christian Experience**. An Introduction to the Theology of Edward Schillebeeckx. San Francisco: Harper & Row, 1989.
- SHOOK, L.; BERTRAND, G. **La théologie du renouveau** (Cogitatio Fidei). Paris: Cerf, 1968.
- SILVA, A. C. P. da. **CEB's e os Mártires da Caminhada**. Disponível em: <http://portaldascebs.org.br/2016/09/12/cebs-e-os-martires-da-caminhada/>. Acesso em: 27 abr. 2019.
- SIMON, D. Salvation and liberation in the practical-critical soteriology of Schillebeeckx. **Theological Studies**. Oxford, vol. 63/3, 2002, p. 494-521.
- Vº SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA. **50 Anos do Final do Concílio Vaticano II; 50 Anos da Revista Concilium**. Caminhos de Libertação: Alegrias e Esperanças para o futuro – Jorneys of Liberation: The Joys and Hopes for the Future. Caderno de Resumos. Departamento de Teologia, PUC-Rio, Letra Capital, 2015.
- SOBRINO, J. **A fé em Jesus Cristo**. Ensaio a partir das vítimas. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

_____. **Carta a Ignacio Ellacuria**. “Extra pauperes nulla salus”, fuera de los pobres no hay salvación. Disponível em: <http://www.sicsal.net/reflexiones/CartaAEllacuria2005.html>. Acesso em 01 nov. 2017.

_____. **Fora dos pobres não há salvação: pequenos ensaios utópico-proféticos**. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. La centralidad del reino de Dios anunciado por Jesús. **Revista Latinoamericana de Teología**. San Salvador, vol. 23, fasc. 68, May-Ago/2006, p. 135-160.

_____. La teología y el “principio liberación”. **Revista Latinoamericana de Teología**. San Salvador, vol. 12; fasc. 35, May-Ago/1995, p. 115-140.

_____. O Reino de Deus anunciado por Jesus: reflexões para o nosso tempo. **Caminhos da Igreja na América Latina e no Caribe: novos desafios**. Belo Horizonte: SOTER; São Paulo: Paulinas, 2006, p. 241-261.

SUESS, P. Por uma “Terra sem Mal”: mito guarani e projeto de sororidade. **Curso de Verão: ano XV: produzir a esperança: projetos de sociedade e utopia do reino**. São Paulo: Paulus, CESEEP, 2001, p. 151-173.

SUNG, J. M. Teologia da libertação entre o desejo de abundância e a realidade da escassez. **Perspectiva Teológica**. Patrística, Belo Horizonte, ano 35, fasc. 97, Set-Dez/2003, p. 341-468.

TAMAYO-ACOSTA, J. J. **Para comprender la escatologia cristiana**. Estella: EVD, 1993.

TAYLOR, C. **Uma era secular**. São Leopoldo-RS: Editora Unisinos, 2007.

TEIXEIRA, F. L. C. Colloqui con Francesco Strazzari, por Edward Schillebeeckx. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1993 apud **REB - Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis-RJ: Vozes, n. 218, Junho/1995.

_____. **Comunidades Eclesiais de Base: bases teológicas**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1988.

_____. **Edward Schillebeeckx: o tempo no coração da teologia**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-arquivadas/31788-edward-schillebeeckx-o-tempo-no-coracao-da-teologia>. Acesso em: 30 jun. 2016.

_____. Karl Rahner e as religiões. **Perspectiva Teológica**. Belo Horizonte, v. 36, Jan./Abr-2004, p. 55-74.

THEISEN, G.; MERZ, A. **O Jesus histórico: um manual**. São Paulo: Loyola, 2002.

TILLAR, E. Eschatological images of Prophet and Priest in Edward Schillebeeckx theology of suffering for others. **Heythrop Journal**. Oxford: The Editor/Blackwell Publishing, vol. 43/1, January-2002, p. 34-60.

VIGIL, J. M. Crer como Jesus: a espiritualidade do Reino: elementos fundantes de nossa espiritualidade latino-americana. **REB - Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis-RJ: Vozes, v. 58, fasc. 232, 1998, p. 943-950.

WORLD FORUM ON THEOLOGY AND LIBERATION. Quem somos. Disponível em: <http://wftlofficial.org/quem-somos/>. Acesso em: 20 abr. 2019.